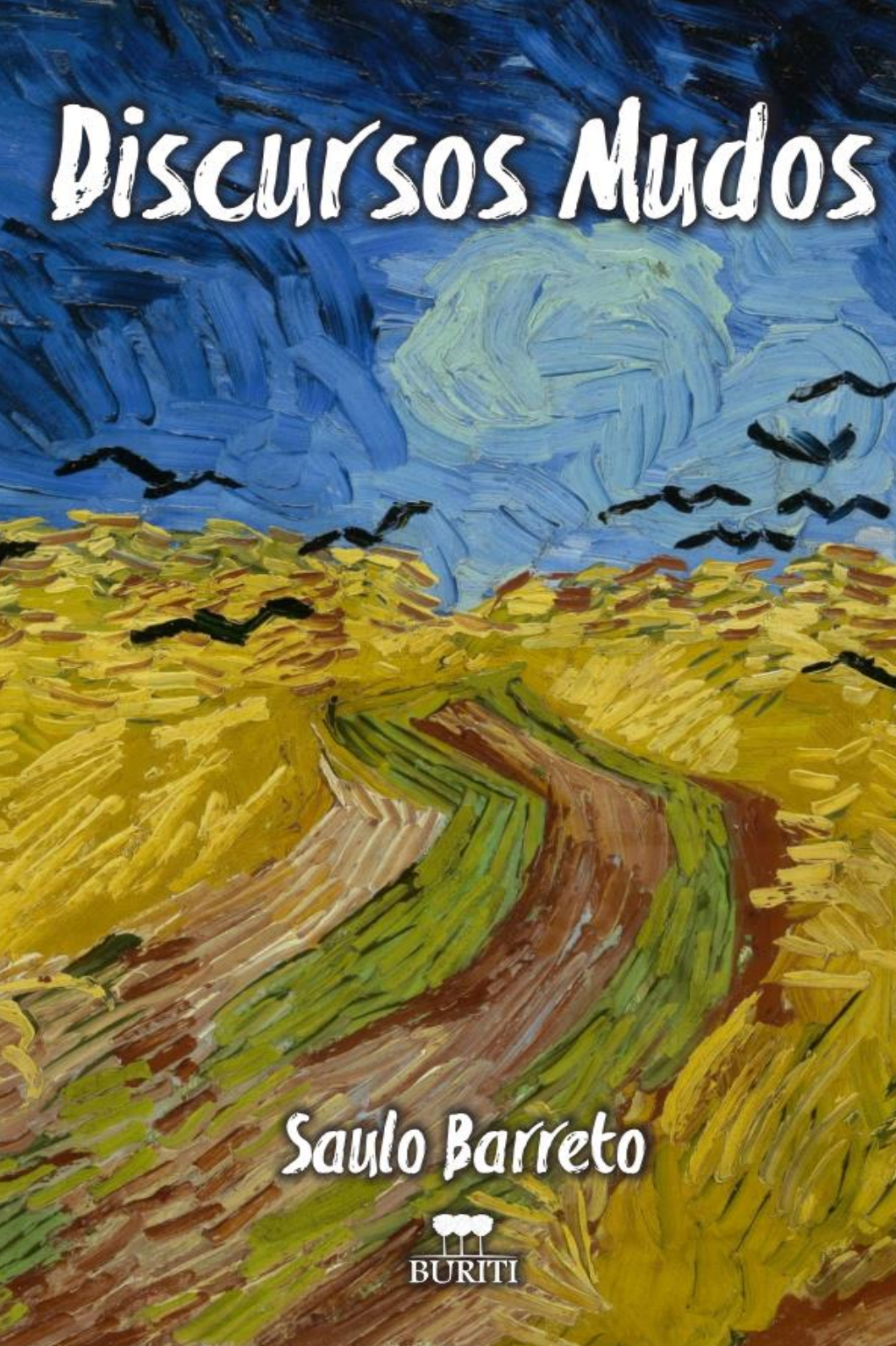
Discursos Mudos



Saulo Barreto

BURITI

S. BARRETO

DISCURSOS MUDOS

1ª edição

Buriti Editora

Paracatu

2017

SUMÁRIO

A Viagem - 11
Chá do decano - 26
Discurso para a ONU - 53
O último pedido - 93
O outro lado - 126
Genesis brasillis - 160
A Entrevista - 198

Os editores agradecem a todos os amigos e colaboradores — pessoas jurídicas e físicas — que fizeram com que a publicação deste livro fosse possível.

Todos os direitos reservados.

Dedico este livro à Senhorita KAMILLA NOBATE, um presente do DEUS VIVO na minha vida. Louvo ao SENHOR por poder tê-la comigo minha eterna amada!...

E também à coragem neonatal da minha pequenina sobrinha BEATRIZ; guerreira nascida - assim como Jesus -, numa simples "manjedoura", em nossa casa.

Carta-prefácio

Céu do Rio de Janeiro, 06 de junho de 2017.

Meu caro contista.

Ah! Como é bom estar de volta; e o melhor ainda escrever, cousa que mo dediquei a vida toda a fazer tal como o leitor bem sabe, ou melhor, deveria saber.

Desde a fatídica e famigerada data que dei de cara com a morte, em meados de setembro de 1908, nunca mais havia encontrado ensejos a tornar a produzir. Não! Não estou me maldizendo por conta dessa nova condição póstuma que me encontro diria eu, nem tampouco encontro-me desconfortável com ela. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar...

Os mortos não vão tão depressa, como quer o adágio; mas que eles governam os vivos, é coisa dita, sabida e certa.

Eu que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo. Ao verme que roeu as frias carnes do meu cadáver nada mais me tenho restado do meu corpo materialmente falando; mas deveras sim, somente meu espírito eternamente vivo, e estando nesta condição a tudo vejo, inclusive a feitura deste volumezinho.

Antes de tudo, porém, digamos os motivos que me põem novamente a pena na mão, notadamente, com vistas a tecer um breve comentário sobre este livrinho do meu mui amigo, o Dr. Saulo Barreto; devo dizer que Jesus fora assaz misericordioso para comigo; pois hoje eis me aqui próximo ao Seu trono do seu lado, embora tenha feito "A igreja do diabo" e de chamarem-me "Bruxo do Cosme Velho". Nada disso, para minha sorte, fora suficiente para macular minha imagem perante o Rei Altíssimo e por conseguinte, eliminar meu nome do Livro da Vida. Deus sabe o que é licença poética! Aliás, Deus sabe o que é arte! Deus ama a arte!

Então cá fico eu, à sombra dEle por entre essas nuvens alvas e gélidas, percebendo a quantas andam as coisas aí debaixo na terra. Não obstante, aqui estando recordo-me de uma passagem dos meus escritos que trato de dividi-los agora com rechonchudos

anjinhos, arlequins e serafins, na qual o mendigo dizia ao céu: *"Afinal tu não hás de me cair em cima."* E o céu: *"Nem tu hás de me escalar."* Enfim, hoje tenho a certeza de que ele me caiu em cima e de que eu tive de o escalar.

Aqui, o céu é muito bom, não pelas ruas de ouro nem pelas fontes que jorram borbotões de mel, mas sim porque agora a tudo tenho, sobretudo, a oportunidade de rever meus grandes amigos dos quais sempre nutri demasiada estima e que sempre os tive em elevada conta, tais como os senhores: A. E. Zaluar, Martins Guimarães, Joaquim Nabuco, Eça de Queiroz, José de Alencar; sem falar dos maranhenses: Raimundo Correa, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Gonçalves Dias; sendo que o melhor de tudo mesmo meus caros leitores, é que encontro-me aqui conversando com os meus escritores favoritos. Tomem nota de alguns deles: Flaubert, Balzac, Zola, Maistre, Sterne, Garret, Montaigne, Pascal, Shopenhauer etc, etc...

Nossos amigos Homero, Sócrates e Shakespeare então são os escritores mais requisitados para palestras. Enfim, que bom que aqui no céu, Deus reserva um espaço privilegiado para nós, uma imensa Biblioteca Universal, onde possamos praticamente ler todas as produções escritas humanas; as passadas, as presentes e as vindouras, essas que existirão até que Ele decida extinguir toda a terra, e em assim sendo, o último escritor dela. Quem deverá ser esse abençoado? O leitor último que terá o privilégio de ler o que de melhor foi produzido no mundo? Grande coisa é haver recebido do céu uma partícula da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a faculdade de as comparar e o talento de concluir!

Enfim, a bem da verdade, é que estou que quer fazer destas linhas o introito do seu livro. Cumpre-me ser breve para não tomar o tempo do leitor. O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras. Afinal um livro é um livro; vale o que efetivamente é.

Discursos mudos é o título do pequeno volume...

O título do livro, modesto e simples, corresponde à natureza da matéria. É um livrinho do Sr. Saulo Barreto, composto por contos de muita propriedade em várias dimensões investigativas.

Creio que o nome é congruente com o volume pois se lhe procurarmos a razão do título, não na letra, mas no espírito do livro.

O nome da obra, só por si, revela o intuito existencial do autor. Engenhoso é o título dado ao novo volume: *Discursos mudos*.

Em verdade, *Discursos mudos*, embora nos seja apresentado como uma simples compilação de contos, é uma apreciação muito ponderosa do estado atual do gênero humano, estudado relativamente às condições da vida social.

São 7 contos habilmente compostos, com vistas tão sociológicas e filosóficas, riquíssimos de importantes lances da vida real, comentados com notável critério, e com segura experiência de mundo, só podem ser dignamente analisados em escrito especial trabalhado com muita e mui séria meditação. Não tenho dúvidas que a obra tomará lugar na galeria literária do Brasil.

O livro não é volumoso, e cremos, nesse caso, que o autor fez alguma escolha precisa para fazê-lo completo: fez bem; não importa a exiguidade do livro; basta ver que há nele muita harmonia, inteligência esclarecida e pronunciada vocação.

São pequenos contos reunidos caprichosamente num volume, não são bem do céu nem da terra, posto falem da terra e do céu – de coisas alegres e coisas tristes, de filosofia e saudade, de lágrimas e sorrisos – evocações do passado e arroubos de imaginação, episódios e fantasias, descrições e devaneios, coisas cá debaixo e coisas lá de cima. O título exprime a unidade do livro em meio da diversidade de assuntos. Trata-se de ligeiras histórias, já outras nem tanto, escritas sem pretensão, visando menos a glória literária do que as impressões passageiras e agradáveis do lar. Entretanto, fora injustiça ler o volume do Sr. Barreto fora do terreno literário. Dá-lhe o direito de assistir aí, um talento que, se se não apresenta com maior fulgor, nem por isso é menos real e menos esperançoso. Por que não ensaia o Sr. S. Barreto um romance de largo fôlego? Não lhe falta invenção, as qualidades que ainda se não pronunciaram e que são reservadas ao romance hão por certo tomar vulto e consistência nas composições posteriores, feitas com meditação e trabalhadas conscienciosamente.

Volvo os olhos aos últimos acontecimentos e não vejo nenhum acontecimento literário, isto é, nenhuma publicação que deva assumir semelhante caráter.

Sr. Barreto é uma vocação legítima, e o seu livro uma obra de merecimento e vivas de esperanças.

"A viagem" é o contozinho que trata de fazer a abertura de seu livro. Nele ganha destaque central a figura fantasmagórica do Sr. Gaspar, que mesmo depois da morte, não consegue se livrar das

angústias humanas. Resiste ele, de todas as formas em sair de casa, recusando a ver a esposa como viúva e os filhinhos como pequenos órfãos; até que dá de cara com Robson, um sujeito que tratará de pô-lo, quer queria quer não, no seu devido lugar – no além.

Depois damos de cara com "O chá do decano", na qual três acadêmicos de medicina, até então com brilhantes carreiras traçadas, são ameaçados diante do rigoroso tratamento de um professor carrasco para com seus alunos. O leitor viajará no burocrático mundo acadêmico, onde o capital cultural e a vaidade intelectual é daquele que detém maior conhecimento e por isso mesmo devendo ser tratado como um semideus. As engenhosas histórias do Sr. Barreto revelam um pensamento que busca romper o cérebro, revelando as dores da humanidade, os erros da prepotência, as audácias do verdugo, eis os assuntos que mais pululam do peito do nosso contista.

Já o "Último pedido" fala da figura ímpar e extraordinária do Sr. Eduardo, um homem bom ao extremo, numa sociedade onde o exaltado é ser mau. Aqui é relatada a sua "macabra" saga em querer como última vontade alimentar os animais abandonados das ruas. Tudo isso seria muito compreensível se ele não os quisesse alimentá-los com o próprio corpo. Vejo que o Sr. Saulo Barreto Lima procura inspiração na realidade exterior, e acha-a, fecunda e nova. Há também, nestas linhas, seus tons de melancolia, seus enfados e abatimentos, arrufos entre o homem e a vida, que o primeiro raio de sol apaga.

O conto "O outro lado" vivemos juntos o drama adquirido do arrogante e rico Júlio César, que depois de uma atitude estouvada, sofre o maior revés de sua vida. Uma maldição abate seu ser passando ele da noite para o dia, de um empresário de sucesso amado por todos, agora para um nanico mendigo, mas com o agravante de preservar em sua cabeça toda a sua memória, consciência, tal como sempre fora lá dos velhos tempos onde tudo podia e a todos mandava; tendo o mundo aos seus pés.

Tais contrastes, tais omissões, tornam os personagens do *Discursos Mudos* pouco aceitáveis da parte de um apreciador consciencioso. Em geral, as personagens estão esboçadas; o espírito não as retém; ao fechar o livro dissipam-se todas como sombras impalpáveis; como elas não comovem, o coração do leitor não conserva o menor vestígio de sensação, a menor impressão da dor.

O jovem contista imaginoso e magnífico! Prosador nascente e jovem de esperançoso talento dotado de uma imaginação ardente e de uma inspiração arrojada e vivaz, autor do fantástico revelando escritos geralmente engenhosos e conceituosos, cheios de muito sal cômico e muita propriedade.

Lendo ainda mais adiante estas páginas o leitor encontrará o pitoresco e irônico "Um discurso para a ONU". O escrito mais longo do autor não consegue ocultar a influência clara de "Um relatório para a academia" de Franz Kafka, na qual um macaco faz um discurso a uma academia de intelectuais. Diferentemente do autor tcheco, Barreto substitui o animal, o conteúdo e o local do discurso.

Ele nos traz um Burro que tem a oportunidade única de dar voz a essa denúncia através das angústias dos oprimidos diretamente para os poderosos mundiais e para aqueles que dominam a todos nós - o restante do planeta. Nesta peça, o autor faz a gentileza de citar-me até. Este juntamente com "A entrevista" (este baseado em ninguém, fruto da sua imaginação mesmo) apresentam ambos formatos diferentes, denotando desse modo, não ser ele um escritor tradicional, aprisionado a formas e a ideias pré-concebidas.

Se o Sr. Barreto não canta os gigantes, recebe todavia alguma influência externa, e de longe busca fugir a si mesmo. Ele tem a inspiração, o calor, e o gosto; seu estilo é decerto assaz flexível para se acomodar a diferentes assuntos, para os tratar com o apuro que nos acostumou. Já *"Genesis Brasilis"* foge do contexto existencialista predominante da obra, e me faz lembrar dos meus mui amigos o cearense José de Alencar e do maranhense Gonçalves Dias. Há a exaltação clara da minha raça, a negra e da indígena, entremeados com o amor do guerreiro africano Dudú pela linda índia Diacyra, protótipo espelhar de Iracema a *virgem dos lábios de mel* de Alencar. A estória ocorre em meio ao cenário histórico da antiga colonial Alcântara do Maranhão do século XVII, Maranhão de tantos autores, que sem os quais, não seria possível a fundação da nossa Academia de Letras.

"Genesis Brasilis" é um poema em prosa, divididos em dez atos por assim dizer, não é destinado a cantar lutas heroicas, nem cabos de guerra; se há aí algum episódio, nesse sentido, se alguma vez troa nos vales do Maranhão a pocema da guerra, nem por isso

o conto deixa de ser exclusivamente voltado à história tocante a uma virgem indiana, dos seus amores, e dos seus infortúnios.

Talento brilhante e cultivado, espírito ardente e cheio de nobre entusiasmo, o Sr. Saulo Barreto em seu *Discursos mudos* não é só uma leitura simples, é uma página que se deve guardar, tão brilhante e vigoroso é o seu estilo, tão nobres e elevadas são suas ideias.O Sr. Barreto, já o eu sabia, é daqueles talentos sérios e refletidos, cuja falange cresce e vigora a cada dia, por bem do futuro do país. Animá-lo é dever.

Ocupa o autor uma posição eminente na literatura; prosador de inspiração e sentimento, senhor de uma forma correta e pura, descontados os descuidos com a gramática, formado na boa escola, e alimentado pelas sãs doutrinas literárias, pode subir mais, e enriquecer a nossa pátria com outras e mais peregrinas obras.

Pude surpreender uma circunstância e venho denunciá-la: o livro é dedicado a uma senhorita elegante e espirituosa de São Luís do Maranhão e sua pequenina sobrinha de Teresina, capital do estado do Piauí. Pela minha parte, basta-me esta preciosa essência da sua obra para considerá-la como escrito de ordem muito superior à dos simples contos; porque contém interessantíssimas teses relativas à organização social e mui dignas de serem estudadas e discutidas. Possui o autor um talento real, e um sincero amor pelas letras.

O Sr. S. Barreto é uma inteligência a formar-se; participa dos defeitos do que se chamou de escola *barretiana*, sem todavia empregar nos seus escritos os toques superiores que o estudo mais tarde lhe há de dar.

Com a imaginação e a inteligência que tem o Sr. S. Barreto, deve procurar no estudo e na reflexão as qualidades indispensáveis de escritor, e estou certo que dá vontade e do cabedal que possui nascerão demais significação literária que os *Discursos mudos*.

Saulo Barreto é um nome de uma extensão infinita, que desperta em nossos corações as sensações mais profundas, o entusiasmo mais férvido, porque – Barreto – quer dizer uma glória do Brasil, um Kierkegaard nascido em plagas brasileiras e inspirado na solidão do Claustro! Pelo que diz respeito às letras, o nosso intuito é ver cultivado em solo pátrio esse livrinho de contos que reúne o estudo das paixões humanas aos toques sutis e imperceptíveis do mal estar existencial - meio único de fazer com

que uma obra de imaginação, zombando os açoites do tempo, chegue inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade.

Sou obrigado a terminar, remetendo os leitores para a obra, e afirmando-lhes que não hão de arrepender. Quando um escritor de talento consegue a justa nomeada do Sr. S. Barreto, o próprio nome é a sua recomendação.

Esta última observação é toda em louvor da obra do Sr. Barreto. Consagro nestas ligeiras palavras o meu contentamento pela presença do prosador elegante, conciso e instigante que o Brasil conta como uma das suas glórias mais legítimas e brilhantes.

A posteridade dará a este livro o lugar que definitivamente lhe compete - a perenidade. Tais são os nossos sentimentos; aplaudindo a tentativa presente, aguardamo-nos para louvar-lhe as suas obras futuras.

Nossos parabéns às letras pátrias, e um *avante*! ao digno escritor.

MACHADO DE ASSIS
[psicografado]

A VIAGEM

HÁ NOITES, DONA MARISA NÃO DORMIA DIREITO. Constantemente, era acordada por diversos ruídos advindos de sua cozinha; não somente deste ambiente, bem como *também* de vários outros cômodos da casa. Aliás, todos os lares têm seus sons estranhos. Pensar sobre ou tentar saber o que são na realidade, levaria fatalmente, em qualquer cabeça, a suposição de infinitas hipóteses.

Mas, os sons que incomodavam particularmente Marisa, já haviam extrapolado todo o limite tolerável da *normalidade*.

A cada dia, eles ficavam mais contundentes e ruidosos. Ouvia cadeiras se arrastando, a porta da geladeira se abrindo, utensílios domésticos amanheciam ao chão, a TV ligava sozinha... Certo dia, chegou a encontrar até uma jarra e um copo de água tomado pela metade em cima da mesa. Como aquilo foi parar lá? Ela não imaginava como.

"Meu Deus, que coisa estranha, como aquilo foi parar naquele lugar? Será se eu ou algum dos meninos somos sonâmbulos? Ou será se estou tendo uma espécie de amnésia; ou pior, teria sido eu acometida por um caso grave de Alzheimer precoce?", pensava ela consigo mesma, ao acordar, como primeira reflexão matinal, sentada na borda da cama, com os sobrolhos cerrados e profundamente *contrita*.

Quando os estalidos ressoavam além do habitual na casa - pois eles, com o passar do tempo, se intensificavam vertiginosamente -, seus dois filhos menores, também, chegavam a escutar. O mais novo, por vezes, em plena madrugada, acordava apreensivo, correndo para o quarto da mãe com *intuito* de dormir junto a ela, sempre dizendo, com a fala extremamente suplicante:

– Mamãe! Quero dormir aqui, estou com medo, ouvi algo lá fora. Nessas situações, sempre como resposta da mãe, ouvia:

–Tudo bem meu filho pode dormir aqui hoje, mas não é nada, foi só o barulho do vento.

Meses atrás, era muito comum, antes de seu esposo Gaspar "viajar", o mesmo ter o hábito de acordar todas as noites, às duas ou três horas da madrugada, para se hidratar. De quando em quando, também, acordava *somente* para ir ao banheiro, beliscando,

logo depois, alguma coisa da geladeira.

Por fim, como de praxe, ainda bebia um *pouco* de água. Seu relógio biológico era exato, não falhava. Às vezes, também, costumava sentar-se à mesa de jantar, na copa, com vistas a *degustar* aquele insubstituível copo d'água. Agora, quando era tomado pela atroz insônia, ficava assistindo as últimas notícias dos canais esportivos da TV a cabo. Certo dia, ao retornar de sua longínqua "viajem", Gaspar chega em casa. É recebido de forma absurdamente indiferente pela esposa e filhos. *"Que coisa estranha!",* pensava ele com seus botões. *"Tudo bem!",* dizia ele logo depois, se conformando com a situação.

Com mais de onze anos de casamento e os filhos já pouco grandes, era de se entender que a relação familiar já está bastante desgastada e monótona; e por conta disso, é de se esperar que a relação "esposa-marido", bem como "filhos-pai", vai se tornando mais fria, naturalmente. A par disso, a família *seguia* sua rotina rigorosamente.

Certo dia, numa madrugada de sexta para sábado, Gaspar acorda, levanta da cama e segue seu ritual. Às duas em ponto, desfaz-se das cobertas, senta na margem do leito, olha de soslaio para esposa que dormia e se levanta. Logo depois, se dirige, meio cambaleante, em direção ao banheiro. Urina e toma seu rumo madrigal, seguindo, agora, para a copa. Depois, liga a luz do corredor e não da cozinha, pois assim, ficava na penumbra, não agredindo seus olhos com uma luminosidade mais direta e intensa. Afinal, suas pupilas *ainda* estavam se contraindo. Pega uma robusta caneca de alumínio na bandeja, grafado com a seguinte frase: *"Querido Papai, desejamos feliz Dias dos Pais ao melhor pai do mundo"*. Abre a porta da geladeira, puxa a jarra que estava com menos água (e desse modo mais leve), enche seu copo até a metade, o suficiente somente, para deglutir um primeiro *parco* gole da substância inodora.

É quando Gaspar - ao voltar a encher novamente a caneca, para finalmente aplacar sua sede, com um maior volume d'água -, sente algo estranho na sua retaguarda, mais precisamente na ponta da mesa de jantar. Ele vira e toma um tremendo susto! Vê um homem sentado. Num ímpeto violento, pega uma faca numa das mãos e uma vassoura na outra, com *intuito* de se proteger de um possível ataque e principalmente, para viabilizar o afugentamento

do visitante inoportuno.

– Quem é você? O que está fazendo aqui? – pergunta Gaspar muito nervoso e apontando a faca em direção ao rapaz.

De início, o sujeito nada responde, pois parecia estar por demais ensimesmado, calmo, com a cabeça baixa, os olhos cerrados e as mãos juntas como se estivesse em oração ou lendo.

Gaspar, não se conforma com a indiferença do visitante inconveniente e pergunta novamente, agora de maneira *bem* mais ríspida e incisiva:

– Já perguntei o que o senhor está fazendo na minha casa! Por algum acaso és ladrão? Responda sujeito senão tomarei minhas drásticas medidas – fala Gaspar agora com uma voz mais firme e pronto para tomar suas decisões extremadas, caso fosse necessário.

Com a insistência de Gaspar, o visitante acha por bem respondê-lo, ainda que com uma *calma* aterrorizante. Na verdade, demorou em dar a referida resposta, pois queria ter certeza mesmo se estava ouvindo ou não Gaspar. Da primeira vez que o dono da casa falou, o rapaz ouviu *somente* um leve sonido, não o suficiente para fazê-lo acreditar que alguém havia lhe dirigido a palavra. Cabe também frisar, que não era um moço com problemas de audição.

– Calma seu Gaspar. Como o senhor está? Tudo bem? - responde o homem.

Quem falara era um sujeito descarnado e esquálido com poucos fios de cabelo na cabeça. Conservava na face, um óculos com uma armação antiga italiana. Seu semblante oscilava entre expressões contritas e calmas. Aparentava *conservar* uns 35 de idade.

Suas roupas eram brancas, tanto a camisa como as calças, se diferenciando *somente* no tom por conta da calça já estar *bastante* desgastada e encardida. Até o sapato era branco, e o sujeito estava longe de ser um profissional da Saúde. Tinha, também, a tira colo, uma caderneta e alguns pequenos livros de bolso de capa escura, dessas muito comuns em livros sagrados ou daqueles que costumam pregar alguma doutrina religiosa. Por um instante, seu Gaspar se espanta, ficando afônico e observando sem reação, aquela figura. *"Meu Deus como pode isso? E como esse sujeito sabe o meu nome?",* exclamava ele em sua cabeça.

É quando, ainda meio atônito, Gaspar ouve o convite:

– Olá seu Gaspar porque o senhor não se senta? Deixe eu me apresentar. Meu nome é Robson, e vou logo lhe adiantando que

não sou ladrão e vim em missão de paz – responde o rapaz olhando fixamente para os olhos de Gaspar e levantando os cantos da boca esboçando, assim, um leve sorriso. Vendo que o visitante não se intimidara, Gaspar não se dá por vencido, respondendo-o no mesmo tom.

– Pois bem nobre invasor, eu já ia me sentar mesmo, não para conversar com você, mas para refletir um pouco comigo mesmo, como sempre faço. Inclusive, devo lhe advertir que o senhor está justamente sentado na minha cadeira. E a propósito, o senhor vai ou não me dizer o que está fazendo aqui na minha casa? Já vou lhe adiantando que você não me assusta? E essa sua empáfia de intelectual, vestes brancas como a de um guru espiritual e rosto macilento não me intimidarão. E já que o senhor diz que não é malandro, vou ser bem taxativo com você, também não acredito em almas.

– É mesmo, pois eu acredito! – responde o rapaz de pronto.

– Pra você ver como são as coisas mesmo, não é? O senhor com essa cara de gente inteligente. Jamais alguém poderia imaginar que um sujeito como você acreditaria numa coisa dessas não é verdade?!

– Concordo com o senhor Gaspar e agradeço o elogio, mas isso é uma convicção de foro íntimo, uma questão de crença.

Nesse momento, Gaspar mais aliviado e conformado com a visita repentina, puxa outra cadeira e se senta, pois percebe que o sujeito que ali estava, não lhe oferecia nenhum potencial ofensivo. Ele se acomoda no outro extremo da mesa de frente para seu visitante. Por precaução, permanece com a faca na mesa, sem tirar os olhos dos movimentos do mesmo, acrescentando:

– Inclusive, minha esposa Marisa, que dorme lá dentro como uma pedra, diz que é "sensitiva", que viu o pai dela logo após que ele morreu... Que me mordam os macacos! Ora se vou acreditar numa sandice dessas. Com todo respeito meu amigo, isso tudo não passa de poluição acumulada na mente e no subconsciente dela. Já tentei milhões de vezes demover essa bobagem da sua cabeça, mas ela insiste em dizer que vê coisas. Desde que nascemos senhor... como é mesmo o seu nome?

– Robson – responde ele, agora muito atento ao que falava o dono da casa.

– Isso mesmo Robson, como ia dizendo, desde que

nascemos somos assombrados por todos, com aquelas histórias escabrosas sem pé nem cabeça, *contada* pelos nossos pais, tios, primos e amigos. Desde que o mundo é mundo, a imaginação do povo é fértil. É isso que dá querer explicar o inexplicável. Somente quando o sujeito cresce e amadurece é que vai vendo que tudo isso não passa de um absurdo, um engodo para engabelar os vulneráveis intelectualmente e ludibriar os mais fracos de discernimento. Quando somos crianças, vá lá acreditar nisso, mas depois de adultos crer em deuses, mitos, assombrações... Considero isso até uma fraqueza mental, um distúrbio psicológico em certos casos. Alma, fantasmas, fadas, Papai Noel, vida após a morte, tudo isso não passa de uma falácia. O homem é tão ganancioso, se acha tão importante que não se conforma nem em deixar de existir, com o fim, a escuridão total e eterna. Ele tem ainda de imaginar que ressuscitará nos céus com fontes jorrando mel e ruas de ouro; já outros, por seu turno, acreditam que dormirão num harém de virgens; outros mais, que serão reencarnados em outras pessoas futuramente. *Em verdade* lhe digo caro Robson, se alguém do passado vive em mim, só tenho a lamentar meu rapaz, pois não deixei esse falecido viver sequer um segundo de minha vida. Vivi toda minha existência *intensamente*, da forma que me apraz, sem amarras. Cada minuto aproveitei com bastante lucidez, me deliciando cada milésimo de segundo que passava. Por isso, digo e reafirmo, se por ventura, uma alma reencarnada ou uma legião delas vivem em mim, coitadas, se arrependeram drasticamente. A vida já é tão curta se comparada aos bilhões das galáxias e do sistema solar, que não vale a pena pensar no que vem depois. Faça-me o favor quanta bobagem! Só creio num personagem da Bíblia - o Tomé. Só acredito nas coisas concretas que vejo. Eu creio mesmo é o que vejo nas ruas. O mundo está cada vez pior e que ainda terei de trabalhar muito para educar meus filhos e ter uma aposentadoria mais deleitável. Aliás, até nas não concretas, pois mesmo sem ver o oxigênio acredito nele, percebe? Se vier algo depois dessa vida aqui, pra mim será uma tremenda surpresa.

Abismado com tamanha sinceridade, Robson não se contém, comentando:

– Minha Nossa Misericórdia Mãe Rainha! O senhor parece ser mesmo muito *incrédulo* hein seu Gaspar?

– E sou mesmo! E não me olhe com essa cara! Você sabe quem é o sujeito mais *ateu* do mundo? O Papa – diz Gaspar

desferindo uma sonora gargalhada, ao mesmo tempo em que se vangloria de sua independência espiritual.

– Pelo amor de Xico Xavier! – exclama o pobre rapaz com os olhos estufados e a boca um pouco aberta em forma de "o" como expressão de susto. - Agora fiquei curioso com o senhor. E depois da morte? O que o senhor acha que acontece?

– Antes de nascermos, nem eu nem você existíamos, concordas? Ainda assim, sabemos que nossos ascendentes todos estavam por aí vivendo, tal como vivemos hoje, atrás de parceiras com vistas a realizar o ponto máximo da natureza: a copulação sexual. Eles se foram, e eu nasci. A morte nada mais é do que voltar a ser como era antes de nascer, ou seja, nada. Você volta a ser nada. Deve haver um depósito onde Deus coloca todos esses "nadas" ou "almas", se é que assim podemos dizer. Como disse, depois da morte, é escuridão total, eterna. É onde Deus reina, pois se é mesmo que existe, é na nossa extinção que Ele se consagra como superior. Não precisaremos mais nos preocupar com nada. Pra terra, não voltaremos nunca mais. Isso é fato, nem como alma, nem como reencarnado em outra pessoa, nem como nada. Ouviu bem? *Nada!* Que graça eu teria vim reencarnado em outro corpo? Se por algum acaso eu seja a reencarnação de alguém peço mil desculpas, pois até hoje só fiz o que minha consciência mandou.

– Mas então o senhor fala de Deus. Acredita nEle então? – indaga Robson com alguma esperança de haver ao menos algum filete de credulidade por parte daquele coração tão duro.

Entretanto, apesar de ainda nutrir a esperança de receber uma resposta mais cordial, em meio a toda aquela injeção de realidade, como retorno, Robson acaba ouvindo mais um espetáculo de incredulidade religiosa.

– Não, absolutamente! NEle em específico não mas, acredito em algo superior, e essa força maior, acredito ser aquilo que a humanidade convencionou a chamar de Deus. É o vácuo inteligível. Algo que jamais ninguém, mesmo com o avanço da ciência, será capaz de decifrar. É algo incomensurável, para além do entendimento humano, científico e religioso. Engraçado, deixe-me falar. Estou dialogando aqui com você, mas sinto que estamos em sintonia diferentes. Te olho e às vezes te vejo embaçado, enfim não acredito em fantasmas, não acredito em fantasmas...

– Tudo bem, tudo bem seu Gaspar, já absorvi a real noção

de sua posição a respeito do mundo espiritual e devo dizer-lhe que considero muito sua opinião. Em algumas partes o senhor até se contradiz, mas tudo bem, não estou aqui para julgar ninguém. Aliás, acho muito corajoso da sua parte, num mundo onde muitos estão quase que obrigatoriamente coligados a uma crença, religião ou ao menos uma seita *qualquer*. Se todos pensassem como o senhor, não teríamos tantos hipócritas comandando nossas religiões. Mas mudando um pouco de assunto, seu Gaspar, me diga o que você gostaria de dizer a sua esposa e seus filhos nesse momento?

– Como assim? Amanhã eu mesmo digo quando a gente acordar, ora!

– Aliás, o senhor já até havia perguntado e agora acho oportuno responder. Pode soar estranho, mas estou aqui somente para colher essa informação. Apesar de estar gostando muito de discutir aqui com o senhor certos assuntos eu não gostaria de forma alguma, ter de sair daqui, sem essa missiva. Depois, prometo que vou embora e o senhor poderá, finalmente, voltar a dormir em paz. Você não terá nenhum trabalho, eu me comprometo a escrever a sua carta *ipsis literis*, sem alterar uma vírgula, "til" ou "c" cedilha quaisquer.

– Sabe Robson, posso até lhe ditar a referida carta, mas de antemão lhe advirto que essa será uma atitude totalmente ilógica da nossa parte. Você é jovem e mais do que eu sabe, que com o passar do tempo, a vida e esse mundo capitalista e competitivo para tudo, consome cada vez mais o que resta do nosso lado bom. Essa rotina alienante, nos força a tornar sujeitos extremamente racionais, duros e intolerantes; cada vez mais menos sentimental, espiritual e amoroso. A cada dia que passa, tenho consciência de que não passo de um nada. Tornei-me um rude, nada mais em mim não interessa a mais ninguém. Veja meus cabelos brancos, hálito arrepiante e essa barriga *avantajada*. Meu corpo exala cheiros que nem eu consigo suportar. Lamentável meu caro, lamentável o que nos tornamos com o passar do tempo. Ademais, sempre fui um sujeito muito reservado e não muito bom em expressar meus sentimentos. Por outro lado, sei também, que não estou na lista dos sujeitos mais *execráveis* da face da terra. Esse é meu único consolo, o único pretexto para manter-me vivo.

– Nesse ponto concordo com senhor, sem falar que amanhã é outro dia. Com essa vida corrida que você leva, pode até

ser que não tenha tempo depois e esqueça. Por isso é que insisto, e até imploro: faça a carta! É só uma mensagem simples, aquilo que você gostaria de dizer aos seus filhos, pois eu sei que apesar desse seu jeitão arredio, o senhor os ama muito – diz Robson empolgado e já puxando duas canetas da algibeira, segurando uma numa das mãos e deixando outra por sobre a mesa. Pega também, mais um envelope pardo e um papel com pauta própria para escrever cartas.

– Na realidade, - acrescentava Gaspar - fora as datas festivas, nunca mais disse que amo aos meus filhos. Outro dia, eram um pedaço de carne em nossos braços, com olhares perdidos e com jeitos abobalhados; e agora vejam só como estão, já crescendo, estabelecendo algumas imposições e dando os primeiros indícios de serem senhores de suas próprias vidas. Essa vida corrida e alienante, caro Robson, tem definhado meu lado humano, corroído minhas energias e até a alma, caso acreditasse nela – diz Gaspar, baixando o olhar e pondo uma das mãos na cabeça como se estivesse *mergulhando* cérebro adentro.

– Você está bem? – pergunta Robson meio preocupado.

– Sim, estou bem – diz Gaspar se recompondo, logo depois esfregando as mãos nos olhos e dando um alongado bocejo.

– A possibilidade de fazer essa carta seria uma boa oportunidade para o senhor se redimir de toda essa omissão, o senhor não acha?

– Sim, seria.

– Então ótimo. Podemos começar?

– Sim - responde Gaspar sem muita *empolgação*.

– Bom, muito bom então. Pronuncie então como se fosse a última oportunidade de você escrever uma carta para eles. Pense no que você diria a sua esposa e filhos caso *pudesse* se dirigir a eles pela última vez...

– Mas o que é isso! Você está me agourando jovem?

– Não nunca. Mas você sabe que o futuro a Deus pertence... ou melhor no seu caso, ao destino, não é mesmo?

– Mas tudo bem, não custa nada tentar não é verdade? O que de mal pode haver numa carta? Escreva o seguinte:

"Minha amada esposa Marisa e queridos filhos..."

Nesse momento, Robson começa a *escrever*, em próprio punho, com a cabeça baixa, cotovelo na mesa e a mão esquerda na testa; enquanto que a direita, escreve *incessantemente* no ritmo que as

palavras eram ditadas por Gaspar, que continua:

"Realmente não estava preparado para escrever esta presente carta, mas para se declarar as pessoas que a gente "ama" não precisamos nos preparar não é verdade?"

– Por favor, Robson, coloque a palavra 'ama' entre aspas – interrompe Gaspar para informar a ressalva.

"Pois bem, dito esta missiva, com a colaboração do meu amigo Robson, que foi quem me incentivou a fazer a mesma, pois do contrário, não a faria. Minha querida companheira Marisa e bem quisto filhos, ninguém mais do que vocês sabem que não sou o melhor esposo, nem o mais incrível pai do mundo.

Muito pelo contrário, acredito que devo ter sido o pior deles. Muitas das vezes me achei em falta. Fui reiteradamente omisso para realizar as coisas boas que deveriam ser feitas; e proativo para fazer as coisas erradas. E aqui, não adianta dizer que o fiz por conta da contaminação do mundo ou do veneno destilado pelos maus. Deixei que as mais diversas doenças sociais invadissem minha casa, não tendo discernimento e sabedoria para solucioná-las. Se algo de mal aconteceu para vocês, foi porque eu deixei que acontecesse.

Não consegui absorver minhas humilhações, frustações e fracassos, repassando-os integralmente a vocês, em forma de insultos, gritos, terrorismo psicológico, chantagens e até agressões. Em verdade é que sou mesmo um sujeito fraco e se cristão fosse, seria o pior dos pecadores.

Hoje, quando olho para meu passado, tenho vontade de sumir. Só assim não seria mais estorvo para ninguém. Fui um detestável filho, neto, sobrinho, não é de se estranhar que tenha sido um péssimo marido, pai e por com conseguinte, um avô muito aquém do que todos os netos merecem. Jamais deveria ter me deitado, um segundo sequer, com mulheres com quem me relacionei de outrora, durante todos esses anos de casado. Me deixei levar pelo canto da sereia, por várias outras mulheres, mesmo já estando casado, que só queriam nada mais além do que meu minguado dinheiro.

Além do mais, prejudiquei todo desenvolvimento social de vocês. Já não era uma pessoa muito sociável, mas como o tempo fui me tornando um sujeito abrutalhado, arrogante e ignorante. As respostas atravessadas, os nãos, a falta de sensibilidade, as não idas a reuniões escolares dos meninos, as suas competições esportivas, feira de ciências... Enfim, nem sequer liberei um elogio quando os mesmos alcançavam boas notas. Não querendo dá o braço a torcer nunca, sempre repetia: 'Não fizeram nada mais que sua obrigação'.

Quanto a você Marisa, perdoe-me o trato desleixado nas minhas vestimentas, os jejuns de sexo, minha mudez e tristeza imotivada dias a fio, a

instabilidade de minha higiene e as inúmeras vezes teve de suportar meu mau hálito, saturado de álcool ou fumo. Só depois percebi, que tudo isso era fruto da minha sandice em ter colocado o trabalho em primeiro lugar na minha escada de valores. Trabalhar e trabalhar, esse se tornou o meu único norte, a minha fuga para me eximir de ser um bom chefe de família. Assim como Jesus, queria me sacrificar por vocês.

Trabalhar realmente é um vício e se deixarmos, toma conta de nossas vidas inteiramente. Sempre temos a sensação que os outros trabalham mais que a gente. A lição principal que aprendemos na escola é de que o capital é tudo e que compra tudo. Acreditei nessa lição, seguindo à risca a doutrina destruidora do capitalismo, até os últimos dias da minha vida, pois sei que no futuro eu rememorar e pensar que não vivi em função dele, com certeza amargar-me-ei em remorsos; e a última coisa que não quero sentir, nos meus derradeiros dias de vida, é o arrependimento, minha amada.

Contudo, não posso afirmar que amo vocês, definitivamente, não posso. Ele se atrofiou em mim, assim como o umbuzeiro que se definha na estação da seca por falta de água. Amar vocês seria reconhecer que amo a Deus e a mim mesmo, e eu definitivamente não amo a um nem a outro. Não mereço ser amado nem por mim mesmo, amo somente aquilo e aqueles que não existem. Os que conseguiram ganhar tudo aquilo que sonhei, os que tem poder e dinheiro, é esses é que devem ser amados, e somente esses, como os são.

Fracassei em todos os sentidos, Marisa, sou o maior dos fracassados.

Por tudo isso e muitas outras coisas é que peço perdão, a você Marisa e meus filhos.

Eis-me aqui Marisa. Só resta a este pobre e sôfrego arrependido que vos suplica, pedir que você libere esse precioso perdão.

Do seu Gaspar"

– Pronto! Só tenho isso a dizer – falou Gaspar quando terminou de ditar sua carta, já com o semblante bastante comovido.

– Muito bem seu Gaspar, estou abismado. Anotei tudo o que o senhor falou. Nunca havia me deparado com um texto tão cortante e profundo em suas palavras; poéticas até, em certos sentidos.

– Olha Robson, tenho mais defeitos do que a quantidade infinda das estrelas no céu, mas a essa altura, você já deve ter percebido que eu digo o que penso e o que me vem na cabeça. Sei que ninguém me suporta. Perdi muitas amizades e oportunidade de

empregos. Deixei de ser rico por causa disso. Mas, ainda assim, preferiria mil vezes ser fiel aos meus pensamentos do que ter de virar uma "prostituta social", que abre mão de sua personalidade, *em detrimento* de algumas trocas de favores de ocasião. Se todo mundo tem seu preço, posso dizer que não faço parte dele, pois sou um sujeito totalmente gratuito.

– Ok, seu Gaspar entendi. Sua carta está aqui. Vou dobrá-la e pô-la num envelope bem bonito à altura dos seus dizeres. Era esse justamente o meu principal objetivo aqui...

Antes mesmo de Robson terminar de concluir sua fala, Gaspar intervém de forma abrupta:

– Caro Robson, não tenho a mínima ideia do que o senhor pretende fazer com esta bendita missiva, mas tenha a total liberdade para dispor dela como lhe bem convir. Ela é toda sua! Tenha a mesma como um atestado da minha fraqueza. Digamos que será o único escrito que deixarei na terra, não é verdade? – pergunta Gaspar esboçando um leve sorriso.

– Verdade seu Gaspar. E então, assim sendo, vou-me embora – diz Robson enquanto se levanta, arruma suas coisas numa surrada pasta de couro, no mesmo tempo que estende as mãos para Gaspar, com vistas a se despedir.

– Embora? Tá maluco são três horas e quarenta e cinco minutos da madrugada – retruca Gaspar com a cara de espanto e amarrada. - O senhor agora passou de invasor para meu convidado. Dormirás hoje no nosso quarto de hóspedes e amanhã tomarás café bem cedo conosco. A Marisa sabe preparar um pãozinho torrado como ninguém. Assim, você poderá ir embora para sua casa com mais segurança, compreende?

Não vendo outra alternativa, face ao convite repentino e coercitivo do dono da casa Gaspar, não resta a Robson, senão acatar ao apelo, ficando na casa até o *amanhecer* do dia vindouro.

No dia seguinte, as 6:00 p.m., numa manhã ensolarada, dona Marisa, como costume, já se encontrava de pé. Toma banho, penteia os cabelos escuros tal como cascata de petróleo, escova os dentes, olha os filhos no quarto e se dirige a cozinha.

Enquanto retira o café da chaleira para a garrafa térmica, Marisa é surpreendida pelo cumprimento de seu amigo, Robson:

– Bom dia Marisa! Já senti o cheiro gostoso do cafezinho.

Marisa responde na mesma intensidade, o afago matinal.

– Bom dia meu querido. Mas porque você se levantou tão cedo Robson? Tá muito cedo, volte a cama para dormir um pouco mais. Não gostou da dormida?

– Não Marisa fique tranquila, o repouso foi ótimo, ademais ontem à noite não poderia ter sido melhor.

– Que bom Robson fico feliz em saber disso. E aí aconteceu algo? – pergunta ela, agora com semblante mais carregado.

– Sim, aconteceu muita coisa Marisa.

– O quê especificamente? Estou curiosa. Você viu ele?

– Sim.

– Falou com ele?

– Também, bastante.

Nesse momento, Marisa não se contém larga a garrafa de café e senta subitamente na cadeira perplexa com os braços desfalecidos para baixo. *"Então era ele mesmo",* meditou ela consigo mesma. Numa segunda reação, Marisa põe-se a chorar melancolicamente, de forma contida, mordendo logo após o lábio inferior.

– Calma Marisa, fique calma minha amiga. Ele está muito bem. Tudo que ele queria lhe dizer está aqui escrito nesta carta – disse Robson mostrando a mensagem envelopada devidamente fechada com um lacre.

– Não sei se consigo ler Robson. É demais para mim...

– Mas você tem de ler. É uma mensagem para você e seus filhos.

– Me diga a sinopse de tudo, que certamente me contentarei com ela.

– Não sei o que diz a carta Marisa. Quando a escrevi estava em transe. Só saberei o que está nela somente se você permitir que eu a veja. Isso tem a ver com nossos princípios éticos.

– Eu sei Robson, eu sei. Então vamos lá. Me dê a carta então – segura a Marisa a carta, num surto de coragem. - Jesus tenha misericórdia dessa casa meu Santo Pai! - acrescenta ela, respirando fundo e olhando para o alto.

Ela abre o envelope lentamente, retira a carta, mas não desdobra o papel para finalmente tentar ler a parte escrita.

– Acho que não consigo Robson. Leia-a para mim, por favor!

– Tudo bem, com sua devida e expressa autorização, posso lê-la, sem problema algum.

Antes de começar a ler, Robson percebe a presença do seu Gaspar. Ele estava observando sua conversa com Marisa, no canto da porta da cozinha, somente com uma pequena parte do corpo à mostra. Mesmo com a presença acentuada de Gaspar, Robson age como se não tivesse o sentido.

Ao contrário do amigo, Marisa, nada sentira. Descredenciada a sentir as vibrações de outros planos; temperamental como manteiga derretida, tratou logo de segurar dois guardanapos nas mãos, que a partir dali, serviriam como lenços de absorção lacrimal.

Segue Robson em sua leitura. Ele lê e percebe que sua amiga Marisa começa chorar copiosamente, não um lamento propriamente dito, mas uma lamúria contida, angustiante e debelada.

– Você quer que eu pare Marisa? – pergunta Robson preocupado com estado emocional da amiga.

– Não amigo continue, continue... Preciso ser forte, pelo menos hoje.

E ele segue lendo, até que no meio da carta, ela interrompe novamente o amigo para tecer o seguinte comentário:

– Oh meu Deus, ele era tão angustiado. Não imaginava que atrás daquele jeitão carrancudo, escondia um homem tão sensível, eivado de tão nobres sentimentos. Não aceitava o caminhar da humanidade, nem as imposições desse nefasto mundo moderno. Além do mais, não o achava tão ruim assim. Ele tinha seus rompantes e grosserias é verdade, mas num fundo, tudo era fruto de pura insegurança. Deve ter sido um menino muito mimado pela mãe ou talvez, odiado pelo pai. Não cabe a mim, conjecturar a respeito da sua vida pregressa, nem muito menos, esboçar um laudo psicológico de última hora, mas gostava dele do jeito que ele era Robson. Só pessoas como ele, têm a coragem de dizer não ao lado perverso da humanidade. Coitado, coitado do meu pobre marido... – lamenta ela, logo após limpando a pálpebra inferior de um dos olhos com o lenço.

Depois de ouvir a amiga, Robson lê a última e mais relevante parte da epístola, no seu entender.

– Aqui acho que alcançamos o ponto fulcral do escrito

Marisa. Estás preparada?

– Sim, o que ele falou?

– Ele diz: *"Eis-me aqui Marisa. Só resta a este pobre e sôfrego arrependido que vos suplica, pedir que você libere esse precioso perdão."*

– Hã? – interroga Marisa com ar pasmo.

– Seu perdão Marisa, ele pede seu perdão, isso e somente isso. Aliás, nessa hora, posso afirmar que ele pronunciava as palavras já bastante abalado.

– Mas é lógico que o perdoo sim, inteiramente. Ele está perdoado, com todo meu amor. Não guardo nem rancores, nem ressentimentos com relação a ele. Coitado, era palmatória do mundo – diz ela, com as mãos no peito e suspirando.

– Então, acho que com este perdão, minha missão foi devidamente cumprida com sucesso. Vou pra minha casa agora Marisa, estou um pouco cansado. Você pode ficar em paz agora, ouviu? Chega de tanto choro e ranger de dentes nesta casa – diz Robson se preparando pra ir embora.

– Ok, muito obrigada meu amigo. Não sei como lhe agradecer. Deus lhe pague. Na segunda-feira o dinheiro estará na sua conta, sem falta meu amigo, eu lhe garanto – agradece ela.

– De nada, se precisar de mim é só chamar - redargui ele.

Depois que Robson vai embora, silêncio total na casa. Gaspar, que observava toda a cena sem interferir, não se contém. Diante do perdão expresso da esposa, uma última lágrima escorre por sua face. Ao tentar se dirigir a Marisa, ele sente a matéria de seu corpo se esvaindo... Ele para! Depois, sente sua mente desfalecendo, como se estivesse entrando num desmaio súbito, algo tão ruim que mais parecia prenúncio de sono eterno.

Antes de dissipar-se, ainda olha as mãos e elas estavam transparentes como a água. Olha para os seus pés e tronco e percebe que eles estavam embaçados como fumaça, até sumir por completo; além de todas as outras partes do seu corpo, inclusive, algo que deveria ser apagado logo, para seu alívio eterno - seus conturbados pensamentos. Tudo fica muito sereno e calmo.

É quando o silêncio - que até então imperava no recinto - é cortado por um som de um de seus filhos:

– Mamãe, mamãe já acordei. Quero tomar leite quente!

Ao perceber a mãe cabisbaixa e com os olhos avermelhados e irritadiços, ele pergunta:

– Você tá chorando mamãe? – interroga o infante aflito.

– Não meu filho, agora está tudo muito bem. Era só um pequeno cisco no olho da mamãe. A partir de hoje nós iremos dormir bem todas as noites tá? O papai mandou dizer que te ama muito e que estará sempre olhando por nós tá bom? – diz ela, dando um apertado e caloroso abraço no filho, enquanto torna a refazer o café e agora também, o leite quente, à pedido do adorado filho.

Depois daquele dia, nem sequer mais um ruído, por mínimo que fosse, foi ouvido naquela casa, sobretudo nos horários frios da madrugada. Seu Gaspar tinha ido viajar.

Ubajara/CE, 8 de janeiro de 2016

O CHÁ DO DECANO

DEPOIS DE TEREM ENFRENTADO importante compromisso - mais um, dentre muitos outros de suas longas jornadas acadêmicas -, três jovens colegas universitários, de uma conceituada e tradicional universidade de medicina, decidem se reunir, extraordinariamente, num bar próximo. O clima era *tenso*, muito *tenso*.

Ainda trajados com suas vestimentas brancas, dos pés à cabeça; seus rostos contritos e atribulados, sinalizavam de que haviam acabado de realizar uma difícil prova; apesar do preparo prévio, intenso e esmerado do trio. Toda *essa* consternação, não era para menos. De tão exigente que foi a aplicação do exame; todo um aparato foi montado, para que não houvesse, segundo os aplicadores dela, o mínimo de risco possível em ocorrências de "fraudes", em outras palavras, a famosa "cola".

Por exigência do professor, com exceção do aplicador, foram ainda convocados outros dois fiscais extras da universidade, unicamente com intuito de vigiar a citada avaliação, na respectiva sala, onde a mesma seria aplicada.

Não somente isso, as instruções e o rigor exigido para realização dela, mais pareciam uma seleção para concurso público com vistas ao ingresso na carreira judiciária, militar ou até mesmo na polícia. Fora os perspicazes olheiros, os testes se diferenciavam integralmente um dos outros, além de serem compostos de dez questões dissertativas, com escrita mínima de *vinte* linhas para cada questão.

Fora isso, forçoso sublinhar, que ele deveria ser feito sem consulta alguma, sendo que todas as referências deveriam ser citadas, no mínimo o autor e/ou obra, além, também, de terem que de ser todas respondidas em escassos 40 minutos, sem margens de tolerância, para mais ou para menos.

Quanto ao mestre? Este nem sequer se fez presente, pois em sede de seu indefectível entendimento, os enunciados das questões, - segundo instrução elaborada por ele e constante na capa

da prova -, já seriam suficientes para respondê-las, sendo, portanto, a sua compreensão, parte integrante das mesmas.

Desse modo, também, com esse gesto, ele acabava se "resguardando", evitando assim, perguntas *desnecessárias*, além de rechaçar de vez, possíveis ocasiões que pudessem oferecer margem ao contraditório. Segundo os poucos que atreveram a contestá-lo, sempre que o fizeram, acabaram se complicando mais ainda, haja vista que na sua concepção, essas contestações sempre eram muito mal fundamentadas.

A pressão psicológica era tanta, que muitos outros desses matriculados, cerca de trinta por cento da turma, nem sequer ousavam *tentar* realizar o bendito exame, devida tamanha preocupação.

Já outros, mais arredios, não se submeteram ao exame como forma de resistência e protesto; pois para uma parcela considerável deles, a didática imposta por aquele professor, nada mais era do que resquício de uma atitude "reacionária", "tirânica" e "medieval".

Outros mais, com conduta mais pusilânime, preferiram desistir de cursar a cadeira, isso sem citar outra ala, mais radical, que se reuniu e decidiu transferir-se para outra universidade. Segundo eles, seria melhor fazer a disciplina com outro professor, seja qual semestre fosse, por mais que isso atrasasse suas colações de grau e sonho de pôr mão logo naquele tão *peticionado* canudo.

O índice de reprovação, com aquele professor, eram altíssimos; e dos poucos recursos de nota impetrados na coordenação do curso, em suas grandes maiorias, já perdiam eficácia *ab initio*, com indeferimento do requerimento no ato do recebimento.

Os coordenadores do curso - apesar de saberem do rebuliço que a disciplina incitava nos alunos -, costumavam fazer vistas grossas as reclamações individuais deles; bem como também, dos reiterados baixo assinados promovidos pelas inúmeras turmas, que tiveram de passar por aquele desafiante "crivo".

Não queriam, de modo algum, lhe dá com o risco de perder um profissional daquela envergadura em sua instituição. Muito pelo contrário, tinha tratamento de chefe de estado por onde passava. Recebia presentes e condecorações, sendo paparicado do mais raso até a mais alta cúpula da universidade.

O ganho moral e pedagógico com um profissional daquele porte, valia por mais de mil alunos matriculados. Sabiam eles que muitas outras organizações de ensino, inclusive estrangeiras, sodavam levá-lo para seus quadros. Seu salário figurava como o mais dispendioso na folha de pagamento da instituição, praticamente o triplo dos outros profissionais; sua hora aula era avaliada a peso de ouro.

Dito isso, extremamente estarrecidos e malcontentes Pedro, Rafael e Mateus, os respectivos nomes do trio de estudantes, depois de muito remoerem a já "quase derrocada" dada como certa, aprendem a lição de que só *estudar* não adiantaria para sobrestar esse premente desafio.

Só aprender o que dizem os livros, não seria suficiente para "vencer na vida". Internalizavam, desse modo, de maneira prática, forçosa e coercitiva, que para construir um nome e boa fama na sociedade, seria necessário ter de se valer de vários muitos outros artifícios para almejarem os seus mais ambiciosos intentos.

Para se "darem bem", alcançarem seus sonhos e assim galgarem os degraus mais altos possíveis rumo ao cume dessa competitiva pirâmide social capitalista, era necessário fazer um esforço a mais. Nem sempre querer é *poder*! O esforço pessoal, o sacrifício e a abnegação nada mais eram do que um ponto de partida, o primeiro passo para conseguir ascender na disputada cadeia alimentar social.

Depreendiam, quase que de maneira subconsciente e osmótica, nessa situação em específico, que derivam de se valer de "n" estratégias possíveis, caso quisessem preservar seus históricos escolares totalmente imaculados, sem nenhuma nódoa rubra, seguindo assim, o transcurso natural de suas tão apreciadas graduações, sem maiores percalços.

Talvez só quisesse, o referido mestre, melhor reconhecimento, por ter sacrificado sua vida toda em salvar as vidas humanas; tendo passado horas e horas a fio, desde a tenra meninice até os dias atuais, sentado solitariamente numa cadeira entretido aos livros, por vezes, de maneira estafante, pertinaz e até desumana, porque não dizer.

Chega, então, a inseparável tríade ao bar. Sentam-se numa pequena mesa em formato quadrangular. Reuniram-se ali, com vistas a desabafarem seus pesares.

Contudo, mais importante que isso, estava ali principalmente com intuito de tecerem suas breves considerações individuais sobre o exame, além também, caso fosse pertinente para o momento, encetar uma estratégia com intuito de reverter a situação.

Era um botequim modesto. Não havia nada mais que oito mesas disponíveis. Ao fundo do estabelecimento, possuía, próximo aos banheiros, uma caixa enorme de som, que entoava programação popular da rádio. No balcão, talhado de madeira e pedra, se destacava uma *antiga* caixa registradora, tendo como anexo, uma caixa de cigarros de várias marcas. Atrás dele, além da balconista, que era também proprietária e garçonete do botequim, havia uma estante cheia de garrafas de cerveja, vinho, *whisky*, conhaques, além de cachaças dos mais variados tipos.

A mesa, a qual o trio se acomodava era pequena, muito pequena mal cabiam a garrafa de cerveja, *seus* pertences mais um prato de tira gosto. Por conta disso, seus rostos estavam dispostos muitos próximos um do outro.

Pedro, astuto, logo se coloca numa posição privilegiada, de frente para a porta do bar e consequentemente, para a rua. Os outros dois, Rafael e Mateus, se dispuseram ao lado dele; um de frente para o outro, formando desse modo, uma forma triangular na disposição de conversa.

Vendo o grupo totalmente estafado e com o moral em baixa, Pedro decide investir um pouco mais de sua escassa energia, que ainda lhe restava, com *intuito* de injetar ânimo nos amigos; para quem sabe depois, pensar numa saída com vistas a contornar aquela vexatória e inesperada situação.

— Que prova meus amigos, que prova... - comenta Pedro enquanto enche o copo de cerveja, de expressão séria e comprimindo os lábios.

— Putz, nem me fala, sem comentários. Hoje sou um homem arrasado - disse Rafael, com os ombros descaídos, os dedos das mãos entrelaçados, debaixo da mesa, enquanto inclina o rosto na diagonal para baixo, ao mesmo tempo que lança seu triste olhar, antecedido de um par de óculos, rumo ao vazio.

— Definitivamente esse homem é um louco, um desvairado, um doente mental!... Que raio que esse maldito professor quer da gente? Ele pensa que nós somos alunos de pós doutorado, por algum acaso? Esse energúmeno tem noção de quantas cadeiras

estamos fazendo esse semestre? Esse senhor pensa que o mundo gravita em torno da disciplina dele? - comenta de forma agressiva Mateus, gesticulando colericamente com o dedo indicador para cima e tom de voz, por demais, audível; como se quisesse que todos os outros frequentadores do bar e do mundo inteiro compartilhassem consigo, a sua vã consternação.

— Calma, Mateus concordo contigo, mas você e Rafael sabem que discutir com esse sujeito é bobagem. Bater de frente com ele só agravará *ainda mais* a nossa já delicada situação - retruca Pedro, com um tom mais baixo.

— Pedro tem razão. Ele só pode ter passado por algo parecido na vida acadêmica dele. Não há justificativa para um cidadão ter um comportamento desumano desses - fala Rafael, agora se refazendo do comportamento inicial e *pondo* lentamente alguns mililitros de cerveja, muito comedidamente, em seu copo.

— E o que eu tenho a ver com isso Rafa? Ele que se entenda com o professor dele. Eu quero é que ele se EXPLODA!... Isso é patológico gente! Não passa de um megalomaníaco, portador clínico da famosa "Síndrome de Grandeza". Estamos diante de um "entulhador" de sonhos - retruca Mateus, ainda com expressão bastante enraivecida. - Não sei vocês, mas vou aumentar minha dose de morfina hoje - acrescenta ele, logo depois, tomando um copo inteiro de cerveja, numa só golada.

— Pega leve com essas coisas Mateus, pega leve - aconselha Pedro. - Meus amigos não adianta nada ficarmos aqui remoendo essa prova, ok? O que tiver de ser será, sofrer por antecipação é bobagem. Faremos o seguinte: esperemos essa primeira nota, para depois trançarmos uma estratégia com o escopo de contornar essa situação. Enquanto isso, vamos *estudar* mais ainda. Ele não está nada mais do que nos testando, fazendo uma espécie de seleção natural entre nós. Vejamos o lado bom disso tudo... Com certeza, para ele ser o que é, deve ter passado por algo muito parecido. Vejam o exemplo de um diamante. Ele só alcança a pureza quando submetido a condições caloríficas de alto graus Celsius. Ele quer que saiamos da zona de conforto, para que nunca mais regressemos a ela, entendem? Ainda teremos três provas daqui pra frente, certo? Vamos jogar o jogo dele. Se não podemos contra, nos juntemos a ele. Não sei vocês, mas não quero macular minha carreira com um possível *fracasso* desses - fala Pedro, de maneira contrabalançada.

— Nem me fale. Verdade! Você tem toda razão Pedro, temos de colocar o pé no chão. Temos ainda toda uma vida pela frente e a nossa nós já escolhemos: é ela a medicina. Vamos fazer a nossa parte, *somente* a nossa bendita parte. Afinal, é só isso que o mundo espera de nós não é mesmo? - consente Rafael.

— Muito bem, seus dois superdotados! Então vocês dois e ele quer que aumentemos nosso Q.I. como o de Carl F. Gauss, Stephen Hawking ou seria de Einstein? Não sei como uma turma toda consegue fraquejar diante de um homem, um reles mortal. Por mim, já teria banido esse cara de uma vez por todas da docência. Arquitetava rápido nos bastidores um jeito de cortar recursos do Estado para o hospital dele e aí, zaz! Quebraríamos aquela petulante crista dele e toda sua empáfia viria por água abaixo. Era uma vez um professor. Façam-me o favor, vocês são uns anjinhos mesmo! Esse otimismo de vocês me assusta, meus amigos, me assusta - fala Mateus o mais inconformado, nervoso e passível de decisões drásticas e impensadas do grupo.

— Calma Mateus, seja mais sereno meu nobre amigo. Bobagem agir de cabeça quente. Voltando ao assunto meus diletos, primeiro *passo* dado: o problema já foi identificado. Chega de ficarmos remoendo essa funesta prova por hoje, ok? Vamos deixar esse assunto de lado e concentrar fogo na solução. Voltemos nossos rostos aos horizontes! Miremos na vitória! Olhemos agora as doçuras puras das mulheres, a única razão de mantermo-nos vivos e que perfumam com magia esse mundo hostil concordam? - Mateus e Rafael, sinalizam com a cabeça em sinal de aquiescência. - Não havendo mais nada a tratar, encerremos a discussão. Bebamos! - disse Pedro, erguendo o copo para cima como se quisesse brindar, sendo seguido com o mesmo gesto pelos outros dois companheiros, que bradam forte: "SAÚDE!"

Pedro era um jovem espirituoso e muito popular na faculdade. Estava sempre tomando a frente nas discussões que envolviam os interesses da classe, continuamente preocupado com o *bem estar* de todos os matriculados na sala, incentivando a turma a pautarem suas vidas acadêmicas primando sempre pela busca da excelência. Apesar de não ser nenhum halterofilista, era considerado um "bom partido" pelas mais assanhadas. As moças costumavam se agradar do jeito amoroso, simpático e cortês do

mesmo. Era tido, *sobretudo* pelas colegas, como o mais estudioso, inteligente e simpático.

Poucos dias antes de se deparar com esse inesperado problema, havia acabado de dar princípio ao Grau Iniciático na famosa Ordem DeMolay, fundada pelo expedicionário de Cruzadas e nobre francês Jacques DeMolay, o último Grão-Mestre da Ordem dos Templários. Tal ordem, era baseada rigorosamente nos princípios de Pureza, Patriotismo, Cortesia, Companheirismo, Fidelidade, Amor Filial e Reverência pela Sacralidade das coisas. Enfim, ele e os outros dois estudantes retro citados, eram os mais esforçados e disciplinados da turma. Estavam *sempre* disputando as melhores médias, em quaisquer das disciplinas. Sentavam nas primeiras fileiras e não admitiam, em seus históricos, nem uma sequer nota abaixo de oito.

De tão envolvidos e sabedores de suas vocações pessoais, muito mesmo antes de se formarem, sonhavam logo em ingressar na residência. Um, em Cardiologia; o segundo, Obstetrícia e o outro, em Neurologia. A disputa entre eles, *pertinente dizer*, era muito saudável.

Era como uma aposta para testar seus limites, de quem sabia mais, de quem era o melhor e de quem se fazia maior. "Mais", "melhor" e "maior" eram os únicos adjetivos que norteavam a vida daqueles três jovens, palavras, sem dúvidas, mais exercitadas em seus vocabulários. Uma possível *reprovação* ou pontuação vermelha, seria - para eles -, um atestado irrefutável para o fracasso. Mais que isso, era motivo legítimo e necessário de suspeição de permanência ou não no grupo ao qual estavam inseridos, o dos "melhores".

Antes mesmo de iniciarem o curso, toda a turma, havia sido alertada de que encontrariam pela frente, o temível mestre; que se distinguia dos demais, pelo seu estilo muito exigente, no seu modo de ensinar, na aplicação e na intransigência na correção das provas.

Uns ficavam, por demais apreensivos, outros achavam que era exagero, um trote fora de época só para alarmar os mais fracos. Porém, com o passar do tempo, percebiam que a coisa era séria, muito séria mesmo. A inquietação era tanta que até mesmo, somente sua *presença* no recinto, causava monumental preocupação entre o alunado.

Era comum ver ele andando, de modo apoquentado, pelo corredor *sempre* de bata e com uma pasta de couro nobre numa das

mãos a tira colo, impingindo enorme temor por entre os estudantes. Seu semblante, na maioria das vezes, ilustrava um rosto carrancudo, o que denotava um possível indício de ser ele, um sujeito detentor de um coração petrificado; afastando desse modo, toda e qualquer mínima ideia, de que pudesse haver ali, ao menos, uma fagulha, ainda que parca, de bondade de cristã, humanitária ou altruísta.

Andava sempre com ar intolerante e com nariz empinado como se fosse o sabedor de todo o conhecimento do mundo, além também, de parecer ter vivido praticamente todas as eras e conhecido os mais admiráveis dos homens. Sua petulância denotava que, somente ele no mundo, fora o "Messias" escolhido por ter tomado suas lições escolares diretamente com Deus. Vivia em plano paralelo, sua autoestima exagerada e autoconfiança o faziam sentir acima, para além do bem e do mal.

Contudo, apesar do flagrante aspecto burguês, tendencioso a práticas conservadoras, tradicionais e de direita, é bom que se diga, que em se tratando de consciência social, nesse sentido, não havia do que *reclamar* quanto ao senhor em comento.

Era um dos primeiros a disponibilizar todo seu conhecimento e estrutura de seu hospital para atender pessoas carentes, nos mais diversos mutirões populares organizados, seja pelo Estado ou pelas instituições religiosas.

Muito dessa consciência, nasceu por conta da influência de sua avó, uma senhora analfabeta e sertaneja muito sofrida, nascida em terras longínquas áridas e bastante castigada pela sequidão das estiagens. Quando mais moça, chegou a ser estuprada por pelotões do governo, que foram destacados para combater o *banditismo* que imperavam tomavam vários municípios do interior com barbárie e violência de onde ela morava.

Quando se recordava do triste ocorrido, contado aos prantos pela avó, um filete de comiseração tomava seu íntimo e emoções. Enfim, ajudando essas pessoas, é como se ele se redimisse um pouco das possíveis injustiças cometidas em face de um dos ramos de sua ascendência, bem como também, de gozar da possibilidade de reparar uma injustiça, em face de um ou outro aluno, prejudicado por uma *decisão* sua mais extremada.

Finalmente, o "carrasco" a quem todos costumavam se referir, era nada mais nada menos que o famoso Dr. Moisés Abrantes. Com um perfil profissional inalcançável, possuía várias

residências, além de mestrado, doutorado e pós-doutorado no exterior.

No meio profissional, era considerado uma sumidade, um homem a ser batido. Era amado por poucos; invejado e odiado por muitos. Seu sucesso, ofuscava qualquer pretendente a grande homem. Era muito rigoroso, não só como médico, mas como esposo, pai, amigo e patrão. Afinal de contas, teve de se sacrificar muito para alcançar esse nível.

Fez, faz e morrerá fazendo o que ninguém jamais ousou fazer. Só ele sabe o que teve de passar para conquistar seu atual patamar. Saiu de baixo e não houve ninguém que lhe oferecesse uma mão amiga ou uma ajuda na velha fase das "vacas magras".

Conferencista internacional, palestrou em diversas Universidades tradicionais da Noruega, Finlândia, China, Alemanha. Seu nome estava constantemente *estampado* em jornais e revistas mundo afora.

Tinha artigos publicados nas periódicos especializados em várias línguas, sendo recorde de citações em trabalhos científicos das mais diversas áreas do conhecimento e profissionais.

Sua produção bibliográfica era insuperável, sendo inúmeras de suas obras, traduzidas em vários idiomas, dentre ele o inglês, espanhol, francês e alemão. Era como um cordeiro sacrificado ao "deus" Sucesso. Sua vida tinha como base - a ação.

Nem sequer, em toda sua história, havia se dado ao luxo para deleitar segundos de ócio, preguiça, melancolia ou depressão. Não se deslumbrava com o que ganhava, pelo contrário, tudo era revertido em investimento, notadamente na sua formação, cursos, livros e especializações no exterior.

Já que seu Estado mãe era insuficiente para formar profissionais de extrema excelência, ele não se conformava, recorrendo ao exterior para lapidar ainda mais seu cérebro, seja onde for. Não havia fronteiras, para o Dr. Abrantes em declarar seu amor ao conhecimento.

Além de todo esse currículo, acumulava a função de diretor de um importante Hospital de Oncologia, referência em toda região, equipado com modernos aparelhamentos importados do exterior, contando inclusive com a melhor equipe médica da região onde atuava. Caso, não achasse profissionais competentes em sua terra, importava-os, *sobretudo* de Cuba, cujo reconhecimento

recebeu até de Fidel Castro, através de menção honrosa, expedida a punho pelo líder comunista. Aliás, é bom que se diga, que ele era sócio majoritário do empreendimento precedentemente citado; tendo 99% do capital em seu nome; sendo que sua esposa, o outro 1%.

Além da carreira empresarial e da dedicação no salvamento de vidas; a docência, era a sua segunda maior paixão. Costumava angariar respeito entre todos os professores, inclusive sobre aos mais diversos reitores a quem esteve subordinado.

Eles reconheciam que só havia um único mestre nas universidades que comandavam - o Dr. Abrantes. Sua fama ecoava longe, era cotado para entrevistas na televisão, palestras e esclarecimento de dúvidas de toda ordem.

Colaborava no jornal uma coluna semanal "Saúde em dia com o Dr. Abrantes", na qual tratava de temas da saúde em geral, bem como também, na *exposição* com dicas de qualidade de vida para toda população. Além de tudo, era um profundo conhecedor do Sistema de Saúde como um todo; tendo noções desde a liberação de recursos federais ao atendimento do paciente num posto de saúde distante.

E isso não é tudo, foi presidente do conselho profissional de sua classe por vários biênios. Em sua gestão, instaurou sindicâncias e processos administrativos, cassando o registro de médicos mais do que qualquer outro estado da federação. Essa prática sistêmica acabou fazendo com que granjeasse alguns desafetos, é verdade.

Por outro lado, acumulava capital social para se eleger a qualquer cargo político em seu estado. Arauto da ética, tudo para ele deveria ser feito no "preto no branco". Por isso, não morria de amores pela política. Havia *rejeitado* convites para ser secretário de saúde tanto da cidade como do estado.

Nutria irremovível ojeriza ao tal "jeitinho brasileiro", as camaradagens e o fisiologismo social do *toma lá dá cá*. Militante contumaz da moralização do país nos moldes suíços e noruegueses; acredita serem esses, a raiz de todos os males, o verdadeiro cancro que estagnava o desenvolvimento do país.

Para ele, o fato do povo não ser totalmente educado, isso acabava fazendo, com que a população alimentasse a falsa ideia, de que tenha de se valer de relações espúrias para alcançarem seus

intentos. Afinal o mundo sempre esteve nas mãos dos espertos, não é verdade? O homem, na sua particular compreensão, deveria ser julgado segundo sua competência, além também, de ter de ocupar espaços públicos ou de comando, *sobretudo*, por seus méritos pessoais e não por mera camaradagem.

Chega, então, o esperado momento. Era o dia da entrega da primeira nota. Toda a turma havia chegado mais cedo, pois não queriam ficar de fora do importante acontecimento. Seus rostos transluziam terror e sofrimento. Detentor de uma empáfia que lhe era peculiar, frieza estarrecedora e com ar soturno, o professor Abrantes chega a sala.

Com ar de mistério e com cara de poucos amigos - como se isso fosse incomum -, retira *lentamente* seu jaleco e o põe no encosto da cadeira. Alguns nutriam a vã esperança, de que ao menos, ele pudesse comentar algo a respeito da prova. Mas, nada feito. Pedro, Rafael e Mateus, logicamente, assim como toda turma, se encontravam bastante apreensivos.

É quando Pedro - sem ninguém esperar -, enseja um gracejo despretensioso: *"Tomara que a correção não tenha sido tão difícil quanto a complexidade dela",* diz ele, se reportando ao intocável professor. Como revide, Abrantes abrevia sua resposta com um sorriso bem sarcástico: "He, He..." Aproveitando a deixa dada pelo aluno, o professor acrescenta: *"Bom meus caros e caras, estou com as provas corrigidas aqui. Entregarei de acordo com a chamada. Não esqueçam de assinar a lista, confirmando de que todos receberam as provas. Não comentarei, nem aceitarei divergência quanto da correção da mesma. Por precaução, tenho cópias de todas, caso alguém tente entrar com recurso. E querem saber mais? Vocês imaginam quantos recursos perdi em toda minha carreira no magistério? Zero",* diz ele, enquanto retira o calhamaço de exames de dentro de um surrado envelope pardo, pondo-o por sobre a mesa.

E assim, foi dado início a distribuição das notas. Um por um foi sendo chamado. Não raro ver, nesse momento, os rostos dos alunos serem tomados com expressões de sobrancelhas levantadas, pestanas inferiores tensas e lábios *ligeiramente* esticados em direção as orelhas. Isso tudo não era para menos, o clima era de extrema tensão; fúnebre, porque não dizer. Cada aluno que recebia seu respectivo exame, logo lançavam seus olhares para o topo da prova, mais precisamente, ao lado do cabeçalho (onde ficava a nota). Após isso, desviavam os mesmos, mirando

agora suas visões, em direção ao irredutível professor, para turma ou para o vazio, com cara de desânimo e frustração. Quanto aos mais emotivos, as lágrimas escorriam pela face. Já outros, cruzavam os braços, baixavam a cabeça e faziam "beicinho", como se estivessem sido injustamente aviltados.

Primeira prova entregue. Quase nenhum estudante, havia conseguido pontuação suficiente para ir para a segunda etapa com certa folga. O clima na sala ficou em pavoroso. A maioria havia tirado notas abaixo de 4,0; 3,0, de forma decrescente, além de muitos outros zeros. Contudo, em relação ao nosso trio, de forma heroica, até que não tinham se saído muito mal.

Pedro conseguiu uma nota de 6,6; Mateus 6,2 e Rafael, acabou amargando uma nota pouco pior, um 5,5. Apesar de recuperáveis, o maior problema não residia na pontuação baixa em si, mas sobretudo, no devastador impacto emocional, ocasionado de maneira genérica, sem falar que os assuntos eram cumulativos.

Esse momento, definitivamente, se notabilizou como uma tragédia anunciada. Aquilo que eles mais temiam que acontecesse em suas vidas ocorreu. Estavam, oficialmente, com seus históricos escolares manchados com a tal nota vermelha.

Somente uma aluna havia tirado um 8,0; além de outros dois alunos, que conseguiram lograr êxito na prova, haja vista estarem cursando somente essa disciplina, com vistas a colar grau, ainda no mesmo semestre. Porém, em meio a todo esse quadro, a situação mais delicada era a de Rafael. O mesmo passou a adotar um comportamento estranho, ficando calado na maioria do tempo, demorava a entrar nas salas, se isolava na biblioteca e se tornava cada vez mais pensativo, além do habitual.

O tempo passa, poucos alunos haviam digerido o primeiro susto. Mas, paciência, a vida tinha de continuar. Nada melhor que um dia após o outro, até que venha o fim de todos eles. Vieram outras aulas, seminários, festinhas, etc., até que, se aproximou o inadiável dia de aplicação da segunda prova.

A tensão era maior ainda. O número de alunos havia diminuído drasticamente, entretanto, os três se sustentavam ali, firmes como uma rocha. Dessa vez, mais uma surpresa inesperada e indigesta. As provas seriam realizadas no auditório da universidade. Isso mesmo. O motivo para isso, claro, tinha relação direta com o desempenho catastrófico da turma quanto da primeira

prova.

O rigor na feitura do segundo exame deveria ser bem maior, haja vista muitos estarem sob pressão para melhorarem quanto da primeira avaliação; sendo que para isso, eles poderiam se utilizar de meios nada convencionais para lograr esse intento. Ah, e ela seria realizada numa manhã de sábado, ainda bem cedo, não importando se algum aluno religioso guardasse ele, ou o tivesse como sagrado. *"O Estado é laico!",* dizia o professor.

Depois de feita, ou melhor, terem tentado responder essa segunda prova, como de costume, o trio de amigos, agora tratam de marcar a reunião bem ali mesmo; em uma mesa circular, em meio a cadeiras vazias da praça de alimentação da universidade.

— E aí Dr. Pedro você já decidiu o que vamos fazer? - indaga Mateus com ar sarcástico. - Vocês viram como esse cara é um estúpido? Essa prova estava mil vezes *pior* do que a primeira. Não sei vocês, mas tenho quase certeza que não recuperarei minha primeira nota. O círculo de fogo está se fechando, os últimos grãos de areia da ampulheta estão se esvaindo meus caros. Eu tenho é vontade de acabar com esse cara, matar ele - comenta Mateus com os olhos brilhantes, lábios cerrados e sobrancelhas franzidas, enquanto dirige pergunta a Pedro como se quisesse provocá-lo, aparentemente, o mais equilibrado emocionalmente do grupo.

— Bem, caro Mateus, diante do exposto, só vejo uma saída perante esse túnel nebuloso. A única forma de tentar barrar nossa queda nesse precipício é falar com ele meus amigos. Teremos de falar com ele de qualquer jeito - diz Pedro de forma segura e convincente.

— Mas como? Você sabe que ele não se mistura com aluno. Ele mal olha e dirige a palavra a gente, ainda assim, nos trata com desdém e desprezo como se fôssemos seres inferiores, uma casta subalterna e desprezível. Não precisamos provar nada a ninguém Pedro. Ele precisa é rever seus próprios conceitos. E pra quê conversa? Acho difícil, aquele filisteu mudar de opinião - retruca Mateus.

— É, mas temos que ao menos tentar. Não mate a ideia ainda no seu nascedouro. Agora precisamos é de muita motivação para dá logo um jeito nisso tudo. Isso não pode ficar assim. Não estão vendo que precisamos mudar de tática. Estava pensado de irmos na casa dele. Fazer uma visita de cortesia, quem sabe - treplica Pedro.

— Você é muito brincalhão Pedro. Faça-me o favor. Hum... se bem que ele é uma figura pública e em tese, teria de nos atender, os seus "súditos" não é verdade? - diz Mateus em tom sarcástico.

Rafael observa a conversa e nada fala. Nesses últimos dias, o que não era para menos, estava lúgubre, além do habitual. Toda essa situação havia lhe tirado o sono e alterado todas as suas funções biológicas, emocionais, psicológicas e até hormonais.

A segunda prova parecia ter consumido toda sua energia, minado a já sua pouca autoestima e suprimido sua vontade de viver. Demasiadamente *preocupado* com as consequências desses exames, Rafael parecia ter mergulhado num labirinto de Fauno, sem saída. Um turbilhão de pensamentos assombrava sua mente, já tão ocupada com os afazeres acadêmicos, sociais e familiares. Negava comida e relaxava um pouco no seu asseio.

Toda aquela situação, favoreceu para desencadear a abertura de uma janela do pessimismo e da melancolia naquele pobre rapaz. A ideia do fracasso parecia ter tornado a sua sombra. Apesar de todos estarem sofrendo a mesma desdita, pensava ele ser o maior injustiçado e até culpado por todo esse *entrevero*. Sempre achava que poderia ter estudado mais. Em certos momentos, chegava a cogitar que era o verdadeiro culpado pela fome na África, causador das ocorrências de guerras do Oriente Médio e da violência desenfreada na América Latina. Dos três, realmente, era o que tinha sentido mais a canetada impiedosa do tal professor.

A cada dia mais, se pegava pensando de como sua família, principalmente sua mãe, pudessem pôr em xeque seu caráter, honra e competência. No pico da dúvida, chegou a pensar se deveria continuar ou não na profissão ou se já seria melhor procurar outra.

Enfim, de tão entretidos, em buscar uma pronta resposta para o problema que se agigantava - à revelia da situação delicada do amigo -, Pedro e Mateus, prosseguem na conversa.

— Bom Pedro a batata está contigo e está queimando cada vez mais rápido. A partir de hoje, lavo minhas mãos. Faça o que você quiser. Se precisar de mim é só falar - profere Mateus.

— Quero que vocês entendam, que além de médicos temos de ser diplomatas. Aprendam isso meus amigos, diplomatas! É uma lição para a vida isso que estamos passando - acrescenta Pedro.

— Tá bom, próximo ano vou me formar no Itamaraty também - fala Mateus sorrindo ironicamente. - Diga logo o que vamos fazer homem!...

— Vejam bem, estava pensando em irmos na casa dele levando um bom vinho - Mateus e Rafael olham para Pedro com ar pasmo. - Deixem-me me explica melhor: quando papai era secretário de municipal saúde, foi ele um dos que mais ajudou a viabilizar toda a parte burocrática para a liberação da construção e funcionamento do hospital dele, sua verdadeira mina de ouro. Nessa época, meu pai e ele se conheceram e a partir ali firmaram grande amizade, diga-se de passagem. Aliás, eles pertencem a mesma loja, e hoje possuem hierarquias próximas na irmandade. Ele, o Venerável Mestre, foi Padrinho do meu pai no ingresso da instituição. Ainda hoje meu pai se lembra que ainda vendado e muito nervoso, quando o Dr. Abrantes colocou sua mão pesada no ombro dele e disse: *"Sou o vosso guia. Tende confiança em mim e nada receeis"*. Desde aquela época também, papai nutri a inveterada mania de distribuir vinhos importados como presente para diversos amigos, *principalmente* nas datas festivas de seus aniversários. Eu poderia muito bem falar que o Dr. Abrantes, está aniversariando, para que ele tome a iniciativa e compre um vinho especial para o nosso querido professor. Quando papai estiver convencido disso e compre a tal bebida, eu me prontifico para que ela chegue as mãos do receptor, compreendem? Podemos usar esse mote como desculpa para chegar até ele, e assim, escavaremos esse impenetrável bloqueio. Quando tiver tudo marcado para irmos na casa dele, aviso a vocês para todos estarmos lá juntos. Já que você Mateus disse que ele não nos vê como alunos, nos verá então como alguém próximo do círculo de amizades dele ok? O que vocês acham? Combinado? Mateus?

— Bom, a ideia me parece pertinente; e afinal, não temos nada a perder. Se você conseguir marcar com ele me avisa que vou - responde ele.

— Rafael?

— Tudo bem... – consente ele, movendo a cabeça para cima e para baixo, sem muita empolgação e com uma vontade tremenda de ir para casa.

— Tá bom então, combinado! Quando tiver tudo preparado, aviso vocês com antecedência, para a gente se encontrar já na porta

da casa dele, ok? - arremata Pedro com as esperanças revigoradas de que *aquilo* tudo desse certo.

Depois dessa conversa, Pedro parecia estar com as energias recuperadas, contente por não desistir e principalmente, por ter encontrado uma boa solução diante das dificuldades, que ora se apresentavam. Já Mateus, se mostrava indiferente e até ansioso para que tudo aquilo logo acabasse, seja para o bem ou para o mal. Rafael, apesar da pouca esperança, cada vez mais se retraía, *diante* das coisas, que pareciam ainda mais, fugir de seu controle.

Dias depois Pedro trata de dá início a sua parte no combinado. Conversa com seu pai, convencendo o mesmo a enviar um bom vinho importado, para o velho amigo de *outrora* de tão douta envergadura intelectual.

Quando o pai soube pra quem seria destinado o vinho, não objetou, e de pronto, tratou logo de encomendar a tal bebida, numa sofisticada Delicatesse da cidade. A bebida escolhida fora o *Château Petrus*, o famoso "grande vinho tinto do Pomerol".

Era uma bebida singular, uma unanimidade de qualidade entre os enólogos e degustadores. Apesar de ainda ser predominantemente muito consumido entre seus produtores, eles os franceses, atendendo assim, a demanda doméstica; o vinho era também exportado para consumo comercial em países como a Bélgica, Alemanha, Hong Kong, etc.

A garrafa ainda viria a ser acompanhada por uma peça de saca rolhas em metal que permitia a extração automática das rolhas, sejam elas naturais ou sintéticas; além de uma taça de rara beleza, com espessura e borda do cálice lapidada para que o vinho escorra nas laterais da língua, proporcionavam assim, uma singular sensação amena, potencializando a aromaticidade da bebida.

Além disso, havia também um cartão que levava sua assinatura, escrita, claro, com caneta *Mont Blanc*; felicitando o referido professor com votos de congratulações caligrafada caprichosamente pelo ilustre senhor Josué Aragão, pai de Pedro.

Agora sim, tudo estava pronto! Vinho devidamente adquirido, chegava o dia agora somente de fazê-lo chegar ao seu pretenso dono, realmente o momento mais delicado da "missão". Pedro trata de ligar para que os amigos *compareçam* à frente da residência do temido mestre.

Os dois, cada um em sua casa, se prontificam logo para se

dirigir ao referido local de entrega, sem demora. Era um sábado ensolarado. Pedro é o primeiro a chegar e depois de alguns minutos, chegam os outros dois.

Então, devidamente à frente da luxuosa mansão, o trio respira fundo, tratando de tocarem a campainha. Tocam uma, duas, três vezes até que depois de 6 minutos de espera, a porta da residência é aberta, e eis que surge "o mito": o Dr. Moisés Abrantes, que ao ver os três estranhos, de maneira bem seca, logo pergunta:

— Pois não, quem são vocês? – disse ele, com o semblante sobressalto e franzindo os sobrolhos.

— Olá do...doutor es...estamos aqui em nome do senhor Josué Aragão, meu pai. Viemos deixar esse vinho de presente, oferecido por papai, *especialmente* para o senhor. Me chamo Pedro - diz ele com voz pausada, pouco trêmulo e estendendo a mão para cumprimentá-lo.

E então, ao se cumprimentarem, Moisés e Pedro apertam as mãos com o indicador, ressaltado sobre os dedos restantes, e pressionando levemente o pulso um do outro mutualmente. Feito isso, depois se abraçam, pondo um dos braços por cima e outro por debaixo, em forma cruzada de "x"; batendo cada um, três vezes nas costas do outro de forma recíproca.

— Olha só, então você é Pedro, filho de Aragão? – diz o anfitrião retribuindo o peculiar aperto de mão e olhando bem fundo aos olhos dele, como se a partir dali, aquele moço tivesse algum valor, unicamente por ser filho de um sujeito a quem ele, de certa forma, devia gratidão.

— Sim, sou eu mesmo. Além disso, sou seu aluno na universidade, devo dizer.

— Ah, é mesmo? Estou vendo, és tão feio como o pai. Há, Há, Há... Mas ele é um grande homem, admito. Fique sabendo que eu o admiro muito - fala Dr. Moisés esboçando um grotesco gracejo.

— A recíproca dele pelo senhor é verdadeira, não tenho dúvidas.

— E esses dois aí? - diz o Dr. Moisés com nariz encrespado e lábio superior levantado, dirigindo igualmente, seu metediço olhar de cima a baixo em direção aos dois acompanhantes.

— Ah, deixe-me apresentar. Esses são meus amigos Rafael e Mateus. Eles são seus alunos também.

Mateus tenta apertar a mão do professor, mas de pronto, é ignorado.

— Alunos é? Ah tá. É, seus rostos não me são estranhos. Enfim, e cadê a *porra* do vinho?

— Está aqui – diz Pedro entregando a garrafa.

— Hum... um autêntico *Bordeaux*, um *Petrus* mais um saca rolhas de metal *Le Creuset black* níquel e uma taça de cristal *Strauss Sauternes Imperattore*. Este vinho definitivamente é um dos melhores que já consumi em toda minha vida – diz ele, enquanto baixa bem os óculos e com os olhos por cima dele, ler o rótulo, prosseguindo sua exposição - vocês sabiam que esse vinho é cultivado numa região que tem um solo com a idade geológica de mais de quarenta milhões de anos, conhecido como de argila azul? E mais, que era essa uma das bebidas preferidas da família Kennedy? Enfim, curiosidades a parte, fico *deveras* agradecido pela lembrança. Vou colocá-lo em um local especial na minha adega da casa de campo. Seu pai é uma figura mesmo, ainda com essa inveterada mania ora, vejam só. Diga que agradeço o mimo...

— Tem um cartão também – interrompe Pedro, empolgado em ter finalmente conseguido quebrar a divisória que segregava alunos de professor.

— Hum, vejamos – diz o professor, enquanto abre o referido cartão para ler.

Ao terminar de consultar o referido cartão, Dr. Moisés Abrantes retruca:

— Mas espera aí. O cartão me felicita por mais um aniversário. Ao que me consta não estou fazendo aniversário nenhum. Querem me deixar mais velho? - diz ele cruzando os braços e de maneira bem séria se dirigindo aos desengonçados jovens.

Nessa hora Pedro se desespera com o lapso crasso. *"Essa não, estamos fudidos",* pensava Mateus. Rafael, nada diz, mas leva as duas mãos na cabeça em sinal de desespero e abre a boca em formato de "O".

— Ah que burrice a minha! Sinceras desculpas professor. Permita-me explicar: na hora que fui pegar o cartão para o meu pai assinar acabei pegando o errado. Como ele e eu estávamos apressados, acabamos não reparando no deslize. Mil perdões

professor, mil perdões – desconversa Pedro pondo a mão na boca, logo depois tirando-a, tocando levemente seu nariz.

Dito isso, o Dr. Moisés intervém:

— Ok tudo certo, isso não tem importância. Vinho entregue então, obrigado e passar bem - disse ele virando as costas e com ânimo de fechar o portão rapidamente.

Porém, Pedro ao ver o professor viabilizando o fechamento da porta, num súbito reflexo involuntário, põe a mão por sobre ela, impedindo, desse modo, que ele fechasse a mesma por completo, dizendo:

— A propósito professor me permita. Já que estamos aqui, que tal se a gente pudesse entrar e conversar com o senhor a respeito do futuro da medicina, do curso, da disciplina, da prova...

— Prova? Não se fala sobre prova, prova se faz - retruca de maneira incisiva o professor, com o rosto perplexo, olhos e pálpebras semiabertos mais a boca aberta em forma de elipse, denotando assim, certa irredutibilidade, diante da proposta e do ato imprevisto do aluno.

— Sabemos disso digníssimo professor, mas o que custa somente nós tecermos algumas considerações sobre esses assuntos. Se quiser, não falaremos sobre a prova então. Queríamos abstrair mais um pouco da sua experiência. Sabemos da sua imprescindível contribuição para a medicina. Ademais, o nosso Centro Acadêmico está pensando em propor que nosso novo auditório leve, em sua fachada, o seu nome: "Auditório Dr. Moisés Abrantes", contando logicamente com uma placa mais um busto de bronze seu. No dia da inauguração, organizaremos *ainda* uma solenidade de descerramento juntamente com o lançamento de um de seus últimos livros, com direito a coquetel com boas bebidas e finas iguarias, claro. Faremos ampla divulgação do evento na mídia, contando com a presença, óbvio, das mais diversas autoridades. Prometemos que não vamos tomar muito o seu tempo, vai ser rápido. É só uma palavra.

Por um momento, Dr. Moisés Abrantes fica surpreso e paralisado diante da inesperada nova informação. Aquela possibilidade de homenagem parecia ter soado aos seus ouvidos como o som da valsa "Às margens do belo Danúbio Azul" de Johann Strauss II, entoada pela competente Orquestra Real do Concertgebouw, de Amsterdã. Realmente não esperava aquele

tributo, justamente partindo de seus alunos, aqueles dos quais ele julgava ser mais odiado. O que realmente o Dr. Abrantes mais parecia querer àquela altura da vida, mais do que reconhecimento e prestígio, era a glória, queria sua testa coroada com a glória, nada mais que isso.

Porém, quando Pedro terminou de pronunciar suas palavras, o irascível professor, estranhamente, muda de semblante. O rosto empalidece, as pernas ficam trêmulas, sente o olhar turvo e uma tontura que parecia levá-lo ao desfalecimento em poucos segundos. Dr. Moisés, vendo que estava vulnerável do pleno gozo de suas faculdades de saúde, agarra-se ao vinho com força sobrenatural, como se quisesse lutar pela vida.

Pedro e os demais, vendo que o professor não passara bem, perguntam:

— O que foi professor, o senhor não está se sentido bem?

— A...acho que é só uma le...leve queda de pressão. Por favor, leve-me para dentro de casa - diz Abrantes aos pupilos sem se desgarrar do vinho.

Logo os três estudantes amparam, o agora, humilde professor, se dirigindo com ele, em direção ao interior da casa. Era um local luxuoso, confortável com três pavimentos.

Passam por três carros importados na garagem. Lindos cachorrinhos das raças *Poodle*, *Yorkshire Terrier* e *Shih Tzu* brincam por toda a casa, saltitando do jardim a cama dos donos, sem cerceamento de alvedrio.

Ao longe, próximo a uma quadra de tênis, uma piscina em formato ovular, com decks e bar molhado; mais a frente um enorme viveiro com gaiolas gigantes, com diversas aves exóticas como araras, flamingos, pavões, faisão dourado, ganso *Cereopsis*, marrecos, rouxinóis, canários belgas além de sua maior preciosidade, um magnífico cisne preto, da espécie *Cygnus atratus*.

Quando, finalmente, puseram o tal professor num confortável divã de veludo carmesim, Pedro faz a pergunta:

— Já está melhor professor?

Como resposta ouvem:

— Sim, sim absolutamente. Por favor, algum de vocês peguem um punhado de sal na cozinha, além do aparelho de medição de pressão.

Horas depois já se recompondo e tomando um remédio para pressão, o agora anfitrião da casa pergunta com tom, desafiador:

— Sabem o que foi isso, digo, o que se passou aqui agora comigo?

— Queda de pressão - responderam os três, de forma uníssona.

— Não meus filhinhos isso se chama trabalho, muito trabalho. - Por um momento os três alunos olham uns para os outros perfazendo caras atarantadas. – Sou um sujeito disciplinado - disse ele -, praticamente, sigo todas as recomendações de saúde, absolutamente todas. Todas as minhas taxas são reguladas de forma diuturna. Faço *check-ups* esporadicamente. Minha alimentação é regrada, com dieta japonesa e faço exercícios físicos quase que diariamente. Meu corpo é absolutamente perfeito, até que, ele encontra pela frente meu maior mau: o trabalho. Se fosse sedentário, *certamente* não teria nem chegado aos trinta, e isso não é um palpite! Mas qual de vocês ou qualquer outra criatura no mundo se dá ao luxo de não trabalhar? O trabalho tem sido meu remédio e meu veneno; minha cura e minha doença; meu deus e meu diabo... - diz ele de maneira lacônica e pensativa.

Desabafos a parte, enfim, agora com a ajuda do "acaso", os três acadêmicos estavam, finalmente, frente a frente com o destemido professor, desfrutando de sua intimidade, quase que de forma integral.

Nesse últimos dias, é bom que se diga, que Abrantes estava se sentido por demais, folgazão. Sua esposa, havia resolvido lhe dá uma "trégua", pois decidiu passar uma longa temporada em Paris, já pela sétima vez.

Seu hospital estava prestes abrir uma nova unidade na segunda maior cidade de seu estado. Próximo semestre ministraria aula magna na Universidade de Havard, nos Estados Unidos da América. Sua filha caçula estava prestes a se casar com um filho de senador. Estava, realmente, vivendo um momento de raro contentamento, muitíssimo feliz, por sinal.

Esses fatores, mais a inesperada notícia de que seria homenageado na universidade, nominando um auditório, parecem ter massageando seu ego mais ainda. Apesar do susto repentino, estava feliz, querendo retribuir aos quatro cantos do mundo, a sua alegria para que os mesmos sentissem a sua mesma felicidade.

Apesar de ter sua trajetória marcada pela integral seriedade, as coisas boas que havia construído ao longo de toda sua vida, o fazia vivenciar épocas de boas colheitas, ficando desse modo, com espírito mais leve, relaxado e bem humorado.

Então, é quando vendo que já havia melhorado, Moisés observando os alunos totalmente inertes ao ouvirem suas palavras de injeção de realidade, diz:

— Bom, meus discípulos já estou bem melhor, e agradeço pelo providencial socorro. A propósito, antes de vocês tocarem a campainha, eu estava indo em direção a cozinha, com vistas a degustar o meu mais novo xodó, que a tempos acalentava em apreciar novamente, mas que por questões de ordens diversas, não o pude fazê-lo – que é o de tomar meu peculiar chá. Vocês aceitam me acompanhar nessa degustação? - diz ele totalmente recuperado e de bom humor, ainda que mórbido.

— Mas é claro mestre, adoramos chá - consentia Pedro, enquanto se dirigem com o professor a cozinha.

— Sentem-se aí - dizia o professor. - Quando estive na China participando de uma conferência, acabei conhecendo a bebida mais deliciosa do mundo. Este lote de chá aqui, acabei de receber diretamente das montanhas no sudoeste da China, mais precisamente da região de *Chengdu*, da província de *Sichuan*. Não se tem notícias de que alguém aqui neste país tenha consumido ele. É o famoso "chá verde panda". Além de muito caro e raro, a burocracia da alfandegaria e da agência de saúde me fizeram adiar meu sonho de consumir novamente essa peculiar bebida, pois sua comercialização, não foi ainda regulamentada em nosso país. Tive de falar com diversos amigos meus da polícia federal e da receita para liberar a carga. Quando o agricultor chinês me apresentou, ele me recomendou, que esse chá era ainda melhor sem nenhum tipo de adicional ou açúcar. Então pronto, essa dica facilitou ainda mais meu irremediável desejo, pois há décadas consumo, muito controladamente, o glicosídeo. E o melhor, é que esse chá é produzido em uma região de mais ou menos 1,12 hectare, utilizando mais de 10 toneladas de um adubo com resíduos advindos do bambu, realmente um fertilizante riquíssimo em nutrientes e com propriedades medicinais irrefragáveis. Aliás, vocês bem sabem, que como como acadêmicos de medicina e incontestes profissionais da saúde, os grandes males da saúde da humanidade

se chama açúcar e sal, embora tenha precisado um pouco deste último agora, não é mesmo? - diz ele, enquanto põe o chá para esquentar, dispondo de xícaras e pires tanto para ele, bem como agora, para seus três estimados "convidados".

Quando terminou de esquentar e preparar a tal bebida, como num ritual oriental, põe o líquido numa chaleira de porcelana francesa, em cima da mesa e se senta. O cheiro era agradabilíssimo, pelo menos para o Dr. Moisés. Ele se deleitava ao aspirar aquele fino vapor, como os anjos que *respiram* as nuvens esparsas dos céus.

Entretanto, o aroma parecia somente agradar o professor, porque para os alunos tal odor, era por demais, enjoado. Os três alunos ficavam estrategicamente ali, esperando a hora certa de encetar alguma reação. Pedro fingia suportar tudo, serenamente. Mateus, de forma involuntária, faz careta franzindo o nariz. Rafael fazia tudo mecanicamente, imitando *igualmente* o que os amigos faziam.

Contudo, não queriam eles jamais, interferir no raro regozijo do professor. Ele, logicamente, é o primeiro a se servir, enchendo quase que sua xícara por completo. De tão divino, não necessitaria de acompanhamento. Qualquer biscoito ou petisco segundo sua concepção, só cortaria o efeito palatável da exótica bebida.

— Desde pequeno fui acostumado em consumir as coisas puras, - dizia o professor, devidamente sentado à frente dos alunos e mexendo lentamente seu chá, com uma pequena colherzinha em movimento circular. - Minha saudosa avó do interior, que Deus a tenha, sempre me acostumou a beber leite, suco, café, tudo sem adição de açúcar. Vejam só a sabedoria sertaneja. Para ela, tudo que fosse retirado na natureza deveria ser consumido *in natura*, sem adições nem preparo industrial. Desde esse tempo, graças a ela, passei a tomar quase tudo sem adição dessa doce substância, dentre eles, o chá, bebida que mais aprecio - diz ele agora bebericando um leve gole com um biquinho colado a borda da xícara - Hummm, magnífico, esplêndido, sublime, manjar dos deuses, gozo das ninfas... – disse ele, após tomar o líquido dominado por um *prazer* inenarrável.

Feito isso, o professor sinaliza aos seus acompanhantes.

— Pronto! Podem se servir agora – diz o dono da casa se referindo aos outros componentes da mesa.

Vendo a flagrante exultação do professor, recompondo a esperança de que apesar do cheiro não muito convidativo, seu sabor pudesse ser melhor, Pedro toma a frente, sendo o primeiro a preencher sua xícara; logo passando a chaleira de nobre porcelanato para Mateus, que *por conseguinte*, encheu a sua, repassando-a, por fim, ao Rafael que tratou de fazer o mesmo.

Feito isso, quase tudo estava a contento, faltava somente o açucareiro. Desse modo, todos perguntam para o professor onde se encontrava o tal vasilhame de açúcar.

O catedrático estufa os olhos perguntando com ar pasmo:

— Açúcar!? Vocês têm certeza que preferem tomar esse delicioso chá com açúcar? Estão certos disso? – profere ele, enquanto toma seu segundo gole.

— Sim professor é que essa geração, toma tudo com açúcar, o senhor bem sabe. Praticamente a glicose já faz parte de nosso DNA - responde Pedro rindo.

— Tudo bem então podem pegar o açucareiro bem ali naquela estante – disse ele apontando para o lugar onde se encontrava o referido objeto.

Foi quando, definidamente, em posse do açucareiro, Pedro pega o referido objeto, que se distinguia dos demais, por apresentar um formato peculiar, desse modo, muito diferente dos açucareiros tradicionais. A parte onde despejava o açúcar era feita através de um bico, um dosador e não com uma colherzinha na forma mais habitual.

Pois bem, Pedro ao tentar por açúcar na sua xícara, percebe que o mesmo não escorre facilmente da vasilha para seu recipiente. Desse modo, logo ele perfaz um movimento mais incisivo, para ver se a sacarose despenca em sua chávena, mas sem muito sucesso. Vendo, que talvez, não tivesse jeito lhe dá com o manuseio desse recipiente de açúcar, ele trata de passar o mesmo ao amigo Mateus. Este tenta fazer a mesma operação, mas em vão, pois também, acaba não conseguindo. *"Que diabos é isso!",* exclamava ele em seu íntimo.

Depois disso, ele põe a embalagem de cabeça para baixo, dando logo depois, três efusivas batidas no seu fundo, para ver se obtinha maior êxito no adoçamento de seu chá. Como última tentativa ainda arrisca abrir a *referida* bisnaga, entretanto, sem muito sucesso. Pouco encolerizado, Mateus passa a chaleira a Rafael, que

de igual modo, nada consegue despejar em sua xícara.

De tanto tempo que parecia ter ficado em desuso, aqueles pequeníssimos grãos de açúcar encravados naquele pote, pareciam terem ficados petrificados, impedindo desse modo, de saírem facilmente da fina ponta dosadora.

Enquanto isso, sem se dá conta da dificuldade dos alunos, o professor pergunta:

— E então Pedro o que achou do meu chá? Uma joia rara não?

— Ah, o chá? Uma delícia – diz ele tomando um senhor gole, mesmo sem açúcar, se esforçando para não mudar de semblante, denotando assim, uma suposta aversão ao mesmo. – Mateus também gostou muito não foi amigo? - diz Pedro fazendo sinal para que o mesmo tomasse logo o chá, com ou sem adição do bendito açúcar.

Verdadeiramente, era um chá muito amargo, sem gosto nenhum que justificasse sua raridade e valor demasiado. Não tomá-lo seria uma desfeita de grande monta ao mestre. Desse modo, Mateus bebe, mas não se contém, fazendo uma tremenda careta, ao mesmo em que pronuncia:

— Oh, que chá maravilhoso!

Ao ver o amigo tomando a azeda bebida, Rafael tenta fazer o mesmo, logo se engasgando com ela.

— Cof, cof, cof... – tosse copiosamente Rafael, ainda de que maneira contida.

Quando este se recompõem diz: *"maravilhoso muito bom o chá professor, realmente divino"*.

Dito isso, e todas as xícaras devidamente esvaziadas, Dr. Moisés Abrantes decide dá cabo fim a inesperada visita, dizendo:

— Bom meus caros, apreciei muito a vinda de vocês até a minha humilde casa. Gostaria de ficar mais tempo aqui com a vossas companhias, mas infelizmente, agora preciso terminar de preparar minha uma conferência que ministrarei nos Emirados Árabes, Dubai, próxima semana, toda ela em inglês, diga-se de passagem. Bom, o que eu tenho a dizer pra vocês, não é muito diferente daquilo que costumo dizer para todos, quando estamos em sala de aula. Por ventura, algum de vocês almeja em me superar? Pergunto isso, porque caso queiram, terão de trabalhar muito meus garotos, muito mesmo para ao menos chegar perto disso. Digo e

repito: poucas pessoas fizeram o que fiz, faz o que faço, e menos gente ainda jamais ousará fará o que farei! Já ouviram falar de sacrifício integral? Se vocês realmente querem ser médicos, se comportem como tal. Um médico é médico 24h por dia e 365 dias do ano. Se você ama mais a Deus, ao capital, aos pais, as suas esposas ou até mesmo as suas famílias mais do que a medicina, em verdade vos digo: *vocês nunca serão dignos dela*. Tudo isso que geralmente as pessoas dizem ser o sentido da vida delas, na verdade é tudo secundário para o médico, ouviram bem, secundário.

E disse mais:

— Se quiserem viver uma vida de feliz, de perfeição social abdiquem da medicina, ainda dá tempo de desistir da profissão - disse ele com sorriso bem mordaz. - Enfim, e quanto ao modo de proceder na elaboração e correção das minhas provas meus ilustres acadêmicos Pedro, Mateus e Rafael podem ficar sossegados, pois nesses últimos tempos, com a velhice se aproximando, percebi que tenho chegado ao meu limite. Por vezes, acredito que tenha sido radical demais em alguns de meus atos. Mas acho que a partir de agora será diferente. Não vejo porque motivo agir assim dessa maneira, afinal não aconselho a ninguém viver a vida que levo. Essa vida que escolhi ter somente eu construí estrutura emocional e física para suportar. Desse modo, não é justo querer impor meu peculiar modo de vida a ninguém. Cada um que crie sua própria ideologia e viva de acordo com o modo que lhes aprazem. Afinal, não existe ideologia que podemos dizer que seja a única, a verdadeira, a perfeita e a correta não é verdade? Podem ficar tranquilos, façam suas *respectivas* provas que dará tudo certo esse semestre, acreditem!

Quando terminou de falar, Moisés convida a todos em direção a porta de saída da casa. Caminham os quatro em direção a ela, sendo que o professor vai na frente, Pedro um pouco mais atrás deste e os outros dois, na retaguarda dos dois. Vendo o trio de estudante já estava devidamente pelo lado de fora, Moisés fala:

— A propósito, outra curiosidade sobre o chá que acabamos de tomar e que não contei: ele é todo fertilizado com fezes de pandas. Agora tchau a todos! Passar bem! - diz ele fechando a porta.

— Tchau! Argh! - respondem os três alunos fazendo expressão de nojo enquanto soltam uma sonora gargalhada.

Depois de algum tempo parados, olhando um para o outro e sorrindo, Pedro não se contém e comenta:

— Não disse meus amigos que nós iriamos dobrar esse cara! - disse ele com sorriso as ponta dos lábios levemente levantadas denotando assim sua felicidade.

— Cara que loucura! Nunca imaginei em ver esse sujeito manso como um cordeirinho. Devemos isso a ti Pedro! Você é demais - arremata Mateus agora mais aliviado.

— Que bom, então quer dizer que ainda há esperanças para nós? - pergunta o até então, sorumbático Rafael.

— Sim meu caro, há sim esperança para nós, pode se alegrar agora - responde Mateus.

— Já dizia meu saudoso bisavô: *"todo diabo tem seu dia de anjinho"*. O chá de merda de panda estava amargo, mas nossa vitória será doce como o mel. Depois de tanta consternação, tortura e sofrimento, esse momento merece uma senhora comemoração.

E saem os três em direção a um bordel, agora muito mais aliviados e com as esperanças devidamente renovadas a espera de dias melhores.

São Luís, 12 de abril de 2016

UM DISCURSO PARA A ONU

Senhor Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas,
Senhor Secretário-Geral das Nações Unidas,
Senhores e Senhoras Chefes de Governo, de Estado e de Delegações,
Senhores e Senhoras,

O ODOR SULFÍDRICO QUE IMPREGNAM MEUS FOCINHOS, digo, narinas, aqui neste lugar, indica que o diabo esteve por aqui! - disse o próximo orador, assim que subiu ao púlpito, logo após ter discursado, o eminente chefe de estado americano. – *Antes de mais nada, é com muita satisfação, que me dirijo aos demais senhores e senhoras, desta importante instituição mundial, além dos milhões de ouvintes do mundo todo, que acompanham a transmissão dessa cerimônia pela televisão; com a intenção de expor o meu humilde agradecimento. E aqui o faço, sobretudo, pela oportunidade histórica, de ser facultada - ainda que muito insuficiente, deve-se ponderar -, um pouco de voz a minha humilde pessoa; que de certa forma, cumula hoje, a função de representar os anseios de todos aqueles outros seres, sejam eles da minha espécie ou não; sujeitos esses, como todos nós sabemos, sistematicamente esmagados pelas forças dominantes mundiais séculos e séculos a fio.*

Entretanto, graças a esse cordato gesto de extrema galhardia - e aqui aproveito para reiterar novamente minha singela saudação a todos e todas -, acabou sendo possível a presente chance de discursar, de um modo geral, a respeito da sôfrega, triste e injusta condição de vida por que vem passando os seres classificados na categoria biológica como seres "irracionais", a qual me faço incluso. Vejam bem, eu falei "IR-RA-CI-O-NA-IS". Farei isso, senhores e senhoras, logicamente somente a título de ilustração, pois não poderei eu, jamais ter o direito de traçar um paralelo ao que direi, sem deixar de mencionar alguns pormenores da conveniente, mas simples história, dessa que foi, a minha peculiar vida de jumento, devo dizer. Isso mesmo senhores, aqui quem vos fala é um Jumento, ou um "ex-Jumento", como muitos outros ainda insistem se referir quando tratam da minha pessoa. E aqui, aproveito para acrescentar outra relevante ressalva: permitam-me, a partir de agora, de grafar meu lindo nome, nos documentos oficiais, aos quais assinarei juntamente com os demais senhores e senhoras, com "J" maiúsculo, ou seja Jumento.

De todo modo, conforme observado, talvez ajam assim, digo oferecendo certa resistência aos modos de como devo ser tratado, unicamente por força do simples fato de ainda não terem tido a capacidade de se convencer de que - a partir deste momento ímpar e nesta corrente era -, terão de me aceitar como um deles, logo eu um reles animal da espécie mulus ou Equus asinus, como preferem ostentar, de forma vocabular, os acadêmicos e os cientistas. Ora, e isso não deve ser lá uma tarefa das mais fáceis, admito! Eles sempre tão lindos, belos, ricos, poderosos e felizes não é de se estranhar que se sintam incomodados, provocados e até aviltados, por terem agora, de dividir espaços historicamente ocupados por eles - ainda que muito simbolicamente -, com uma espécie predominantemente categorizada pela esmagadora maioria, como de feição nada atrativa; frente aos olhos demasiadamente sedentos e sempre apreciadores de belas paisagens, de coisas fartamente dotadas de rara estética e de quaisquer outros seres, donos de peculiar beleza; tal como aquelas somente vistas em esculturas e afrescos talhados pelos gregos-romanos. Ou seja, como pode um ser de forma tão desconjuntada, corpulenta, couro áspero, cheiro forte, com proporções nada simétricas, voz descompassada, sem muitas proficuidades individuais e desprovido de qualquer função social relevante; angariar simpatia e aceitação por parte dos demais citados? Isso sem falar do meu peculiar zurro: Him, Hom, Him, Hom, Him, Hom, Him, Hoooom... - repete ele, seu rincho em alto e bom som, reverberando nos átrios e naves de todo o ambiente. Os presentes, como reação, se fazem inertes e apalermados esbugalhando os seus olhos cada um ao seu modo, enquanto miram uns para os outros.

Porém, minhas senhoras e meus senhores, permitam-me encetar outra relevante ressalta pela qual não poderei me eximir de ponderar. Pelo fato de estar excepcionalmente hoje aqui, cumprimentando a todos e todas (pessoas notadamente inseridas de forma vitalícia na elite econômica, política e intelectual mundial), com este meu belo, largo e peculiar sorriso, de estar verbalizando na língua vernácula na qual o mundo é obrigado a falar goela abaixo - o inglês -, e de estar paramentado com essa fantasia - digo, esse desconfortável e ridículo terno, mas que por ilustrar na sua etiqueta, uma marca de grife, acaba arregimentando para si um certo valor social -, não quer dizer, de forma alguma, que tenha esquecido das minhas raízes e da minha reles condição animal; qualidade essa, que não é somente minha, deve-se pontuar, mas, também, de todos os presentes aqui neste nobre recinto, ainda que muitos de vocês se esforcem ridiculamente, inutilmente e em vão rechaçar, resistir ou se apartar - disse ele se referindo e apontando para todos do plenário humano. - *Isso mesmo vocês são iguais a mim e a todos os outros da minha espécie ou não. As nossas diferenças são mínimas, quase irrelevantes. Senão vejamos, na minha*

humilde opinião, vossas senhorias carregam nas faces o mesmo sorriso sarcástico de uma hiena, no corpo exalam o mesmo cheiro pútrido de um gambá esbofeteado, preservam os maledicentes hábitos higiênicos como o dos porcos, são tão travessos e traquinas como os macacos, seus ruídos ou aquilo que vocês costumam chamar de voz dissonante como a de uma cigarra, infiéis e promíscuos como os cães, impiedosos como um tubarão branco, traiçoeiros como um escorpião, assombrosos como os primatas Aye-ayes da ilha de Madagascar, ajuntam em suas glândulas salivares veneno tão letais, deletérios e peçonhentos como a de uma jararaca, enfim. Predicados nossos iguais ao de vocês são o que não faltam e por esse motivo, pululam em meus lábios com demasiada facilidade e em grande monta. Entretanto, o único pormenor que os diferem da gente, é que vocês maquiam tudo isso, ou melhor dizendo, tentam maquiar; pois como sabemos, que todo esse inútil esforço despendido se torna em vão, na medida em que as relações construídas por vós mesmos, são fincadas em bases inermes, além de coladas por amálgamas muitíssimos frágeis, pois sempre há uma contrapartida em jogo; inúmeras condições e interesses mútuos, espúrios, satânicos e nada ortodoxos, dos mais variados e absurdos gêneros tais como o poder, o dinheiro, o sexo, a eliminação do próximo, entre outros. Neste respeito e com base em tudo isto, uma coisa tenho de ter a sensatez em admitir: nesse quesito em específico, vocês são mais do que mestres qual seja: na arte da camuflagem, da falsidade, da hipocrisia, da mentira e de todos os outros demais sinônimos que estes termos podem comportar.

Pois bem, diante do exposto, como conclusão a essa ideia em específico, só me resta verbalizar algumas poucas, mas singelas palavras. Parabéns a todos e todas! Nisto tudo tenho de reconhecer e concordar que vocês são absolutamente os melhores. Entretanto, nenhuma dessas - e aqui aproveito para me abster totalmente desse meu irremediável lado galhofeiro e satírico, do qual vocês já puderam amplamente perceber -, que nada disso citado anteriormente é demasiadamente relevante ou suficiente, para substituir aquilo que tenho como o princípio fundamental e que representa o verdadeiro valor da vida, que é somente o de amar incondicionalmente, assim como Jesus amou e mandou para que todos nós amássemos sem medidas, tanto a Ele, como aos outros seres, que respiram e que têm os pés sobrepostos por sobre a crosta terrestre.

Essas condições retro citadas, se dissolvem e vem à tona muito velozmente, logo na primeira prova de caráter imposta pelas circunstâncias, que elas mesmo têm o condão de provocar; bastando um simples sopro de realidade para toda essa aleivosia vir abaixo como o desmoronamento de um paço medieval em ruínas. E é aí que, quando as máscaras caem e vocês, em milésimos de segundos, veem que não passam de um ser ínfimo, que suas virtudes eram

seus defeitos e seus defeitos, dantes rechaçados, eram suas verdadeiras virtudes, tais como a mansidão, a benignidade, a cortesia e a bondade ao próximo. Não por acaso - depois que as colunas delgadas de todo esse Castelo de Falsidade e Terror se dissolvem como areia -, vocês se sintam as piores criaturas abortadas por este planeta; correndo agora, de forma desesperadora e humilhante, com vistas a abarrotar os templos religiosos e os consultórios psicológicos ou quem sabe, se entorpecendo com bebidas, cigarros, drogas ou diversos escapes prazerosos de outras sortes, dentre os quais cito o sexo descompromissado e suas variantes como a perversão, a lascívia, a infidelidade e o sadomasoquismo. Já outros, não se contentando somente com as sensações naturais do corpo, se intoxicam freneticamente com coquetéis de remédios, unicamente por perderem a capacidade normal de encetar um simples sono, para somente estabilizar as emoções ou quem sabe, com vistas a mergulhar no pior deles, qual seja: viver como um zumbi num mundo paralelo, alucinógeno, surreal. Preferem ser dependentes do "deus química" do que do Único e Verdadeiro Deus, Criador do Universo. Isto tudo sabem porquê? Porque sois fracos e sabedores de que nada que há na terra será capaz de preencher esse vazio insondável, esse vácuo infinito, esses abismos de dúvidas que abrigam nas profundezas mais abissais do peito de vocês e que atormentam suas mentes doentias e a vida conturbada de todos, para todo sempre.

Dito todo esse mencionado retro, só se pode chegar à uma simplória conclusão. De que suas existências não tem nenhuma importância para o meio que os cercam, não importando o que fostes, o que fizestes, o que dissestes e o que colocaste no mundo. Tudo que ousastes fazer foi tão ínfimo tal como a tua reles existência, e por isso, nada vale, pois és menos importante do um grão de areia molhado no fundo do mar. Afinal, a vida toda aprenderam que para continuarem vivos, teriam de ser essencialmente perversos, não importando qual carapuça adotariam para si, no intuito, somente, claro, de engabelar os atônitos e os desavisados, sujeitos desprovidos de um nível mínimo de discernimento, que vocês costumam chamar de fracos. Isso mesmo, digo e reafirmo vocês nada mais são do que a personificação cristalina e pura do malévolo. Digo e repito, unicamente em letras garrafais, para ficar bem claro: MAUS. E o pior problema é que esse mau, se avoluma de uma forma que vocês se tornam escravos das próprias perversidades, são sufocados pelos seus próprios venenos ou seja, vítimas dos próprios atos e portanto de si mesmos, sobretudo, por conta daquilo que vocês não se acovardaram em lutar contra, mesmo sabendo que aquilo feriria seus princípios humanitários e cristãos; o que fatalmente, acarreta em consequências previsivelmente desastrosas. Essa soma de fatores, acaba inserindo em vocês uma espiral de trevas sem fim, calcada no eterno embate de

uma angústia existencial; decretando assim, suas estadias eternas no nada inteligível, no inferno como muitos acreditam, mas sem fogo, nem muito menos chibatadas dos capetas; que é concretizada, portanto, com a morte física, nada mais. Há coisa pior do que não existir meus senhores e senhoras? Creio que não! Ou melhor, creio que sim, pois talvez, o viver com sofrimento seja pior, que é o que eu e muitos outros das minha categoria ou não, viemos passando, além de praticamente todos os outros de outras espécies da minha geração. Trocando em miúdos, meus caros e doutos líderes mundiais, é como se a humanidade caminhasse somente em só uma direção, rumo ao abismo; mesmo sabendo que ela tem em mãos, a possibilidade de parar ou de talvez, seguir por outro caminho; mas pelo qual não é capaz de seguir, pois para que tal coisa fosse possível realmente de se concretizar (a prática dessas duas últimas alternativas), ela fatalmente teria de abrir mão de tudo aquilo que seus semelhantes esperam dela qual seja: ser mau e perverso, unicamente.

Dito isso – e aqui rendo minhas encarecidas desculpas por ter, neste momento, desviado um pouco do foco do meu discurso, mas pelo qual não poderia eu me furtar de mencionar -, estendo meus agradecimentos não somente aos animais do meu gênero, bem como todo aqueles outros agrupados em outras classificações biológicas científicas em específico, ou seja, de todos aqueles outros seres viventes pertencentes ao dito reino animal, e porque não incluir aqui o vegetal e o mineral? Afinal todos têm vida, não? Não há como olvidar, eminentíssimo presidente, que eu e estes outros, sempre fomos historicamente encarcerados, amordaçados, subjugados e exterminados sistematicamente; sendo desse modo, excluídos de praticamente todos os espaços de comando (físicos ou simbólicos), sejam eles políticos, sociais ou econômicos. Isso tudo, sem falar do cerceamento estratégico, contumaz e periódico que provocou as nossas já sabidas não reiteradas tomadas de poder e de decisão nos mais diversos planos e planejamentos que norteiam o caminhar e decidem os rumos ou "não" da existência da nossa tão prezada animalidade, digo, humanidade, não é mesmo? Essa lacuna, sem sombra de dúvidas, contribuiu muitíssimo para com essa condição da qual nos vemos hoje; seres prestes a ser condenado a vida toda ao trabalho escravo, sofrimento, a submissão forçada quando por fim, não havendo mais nada o que fazer conosco, amarguraremos o indefensável abandono e a terrível, imperdoável, cruel e sumária extinção.

Pois bem, agora, finalmente, quanto das minhas primeiras considerações, senhor presidente - e isso tudo que mencionei até agora retro foi só uma breve introdução -, gostaria de interpor mais outra curta observação, ou melhor dizendo, direcionar a excelsa mesa, a proposição de um pequeno requerimento preliminar, qual seja: que fosse posto em pauta uma possível nova

reformulação dessa pertinente instituição, nascida, como todos nós sabemos, graças a banalidade vil da primeira e segunda grandes guerras, encabeçadas, devo dizer, pelas ditas "grandes superpotências". Foi bem ali, na dita Conferência de São Francisco, que ficou acordado entre as nações vencedoras, que esta agremiação, angariaria amplos poderes, se valendo de "n" instrumentos, onde pudesse intervir, a nível mundial, para que não houvesse novamente o mínimo de risco possível para ocorrência novamente dessas tristes catástrofes, tais como essas últimas banais guerras mundiais que temos visto. Prélios esses, diga-se de passagem, ocasionados unicamente por animais da espécie, classificada de forma privilegiada como "Sapiens", deve-se dizer. Afinal Hiroshima, Nagasaki, holocaustos, genocídios, diásporas, escravidão, terrorismos, fome, aquecimento global, diminuição da camada de ozônio, são ocasionados por homens; não por macacos, leopardos, baleias, insetívoros de toda ordem, plânctons, vegetais, aves, cometas, poeiras cósmicas, sol, Deus... nem muito pela gente, os inofensivos, pacatos e submissos Jumentos, percebem?

E isso tudo - estou sendo agora bastante camarada - somente citando ao que foi apresentado ao mundo a olhos vistos senhor presidente, pois nem sequer falei dos mais diversos outros crimes ecológicos de lesa humanidade das mais diversas ordens, que dentre alguns deles, faço questão de brevemente citar: o famoso Nevoeiro Assassino de 1952, em Londres. Alguém aí da Inglaterra, ilustres súditos de nossa rainha Elizabeth, ainda se lembra disso? Se recordam que a poluição atmosférica industrial capitaneada pelos burgueses (para Marx, os donos dos meios de produção), somado a grande soma de queima de carvão nas lareiras das casas fizeram com que as fuligens, o dióxido de enxofre e o protóxido de azoto, asfixiassem toda uma cidade, abatendo mais de doze mil pessoas, como uma câmera de gás ao ar livre. Pois sim, isso aconteceu e não faz muito tempo meus senhores e minhas senhoras. Costuma-se muito ouvir dizer entre "os homens", que eles geralmente aprendem muito com os erros do passado. Só que não! Pois bem, algo muito parecido aconteceu pouco mais tarde na Índia, com a famigerada fuga de gás em Bohpal. Lá, senhores e senhoras, uma fábrica de pesticidas de nome Union Carbide, ocasionou de forma dolosa, a liberação da substância metil isocianato, provocando a morte de mais de vinte mil pessoas, sendo que desses, quinze mil foram de forma direta, isso nos idos do ano recente de 1984.

E o que dizer do esgotamento do Mar de Aral, que abrange as nações do Cazaquistão e Uzbequistão, daquele que outrora, estava entre os quatro maiores lagos do planeta, com extensão aquífera comparáveis as proporções territoriais do país irlandês. Sua degradação foi ocasionada única e exclusivamente pelos sistemas predatórios de irrigação da União Soviética. Alô

Putin! Receba essa mensagem como um singelo presente pra você meu dileto amigo. Enfim, esta porção d'água citada figurava como sustento para milhares de famílias de pescadores artesanais, movimentando todo um pujante mercado piscatório. Infelizmente, hoje, aquele que outrora, poderíamos chamar de uma das "maravilhas aquíferas naturais", nada mais é atualmente, do que um salobro e infértil deserto de sal. Hoje, tempestades de areia assoreiam seus leitos prejudicando todos animais e vegetações que os adornam. Ainda falando dos nossos queridos soviéticos, que tal citarmos agora a cidade de Chernobyl, aquela mesmo, que compunha a antiga e poderosa URSS – União da República Socialista Soviética? Quem não se recorda que houve um sobreaquecimento num de seus reatores nucleares liberando material radioativo e acometendo cerca de cem mil pessoas com diversos cancros e deficiências congênitas? Esse desastre, mil vezes mais nocivo do que a explosão de Hiroshima, acabou deixando toda aquela terra infértil por longuíssimos dois séculos. Isso, senhores e senhoras, é só um parâmetro das atrocidades acometidos contra a natureza durante esses últimos tempos, pois não terei tempo de falar aqui, nesta minha curta intervenção, da chuva ácida de enxofre de Al-Mishraq no Iraque, da queima do poços de petróleo no Kuwait, da nuvem tóxica de dioxina em Seveso na Itália, das explosões de Jilin Chemical Plant na China, da fusão parcial de um reator no seu núcleo de Three Mile Island, do rompimento do petroleiro Exxon Valdez, dos lixos tóxicos do Love Canal... sendo estes três últimos, tendo acontecido no pujante e primoroso Estados Unidos da América. Hi Obama my great leader. As will our powerful and mighty United States? - disse ele, em inglês, se dirigindo ao líder americano. Como resposta, o político ianque lhe oferece um desconcertado sorriso de lagarto.

Como sabemos, vivemos na sociedade dos 3 "M's", do "mais", do "melhor" e do "maior". Quem estiver, de forma micro ou macro, fora desses padrões, será sumariamente e quase que naturalmente, colocado fora do centro global e consequentemente, a margem da sociedade nesse gigantesco, intricado, perverso e impiedoso jogo de xadrez, que tanto são as relações mundiais, como as relações interpessoais da sociedade, as quais somos sumariamente obrigados a participar. Quem não se enquadrar nesse modelo espúrio, terá suas descendências aniquiladas, sua história apagada, além de serem explorados e escravizados pela descendência dos categorizados como "fortes", que muito bem poderiam ser trocados pela palavra "facínoras"; o que, a meu ver, não acarretaria prejuízo algum ao seu significado. Hoje a maior herança que se pode deixar a um filho é que: "Tenha poder, capital tanto quanto for possível" ou "se valha do mal para defender seus interesses, qual seja dominar, acumular, judiar e oprimir", ou melhor ainda, "eliminem, sem piedade, aqueles que se

porem a frente das suas intenções, os fracos". Eis aí a fórmula base da nossa humanidade, o fundamento mor para ser um "vencedor na vida", a enzima mais forte do DNA daqueles que habitarão a terra até os últimos dias. Isso, caros e caras ouvintes, notadamente, tem ocasionado, queiramos ou não, num acirrado "Competitismo", como jamais visto e que se agrava e evolui com o passar dos tempos. E essas competições, senhores e senhoras, transcendem o convívio humano, acarretando nas batalhas entre as nações e nos crime de guerras, sendo esses alguns dos motivos principais que justificam esta reunião. Diante de todo o exposto, engraçado notar que, quanto mais buscamos ser "melhor", "desenvolver", "progredir" e "evoluir", mais isso tem acarretado um efeito contrário, na mesma proporção daquilo que o mundo diz pretender - um mundo e uma vida melhor, justa, igualitária a todos e todas independente de suas diferenças de toda ordem seja ela econômica, religiosa, política, ideológica, etc.

O patrimonialismo e a criação da propriedade privada as duas pontas de lanças formuladas pelo capitalismo e que o sustenta; já alertava Rousseau, ficou incumbida de plantar o gérmen que desencadeou o mal nos seres humanos, até então puros como a água límpida de uma nascente. Depois, toda essa teoria, foi corroborada e estudada, a miúde, pelo gênio Karl Marx, da qual obra, recomendo a todos e todas desse recinto, ler. Toda essa competição desacerbada e sem limites de quem detém maior acumulação de capital, acaba incitando a deflagração de revoluções de certos grupos, forçando-os a criar a reboque, todo um poder ideológico para impor suas condições sobre outros, legitimando as novas ordens por eles interpostas, tanto por mau (guerra) ou por "bem" (ideologicamente). O acesso as coisas boas, produções e o capital são escassos propositalmente para colocar os homens em constante pé de guerra; em outras palavras, na eterna disputa, no embate sem fim de quem tem e pode mais. E isso, tem ocasionando grande instabilidade entre as nações, forçando todos a se armarem com vistas a entrar na famigerada corrida armamentista e ideológica, principalmente no sentido de impor suas ordens e imposições aos outros, notadamente, aqueles menos privilegiados nesses pontos. Vejam o exemplo dos colonizadoras europeus, que a ferro e fogo, subjugaram diversas outras colônias mundo agora, isso nos idos dos anos 1500, em busca de mercado e matéria prima para abastecer seus reinos. E o que falar da secular instituição como a nossa querida Igreja Católica Apostólica Romana? Minha Reverendíssima Santa Santidade, meu querido Papa, o sucessor de Pedro na terra, receba meus cordiais cumprimentos santo homem! Esta instituição, que diz guardar a Bíblia e viver segundo os mandamentos de Cristo, também se valeu de um modelo de dominação muito parecido com os das grandes navegações. Disseminou toda sua

influência, em todo mundo, seguindo, portanto, um modus operandi não muito diferente daquela despendida pelos exploradores marítimos europeus. Para impor suas ideias expansionistas, eles se utilizaram de tais subterfúgios e filigranas como as cruzadas, as indulgências, perseguições, execuções aos hereges, etc. Não fosse o freio e a intervenção do monge rebelde Martinho Lutero, a sagacidade católica em disseminar seu ódio como projeto de expansão, com certeza, e aqui não é um palpite, teriam eles tomado proporções inimagináveis. Vejam bem, não me refiro aqui aos fiéis católicos, assim como não me referi ao povo alemão, soviético e americano, quando falei dos reiterados defloramentos e descomedimentos de seus líderes. Minhas críticas tem um só alvo, os líderes, não os liderados, ou melhor dizendo, os subjugados.

Registrada a forçosa ressalva, concentremos juízo nas questões que envolvem a então Santa Sé. Como já tive o cuidado de ressaltar, não falo aqui dos praticantes, do corpo da igreja, dos crentes sinceros, nem das ovelhinhas tosquiadas até o último novelo de lã por seus "pastores", que pra mim alguns, aliás, estão mais é para lobos. Digo, "tosquiados", pois assim como o pastor extrai a lã de todo o corpo de uma ovelhinha de seu rebanho, lhe deixando desprovida de amparo térmico; assim se dá também, com relação a alguns pregadores, que exigem de seus súditos demasiado dízimos e ofertas deixando-os por vezes - dependendo do grau de alienação de alguns e da sagacidade do falso profeta - desprovidos financeiramente a ponto de deixar até o coitado do crente incapacitado para suprir as suas necessidades mais básicas. Quanto a isso minha opinião é bem clara: o fiel deve dá somente o que quiser, quanto e quando quiser. Também não é nada razoável e justo o crente se utilizar de toda a estrutura do templo, se alimentar dos sermões dos pregadores se revestindo com a proteção da grossa manta espiritual e em nada contribuir para a referida Casa de Deus. Afinal o Senhor Jeová é dono de que tudo há - entre o firmamento e o núcleo da terra -, não precisa nem Ele dos nossos reles dinheiros. Aliás, sejamos justos, seria muita covardia e desfaçatez da minha parte referir-me somente aos líderes católicos. As religiões, de um modo geral, também seguem nesse mesmo compasso, tudo na ânsia de encetar um modelo doutrinário, de arrebanhamento de cabeças devidamente lavadas, com o escopo de arregimentar um maior números de fieis, que as sustentam, através de suas contribuições pecuniárias, além da cooptação de sua força de trabalho na qual muito crente é submetido tal como os trabalhos na igreja, não sendo remunerado para isso, ocorrendo tal disparate sobre o pretexto de que está "trabalhando na obra de Deus". Na verdade, está o crente é despendendo sua força de trabalho para a instituição igreja, isso sim. Deus não explora ninguém. Isso, sem falar das famosas guerras religiosas travadas, muitas das vezes impulsionadas pelo mau

uso e interpretação errônea de alguns trechos de seus próprios livros sagrados.

Para justificar uma má ação, muitos líderes religiosos recorrem a alguns versículos de textos sagrados com o fito de legitimar interesses seus, não de Deus. Afinal, o que mais encontramos nesse recorrente desvirtuamento das escrituras são a perseguição, aniquilação de vilas, degola de gargantas e queimas de cidades inteiras, notadamente contra aqueles que não se submetem aos seus ensinamentos de caráter, as suas regras morais e aos seus ditames espirituais.

Ora, se a própria religião - que deveria pregar, guardar e zelar pelo bem -, legitima a violência, o que dirá a outra parte do mundo que em nada acredita, não tem limite e não se submete às ordens e as regras de boa convivência social. Isto tudo, em parte, acaba justificando todas as outras atrocidades acontecidas, os genocídios de vocês contra vocês mesmos, pois se aqueles que pregam a paz, o amor ao próximo e a bondade de Deus estão guerreando e em constantes pecados, o que dirá os não religiosos, que a nada se submetem. Em meio a todo esse breve contexto, não raro ver irmãos se levantarem contra irmãos, pais contra filhos, filhos contra pais, sacerdotes contra fieis, nações contra nações, planetas contra planetas... Ainda assim, por mais que os manipuladores das religiões carreguem consigo esses incontáveis defeitos, eles ainda tem a capacidade de fazer com que os seus súditos, não façam o mesmo que eles, pois se acaso os fiéis começarem a fazer o que suas lideranças fazem, estaríamos à beira de uma barbárie generalizada, um pandemônio, a antecipação precoce do tal Apocalipse, por assim dizer. Reside aí portanto, a minha justificativa principal para existência das religiões, adormecer e desencorajar seus fiéis para o mau, embora seus líderes hajam e façam totalmente o contrário. Até o nosso querido amigo Karl Marx percebendo isso, com toda sua boa vontade, tentou em vão, contribuir para sua extinção, apontando como solução aos problemas do mundo o seu Socialismo e seu Comunismo; mas pecou, quando pregou pelo fim delas, sintetizando sua justificativa para isso com uma só e providencial máxima: "A religião é o ópio do povo". Segundo ele, superação do modelo desigual do atual mundo capitalista, se daria com a ascensão da chamada Ditadura do Proletariado. Mas em verdade vos digo senhor Marx, qualquer que seja a ditadura, ela será mau por natureza, não importando qual classe esteja no comando do sistema, a não ser que fosse possível a "Ditadura dos Bons", dos "Puros", dos "Justos", ou dos "Artistas", que, destes últimos é a que eu mais defendo.

Toda essa sanha em buscar o "melhor" nos empurra a um sistema de prática e ação – do qual denomino "Competitismo" -, e isso em seu estado mais bruto, acabou resultando em coisas do tipo "massacres" como aquele promovido pelos Hutus em face do indefeso povo Tútsis em Ruanda, da impiedade do

Império Russo contra o povo muçulmano (os circassianos no Cáucaso), dos mais de duzentos mil bósnios mortos pelo letal exército sérvio, da intolerância étnica da Indonésia em desfavor de milhares timorenses massacrados covardemente. Mas, em meio a todo esse cabedal de atrocidades, destaquemos quatro deles, de forma especial. Comecemos pela "Diáspora para a Morte". Falo aqui dos 1,5 milhão de armênios que foram forçados a partir para um região desértica próximo a Síria para morrer por inanição e desidratação. Quanto a terceira prova mais chocante do mau, eu elencaria a carnificina do Camboja, na qual o líder comunista Pol Pot - do chamado Khmer Vermelho -, decidiu dá cabo a algumas minorias sobretudo, religiosas e intelectuais. Só aqui foram vitimados por volta de um milhão e setecentos mil cambojanos. A penúltima atrocidade que gostaria de mencionar, abateu nada mais nada menos, que cinco milhões de indefesos ucranianos. Essa foi comandada pelo ditador bigodudo Josef Stalin, que no auge de sua insanidade, teve o disparate de promulgar a tal "Lei das 5 espigas", que em suma, sentenciava os condenados a trabalhos forçados, lógico, sendo que muitos deles, não aguentavam tamanha exaustão vindo estes a perecer de estafas e fome. Fome essa que ocasionou o terrível e mal afamado "Holomodor", com seus casos de canibalismo.

Entretanto, senhoras e senhores, nada se compara, as atrocidades cometidas por aquela que, talvez, veio a ser a nação mais impiedosa de todos os tempos, a Alemanha. Alô povo germânico, deixo aqui meu especial abraço! Todos vocês moram em meu coração. Será ser esse ponto nevrálgico e o segredo da Alemanha se destacar como um país hoje tão rico e referência para mundo? Será que para alcançar sucesso no presente, é necessário ter todo um passado de imundície, traição e barbárie? Será se não há como sermos vitoriosos sem termos de abrir mão de nosso caráter, preservando nossa benignidade e sendo pessoas boas? Teriam aqueles alemães o ódio e a perversidade encrustados em seus DNA's ou foram somente impulsionados por uma onda passageira de violência? Seria a Alemanha nazista a expressão máxima do desprezo pela vida humana? Digo isso porque não posso deixar de mencionar aqui os crimes que lhes pesam. Ressalto novamente que nada tenho contra o povo germânico, que aliás eu os admiro muito por sua simpatia, coragem e força de vontade. E nesse ponto, havemos de ser justos, não só a Alemanha, bem como diversos outros países, que desenvolveram seus sistemas de dominação, sistema esse copiado e introduzido pelas mais diversas outras organizações políticas antecedentes como os impérios, as civilizações e nações dominantes. Ao contrário do que muitos acham, não foi somente na década de 40, a época que os alemães provocavam seus terríveis ciclos de carnificina explícita. Bem antes, no início do ano de 1904, ali no lindo país africano chamado Namíbia, pessoas das etnias Namaquas e

Hererós, foram expulsos pelos alemães para o hostil deserto de Kalahari, sem água, moradia e comida. Estima-se que nessa investida, tenham morrido mais de sessenta mil Hererós e dez mil Namaquas. Mais uma vez, esse fato comprova, de forma inconteste, que os humanos não aprendem com os seus erros precedentes. Mas infelizmente isso parecia ser somente mais um prévio ensaio para coisas muito piores, uma disputa macabra pela superação do mal, por assim dizer, ou seria a busca cega do estado puro da banalidade do mal, como dizia a minha idolatrada Hanna Arendt.

Contudo, nenhuma dessas atrocidades retro citadas, tendo como agente direto o homem, se compara aquela que veio a ser conhecida mundialmente e interplanetariamente, porque não dizer, como o Holocausto Judeu. Que os judeus, sobretudo, aqueles que professavam a fé cristã, vêm sendo perseguidos e aniquilados ao longo da história, isso não é cá nenhuma novidade; pois em Roma, coisas desse feitio já aconteciam em largas escalas. Adolf Hitler, mais conhecido como Hitler ou "Führer", aquele mesmo, que exigia de todos a ridícula saudação: "Heil Hitler!" nada mais foi do que um semidiabo, um ser de excelência da espécie de vós, um sujeito que elevou ao mais alto grau, aquilo que vocês nutrem dentro de si e que todos tem como certo - o domínio e a aniquilação do outros, dos ditos "mais fracos". Esse ditador, no sentido mais puro do termo, nutriu em seu peito, sabe-se lá por que cargas d'água, um ódio cego, o que acarretou numa matança em série sem precedentes, um genocídio que não ousemos jamais fechar os olhos e pelo qual não poderemos, de forma alguma, ocultar ao conhecimento das novas gerações. E fez isso não somente em face dos judeus, bem como também, de várias outras etnias e minorias fora do estereótipo ariano, a dita "raça pura alemã". Este sujeito, caríssimos senhores e senhoras, não alçou ao poder por acaso. Durante toda a trajetória da sua vertiginosa escalada de poder, veio agindo politicamente, inclusive como soldado. Isto porque antes, vejam só, havia sido ele fracassado como pintor. Ah, se aquela academia tivesse o reconhecido como artista, talvez tivéssemos um pintor, ainda que medíocre, e por conseguinte, não teríamos criado este monstro. Enfim, mas toda essa sanha começou a ser organizada, efetivamente, através de seu único livro chamado de "Minha Luta". Dotado de grande poder de persuasão, teatralidade e oratória; era capaz de lavar mentes e arregimentar adeptos das mais diversas áreas sociais, sobretudo, a militar e a burguesa. Foram alvos da sua incurável insanidade diversos agrupamentos e minorias sociais somente pelo fato de seguirem, por convicção ou fé, outros estilos de vida, diferente daquela que não fosse condizente com a cartilha hitlerista, dentre os quais, por alto, cito: os Testemunhas de Jeová, os ciganos, e os mais perseguidos deles, os judeus, lógico.

Não há registro, na história, de que tenha acontecido um movimento

histórico com tamanho grau de crueldade e com tão fartas documentações, embora muitos dessas devam ter sidos destruídas, quando do avanço das tropas aliadas na Europa e da iminente e irreversível derrocada alemã. O que os judeus devem ter passado e sentido durante todos esses anos, ninguém melhor do que eles para mencionar. Entretanto, não havendo nenhum representante deles aqui neste magnífico recinto, faço das palavras deles a minha palavra, as vozes deles também são minha voz. Pois bem, todos sabem e os filmes, os livros e a história estão aí para comprovar; os judeus foram entregues à própria sorte, ou melhor dizendo, provaram do gosto amargo quando da falta dela. Foram sumariamente queimados em fornos, sufocados em câmaras de gás, tiveram seus corpos usados como cobaias em experimentos calamitosos; não sendo poupado crianças, gestantes, idosos, portadores de deficiência mental ou física... muito pelo contrário, eles eram estrategicamente trucidados por não terem, segundo o macabro líder, nenhuma "serventia", o que justificava, na sua visão maligna, a extinção sistemática dos pobrezinhos, sem qualquer chance de defesa nem piedade. Muitos com aparência cadavérica, eram submetidos a condições extremamente humilhante o que consumia suas almas, suas honras e direito de viver naquelas terríveis masmorras a olhos vistos, chamadas outrora de Campos de Concentração. Não deu outra, muitos acabaram morrendo à míngua, de fome, logo depois, sendo enterrados em gigantescas e profundas valas comuns, covas coletivas essas, que mais pareciam a garganta do Diabo.

Muitos insistem em acreditar que Hitler se suicidou, que ele morreu. Pois em verdade vos digo, isso jamais aconteceu; e falo isso com absoluta segurança exteriorizado através de meu sonoro e incisivo NÃO! Ele ainda assim, continua vivo e muito vivo diga-se de passagem. Seu modelo de eliminação ainda hoje é aplicado em várias partes do mundo em grande conta, apesar das novas e criativas formas de aplicação. Tiranetes, ditadores, coronéis, "mini-hitleres", nascem em todo planeta com extrema facilidade. E o engraçado é perceber que sempre há um grupo de pessoas, que não são poucas – que geralmente se dizem humanas e acima de qualquer suspeita -, que apoiam e legitimam tais facínoras, em troca de benesses nada probas. Digo isso, pois para existir um sujeito desses no topo, é porque antes houve na base, toda uma cadeia de pessoas (amigos, familiares, camaradas, beneficiados e asseclas) que legitimaram, sustentaram e favoreceram para permanência de suas práticas, nada convencionais. Todos temos um "Hitler" adormecido dentro da gente; do síndico do condomínio ao chefe de estado da economia capitalista mais poderosa do planeta. Ele, inclusive, pode estar ao nosso lado, na nossa casa e até, sendo gerado dentro do ventre das nossas familiares. É por isso, que temo muito desses governos que se autodenominam "grandes democracias", bem como aqueles que

seguem a dita orientação comunista lenista-marxista, que igualmente aplicam os mesmos sistemas totalitários, só que de forma velada, subliminar e subversiva. Apesar de serem, aparentemente, os modelos ideais para este tempo, talvez sejam esses os piores padrões políticos, pois agem como lobos em peles de cordeiros; externam uma coisa, sendo que são outras. Aliás, como já tive a oportunidade de observar, o problema é essa sanha desmedida do homem de estar sempre querendo superar o outro, sendo que muitos deles vão bem mais além, pois disputam até em superar no mal. Isso mesmo, vejam a que ponto nós chegamos. Muitos querem disputam lugar até para estar no topo da escala de ruindade e da malignidade e exemplos ao longo da história, são o que não faltam. Essas figuras nada mais são do que um subproduto da gente, do que nossa sociedade gera, então como reclamar? Como tentar solucionar, algo que necessariamente faz parte da nossa natureza e isso comprovado, desde os primeiros atos realizados pelos primeiros homens da terra?

Quando nos deparamos com todo um histórico desses, até parece que é o máximo da insanidade daquilo que nós poderíamos chegar; mas o mundo, na minha limitada visão, ainda nem começou, pois na minha concepção, a humanidade ainda está engatinhando em todos os sentidos. Pra mim, ainda somos tão arcaicos e primitivos tal como os hominídeos neandertais, aqueles mesmos, pai de vocês e que, por ironia do destino, são julgados como "selvagens" por vós mesmos. Todos esses fatos que contei aqui, ilustram que somos ainda tão bestiais e brutais como os primatas que vos antecederam, que eram capazes de eliminar uns aos outros por um simples pedaço de carne. Nosso querido mundo ainda anda de fraudas, meus senhores e minhas senhoras. Estamos praticamente no início do milênio 2000. Pelo curso natural da vida e da natureza, temos ainda bilhões de anos pela frente, a não ser que algo catastrófico ou pior possa acontecer e ele acabe de forma abrupta, ou se ainda assim, o Senhor do Universo preferir; como dantes ocorreu com o dilúvio, que forçou o velho Noé a construir aquela arca com vistas a abrigar casais de todas as espécies de animais da sua época. Eis aqui um ponto muitíssimo importante meus caros e caras. Por obséquio, sublinhem o que vou falar. Deus preferiu nos salvar. Isso mesmo, os animais. Esse fato mostrou que para o SENHOR, nós éramos muito mais importante, do que os aqueles homens corruptos, ímpios e mal caráter que contaminavam a terra naquele momento. Isso sem falar do que posteriormente aconteceu com os nossos ancestrais, os dinossauros, abatidos por aquele famigerado meteoro, que escureceu toda terra com aquela névoa sombria que bloqueou a luz solar e causou o resfriamento da Terra.

Contudo, antes de começar a relatar um pouco sobre minha triste, penosa e incomum trajetória como Jumento, ante a excelsa organização;

defenderei inicialmente, algumas reivindicações da minha categoria em geral; daqueles que como já tive a oportunidade de dizer retro, são equivocadamente classificados como "irracionais". Pela lógica, coerência e senso mínimo de entendimento, isso nem seria necessário, mas como vocês conseguiram a proeza de desiquilibrar a natureza perfeita que Deus criou, infectando-a com ódio, terror, hipocrisia, maldade e perversidade, terei eu assim, de o fazê-lo. Enfim, não adianta mais chorar pelo leite derramado, a Inês já estava mais do que morta! Entretanto, retomando o assunto anterior e me atendo ao termo em específico – "irracional" – gostaria de interpor as seguintes ressalvas. Etimologicamente, a tal palavra aludida, deriva do termo em latim "irrationale", que por iniciar com o prefixo "i" frente ao radical "rationale", denota ideia de supressão de algo ou de contrariedade a este último radical dito. Esta palavra "rationale", por sua vez, sem o tal prefixo, remete a ideia de razão, ou melhor, ao "racio", raciocínio, aquele que raciocina, pensa, etc. Não raro dissociá-lo, também, a ideia de deliberação, dedução, cálculo, ou seja, daquele ser que é provido de uma sequência lógica de pensamento, daquele que não age de acordo com os brutos, com os bárbaros se fazendo valer portanto, de forma contumaz, do uso constante da sensatez. É muito comum, também, colocarem o termo racional se antepondo ao sentimento, ao emotivo, ao agir por impulso e pelo calor das emoções; sendo portanto, o "racional" uma palavra antônima ao "emocional". E aqui posso afirmar que - embora corra o risco de me deparar com inúmeras opiniões divergentes na plateia, frente ao que vou dizer -, podemos considerar que vocês a muito, se apartaram por completo, de todos os significados que carregam tais palavras, pois não seguem nada daquilo que tais termos se propuseram a significar, tanto quando me refiro a razão, como também aos sentimentos. Da razão, porque o mundo tal como se encontra hoje é a prova cabal de que vocês, definitivamente, não sabem raciocinar, sobretudo, quando se acalenta a ideia de tornar esse um planeta melhor. Por outro lado, devo ser humilde e reconhecer, que para vocês se darem bem, digo preservar somente as próprias espécies, vocês raciocinam até muito bem, diga-se de passagem, ainda que tenham, que subjugar a miséria todos os outros seres a sua volta. Já quanto aos sentimentos, digo que vocês já não fazem mais uso dele a tempos, porque o que viemos experimentando e a situação pelo qual passa a maioria dos outros seres da natureza é prova capital, de que não há sequer uma centelha de bondade que brote do peito de vocês; haja vista que não é possível que a sociedade que vocês construíram seja sentimental, ao passo que o que a gente vê é absolutamente o contrário, uma gama de ações e práticas baseadas na barbárie e no desamor.

Por essa e muitas outras, meus senhores e senhoras, é que sou meio

escabreado com esse termo "irracionais" a nós unilateralmente conferidos, sobretudo, porque ele hoje, nos livros e no discurso dos humanos, se tornou sinônimo de incapacidade intelectual e de anverso da inteligência. Ora vejam só, mas que tamanho disparate! Nós os animais somos os que não sabem pensar! Tenha santa paciência. Vivíamos equilibradamente em meio a uma natureza pujante e exuberante, não havia escassez de alimentos nem muito menos fome. A cadeia alimentar era constantemente retroalimentada pelo próprio sistema e a terra se sarava sozinha. Os níveis tróficos eram recompostos pela própria natureza sem muitos esforços. E isso tudo, nós fazíamos sem degradar ela, sem tirar sequer uma pedra do lugar ou derribar uma singela folha que fosse. Se perdíamos uma espécie aqui, logo nascia uma outra ninhada ali, digo, uma série de outros seres daquele mesmo outro exemplar perdido. Só consumíamos o necessário para nos mantermos vivos, sem desperdícios, nem ostentações. No nosso modelo de vida, todos tinham vez e nosso habitat era mui farto obrigado! Diante de tudo isso meu senhor Secretário eu vos pergunto: Nós é que somos os verdadeiros irracionais? O prefixo "i", douta assembleia, como todos bem sabem, significa ausência, falta, supressão do radical de que aquela palavra se propôs a significar. Toda essa ideologização foi construída, ao longo da história -, e aqui parabenizo vocês que a essa manobra, diga-se de passagem, foi muito bem feita - pois incutiu na cabeça de todos a ideia de que somos incapazes intelectualmente, moralmente e socialmente de fazer parte ou ocupar todo e qualquer espaço de comando de poder. E é justamente aí o ponto fulcral do problema e de onde quero chegar. Retiraram de nós, o direito imprescindível e universal mais básico de todos os seres qual seja: o de ter educação. Ora, vejam só logo nós! Porque somos irracionais, se somos os únicos que conseguimos viver de forma harmoniosa com o planeta? Até vocês humanos se apoderarem da gente - nos domesticando como meros produtos de subserviência para uso e consumo de vocês - tínhamos até então sobrevivido sem maiores percalços, sendo portanto, bastante felizes. Afinal, não somos nós que temos eliminado seres da nossa espécie aleatoriamente. Não somos nós que temos ocasionado guerras. Não somos nós que temos esgotados os bens naturais da terra como a água e as terras agricultáveis. Não somos nós que temos poluído o ar, causado degelo nas geleiras dos Polos Norte e Sul além de aberto um enorme buraco na camada de ozônio. Não somos nós, senhor presidente, que temos massacrado crianças africanas por falta de comida ou afogadas em mares da Europa como aquelas refugiadas de áreas conflituosas do Oriente Médio. Será que é somente por esse motivo - o de carregarmos o estigma dessa espúria classificação "irracionais" - é que estamos sujeitos a ser escravizados, explorados e extintos em todas as ordens, seja ela econômica, moralmente e até sexualmente, por que não dizer?

Isso mesmo, somos ainda vítimas de constante zoofilia por alguns humanos doentios e pervertidos mundo afora e vocês bem sabem disso.

E isso não é tudo, pois ainda temos de aguentar alguns de vocês que acalenta a estranha mania de nos ter como iguaria, vejam só. Isso mesmo, de comer nossas carnes. Com mais esse absurdo, eu que aqui vos falo, poderia muito bem depois desta nobre reunião, ser rasgado por dentes e mandíbulas humanas sem nenhum tipo de ressentimento, como se isso fosse absolutamente normal. Ou seja, nossa existência, nossa honra e moralidade sendo reduzida a pedacinhos de carne no prato de um grande banquete, em quaisquer dessas nababescas festas, que vocês os donos do mundo, promovem de forma demasiada mundo afora, mesmo sabendo que o restante do planeta padeça em constante conflito. Com base nisso peço, tenham sensibilidade e o mínimo de altivez em imaginar este humilde e inocente orador tendo suas carnes cortadas por uma amolada faca, para depois ser furada por espetos de metais e por fim, tostados a alto graus célsius em um grande forno onde só há brasa e fogo; tal como fazem com os equinos em alguns países, apesar de muitos deles, nestas mesmas praças, serem exaltados em estátuas ou monumentos tendo um ou outro cavaleiro ou príncipes sobrepostos em seus lombos. Isso sem mencionar que os equinos foram fundamentais na conquista de impérios antigos conduzindo líderes tais como Alexandre O Grande, Napoleão, Gêngis Khan, Simon Bolívar, os samurais. Essa é a recompensa e a gratidão que vocês rendem a eles, os cavalos, depois de tanto ajudarem vós a conquistarem outros reinos. E o que dizer, então, dos bovinos? A não ser na Índia onde a vaca tem status de deus e é sacralizada, nossos amigos no restante desse vasto planeta, somente nascem com um único e derradeiro fim, qual seja: o assassínio para alimentar o insaciável paladar humano. Muitos até já nascem com a tal inseminação artificial, sem o devido contato físico com suas amadas, portanto, não provando do prazer mais delicioso confiado por Deus Todo Poderoso aos bichos (e aqui incluo todos, vocês humanos também) que é a doce, anestesiante e revigorante arte de amar, que se dá claro, com a selvagem copulação sexual. Depois de nascidos, são confinados, engordados somente para depois serem abatidos sem dó nem piedade. E assim ocorre também com os suínos, galináceos, caprinos, peixes e por aí vai... até onde o ilimitável paladar e a insanidade humana possa ir. Ah, quem dera se nós, os Jumentos, fôssemos considerados sagrados lá na Índia. Fazia minhas malas e me mudava pra lá agora mesmo. Brincadeiras à parte, agora falando sério, a verdade é que tenho muita pena desses meus amigos. Não queria de modo algum, estar na pele de um irmão bovino, que vivem contando os minutos, sabendo que serão, cedo ou tarde, aniquilados com uma cajadada na fronte da cabeça sem chance de contraditório nem de defesa, tal como acontecia no regime nazista com

os pobres e indefesos judeus. Ao contrário deles, a nós os Jumentos, pelo menos nos é permitido viver, ainda que com muita humilhação e sofrimento. A nossa morte é psicológica, emocional e moral e se protrai no tempo; já a deles é física, biológica e corporal e se encerra com um rápido e simples ato. Entretanto, em alguns casos, seria melhor morrer como os bois do que viver humilhados como alguns da minha espécie. Afinal já dizia a velha frase: "Melhor morrer lutando em pé, do que viver subjugado, de joelhos!"

Desde que me entendo por Jumento, ou melhor dizendo, desde que fui emancipado como gente... quero dizer, de me portar como um de vocês, ou seja, de estar falando, vestido, se relacionando ou valorizando somente as pessoas por interesses, e principalmente, por estar... - e aqui considero essa, a característica mais forte e que definem o caráter (ou a falta dele) em vocês, que é o de inserido integralmente nesse sistema capitalista, em outras palavras, de fazer, pensar e agir tendo unicamente um objetivo: ganhar dinheiro -, francamente meus amigos, e agora falando francamente, não tenho vislumbrado absolutamente nenhuma benesse que justifique a permanência desse modelo e estilo de vida que vocês se gabam em dizer ser tão "magnífico", "ideal", "perfeito" e "belo". Muito pelo contrário, para me enquadrar e tentar alcançar ser um humano por "excelência", tive de me abster de muitos valores, que até então tinha como princípios cruciais, no intuito de conduzir minha vida tais como a bondade, a benevolência, a alegria, a amizade, a esperança, paciência, o respeito, o temor a Deus, e principalmente, o amor ao próximo. Este último, então, se atrofiou em mim como um ramo de figueira que seca nos jardins dos desertos. Como venho dizendo, a supressão disso tudo, em meu peito, acabou dando espaço de sobra para outros sentimentos nada convencionais como o egocentrismo, a ambição desmedida, a insensibilidade; passando a pecar de forma contumaz, me afastando de Deus e tornando-me um mero servo de um capitalismo sem sentido... Fui tomado por um sentimento nada mais do que ruim, que em essência, se baseia obrigatoriamente, em aniquilar meu próximo, caso queira eu, alcançar algum objetivo, calcado na esfarrapada desculpa de que estarei fazendo isso para meu próprio bem. Vejam só que triste paradoxo. Para ser melhor, tenho de ser ruim! Enfim, com esses moldes nos tornamos nada mais do que filhos do diabo! Aliás em muito ele tem vencido na terra. Não fosse as intercessões providencias de Deus-Jeová, nós já teríamos nos auto destruídos e aniquilados.

E isso tudo, senhor Secretário Geral, que venho afirmando retro, definitivamente, me faz querer, sinceramente, com que eu volte a ser aquele simples jumento de outrora, ou nem sequer tenha existido, tamanha minha decepção com o que vi, vivi e presenciei até o atual momento como sendo um de

vocês. Sinceramente, não sei como vocês conseguem ser gente. Ser gente se tornou sinônimo de ser diabo. Praticamente, as duas coisas, em essência, são as mesmas coisas, a meu ver. Perdoem-me a minha incontrolável franqueza. Como podem viver vocês, sabendo que o modelo de vida adotado por vós e suas existências ajudam a destruir a natureza, o amor em Deus e a vida do próximo? Que o conforto da família de vocês é sustentada pela fome e da mortalidade infantil do hemisfério sul? Que os vinhos, os caviares e o luxo que vocês despendem com grande facilidade e ainda alardeiam isso nas revistas, jornais e mídias internacionais, só existem porque falta lá na sofrida África ou na pobre América Latina? Que a felicidade e o sorriso de vocês são o que motivam os prantos, choros e ranger dentes de pais e mães de famílias no Afeganistão, Síria e Iraque? Que cada vez que vocês se deslocam ocasiona a liberação de monóxido de carbono que poluem nosso meio ambiente? Afinal vocês pautam vossas vida na ideia que só os mais fortes sobrevivem, e de que o mundo é dos espertos. Pois em verdade vos afirmo, não quero ser forte! Lancem para longe de mim todos e quaisquer tipos de poderes. Não quero viver não para me impor contra os outros e fazer prevalecer minha vontade, mas sim, somente suportar todo esse modelo nefasto de vida pelo qual jamais poderemos mudar. Já que o mundo é dos espertos, que deem todo o mundo a eles, sem mais delongas! Se são esses que controlam o mundo não quero, então pertencer a ele, nem muito menos ser esses espertos que os dirige. Que seres extraterrestres me abduzam, me levem para longe das mais infindas galáxias, muito além dos anéis de Saturno, mas não em coloquem juntos a esses homens que se dizem serem os senhores da terra. De que vale as fortunas se meus irmãos e semelhantes padecem nas esquinas e enlouquecem superpopulando nossas cidades? Me deem, senhoras e senhores, um motivo pelo qual vocês se orgulham de serem humanos? Um só, se é que ele existe. Ora, vamos usem essas tão espertas mentes para raciocinar. Porque o que faço sempre é mais importante daquilo que faz o meu próximo? Porque tenho de estar buscando sempre ser e ter mais como se fosse esse o único sentido da minha vida? Porque tenho de estar ao lado dos fortes, enquanto não posso acudir meu irmão ou irmã que me estende a mão suplicando por um mísero pedaço de pão, de vida e pelo restauro? Porque senhores e senhoras? Porque?

Feito esse breve, mas necessário adendo senhor presidente e desculpe-me mais uma vez pela delongada explanação, deixem-me agora, neste escasso momento que ainda me resta, fazer o uso da palavra para falar um pouco sobre mim, com o perdão do personalismo. Eu nasci em um curral próximo a uma manjedoura, muito similar daquela na qual nasceu a Única Esperança deste mundo e pelo qual a humanidade tem virado as costas - o Nosso Senhor Jesus Cristo. O parto de minha mãe foi duro e com grande risco de vida para ela. Já

havia passado todo o tempo necessário para que eu nascesse. Ela estava sozinha e eu vim ao mundo numa madrugada de chuva, ou melhor dizendo numa tormenta, com clarões e relâmpagos cortando o ar em grandes descargas elétricas sendo que os trovões prorrompiam todo e qualquer tipo de silêncio ambiente, fazendo estremecer as estruturas da terra. Em poucas palavras, a bem da verdade, era um dilúvio mesmo, como se nunca jamais havia visto naquele sertão, algo comparável somente àquele dos tempos de Noé. Praticamente minha saudosa mãe foi parteira de si própria. Como uma leoa, suportou todas as dores das contrações, enquanto que meu pequenino corpinho, cheio de placenta e líquido amniótico era expelido para fazer parte, finalmente, deste mundo hostil e obscuro. Por um momento, dizia ela: "Achei que ia morrer meu filho. Meu maior medo era falecer sem ter antes a oportunidade de ver seu lindo rostinho." Mas pela graça do Senhor, quando finalmente nasci, ela pode dizer: "Você nasceu tão fofinho". E então ela cortou meu cordão umbilical com os dentes, logo depois lambeu-me, cheirou-me e me instigou para que eu ficasse de pé. Tentei ficar nesta posição, mas minhas perninhas tão trôpegas e débeis fizeram que, por vezes, meu corpo não se sustentasse, logo depois vindo eu a cair reiteradas vezes, em meio as serragens do nosso precário cocho. Hoje entendo que esse meu conturbado nascimento, era nada mais do que um prenúncio do que eu viria passar nos anos conseguintes, no decorrer de toda minha trajetória. Após meu nascimento, mais precisamente na fase transitória de criança para a juventude, houve um tempo que fiquei livre. Até que fui, de forma forçosa "domesticado". Fui atrozmente laçado pelo pescoço que quase esfacelaram os anéis de minha garganta, enforcando-me. A partir daí começou meu calvário. Passei a conviver com esporas, celas e demais apetrechos de doma. Fui submetido a incontáveis horas de trabalho forçado sem descanso, comida e água. Em pouco tempo já estava com minha coluna cervical comprometida e as dores nas costas passaram a me perseguir tal como minha própria sombra. Quando não estava na árdua labuta era dirigido a um confinamento, pelo qual chamava de "solitária" onde experimentei a amarga solidão. Mesmo sem cometer absolutamente nenhum tipo crime fui condenado, assim como Josef K.

Nossas transferências eram constantes, mudávamos de donos com grande facilidade. Levaram-me de um lugar para outro através de um gigantesco veículo juntamente com vacas, porcos e cabritos. As fezes e urinas eram espalhadas por todo o chão. Isso tudo é o de menos senhoras e senhores pois toda essa trajetória, foi feita sem nenhum tipo de companhia. Isso mesmo, fui criado de forma solteira, digo, sem a devida companhia de uma espécie da forma fêmea, digo feminina. "Não é bom que o macho andeis só", já dizia as sagradas escrituras. Essa, talvez, tenha sido a minha maior privação: a de não ter uma

Jumentinha amada ao meu lado, para que a pudesse cheirá-la, beijá-la e cobri-la da forma que conviesse tanto a mim como a ela, claro. Quanto ao meu pai? Nem sequer conheci. Ele abandonou minha mãe assim que soube que ela estava grávida de mim. Costumavam-me dizer, os mais velhos, de ter sido ele brutalmente atropelado por um caminhão bi trem, tendo uma pernas anteriores esmagadas pelas rodas do caminhão, sendo que a outra, fora decepada pela metade ficando esta, engatada no para-choque do veículo. Com o forte impacto do choque, fora ainda vivo jogado num barranco próximo. Mesmo agonizando e inerte, contam alguns, que ele foi tendo suas carcaças devoradas por mais de centena de abutres, uma legião de urubus negros que bebericavam seu sangue e retiravam algumas lascas de seus órgãos vitais, estando meu pai ainda com os olhos bem abertos e consciente. Esta é a única versão que tenho sobre meu pai. Triste não é mesmo meus senhores e senhoras? - disse ele, em tom reflexivo.

Venho de uma terra estagnada, longínqua, cáustica e inóspita. Este torrão que vos falo é conhecido no meio acadêmico do meu país como Sertão. Quanto das suas características fisiológicas tenho de recorrer aos livros de geografia. Os climatologistas classificam este lugar como sendo Semiárido, tendo como vegetação predominante, a chamada Caatinga. Quanto da hidrografia, essa região é composta por rios intermitentes, sendo possível ainda presenciar alguns brejos e açudes construídos pelas mãos humanas. Mas apesar desses rios temporários, há um deles que realmente podemos dizer que é o Nilo do Sertão, é ele o rio São Francisco ou "Velho Chico" como carinhosamente é chamado pelas populações ribeirinhas locais que bordeiam o curso de suas águas e abeiram os seus leitos. Nesta terra, apesar dos longos ciclos de estiagem, podemos contar com a provisão de diversas árvores frutíferas tais como a goiabeira, a mangueira, os pés de seriguela, o sapoti... Há também, quando as precipitações nos são generosas, o plantio de inúmeras espécies de grãos e oleaginosas como feijão, milho, cana-de-açúcar. E olha que essa terra que falamos aqui é constantemente assolada pela seca, onde não se chove e a água é escassa. Sua fauna também é bastante exuberante contendo espécimes como tatus, pebas, mocós, aves carcarás, corvos, corujas, abutres. Na flora, xique-xique, mandacaru, cactos, umbuzeiros, pés de pequi. Não bastasse os problemas da natureza, ainda encontramos gente que estão mais do que dispostos a piorar ainda mais a situação daquele povo. O lugar onde ocorreu meu problemático nascimento ficava numa grande fazenda, estabelecimento esse, que geralmente, eram comandadas, naquele tempo, por figuras conhecidas como coronéis. Esses sujeitos representavam Deus e o Diabo na terra. Concentravam nas mãos grande influência econômica e política, colocando todos aos seus pés, seja por bem ou por mal. Esse modelo perverso de dominação acabou ocasionando um fenômeno

conhecido como a grande Indústria da Seca. Moro numa nação, senhoras e senhores, que teve sua formação muitíssimo complicada. Foi explorada por nações expansionistas europeias, sendo que essas implantaram um modelo crônico de perseguição, extermínio e escravidão de negros e índios, montando uma sociedade extremamente desigual em oportunidades, o que favoreceu para um país com uma base pautada em práticas como o patriarcalismo, oligarquias, desigualdade social...

Entretanto, um dos maiores problemas herdados foi o da concentração de terras, do qual reflexos negativos sofremos até os dias de hoje. Do Tratado de Tordesilhas nasceram as Sesmarias; destas, nasceram os latifundiários; e destes últimos os coronéis, mais os seus mancomunados aliados políticos que aproveitam para agravar ainda mais a situação desse povo explorando economicamente todo essa degradação, sem falar dos desvios das verbas governamentais dos programas de aplacamento das estiagens. Apesar dos reiterados flagelos, insta ressaltar, que essa é uma região muito rica culturalmente falando, um caldeirão de diversidades e de práticas sociais. Lá nos deparamos com engenhos, lendas, vaquejadas, benzedeiras, festas santas, procissões, pagodes, jagunços, cangaceiros, veredas e belas chapadas. Não por acaso, a região angariou fascínio por inúmeros intelectuais da minha terra onde nasci. Euclides da Cunha, talvez o maior representante deles, através de sua obra prima "Os Sertões", foi um daqueles que mais retratou o sertão como ele realmente é. Sabiamente disse o jovem jornalista e escritor ao se deparar com o povo da região: "o sertanejo é, antes de tudo, um forte". Sob esse ponto de vista, logo eu sou também esse forte. Tido por todos como "região-problema", por esse e outros motivos, o sofrimento de sua gente foi denunciada pelo um grupo de escritores chamado grupo da Geração de 1930, que tinha como ponta de lanças Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado dentre outros. Queriam essa plêiade de autores, mostrar um outro Brasil, que se desenhava sob a batuta da liderança política da época, Getúlio Vargas. Cada um ao seu modo, foi retratando, em suas obras, o modo de vida desse povo tão sofrido, mas guerreiro que não se verga para coronéis, para as estiagens nem muito menos para a assombrosa morte.

Quanto dos meus dotes estéticos, não é difícil perceber que tenho aparência muito pouco convidativa. Ela nada mais é do que resultado pelo qual estive submetido a vida toda. Minhas cicatrizes espalhadas por toda a extensão do corpo, orelhas carcomidas, pelos em falta, dentes careados, olho vazado são marcas, as quais exporei para meus descendentes. Será meu libelo, meu atestado e provas de tudo pelo que passei enquanto em vida, pelo carregarei com muito orgulhoso durante toda minha vida e ainda mostrá-las-ei para meus netinhos,

como muito orgulho. Toda essa desafeição, não aconteceu por acaso, pois uma infinidade de apetrechos de dominação contribuíram, em grade monta, para esse triste cenário como o Arreio Rabo de Pato, Barrigueiras, Buçal, Chincha, Lategos, Maneadores, Peiteiras, Argolas Nasais, Redéas, Takas, etc. Mas, dentre os instrumentos de tortura mais comuns destaco as esporas, as rédeas, os chicotes, as selas, ferragens... pelos quais, alguns deles faço questão de citar os sinais que eles deixaram em mim. Comecemos então pelas esporas. Estes instrumentos, cortantes ou não, estão comumente afixados na parte detrás das botas dos cavaleiros. Aliás, a cultura faroeste e os filmes americanos difundiram muito essa maneira de ser, e vários sujeitos viram nesse modelo, um estilo de vida a seguir com modo próprio de se vestir - são eles os cowboys. Pois bem, esse apetrecho serve para golpear-nos bem próximo a nossas coxas, próximo já as virilhas, mais precisamente bem ali, na região do baixo-ventre. E o fazem, segundo isso, com vistas a dar comando de trote a nós, os asininos e os equinos. Muitos deles dizem fazer uso da chamada "esporas rombas", que não por apresentar elementos pontiagudos, por esse motivo, não ocasionaria mal algum para nós. Ledo engano!

Ora, senhoras e senhores, só pelo fato de açoitar-nos com qualquer objeto dessa natureza, já nos causa tamanho sofrimento físico, ocasionando causticantes pisaduras, desde as mais superficiais até as mais profundas, o que por vezes, podem ocasionar a morte em série, de animais submetidos a essa nefasta prática. Já as aparentemente inofensivas rédeas, por outros chamadas também de freios, tem como função, curiosamente de fazer a intenção contrária à do objeto antecessor. Vocês humanos, definitivamente, não sabem nem o querem, nem muito menos o que fazem. Enfim, essas famigeradas rédeas são utilizadas com intuito de fazer-nos diminuir a velocidade ou parar, além de direcionar-nos para os lados, seja para direita ou para a esquerda. O problema é que a cada puxão que um cavaleiro desse faz, é suficiente para ocasionar um impacto, capaz de machucar os tecidos moles próximos a região da boca, tais como os lábios, os nervos, as mucosas e as gengivas. Essas dores se agravam mais ainda por conta, que essas atitudes, atingem diretamente os ramos do nervo trigêmeo, que dissemina mais dores ainda aos nervos menores como o do nervo sublingual, alveolar, maxilar, etc.; sem falar dos danos nas cervicais e em todo sistema muscular além das disfunções das glândulas parótidas, ocasionadas pela puxadas bruscas, pois eles costumam colocar tal material próximo ao nosso sensível palato. Um dos fundadores do Taoísmo, o sábio Zhuangzi, já lá no século IV havia dito: "o freio tortura o cavalo." Pois bem, todo esse malévolo conjunto ou sucessão de erros por que não dizer, nos tem acarretado consequências gástricas nada agradáveis, além de contribuir para uma garganta

ressecada que levam nossa boca a expelir uma baba espumosa e esbranquiçada, o que não nos é nada peculiar.

Neste outro bloco, permitam-me tratar dos três outros instrumentos últimos que tiram nossos sonos e que nos fazem tão judiados, são eles: os chicotes, as selas e as ferragens. Quanto ao chicote, este fala por si, tanto que nem precisaria discorrer eu absolutamente nada a respeito dele. Talvez seja esse, a expressão máxima de todos os objetos de tortura pelo qual somos covardemente submetidos. Ao contrário do que muitos pensam, nossa pele é muito fina, muito fina mesmo, e assim como a de vocês, está abarrotada de nervos, vasos sanguíneos e glândulas de toda sorte. O problema é que nossa pelagem acaba escondendo as chicotadas covardes que sofremos quando os cavaleiros nos montam, acarretando cortes, hematomas e feridas sem precedentes. Batem-nos, a olhos vistos e sem a menor cerimônia, próximos aos nossos lombos abrindo enormes ulcerações em carne viva. Mas o pior é quando, essa ferida aberta que já estava sarando, é surpreendida por outra chibatada, e outra chaga é aberta novamente, sem chance de cura nem de cicatrização. Quando estamos carregando uma carroça ou uma charrete então, essas chicotadas se dão no nosso pescoço bem próximo já de nossas faces e dos nossos sensíveis olhos. Inclusive uma dessas açoitadas foi a que foi responsável por ferir e fazer vazar este meu olho esquerdo do qual não enxergo mais nada. Deste outro aqui, o direito, já quase nem mais enxergo, devido a exposição contínua ao sol. Isso tudo porque somos submetidos a altas cargas de trabalho escravo o que, por vezes, nos ocasionam morte por exaustão, ataques cardíacos, hemorragia pulmonar, dentre várias outras mazelas. A lógica de trucidamento é o seguinte: se não estamos fazendo o trabalho a contento, tomamos chibatas; se estamos fazendo tudo que nos pedem os nossos queridos "donos", chibatadas novamente. Não há critério! Parece que todas as frustações, fracassos, derrotas são acumulados no interior desses torturadores e eles decidem despender todos esses recalques na gente. É chicotada de um lado e de outro, mesmo que já estejamos fazendo o que manda o tal açoitador, não importa. Isso me fez lembrar uma passagem do livro que muito gosto "Crime e Castigo" de Fiodor Dostoievsky. Há um trecho no qual é contado um sonho que teve o personagem Raskólhnikov, onde se fala de "uma eguazinha", que nas mãos dos camponeses, que segundo Dostoievsky eram submetidos a carregar: "(...) grandes fardos de lenha ou feno, e quando o carro se atola, na lama ou nos sulcos, os camponeses batem-lhes com muita força, muita força, com os chicotes, às vezes até no próprio focinho ou nos olhos; isso fazia-lhe uma pena imensa, tão grande que quase vinham-lhe lágrimas aos olhos (...)." Nesse sonho, que eu diria ser um pesadelo, há um personagem de nome Mikolka. Este convida um conjunto de pessoas - dentre eles vários bêbados -, para entrar numa charrete puxada por

uma égua dessas. No meio dessa desventura, o tal personagem mais seus colegas bêbados, começam a judiar do animal dizendo coisas do tipo: "(...) e esta eguazinha, meus amigos, só serve para me fazer sofrer; mais valia matá-la, pois nem vale aquilo que come." Imbuídos desse pensamento, ele e seus amigos começam a sovar covardemente o animalzinho. É quando, não satisfeitos com a monstruosidade que já haviam realizado; Mikolka munido de um porrete, desfere um duro golpe na égua. Depois, para a sacrificarem definitivamente, alguém sugestiona para que ele a matasse com um machado. E assim foi feito, Mikolka desfere o golpe final no bicho e ela morre, depois de muitas tortura e humilhação. Enfim, conto isso somente para ilustrar o que disse anteriormente. Quanto as selas, elas são colocadas de forma sobreposta por sobre nossa coluna vertebral, para que alguém possa nos montar. Somos encilhados, e sujeitos - sejam eles altos ou baixos, gordos ou magros - sentam em nosso dorso, nossa coluna vertebral, como se estivessem sentando no sofá da casa deles. Imaginem vocês agora, senhores e senhoras, do dia para noite, tendo de carregar alguém nas costas. Vocês mal aguentam os filhos pequenos de vocês. Pois em verdade vos digo, temos alma e sentimos dor. Geralmente a sela é um apetrecho pesado, desconfortável que causa bastante calor nos nossos lombos, roçando nossas costas e causando algumas escaras, seja no trote ou no galope. Depois dela, vem o peso de uma pessoa, o que agrava ainda mais a nossa situação. A longo prazo, essa prática faz nosso sangue coagular e os nervos e músculos ficam inflamados, pois estanca o fluxo sanguíneo natural do nosso corpo naquela parte, causando por vezes, dormência, desconforto e em alguns casos mais graves como artrites, úlceras e desvios na coluna. E por último enfim, tratemos agora, das ferragens, tidos por uns até como amuleto de sorte. Pois em verdade vos digo, para nós esse referido aparelho nada mais é do que sinônimo de um belo símbolo de azar, pelo qual nenhum equino gostaria de fazer uso. Para comentar a respeito desse instrumento, façamos uso da nossa fértil imaginação. Visualizem vocês que, ao acordarem de manhã, depois de um belo e reparador sono, algum ser qualquer decide que será implantado um artefato de ferro no solado dos pés de vocês. Isso mesmo, sem mais nem menos, alguém, e aqui não vou tentar justificar nenhum motivo, põe um belo par de ferraduras em ambos os seus dois pés. Certamente vocês se sentiram deveras incomodados. Afinal, aquilo não faz parte dos seus corpos, não é assim? Pois bem, meus caros e caras, esses instrumentos, as ferraduras, nos são colocados de forma mais brutal ainda. Sem o devido aviso prévio, são inseridos pregos de forma abrupta, em nossos cascos, depois recebemos reiteradas marteladas em cada uma das nossas quatro patas. Cada processo desse, abre uma janela para a indesejada invasão de uma série de infecções e bactérias. Mas o pior não se dá no momento do implante forçado mas sim bem

depois. Com essas ferraduras, nossa circulação sanguínea é reduzida em média de 75% da nossa capacidade normal de bombeamento cardíaco. Isso sem falar que perdemos totalmente as funções naturais de nossas ranilhas, que é a de absorver o impacto das nossas pisadas no solo. E isso tudo para quê senhoras e senhores? Somente para superarmos - de forma quase que sobrenatural - a capacidade além do que nossos naturais cascos poderiam suportar naturalmente.

Quanto da nossa condição biofísica, somos mamíferos classificados como sendo da ordem Perissodactyla, da subordem Hippomorpha, da família Equidae, da subfamília Equinae, do gênero Equus e da espécie asinus. Ufa! Na língua vernácula inglesa, temos nosso nome traduzido como "donkey" ou "jackass", que nada mais são do que sinônimos de palavras pejorativas, diga-se por sinal. Vivemos em média 25 anos, senhor Secretário, mas dependendo da qualidade de vida cada um - o que definitivamente, já está mais do que comprovando, que quase nenhum de nós as têm -, há casos raros de que alguns de nossos irmãos cheguem aos 40 anos. Senhoras e senhores, nossa imensa comunidade é tão extensa e diversificada que está em posição superior bem mais além do que o entendimento humano possa imaginar. Nossa longa e proeminente história extrapola todos os delgados limites de todas nossas fronteiras e tempo. Os primeiros registros da nossa existência remontam da região de Jamo, atual Iraque há 7.000 anos a.C.. Já os achados arqueológicos a nosso respeito, advém do sítio Maadi no Egito. Depois a nossa criação e comercialização se intensificou na Mesopotâmia próximo de da cidade Damasco, hoje capital da Síria. Nas américas, chegamos por intermédio do navegador Cristóvão Colombo que numa de suas viagens trouxera casais de nossa espécie asininos para a ilha de Fidel, Cuba e despois para o México. No Brasil, chegamos em 1534, na cidade de São Vicente, pelas mãos de Martim Afonso de Souza. Nos Estados Unidos um grande criador nosso fora George Washington que com o cruzamento de outras espécies criou a raça Mammoth. Estamos maciçamente presentes em regiões como a do Oriente Médio como a Palestina e o Irã, na África, na Índia... nas regiões próximas aos polos e alpinas como o Nepal, a Mongólia e o Tibet, apesar de não sermos muitos afeitos as regiões muitíssimos frias. Toda essa adequação ocorre porque facilmente nos adaptamos a todo tipo de terreno e qualquer tipo de terreno, trilhas sejam elas estreitas, veredas rasas, caminhos lamacentos, ladeiras íngremes, leitos de rios pedregosos, terrenos inóspitos acidentados, enfim... Já dizia o naturalista inglês Charles Darwin na sua "Evolução da Espécies", que patenteou a tese de que só os mais adaptados sobrevivem e geram descendentes.

Condições climáticas adversas, também não são capazes de deter nossa existência. Isto tudo porque somos bastante inteligentes, reflexivos, sensatos,

temos memória sem igual e uma capacidade de resiliência além da média. É necessário também, a título de informação, fazer uma breve mas destacada distinção da nossa etnia. Afinal só se pode gostar e cuidar daquilo que se conhece não é assim? Muitos ainda, por ignorância ou má fé insistem em nos confundir. Somos muitos, nossa nação é bem vasta e bastante segmentada. Conferem a nós inúmeros termos e denominações tais como asno, jegue, jerico, mula, asno-doméstico, bardoto, muar, burro, asinino e por aí vai. O que não faltam são diversas denominações, o que muitas delas, em nada nos acrescentam. Possuímos ainda - além das nossas classificações biológicas e diversas alcunhas - raças bem variadas, que dentre eles, faço questão de citar brevemente em ordem alfabética: Andaluz, Apulies, Castelã, Catalão, Espanhol, francês Poitou, Gascão, Mamoth, Nordestino, Norte Americano, Pêga, Poiton, Siciliano, Zamorano e muitos outros. Esses, em resumo, são os mais comuns. Quanto da nossa composição biológica e compleição física, temos um esqueleto mais avantajado e robusto do que nossos semelhantes equinos. Nos distinguimos deles também, por conta da nossa peculiar pelúcia que exibimos, além de uma juba bem mais discreta e pequenina. Ainda temos as tufas da crina do nosso rabo que é bem mais breve, sendo que nas extremidades, ela é bastante peludinha. Aliás, somos todos bem mais peludinhos do que as nossas similares mulas e burros, sendo nossas orelhas, portanto, um pouco mais alongadas. Temos pelúcia da cor ruça, cinza, avermelhada, preto, marrom escuro ou claro.

Quanto das nossas qualidades emocionais e laborais, modéstia à parte, somos dotados de muito brio, energia, amabilidade, força, paciência e resistência. Somos, entretanto, mais lentos e temos passos mais cadenciados se comparados a agilidade visível dos nossos amigos equinos. Somos dotados não somente uma audição apurada, bem como também de um olfato e visão bastante aguçados. Com nossos pequeninos e afiados cascos, somos capazes de andar de forma elegantemente marchada, com ou sem o chamado "tríplice apoio"; o que favorece um caminhar muito mais confortável, macio e firme. Por todas essas qualidades, somos muitos solicitados para participar de cavalhadas, romarias e cavalgadas, além de sermos elementos de tração e de transporte de cargas. Na penúltima, somos comumente utilizados pelos camponeses auxiliando-os no arado da terra, fazendo logicamente, sempre o serviço mais pesado, isso sem falar dos usos das carpideiras, com igual finalidade. Como carga, carregamos diversas mercadorias em carroças ou nas chamadas "cangalhas". Durante toda essa nossa homérica saga, tivemos de percorrer léguas e léguas, subindo serras e outeiros, estando o clima quente ou frio, carregando muitos fardos de cargas de praticamente todos os tipos como o algodão, os grãos, a cana de açúcar, o café, o cacau e outras especiarias. Mesmos com essa infinidade de qualidades e

habilidades, muitos nos tem como arredios, preguiçosos, insolentes. Irônico não? Nos utilizam para fazer o serviço pesado e nós é que somos insolentes e por isso merecemos nós levar tais sovas. Nem que tivéssemos qualidade nenhuma deveríamos ser respeitados, amados independente de ser, ter ou fazer determinado tipo de coisa. Todo esse caldeirão ideológico, acabou ocasionado uma certa falta de empatia e tolerância em relação a gente. Mas como sempre disse a sabedoria popular: "A mentira contada diversas vezes acaba se tornando verdade". Somos e temos sido classificados como raça inferior tal como fez o sanguinário Hitler em face do povo judeu, isso tudo para somente justificar e legitimar a opressão e os maus tratos a nós covardemente desferidos, engrossando o caldo da insanidade com dizeres do tipo: "Vejam que animal idiota", "Batam nele, ele merece. É para aprender" ou então, "é um burro mesmo, não serve para nada". Mas tenho de reconhecer que mesmo com todas essas brutalidades, sempre há alguém que é levantado para nos defender. O filósofo-poeta alemão Friedrich Nietzsche, autor do clássico "Assim Falou Zaratustra", certa feita, ao presenciar um espancamento cobarde a um cavalo numa praça, correu para defender o bicho, abraçando-se ao seu pescoço tentando protegê-lo, logo depois, caindo ao chão o que desencadeou nele, um colapso mental.

Porém, se tem outro quesito que nos faz orgulhar de sermos o que somos e que insufla nossa autoestima, é que historicamente, fomos amplamente utilizados como instrumento de guerra pelos exércitos persas, e isso quem diz não sou eu, mas sim o grande historiador grego Heródoto. A linda Cleópatra VII então, para manter a peculiar beleza de sua pele, costumava banhar com leite de jumenta. Não por acaso esse líquido é hoje matéria prima para confecção de cosméticos dos mais variados gêneros. Sem falar que ao ser bebido é fonte rica de vitaminas, proteínas, cálcio e minerais. Ainda, segundo consta nos escritos sagrados do Antigo Testamento (ou Torah para os Judeus), fomos usados para guerrear contra os midianitas, em um contingente em torno de 61 mil, pra ser mais exato e conforme está escrito no livro de Números no capítulo 31, dos versículos 32 ao 35 da Bíblia. Em Samaria então, tivemos uma página negra na nossa História, pois fomos consumidos por conta da grande fome ocasionada pelos sítios da cidade do monarca Ben-Hadade. Relatos da história universal dão conta ainda de que, quando todos se afastaram do outrora poderoso rei da babilônia Nabucodonosor - nos seus intermináveis e solitários sete anos, o que acabou acarretando sua insanidade mental (a perda da razão) -, nós fomos os únicos que tivemos a decência de acompanhá-lo, fazendo companhia a rei quando ele mais precisava. Faço esse histórico somente para salientar nossa importância no decorrer dos tempos, sendo que nada tem sido feito, da parte de vocês, para reconhecer isso. Imagino que neste exato instante devem estar

fervilhando na cabecinha de vocês uma séries de indagações do tipo: mas porque que esse um desprezível jumento está contando toda essa piegas que foi a sua vida de sofrimento? Afinal nós é que somos o Homo Sapiens e a natureza não foi nos feita unicamente pra nos servir? Estamos ou não acima dos leões e dos dinossauros na cadeia alimentar? Pois decerto digo, mundo ao qual vocês controlam vai de mal a pior e isso definitivamente, não atesta nada de positivo em relação a vós mesmos. Como a vida é cheia de paradoxos não é mesmo? Como o destino nos é irônico a todo momento não é verdade? E pensar que nós, depois de todo esse serviço prestado a vocês, ainda somos subjugados tal como sempre fomos lá atrás como seres inferiores e tudo mais.

Mas há, meus senhores e minha senhores - dentro de todo esse arcabouço de um cenário mais do que desorientado, turvo e complexo -, uma cultura que nos valorizou, como poucos. E essa é, definitivamente, a nossa maior redenção. Foi o reino fundado por Jesus da Galileia, o Príncipe da Paz, o Nazareno, o Redentor, o El Shaddai. Nessa época éramos símbolos de status e poder. Ah, que bons tempos aqueles! Ainda posso me lembrar com alegria e júbilo, tudo que ali ocorreu foi um verdadeiro refrigério para nossa alma. Ali, nos tornamos mais importante do que reis cheios de riquezas e glórias. Não obstante, somos amplamente citados nas escrituras sagradas, de Gênesis ao Apocalipse; exercemos, inclusive papéis mui importantes, agindo portanto, como protagonistas e não somente meros coadjuvantes. Dentre os trechos que marcam as passagens de nossos ancestrais ao longo da história cristã, sem dúvidas, a mais conhecida foi aquela que quando Jeová Deus ordenou para que seu Filho Jesus, cumprindo profecia, entrasse em Jerusalém - como Rei da Paz - montado por sobre um jumento. Isso mesmo egrégia assembleia, não fora um cavalo, uma carruagem, um carro preto blindado e com vidros escurecidos, nem muito menos um ônibus espacial desenvolvido pela NASA. Jesus estava assentado sobre um simples e inocente jumentinho. Com respeito as demais religiões, mas vejamos o que diz as escrituras: "E, quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou, então, Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendei-a, e trazei-mos. Se alguém vos perguntar: Por que o desprendeis? Respondereis assim: O Senhor precisa dele." (Mateus 21:1-3). *Esse, senhores e senhoras, atentai bem, foi nosso momento maior na história, que nem mesmo um reles discurso nesta organização será capaz de ofuscar. O SENHOR precisou de mim, de mim!* - nessa hora o orador se emociona, uma lágrima fugidia escorre por suas faces. Logo depois assoa o nariz, digo as fuças, continuando sua fala.

Nossa consagração se dá nesses versículos adiante: "Dizei à filha de

Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, Manso, e assentado sobre um jumento, e num jumentinho, filho de jumenta." (Mat, 21:5) *E, então, aquele jumentinho outrora tão judiado, agora tinha Jerusalém toda aos seus pés. Isso tudo porque carregava em suas costas, o Rei dos reis. Enfim, essa situação que aconteceu com esse meu ancestral pode ser comparada a vocês. Isso mesmo, não me olhem com essas caras pasmas. O que aconteceu com esse jumentinho nada mais é aquilo que vocês foram antes de conhecerem a verdade da palavra de Deus. Ou seja, aquele que antes era humilhado foi exaltado. Aquele que era antes maltrapilho agora era vestido com as melhores vestimentas. Aquele que antes era solitário e invisível se torna relevante. Aquele que não tinham esperança nenhuma para o futuro vê todo um caminho preparado. E isto tudo porque? Porque recebeu Cristo para ser Senhor de sua vida. Depois dessa, já poderia muito bem encerrar meu discurso logo aqui mesmo. Há recompensa maior do que essa? Ser amado por Jesus. Sim nós somos amados por Jesus Cristo da Galileia. Aleluias!!! Aleluias!!! Todo ser que respira, demos glórias ao Senhor! A Deus toda Honra e toda Glória! Louvado seja o teu Santo nome para todo sempre! Amém!*

Outra passagem que marca fortemente nossa importância na história cristã cujo o qual não poderemos deixar de sublinhar é o caso da jumenta de Balaão. E pensam vocês que sou o único jumento falante da história? Não meus caros e caras não sou o único jumento falante da história. Talvez, se vocês lessem um pouco mais a Bíblia ou qualquer outro livro religioso, não estaríamos tendo que passar por todo esse constrangimento em escala planetária e nem muito menos eu teria de estar justificando o porquê de tudo isso que falo aqui. Enfim, diz a Palavra de Deus, que certo dia, Balaão - fazendo nada mais que aquilo que os homens tem feito ao longo de toda história, qual seja: desobedecer a Deus -, um certo profeta foi convocado pelo Rei de Moabe, Balaque com intuito de amaldiçoar o povo israelita. Desse modo Balaão, filho de Beor, põe a cela na sua jumenta e sai com os chefes moabitas com vistas a cumprir sua missão conferida pelo tal rei. Mas eis, que de repente, surge um Anjo do SENHOR, com uma espada na mão com vistas a dá cabo de sua viagem. Então a jumenta vendo o tal Anjo, para em sinal de respeito, mas Balaão cego como um machado de arqueólogo, bate pela primeira vez na pobre jumenta, tornando a seguir outro caminho. Vendo a indiferença de Balaão, o Anjo reaparece agora bem à frente dos dois, em meio a dois muros de pedra, um em cada lado. Ao ver o Anjo novamente, a jumenta agora aperta o pé de seu dono na intenção que ele visse o tal mensageiro celestial. Não deu outra, o insensível profeta surrou a pobre asinina outra vez. Quando o Anjo encurralou de vez os dois viajantes, a jumenta se deita no chão em deferência ao ser enviado por Deus. Balaão, tomado

por uma fúria ensandecida, toma uma vara nas mãos e surra sem piedade a tal jumenta. Foi quando: "Então o Senhor abriu a boca da jumenta, e ela disse a Balaão: 'Que foi que eu fiz a você, para você bater em mim três vezes?'" (Números 22:28). Detentor de um coração frio e desalmado, Balaão ainda contesta: *"Você caçoou de mim, me fez de tolo! Quem dera eu tivesse uma espada na mão; eu a mataria agora mesmo!"* (Nm, 22:29). *Tentando em vão abrir os olhos de seu dono, ela ainda tenta reforçar a justificativa de suas sensatas atitudes, dizendo para ele que ela jamais faria aquilo como de costume, portanto, devendo ele presumir que haveria naquela atípica situação, algo bem mais importante que estava por acontecer. Foi quando Deus fez Balaão realmente ver o rosto do Anjo empunhando sua espada. Logo depois, não deu outra, o cabeçudo profeta agora, sentindo a presença de Deus, lança suas faces ao chão. "E o Anjo do Senhor lhe perguntou: 'Por que você bateu três vezes em sua jumenta? Eu vim aqui para impedi-lo de prosseguir porque o seu caminho me desagrada. A jumenta me viu e se afastou de mim por três vezes. Se ela não se afastasse, certamente eu já o teria matado; mas a jumenta eu teria poupado'".* (Nm, 22:32,33). *Então vejamos a que ponto chega a brutalidade e ignorância humana. Não percebem que até mesmo para o Senhor, uma simples jumentinha pode ser usada como instrumento de sabedoria, de paz e de transformação para os homens.*

Visto tudo isso, não é somente na literatura cristã que nosso nome está eternizado, mas no pensamento universal também meus senhores. No fantástico mundo das fábulas, dos misticismos, dos mitos e das alegorias então, fomos amplamente utilizados como figuras cativas nas "estórias", sendo presenças marcantes em muitos clássicos, que entraram definitivamente, no cânone literário e filosófico universal permanente. Pinóquio - aquele boneco criado pelo marceneiro Gepeto que tinha seu nariz alargado cada vez que contava uma de suas mentiras -, sobretudo, por conta de sua ânsia, que o fez viver uma penosa saga, para deixar de ser um frio, simples e inexpressivo pedaço madeira para se transformar em menino com sentimentos, razão e percepção, acabou por se envolver nas mais absurdas patuscadas e peripécias. E aqui eu e Pinóquio temos algo em comum. Digo isso, porque ele, simplesmente, na ânsia de se tornar melhor (ou seja, na sua errônea concepção, tornar-se uma pessoa) tal como venho também buscado ser, praticamente ele tem passado toda sua saga metendo os pés pelas mãos, o que lhe rendeu, é verdade, até um belo par de orelhas de burro, que como dissemos em outro momento, são bem avantajadas. Não só isso, meteram-lhe também um felpudo rabo para que o mesmo se assemelhasse ainda mais como um burrico com as mesmas características básicas desse aqui que vos fala. Vejam só como, até no pensamento, na literatura e na

mitologia de vocês somos injustamente pintados como seres inferiores. Essa alegoria nada mais simboliza aquele que não costuma se dá bem nas suas empreitadas, sendo portanto taxados de "burros". Não por acaso, muitas de suas crianças, em idade escolar, eram coagidas e moralmente assediadas pelas escolinhas para pôr um belo par de orelhas de burro em cima da cabeça e postos ao ridículo para toda a escola e outras crianças. A partir daí, ela ficava estigmatizada por todos e traumatizada em todas suas fases subsequentes da vida, que só um discernimento muito aprofundado e reflexivo na maturidade, seria capaz de curar. Depois disso, o boneco Pinóquio encontra seu criador Gepeto nas entranhas de um tubarão, tal como Jonas que fora engolido por uma baleia nas Escrituras. Quando finalmente conseguem sair de lá, Pinóquio, finalmente, se tornara um menino prometendo, assim, nunca mais mentir.

Contudo, o tal boneco trapalhão não fora o único, em se transmutar em burro sobretudo como forma de sobrepor alguns obstáculos. Numa peça de comédia dos idos do ano de 1590, composta pelo nosso sempre venerado William Shakespeare chamada: "Sonho de uma Noite de Verão", um personagem também foi "transmutado" em burro. Esse clássico é uma obra fantástica, desse que é o meu autor predileto, e que do qual disponho na minha humilde residência, obra completa, em três volumes. Depois da Bíblia, são de Shakespeare e Confúcio as leituras que mais me agradam. Pois bem, a peça fala de uma trama de personagens apaixonados uns pelos outros, entretanto nem sempre o amor de um é ou pode ser correspondido pelo outro. Nessa intricada trama de relações amorosas, uma bela jovem Hérmia, não podendo declarar seu amor a Lisandro, por quem era perdidamente apaixonada, decide fugir com este para uma floresta encantada cheia de mistérios e seres encantados como duendes, gnomos, fadas, sátiros, ninfas e outros seres que a fértil imaginação humana é capaz de criar. Através de uma poção mágica o travesso elfo Puck - personagem crucial para entender a história -, é ordenado por Oberon, rei dos elfos, a enfeitiçar os casais como Lisandro e Hérmia, bem como outro: Demétrio e Helena, para que eles se apaixonassem por aqueles primeiros que vissem. Porém, os dois trapalhões Oberon e Puck, acabam metendo os pés pelas mãos pois enfeitiçam os casais errados. Não só isso, como o próprio rei e sua esposa a rainha Titânia estavam em pé de guerra por conta da disputa de guarda de um menino, o rei resolveu ordenar Puck para que o mesmo, com uma cabeça de burro, fizesse com que ela se apaixonasse por ele. Desmoralizada a rainha, pois afinal estaria ela perdidamente apaixonada por um burro, a mesma acaba entregando o menino ao rei, ao mesmo tempo que pergunta, também, quem eram aqueles dois jovens casais com semblantes tão contritos. O rei Oberon, meio desconcertado com suas reiteradas patuscadas, explica que

eram casais que ele teria da "dá um jeito". É quando em meio a todo esse entrevero, aparece o pai de Hérmia, Egeu. Este, estava em companhia de vários caçadores mais inúmeros cães farejadores, a procura da filha fujona Hérmia. Foi quando Demétrio diz a Egeu que estava apaixonado por Helena, e assim sendo, não havia mais impedimentos para que Hérmia se cassasse com Lisandro, que era quem realmente ela amava. Sabendo disso, Egeu se conforma e com grande regozijo, acaba preparando uma só grande festa para os dois casais. A rainha Titânia, por seu turno, depois de desfeito o feitiço que era o de estar apaixonada por um burro, elogia o marido e faz as pazes com ele. Da mesma forma o rei, que elogia o trabalho do seu fiel escudeiro Puck. Assim devidamente juntos Lisandro e Hérmia agradecem aos céus por estarem realizando um sonho, ainda que talvez um simples e passageiro sonho de verão. Uma história deveras maravilhosa, não senhores e senhoras? Talvez se vocês lessem mais Shakespeare ou qualquer outro autor, ou amassem mais as artes, perceberiam que a vida tem um sentido além de ser somente dominador, poderosos e acumuladores capital; pois este mundo certamente contasse com o comando dos artistas e da arte - como bem superior - nós não estaríamos aqui contabilizando nossos erros, lamentando nossas mortes, destruição do mundo e em uma busca ilusória de um "mundo melhor".

Este fantástico enredo me fez lembrar de uma outra imprescindível história, daquela que foi a pitoresca saga da imortal dupla Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança, história contada pelo meu irmão espano Miguel de Cervantes. Percorreram a dupla - aquele, em companhia de seu pangaré rocinante e este último no seu burrinho -, numa enorme aventura, demostrando a sagacidade e impulsividade de um em contrapartida da sensatez e comedimento do outro, entretanto ambos irmanados quase que espiritualmente nessa ânsia desenfreada em busca de seus sonhos. O que seria dessa história se não houvesse a intervenção nossa, dos burrinhos e dos nossos amigos equinos? Ela teria o mesmo efeito? Acho que não! Quem conduziria eles nas suas mais pitorescas aventuras iguais aquela na qual lutaram com aqueles terríveis e assustadores moinhos de vento, turbando a alma do nosso querido Dom Quixote. Nosso outro mestre - agora mais recente e morador lá daquelas regiões frias da Rússia -, Liev Nikoláievitch Tolstói ou Leão Tolstói ou simplesmente Tolstói em sua obra pedagógica "Nova Cartilha" nos legou a linda fábula chamada "O burro e o cavalo". Nesse escrito, ele - um homem de espírito superior e alma nobre como a de um guru espiritual -, se reportou a nós com maneira especial e com peculiar esmero. De certa forma, nessa rápida passagem, com muitas poucas palavras ele conseguiu denunciar o que sempre passamos. Neste escrito, nosso educador russo, conta a história de um cavalo muito orgulhoso e fanfarrão que

se negava a ajudar um burro a carregar uma pesada carga. Não deu outra, por conta do trabalho intenso, o burro veio a falecer e a partir dali o cavalo teve de fazer todo o seu trabalho. Provavelmente, tenha morrido também. Se não tivesse sido tão egoísta os dois estariam vivos. Não muito distante da minha região de origem, num formidoso país chamado Brasil, o nosso patrono mor das letras, também, fez uma breve, mas pertinente referência a gente. No Capítulo III, de seu conto "Miss Dólar". Falo aqui do nosso brioso Machado de Assis pai da literatura brasileira, que encetou a seguinte ressalva quando se referia ao seu personagem principal: "A observação deste amigo anônimo tinha a vantagem de ser tão poética como a de Mendonça. Por isso abalou profundamente o ânimo do médico. Não ficou este como o asno de Buridan entre a selha d'água e a quarta de cevada; o asno hesitaria, Mendonça não hesitou. Acudiu-lhe de pronto a lição do casuísta Sánchez, e das duas opiniões tomou a que lhe pareceu provável." Não só Machado, Monteiro Lobato, outra grande sumidade literária em seu "Urupês" também fez referência a esse mesmo paradoxo. E aqui, proveito as referências de Lobato e Machado que fizeram quanto ao paradoxo de Buridan com o intuito de aproveitar para iniciar outro importante segmento ao qual somos extremamente pertinentes - no pensamento universal.

Isso mesmo estamos encrustados no pensamento filosófico também, ainda que de forma um tanto quanto pejorativa, como ocorre no caso desse paradoxo; pois este, como veremos adiante, dá a entender que somos tão desinteligentes, a ponto de sermos capazes até de morrer por não saber tomar decisões, ou ficar inertes diante delas. Isso mesmo, estamos imortalizados também no fantástico e necessário mundo da ciência de Sócrates, Platão, Aristóteles - a minha amada Filosofia. Sem mais delongas, falo aqui do famoso Paradoxo do Asno de Buridan. Alguns o tratam como fábula, outros como lenda, enfim, seja qual o nome que queiram dar a moral é a mesma. Antes de mais nada, convém instar, que como nada é criado e tudo é copiado, essa premissa elaborada pelo francês, tem sua raiz na obra "De Caelo" (Sobre os Céus) de Aristóteles, na qual o grego fala de um cão faminto que ficou inerte diante de duas refeições. Sabe-se lá por qual motivo o medievo Jean Buridan decidiu adaptar essa historieta nós, os Asnos. Pois bem, o franco filósofo achou por bem adaptar a ideia de Aristóteles a um Asno que ficou entre dois fenos (outros diziam que era um feno e água), enfim tal diferença não prejudicará a tese que o mesmo propõe. Em suma, tal enredo fala de um dos nossos que morreu de inanição simplesmente porque não teve a capacidade de escolher entre duas porções de alimentos. A situação, exigia somente do referido Asno, uma capacidade meramente mecânica, haja vista que as circunstâncias necessitavam somente uma atitude simples sem maiores habilidades mentais, por assim dizer.

Qualquer que fosse a atitude tomada, no sentido ir se alimentar, de uma ou outra porção, já seria suficiente para salvar a sua vida. E meus caros e minhas caras, mas não foi isso que aconteceu, pois, preferiu o ensimesmado asno, ter passado horas e horas a refletir sobre qual deveria ser a melhor decisão a ser tomada. No final, acabou não optando por uma ou nem por outra decisão, vindo este a falecer melancolicamente. Talvez, a fome somada a já sua peculiar "falta de inteligência" - tese essa sustentada somente por vocês e que do qual venho tentado desconstruir sem muito sucesso -, sejam os fatores desencadeantes que tenham levado o referido Asno à morte.

Mas digo e reafirmo, essa fábula é uma falácia no sentido mais puro da palavra, com todo e absoluto respeito ao filósofo medievo quatrocentista. Pondero isto porque ele deveria ter utilizado alguém da espécie dele mesmo, não da nossa. Talvez tenha sido esse seu erro, do qual também não eximo o velho grego Aristóteles, que iniciou essa ideologia insinuando nos repassar essa mesma impressão, só que com os nossos amigos caninos. Afinal, não é essa a finalidade dessa congregação política internacional ao qual estamos subordinados? Ela não existe justamente por conta disso? Para tomada de decisões. Por que será que até hoje vocês não tem o mínimo de sabedoria sobre quais as decisões devem tomar diante da destruição do planeta e por conseguinte do que há em cima dele? Partindo dessa premissa, suponho que devam imaginar que não resta a vocês não fazer absolutamente nada, ou pior fingir que fazem alguma coisa, só para ludibriar a grande massa alienada a qual vocês dominam. E o que dizer então, que depois que encerrarmos essa reunião e todos - exceto eu - retornarão para suas confortáveis casas tendo a espera uma família feliz sendo que milhões de pessoas continuarão a morrer notadamente a partir dos milésimos de segundos que for dado cabo a esse parlatório, unicamente porque vocês deixaram de tomar alguma decisão? Não quero aqui de modo algum apequenar a discussão, pois esta pode desencadear dimensões muito mais proveitosas, no sentido de que ela pode dá subsídio as ações humanas positivas como o livre arbítrio, tomada de decisões, inteligência artificial. Como defendo a tese de que o homem está sempre em busca do melhor sendo esse o único sentido da humanidade. Outro filósofo sem noção foi o tal René Descartes que um dia ousou teorizar que nós não somos seres capazes de sentir dor. Ora mais vejam só que asneira sem tamanho senhor Descartes. Outra obra de grande vulto que faz referência a nós pelo qual não posso deixar passar em branco é "O Asno de ouro" também chamada de "Metamorfose" de Lúcio Apuleio. É uma obra bastante complexa, pois abrange um caleidoscópio gêneros e personagens, uma verdadeira odisseia, por assim dizer. Ela fala de Lúcio, um sujeito que nos tempos antigos quis se transformar numa coruja, tal como acontecia com Panfídia, que se transformava

na ave por intermédio de um unguento. Mas no erro no manuseio das porções ao invés de ser transformado no tal mocho, ele foi transformado foi em asno. A partir daí começa sua saga. Queria ele agora desfazer o feitiço, mas como isso não foi possível a curto prazo, ele foi se metendo nas mais diversas e inimagináveis situações. Essa realmente, também, merece ser lida.

Nas artes, também somos muito bem lembrados diga-se de passagem. Aliás antes de me dirigir ao encerramento, me permitam fazer referência a essa magnífica obra que enfeita nosso saguão de entrada. Trata-se do lindo, faraônico e monumental quadro "Guerra e Paz" do meu conterrâneo Cândido Portinari. Poderia eu passar horas e horas ali contemplando aquele monumento pictórico, que certamente curaria todas minhas agruras. Mas foram nas melodias e nas canções que nossa voz foi bem compreendida. Um dos grandes nomes da música do meus país, Chico Buarque, que além de cantor é escritor tem uma bela canção que fala da gente - "O Jumento". Não é por acaso pois pertence a uma das famílias que mais contribuíram e contribuem para construção de meu país, o clã Buarque de Holanda. Na música que leva nosso nome", Chico diz: "Jumento não é o grande malandro da praça. / Trabalha, trabalha de graça. / Não agrada ninguém. / Nem nome não tem. / É manso e não faz pirraça, mas quando a carcaça ameaça rachar, que coices, que coices que dá". Mas nosso maior protesto foi quando o Rei do Baião Luiz Gonzaga e o poeta José Clementino, elaboraram a canção em ritmo de forró "Apologia ao Jumento" ou "O Jumento é Nosso Irmão". Se tudo que disse aqui pudesse ser musicado, com certeza ela teria essa letra que consta no corpo da canção. Esse é o nosso hino, o que nos deu voz. Logo no início eles ressaltam de como fomos importante pata esse país: "O jumento é nosso irmão, quer queiram quer não. / O jumento sempre foi o maior desenvolvimentista do Sertão. / Ajudou o homem na lida diária, / Ajudou o homem, ajudou o Brasil a se desenvolver." No trecho adiante eles citam, em minúcia, o tanto que fizemos: "Arrastou lenha, madeira. Pedra, cal, cimento, tijolo. / Telha... Fez açude, estrada de rodagem. / Carregou água pra casa do homem. / Fez a feira e serviu de montaria! / O jumento é nosso irmão." Mas o melhor está por vir na segunda parte da canção e que atentem bem para o que vão ouvir, segundo Gonzaga e Clementino: "E o homem! / Em retribuição. O que é que lhe dá? / Castigo! Pancada! Pau nas pernas! Pau no lombo, pau no pescoço! / Pau na cara, nas orelhas! / Ah! Jumento é bom, o homem é mau. / E quando o pobre não aguenta mais o peso de uma carga, (...)" A lucidez desses grandes artistas me comovem. Na outra parte eles vão mais adiante, inclusive partindo para questão chave e que reforça toda minha tese, exposta nas linhas anteriores. "E quando o pobre não aguenta mais o peso de uma carga, que se deita no chão. / Você pensa que o homem

chega, ajuda o bichinho a se levantar? / Hum! Pois, sim! Faz é um foguinho debaixo do rabo dele! / O Jumento é bom... O Jumento é Sagrado. / O homem é mau." Ouviram a última parte? Eu tenho prazer de repetir: "O homem é mau." Cada vez mais que cito a letra dessa música, mais encontro similitudes com meu discurso e me convenço de que estou com a verdade. Vejam só o que eles disseram com relação ao bullying que sofremos, os nomes que gostam de nos caçoar e feito por quem? Por vocês homens. Segundo os compositores: "O homem só presta pra botar apelido no Jumento! / O pobrezinho tem apelido que não acaba mais! / Babau, gangão, breguesso, fofa-chão, imagem do cão. / Musgueiro, corneteiro, seresteiro, sineiro, relógio. / Éé! Ele dá a hora certa no Sertão. / Tudo isso é apelido que o Jumento tem. / Astronauta, professor, estudante... Advogado das bestas." Eles relatam também a passagem que nos consagrou como personagem da história, que é quando carregamos o Nosso Senhor que aqui eles chamam de "Nos'Sinhô". Vejam o que dizem: "Animal Sagrado... Serviu de transporte a 'Nos'Sinhô' quando ele ia para o Egito... / Quando 'Nos'Sinhô' era 'pirritotinho'! / Todo Jumento tem uma cruz nas costas, não tem? / Pode olhar que tem! / Todo Jumento tem uma cruz nas costas... / Foi ali que o Menino Santo fez o 'pipizinho'! / Por isso ele é chamado de Sagrado!!! / Haha! Jumento meu irmão... O maior amigo do Sertão." Eles finalizam nos agradecendo: "Eu tô aqui Jumento! Pra reconhecer o teu valor, meu irmão! / Agora, meu patriota, / Em nome do meu sertão, / Acompanhe o seu vigário, / Nessa eterna gratidão. / Aceita nossa homenagem, / Ao jumento, nosso irmão." Eu só tenho a agradecer aos dois artistas e não posso deixar de dizer: Luiz Gonzaga e José Clementino, vocês não nossos irmãos! Obrigado meus príncipes, muitíssimo obrigado!

Pois bem, senhoras e senhores, como vocês já devem ter percebido, tudo que pude comprovar através deste breve relato, até o presente momento, convenhamos, está intrinsecamente entrelaçado a somente um agente causador ativo: vocês, os homens. Vejam bem, não me interpretem mal! Não é de minha intenção aqui minar a autoestima, nem menosprezar as suas prodigiosas capacidades cognitivas, nem muito menos lançar por terra todo o esforço despendido por alguns raros sujeitos da espécie de vocês, ainda que muito timidamente. Afinal, tivemos homens e mulheres como Gandhi, Malala, Negro Cosme, Zumbi dos Palmares, Zilda Arns, Dalai-Lama, Albert Schweitzer, Steve Biko, John Lennon, Chico Mendes, Nelson Mandela, Ellen Johnson-Sirleaf todos eles inspirados em um só homem - o Maior de todos - Jesus Cristo da Galileia, todos esses, gentes de boas almas, bons cristãos, sonhadores humanitários e pacifistas que sim, esses sim, pensaram e contribuíram para um mundo melhor, vindo para ele, unicamente para minimizar os efeitos de tudo

aquilo que os seus semelhantes e antepassados fizeram e que do qual pude mencionar anteriormente. Por outro lado, seria muito leviano da minha parte, incluir nesta seleta e restrita lista, nomes tais como o do meu nobre presidente americano, além de outros que chefiam as atuais grandes potências. Disparate como esse jamais eu ei de fazer, nem que me lancem no mais infindos dos cárceres, apontem fuzis diretamente para a minha cabeça ou se valham dos mais variados instrumentos de tortura. Agora, me abstendo de todos os subjetivismos e filigranas, à guisa de conclusão, agora mais do que nunca, serei bem claro e direto. Preparem-se! Segurem-se nas cadeiras!

Nada do que discutimos aqui, distinta assembleia das nações, poderá ser mudado. E por favor, parem de me olhar com essas caras! Como vocês bem sabem esse processo de destruição do planeta terra, da humanidade e da animalidade é irreversível. O que vemos no mundo nada mais é do que um reflexo cabal daquilo que brota da mente e do peito de vocês, apesar de muitos tentarem camuflar. Todos esses temas exaustivamente aqui debatidos, tais como o meio ambiente, guerras, fomes, doenças, crises humanitária e econômicas atestam duas coisas somente - a ignorância (leia-se maldade) inerente a suas naturezas e o que vocês mesmos fazem para esconder essa maldade. O mal de vocês homens, nada mais é que tudo aquilo que vocês dizem contribuir para o "melhor" (o tal "progresso", o "desenvolvimento" e a "evolução") fatalmente exige para que seja feita o pior (a destruição, a desigualdade ou seja a involução). Ora, se para sustentar o melhor - no referido modelo humano - teremos de se valer do pior, qual ciclo vicioso estaremos incluídos? No Ciclo da Autodestruição meus caros. Esse paradoxo é o que explica toda a nossa existência, bem como esse momento, ou seja o bem de uns é sustentado pelo mau de outros, simples assim. Enfim, esse sentimento está dentro de vocês, e como reconheço que essa falta de caráter está arraigado no DNA de todos, isto é portanto, irreversível. Essa suposta evolução de que mencionei que sustenta essa "vida melhor" para os privilegiados, acaba redundando numa involução, que se dá notadamente com o que já temos visto - a destruição de todos. Assim, fica mais do que patente, a vossa incapacidade de garantir uma qualidade de vida a todos até o último dia de vida natural, de selar a paz, de viver harmonicamente, de retroceder em seus atos, de reconstruir um mundo melhor e mais justo a todos independente de suas diferenças. Tudo que foi dito e deliberado aqui não passa de uma cortina de fumaça, venda de veludo, um exame de traças que corroem o cérebro e põe escamas em nossos olhos. Sinceramente, não tenho estômago para suportar tamanha falsidade, e que do qual aproveito para deixar registrado que: será a primeira e última vez que me faço presente a num evento ou qualquer outro similar a essa natureza. Entretanto, frente a essa a oportunidade que foi

me posta, não poderia eu jamais ter a oportunidade de me omitir em denunciar aos anais da história, a situação pela qual vimos passando. Essa denúncia não podia, de forma alguma, ser olvidada pela minha pessoa. Quanto a isso, sair em defesa da minha de outras espécies, mesmo sabendo que será totalmente em vão e que posso ter me achado em falta em alguns pontos, me sinto, em parte, realizado. Eu tenho um sonho! Um sonho que um dia nós possamos nos libertar de toda essa opressão e amarras, podendo viver juntos com todas as espécies independente de nossas diferenças biológicas.

Como se dará o fim do planeta e de todos, tudo isso nós já sabemos, embora criemos inúmeras outras alternativas bizarras das mais variadas versões delirantes para isso. Afinal, muitas dessas alternativas estão devidamente escritas e eternamente registrada - e de certo modo, bem fundamentados, e isso é louvável - em praticamente todos os livros religiosos que mais tem influência sobre o mundo, tais como a Bíblia, o Alcorão, os Vedas, no Livros dos Mórmons, etc. O problema, é que estamos adiantando cada vez mais rápido esse referido fim. Desde que o comando do mundo saiu do controle das mãos de Deus efetivamente, esse planeta está credenciado a acabar em muito poucos segundos, bem muito antes até do soar das trombetas ou do proclamado derramamento das 7 taças que anuncia o final de tudo com o apocalipse, se assim Ele desejar.

Concluo senhor presidente, que apesar da forma e de tudo que aqui foi dito, queria deixar claro que não tenho nada contra vocês, sinceramente, nada mesmo. Mas o que mais tem me afligindo, ocorre pelo fato de que vocês ainda tem a coragem de alardear aos quatro cantos do mundo que querem o salvar. Pois em verdade vos digo, logo após todo esse imenso teatro internacional acabar, suas pesadas máscaras cairão e todos vocês continuarão fazendo o que sempre fazem barganhando e conspirando, cada um à sua maneira, por uma forma de melhor enriquecerem somente aos países ao qual pertencem, não importando pelo o que passa o restante do planeta, inserido nessa imensa balança eternamente e propositalmente desequilibrada, desse que é o injusto sistema da economia global. Só peço uma coisa de vós, somente uma coisa: aceitem-se como são: Demônios, Cavaleiros das Trevas, Príncipes das Guerras e Vetores de Morte. A natureza de vocês se resume a isso. Aceitem-se e assumem-se como são e somente só. É o mínimo que podem fazer. Que esta seja a última reunião nessa Organização que nada faz, sendo destruído todos os registros de suas reuniões, anais e deliberações. O que realmente acho de vocês? Acho que minhas palavras anteriores falam por si. Agora nesse momento me sinto mais que confortável em dizer: desconsiderem todos meus cumprimentos iniciais que encabeçaram esse discurso. Tenham esse dia de hoje, como uma

oportunidade para vocês reverem seus conceitos; tenham o mínimo de decoro ou sequer um único momento de honestidade e reconheçam a atrocidade cometidas de vocês para conosco. É só e somente isso que peço. Peçam-nos desculpas. Estamos dispostos a perdoá-los, embora saibamos que esse pedido será como todos os outros, um ato de falsidade, uma grande mentira e a maior das falácias, pois depois de um tempo, vós todos continuarão a fazer o mesmo - subjugar os "fracos". Façam valer a Declaração de Cambridge, que comprovou que somos seres dotados de emoções e consciência. Porém, antes de encerrar seria muito fácil apontar o dedo pra vocês, em eximindo de minha parcela de culpa, e não ter a decência de apontar soluções. Mas diante de todo esse imbróglio, há uma classe de humanos - além dos pacifistas -, que admiro sinceramente; são eles os artistas, e aqui incluo todos aqueles outros que atuam nos campos do conhecimento e da ciência, que a meu ver, são artistas também. Talvez, seja o único tipo de pessoas que justifiquem a existência de vocês. Falo aqui da Arte no sentido lato, que abrange não só a música, arte plástica, cênica... como também a filosofia, as ciências sociais e humanas e a criação científica que gera o conhecimento. Assim como a gente, os Jumentos eles buscam a paz; já vocês, optam a guerra. A solução para este mundo é a arte, entreguem suas vidas a Arte, única prática humana que justifica a transformação da natureza. Ela transformará o mau que há em vocês, e verão que a vida tem um sentido que preenche todos os outros. Enfim que persista somente a Arte. Além dessa solução proposta, a outra saída que recomendo pra vocês é que voltem as florestas, adotem a vida natural e abandonem todas as matérias e esse sentimento maldito de dominação do próximo. Voltem a viver integrados a natureza, abdiquem desse sofisma maior chamada "evolução", "desenvolvimento" ou "progresso".

Eram só essas as minhas palavras, minhas senhoras e meus senhores. Agora me permitam voltar aos braços de minha linda Jumentinha e dos meus Jumentinhos, sabendo que em poucos dias, nossa família será destruída, nós seremos dominados, explorados e nossa tão querida paz e vida sumariamente interrompida.

Muito obrigado, senhor presidente. Muito obrigado a todos e todas!

Isso nada mais foi do que o meu modesto, mas necessário desabafo; um breve relato da minha experiência como um sujeito desprovido de direitos.

Somente, apresentei, um breve e simples discurso!

Mais uma vez, meu muito obrigado!

Adeus!

Nova Iorque - EUA, 28 de junho de 2016

O ÚLTIMO PEDIDO

NESSES ÚLTIMOS TEMPOS E APESAR DA IDADE já bastante avançada, era um sujeito que andava *bastante* pelas ruas; aliás, isso, ao contrário do se possa significar (o de que, andar pelas ruas nos pareça ser um avanço de conquistas sociais e humanas sem precedentes); nada mais é na realidade, do que, em outro sentido, uma velada obrigação funesta *imposta* a todos.

Isso, definitivamente nos parece ser um fato! Não obstante, "andar pelas ruas", por mais que não haja sentido algum, tem o condão secundário, também, de introjetar no cidadão um sentimento de certa relevância pessoal, haja vista ser essa atitude, uma prerrogativa fundamental em exercer o tão fabuloso direito constitucional de ir e vir preconizado acredito, nas cartas magnas de todas as nações mais festejadas mundo afora.

Falamos aqui de um sujeito já bastante idoso. Este senhor, durante toda sua trajetória terrena - e seu nome será revelado mais adiante - costumava dizer de si para si (pois, àquela altura da fase da vida não havia ninguém que estivesse disposto a ouvi-lo) -, que já havia passado por absolutamente *de tudo* na vida.

Aliás, muito bem antes, ainda aos tenros 20 anos de idade, chegava ao disparate em afirmar de já ter ele visto de quase "tudo" nela; portanto, nada que se apresentasse diante dos seus olhos naqueles tempos - seja ela de bom ou ruim - seria capaz de exercer algum fascínio (caso fosse bom) ou repugnância (caso fosse ruim), a sua pessoa.

Entretanto, nessas reiteradas andanças, além de muitas outras anomalias sociais que presenciava diuturnamente - das quais se fôssemos aqui citar, certamente correríamos o risco de jamais acabar, *sobretudo*, em se tratando da nação a qual vivia - existiam algumas outras que tinham um poder de devastar com grande poder de destruição a sua cada vez mais frágil alma, ferindo-a quase que de morte completamente.

Enfim, em outras palavras, em meio a todas essas patologias sociais com que se defrontava - que se dava notadamente no momento de que ele, obrigatoriamente, tinha ou não de sair de casa -, havia um fenômeno em específico que tinha o poder de lhe

abalar as estruturas emocionais e turbar profundamente o seu coração; mesmo que este já estivesse petrificado e calcificado com todas as agruras imagináveis e inimagináveis da vida.

Ao falar isso, até parece que estou me contradizendo, ao passo que disse nas estrofes anteriores, que nada mais lhe abalava, tanto pelo lado positivo como negativo. Mas claro que isso tudo foi dito a título de exagero, pois essas afirmações, provindas desse senhor, nada mais eram do que uma forma de revestir com equipamentos de proteção a sua já possante armadura social, na medida em que, por mais dura que possa ser uma pessoa; ela *ainda assim*, será, segundo a condição humana, um homem como qualquer outro, dotado de todos os sentimentos, *embora* tenha lutado a vida toda, com a intenção de atrofiar a maioria deles, em especial, aqueles que ele julgava acreditar que jamais existiriam como o amor, a bondade e a benignidade, etc. e etc.

Pois bem, sem mais delongas, as cenas urbanas que mais lhe impactavam tinham a ver com aquele exército de seres abandonados pelas ruas, praças, avenidas, becos, travessas, ruelas, pontes, viadutos e alamedas das cidades, sejam eles racionais ou irracionais.

Aos racionais, se compadecia com os ditos "loucos", "mendigos", "abandonados", "embriagados" lançados à própria *sorte* e por vezes, se digladiando com ofensas e agressões físicas o que leva a aniquilação de uns pelos outros. Por vezes, diferentemente de seus "pares", "amigos" e "familiares" não eram, aquela altura da vida, os políticos, os artistas, os atletas, os empresários e os profissionais bem sucedidos que povoavam seu imaginário, mas sim aqueles *outros* mencionados, por mais que nada fossem ou nada tivessem, numa sociedade que sempre os consideraram nada mais que invisíveis, ou pior ainda, “anomalias”, porque não dizer.

Os outros, a quem ele se compadecia ferozmente, diz respeito agora aqueles seres classificados como irracionais; igualmente jogados às traças, mas com o agravante de serem muito mais vulneráveis do que aqueles outros, pelo fato de não saberem *raciocinar*. Falo aqui logicamente dos cães, gatos, equinos, porcos e outras infinidades de seres que a brutalidade humana é capaz de desprezar.

Podemos andar em qualquer paizinho de terceiro mundo,

e comprovarão sem muitos esforços o que venho falando. Você sai de casa e se depara com uma série de animais abandonados nas ruas, jogados pelas sarjetas, muito deles em petição de miséria.

Quando não, passam pelas nossas vistas animais já mortos com suas carcaças inchadas e pútridas bebericada por abutres, muitas das vezes, por terem sido, impiedosamente, *trucidados* pelos carros, que se dirigem de um ponto a outro da cidade, alucinadamente, como máquinas mortíferas de grande precisão.

Toda essa cena vivenciada era deprimente para seu Eduardo. Chegava a sentir serem aqueles os seus filhos abandonados em outras vidas. Talvez ali fosse o seu chamado: cuidar desses bichos, *entretanto* nunca teve a iniciativa de efetivamente realizar algo dessa ordem. A sua vida normal de cuidar da família e trabalhar contribuíam muito para impedir que ele tomasse alguma atitude nesse sentido.

Compadecia-se dos cães como São Lázaro se apiedava-se dos seus. Ao invés de ser lambido como o santo, queria o andarilho lamber as feridas dos pobres bichos abandonados, como se esse gesto trouxesse alguma consolação para os bichinhos desamparados e; por conseguinte, um alento a esse senhor, por estar fazendo ali uma boa ação. Olhava para os olhos vazados e remelentos desses bichos e se via neles.

Muitos outros eram encontrados entregues à míngua ou agonizando, abandonados à própria sorte, ou melhor dizendo, a falta dela. Quanto a estes, não havia mais nada do que se pudesse fazer. Eduardo os via e não se achava melhor nem pior do que nenhum eles. E não era mesmo! Na sua mente estavam equiparados irmanados num sentimento comum a todos - a solidão. As janelas da alma desses animaizinhos acumulavam comiseração por parte daquele senhor, passando a ser aquele o único sentimento que sustentava a sua desprezível existência.

A propósito, insta ressaltar que, de quem se fala aqui não era nenhum coitadinho, como desses portadores de algum tipo de fraqueza mental crônica ou daqueles mortificados com as constantes hostilidades e agruras da vida. Durante toda sua vida, seu Eduardo jamais negligenciou em se precaver de três coisas principais, daquelas que ele julgava serem as mais impotentes da sua vida, como o mesmo dizia o "tripé de sua existência".

Além de sua saúde corporal e mental *meticulosamente*

controladas em dias, havia outro aspecto muito importante, que o mesmo considerava imprescindível para sua existência, - a parte financeira. Desde jovem, sempre se precaveu de cuidar da sua aposentadoria. Visitava periodicamente e era amigo do gerente da Agência Previdenciária ao qual estava cadastrado.

Quanto da sua espiritualidade, não há nada aqui do que declarar, pois este segmento da sua vida costumava oscilar entre dois pontos muitíssimos equidistantes e extremos de convicção religiosa. Passara a vida toda no *limbo* morno da sagrada arte de adorar deuses; oscilando entre o fanatismo religioso e o ateísmo declarado.

Mesmo sendo um sujeito que a vida toda, tivesse repelido a ideia de entrar em conflito com alguém, depois de um tempo, começou a carregar consigo a tira colo uma pequena arma e um pequeno canivete suíço escondido numa caneta *a lá* James Bond. Nunca fora um sujeito violento, do maternal até a faculdade, nunca mesmo.

Segundo sua concepção, essa mudança repentina de atitude se dava somente no intuito de precisar "enquadrar" algum jovenzinho inconsequente que ousasse desafiá-lo, somente só pelo fato de ser ele idoso. Sua mente era fugaz, raramente esquecia-se das coisas. Seu corpo encetava movimentos satisfatórios com intuito *somente* de preservar a sua tão prezada autonomia, apesar da saúde já bastante precarizada.

Sua independência pessoal por mais que estivesse vivendo por viver, era o seu maior trunfo. Talvez a audição fosse a parte escolhida por Deus pra lhe afligir, simplesmente claro para mostra-lhe de que ele não era perfeito e que assim como qualquer outro idoso teria de se compadecer de alguma deficiência. *"Pior se fosse na visão",* dizia ele.

Aliás, desde muito menino, sempre fora muito dado à leitura e muito curioso. Para ele: *"antes surdo do que ficar cego",* pois se do contrário fosse, jamais poderia ele, se deleitar com a leitura dos clássicos universais, tanto na filosofia como na literatura tais como Emanuel Kant e Hesíodo com a sua *A Teogonia*, só para citar alguns dos infinitos outros pensadores que ele mais prezava.

Enfim, sua alma estava turbada, e tudo aquilo que ele via, parecia contribuir muito para permanência dessa estranha tribulação. O fato de ter passado a vida toda sonhando em viver

numa sociedade melhor parece ter ido por água abaixo com todas as letras. *"Se o mundo ainda for bom, não ficou para este milênio",* costumava dizer ele em seus botões. Esses ingredientes explosivos tal como a desesperança somada a idade senil *o encurralava* a pensar na morte e no que poderia vir depois dela, como se isso fosse possível, coitado! Um ou outro conhecido seu tomava a barca em direção ao céu ou ao inferno, ou ainda para o pior deles - o ostracismo.

Morte, morte e morte... eram essas as palavras que mais pairavam em sua cabeça nesses últimos tempos. Constantemente, ainda quando das suas incursões pela cidade, era comum ele e todos os outros passarem defronte a inúmeras funerárias ou cemitérios. Certa feita, num belo dia seu Eduardo não teve como se conter.

Era muito comum ele ficar lá a contemplar aqueles caixões por detrás das vidraças. Numa dessas contemplações, percebeu que não havia ninguém no estabelecimento e adentrou para flertar mais de perto os tais alaúdes, com a devida privacidade. Via os adornos meticulosamente talhados em madeira, passava a mão por entre a parte interna acolchoada e macia pensando consigo: *"ora, pra quê que um defunto precisa de conforto meu Deus?".*

Já nos cemitérios, era de praxe vê-lo passeando pelos corredores fúnebres dos túmulos, lendo epitáfios e ficando estupefato com os grandes mausoléus dos poetas, das famílias abastardas e dos ilustres, muitas vezes até fazendo orações e recitando poesias fúnebres como aquelas de Augusto dos Anjos.

Um belo dia, estando livre num desses passeios macabros, estava ele com o espírito bastante mortificado. Assim sendo, recostou-se num desses túmulos pediu licença ao morto, sentou-se na lápide e depois se debruçou por sobre ela, em posição fetal com um dos ouvidos encostado na tampa do túmulo, como se quisesse ouvir alguma mensagem vinda do além. E ficara ali horas e mais horas a fio sem que ninguém o perturbasse, nem os vivos nem muito menos os mortos. O coveiro, vez ou outra, de longe observava suas estranhas atitudes, nada mais que dizendo consigo: *"que velho louco!"*

Durante toda a vida, seu Eduardo teve bastante medo de morrer mesmo ainda jovem e aparentemente saudável. O problema é que ele tinha mesmo era também medo da vida. Morrer antes do tempo, segundo ele, seria absolutamente o maior dos fracassos, e a

prova cabal de o mundo o havia vencido. Passou o tempo e isso, felizmente, para ele, não aconteceu, embora tivesse sua vida colocada em risco em diversas ocasiões. E era essa, àquela altura da vida, uma das coisas que mais lhe alegrava, qual seja: o de não ter morrido antes da *hora*.

Todo esse histórico, digo esse turbilhão de emoções e frustrações fez nascer em seu âmago um forte e incontrolável sentimento, além de uma vontade imensa em reparar sua omissão diante de todas essas situações negativas que lhe apresentavam a olhos vistos diante do mundo. Diferentemente de todos os outros, tinha a altivez de assumir sua parcela de culpa *diante* dessa irrefreável devastação explícita do mundo.

Afinal, até aquele presente momento, como todos os outros havia somente pensando em si, nada, além disso, por mais que algumas atitudes suas fizessem parecer o contrário. Jamais tivera ele ou qualquer outro de sua situação, a grandeza de ensinar crianças carentes como fez Tolstoi, por exemplo.

Também, nunca passou pela sua cabeça a ideia de se doar ao trabalho voluntário em uma terra devastada qualquer, nem muito menos passou pela a sua mente a ideia de levar a palavra de Deus como missionário pelos rincões mais carentes espiritualmente deste mundo ou cuidar de um asilo de idosos, enfim... decorreu toda a vida e não passou nem perto na sua cabeça a ideia de fazer absolutamente algo nesse sentido.

Enfim, a proximidade da morte e o abandono dos animais eram os dois sentimentos que mais influenciavam suas atitudes nesses últimos tempos. Pedia constantemente iluminação espiritual na sua nova e provavelmente última jornada pela qual estava disposto a passar, embora tivesse nesses últimos dias convicto de que sua cobertura espiritual estivesse totalmente bloqueada através de suas últimas elucubrações no sentido ateísta.

Um belo dia, profundamente taciturno, tratou então de chamar a sua filha mais velha para uma conversa reservada. Ela imaginava que ele pudesse querer alguma coisa do supermercado ou da feira, mas não era, longe disso; algo bem mais complexo ele queria lhe contar. Ela logo notara o tom de voz melancólico do pai pelo telefone, o que fez ela apressar ainda mais o seu encontro.

Dizia ele quando ela atendeu: *"Você está indo aonde? Passe aqui em casa preciso lhe falar."* Ela como resposta falava somente*: "Tá bom*

papai já estou indo". Apesar de tudo era uma boa filha. Vivia ele, juntamente com sua esposa, numa casa ampla e espaçosa. A garagem comportava um carrinho popular além de alguns banquinhos. Havia umas samambaias espalhadas pelas paredes, e outra infinidade de rosas dos mais variados tipos, plantados e cultivados por sua mulher.

Bem, e assim foi feito, a filha, a pedido do pai, foi ter com ele. Quando a mesma chegou, ele abriu a porta, eles se entreolharam, mas não se tocaram. Depois, se dirigiram a cozinha onde ela deixaria as coisas que havia trago. Antes mesmo de ele dizer alguma coisa, a tagarela filha foi logo se intrometendo:

— Está aqui papai lhe trouxe algumas frutas e verduras lá da feirinha próxima de casa. Como o senhor está? - disse ela espalhando as sacolas pela mesa de forma atabalhoada. Mesmo sem o pai ainda nada dizer, pois estava muitíssimo ensimesmado consigo mesmo, ela continua - Papai tá tudo certo com o senhor então, já posso ir? Quando a mamãe chega?

— Mas calma! - disse ele, franzindo os sobrolhos e apoiando as mãos por sobre uma das cadeiras da mesa de jantar. - Ainda nem lhe falei o motivo pelo qual lhe chamei aqui - continuou.

— Ora, pois vamos diga logo porque tenho de pegar os meninos no colégio - disse ela.

— O motivo de eu ter lhe chamado aqui é bastante complicado. Sente aí vamos conversar. Isso é difícil até para eu explicar - disse ele puxando uma cadeira e sentando lentamente. Ela faz o mesmo, mas já com bastante velocidade, dizendo:

— Ah papai o que de mais pode ainda sair dessa sua cabecinha tão prodigiosa. Já estamos mais do que acostumados com suas loucas teorias, sua visão cética de mundo e essas fantasias que o senhor planta na sua própria consciência. Quanto a isso, pode ficar absolutamente tranquilo meu velho. A essa altura do campeonato, a última coisa que queremos é contrariar o senhor, ninguém vai tentar demover suas ideias e molestar sua forma de pensar, isso eu garanto, pode ficar tranquilo - dizia ela com os cotovelos na mesa e entrelaçando os dedos.

— O certo é que estou velho, e o fim se aproxima - disse ele.

— E?... - respondia ela esperando que ele falasse logo.

— O que vou dizer aqui minha filha é sério, muito sério.

Algo que jamais ninguém o fez, ou até mesmo chegou a pensar coisa parecida. A bem da verdade minha filha, é que tenho um último pedido.

— Sim, pois diga qual é. Podemos até incluir num testamento se for o caso.

— Pois bem posso falar? Estás preparada?

— Sim papai diga logo. Olhe a hora.

— Pois bem, lá vai. Vocês sabem que esse mundo é bastante cruel, e com o passar das eras, ele tem se tornado casa vez pior, muito pior mesmo... Aliás, sejamos justos, posso ter sido o pior pai do mundo, mas jamais tentei esconder essa verdade de vocês. Se lembra que um dia chamei vocês e abrir o jogo dizendo que o mundo é governado pelos maus?

E dizia mais:

— Hoje vocês podem comprovar isso não podem? Se você ousar me dá resposta contrária vou deduzir que sua idade mental estagnou, certo? Nunca escondi de vocês, também, que tudo e todas as relações são baseadas tendo um único e simples objetivo - a acumulação do capital. Dele e para ele são todas as coisas, e isso não é ideia minha, confrontem o velho mouro Marx, caso achem o contrário. Pois bem, tenho andado muito pelas ruas, aliás, durante toda minha vida não fiz nada além disso, e eu como todos os outros, temos testemunhado nenhum tipo de avanço por parte da humanidade, salvo raríssimas exceções...

Estava ele se estendendo no seu pensamento quando é interrompido de forma abrupta pela filha:

— Sim papai disso eu já sei de qual é a sua concepção de mundo. Ele não tem jeito. Não é assim? Posso ir embora agora? - disse ela com ânimo de se levantar da cadeira.

— Não! Nem lhe falei ainda o que quero, ora.

— Pois diga homem de Deus. Preciso pegar os meninos no colégio. Ainda tenho um engarrafamento medonho pela frente.

— Pois bem, meu último pedido quando morrer... - ele faz uma pausa e olha para ela, continuando - como ia dizendo quando morrer, quero que vocês cortem meu corpo em pedaços e deem aos animais das ruas... Pronto! Era isso!

— O QUÊ PAPAI? - perguntou ela resignadamente e com um tom de voz mais contundente.

— Isso mesmo que você ouviu, depois que for

diagnosticado minha morte cerebral nos aparelhos, o que suponho que esteja bastante perto, quero que vocês façam pequenos pedaços do meu corpo em peças, assem e deem aos bichos famintos das ruas... Entendeu minha filha? Não precisam temperar, os animais ao contrário de nós só comem para se alimentar, não para sentir prazeres degustativos nas papilas linguais. Quanto ao cozimento é só para esterilizar os vermes que passeiam nos meus músculos, nesse corpo podre que é o corpo de um ser humano. Ah, e podem fazer carne moída se quiserem.

— Não papai agora o senhor passou dos limites! Não acredito que estou ouvindo isso! Sinceramente, o senhor se superou. Vou levar o senhor no psicólogo ou no psiquiatra. O senhor depois de velho ficou foi doido. Faça-me o favor agora vou ter de esquartejar meu pai e fazer churrasco dele. Tenha Santa paciência. Da onde o senhor tirou essa ideia? O que o senhor anda vendo na *internet*? Quando mamãe chegar de Paris, vou contar tudo a ela - disse a filha já se levantando com intuito de ir embora sem levar em consideração o que seu Eduardo, seu pai, dizia. Para ela, queria mais era apagar da mente o que havia ouvido ali naquele local.

— Calma minha filha! Ora o que há demais nesse simples pedido? Só porque ele é inédito e ninguém havia pensado igual? Afinal, de quê serve nossos corpos depois de mortos? Pra ficar lá no cemitério ocupando espaços, sendo que esses locais poderiam muito bem comportar uma escola, um hospital público ou instituição social. Nesse caso, a primeira vista, o mais sensato seria era cremar a todos, mas além de ser muito caro, as nossas cinzam iriam servir para nada, percebe? Poderia até ser utilizado minha matéria para adubo de plantas, mas já pesquisei que os restos humanos não são nada apropriados para adubagens. Visto isso, porque então não alimentar os animais famintos depois que morremos com nossos corpos? Se todos fizessem coisa parecida minha filha não teríamos esses bichinhos passando tanta fome e sofrendo nas ruas. E quantas vezes não matamos alguns desses animais para nos alimentar? Por que não podemos fazer o mesmo por eles então? - dizia ele tentando convencer sua filha da sua espalhafatosa ideia.

— Não papai sinceramente não esperava ouvir isso do senhor! Isso é deprimente! Fico deveras preocupada com sua saúde

mental. Sempre levei na esportiva essas suas ideias estapafúrdias, mas agora o senhor me vem com essa, realmente não esperava, algo desse tipo por esses dias vindo do senhor. Quer saber de uma coisa? Pra mim chega por hoje, vou cuidar dos meus problemas. Não pense você que não contarei pra mamãe o que ouvi aqui. Vou ter uma conversa muito séria quando ela chegar de Paris. Passar bem, fique em paz e Deus te abençoe. Eu vou é orar pelo senhor, isso sim. Pedir misericórdia pela sua alma. Que os dardos flamejantes do diabo não atinjam sua vida pobre homem. Tchau, fica com Deus! - disse ela querendo ir embora.

Vendo que sua filha não fora nada receptiva a sua ideia, um fervor de ódio e ira ascende dos seus calcanhares passando por toda a espinha de seu corpo indo se alojar agora na sua perplexa mente. Diante das palavras repulsivas da filha e vendo que ela sairá lhe virando as costas sem levar em consideração o que era dito da sua parte, responde ele mentalmente consigo*: "Pois peça. Peça mesmo! Duvido muito que Deus vá te ouvir sua filisteia doida e despudorada. E quanto ao diabo, talvez sejas tu o próprio demônio, pois nem sequer queres tu ouvir e fazer valer as vontades do seu próprio pai. Esse diabo que vocês dizem fazer mal as pessoas e responsável por suas desgraças, caso ele exista, nunca me atingiu, ouviu bem, NUNCA! Ah, como me arrependo de ter colocado essas crias no mundo. Para quê meu Deus? Para quê?"*

E assim foi feito a filha deu as costas ao pai, sendo que este, nada mais fez além do que pensar, após ter passado por esse rápido momento de nervosismo e estresse. Queria somente agora, mesmo que subconscientemente, digerir esse malfazejo momento, o de não ter sido compreendido, mais uma vez, por quem ele mais esperava que fosse - os seus amados familiares.

Esperava sim que a filha se assustasse com a proposta, mas nunca que tivesse uma reação repulsiva dessas, afinal, estava ali expondo de coração o seu desejo *post mortem*, que se concretizaria como seu último pedido em vida. Na sua cabeça, seria um pedido como qualquer outro, mas já na dela, sabemos bem como essa ideia soou. Enfim, havia começado muito mal seu último intento. O primeiro plano de execução de sua ideia, não havia sido logrado a contento.

Naquele instante, não restou nada mais a ele do que retornar a sua capela espiritual, digo ao seu gabinete de leitura, onde se agarrou com todas as forças na leitura de *Hamlet* de Shakespeare,

lendo tal peça pela décima terceira vez, em algumas vezes, até em alta voz e encenando os passos dos personagens.

Por outro lado, cônscia da incomum revelação, a filha tentava seguir o curso natural de sua rotina, esperando somente, que sua mãe logo chegasse de viagem, para que ela pudesse contar a última presepada de seu pai.

E esse dia chegou. Sabendo do retorno da mãe, a filha logo se prontifica em ligá-la. E, assim, o faz. Quando, pois, do quarto toque, uma voz feminina atende:

— Alô! - disse a mãe.

— Alô - respondeu a filha. - É você mamãe?

— Sim minha filha como você está?

— Estou bem mamãe. Só o Alfredinho que tá com um pouquinho de febre, mas já tá melhorando aqui. E como foi a viagem?

— Ah foi ótima. Estava frio, muito frio... As meninas adoraram. A torre Eiffel cada dia mais iluminada.

— Pois é mamãe que bom, muito bom mesmo.

— Sim filhota me sinto renovada.

Após esse breve contato, foi dada uma breve pausa e a filha, ainda meio insegura e aturdida parecia mudar o tom da voz e da conversa continuando:

— Hum, esses dias o papai do nada me chamou em casa - disse ela agora com uma das mãos no telefone e a outra em direção à boca, pois queria ela agora roer algumas unhas dos dedos.

— Hum, sei. O que ele queria?

— Ele está aí perto da senhora?

— Não, saiu ali.

— A senhora não deve tá sabendo da última do papai? Está?

— Não minha filha? Qual delas? O que foi dessa vez?

— Mãe ele me chamou aí só pra dizer que quando morrer ele quer virar churrasco para alimentar os cachorros da rua mamãe. Estou muito preocupada.

— Há, há, há!!! Ah minha filha esse teu pai não tem jeito mesmo. Ele falta me matar com essas teorias absurdas. Isso é o de menos. Não imagina você, que naquela festa de formatura que fomos, antes de eu ir viajar, do neto daquela minha amiga, lembra? Mesmo sem por uma gota de álcool da boca, ele tomou o microfone das mãos do cantor e começou a recitar todos os cantos de *Os*

Lusíadas de Camões. Isto depois que um dos convidados dela e saiu da nossa mesa abismado com as coisas que ele estava dizendo. Minha filha quando ele iniciou o terceiro Canto, metade dos convidados já haviam ido embora. Fiquei com a cara no chão. Retratei-me com minha amiga e viemos embora. Ah, esse dia ele estava bastante inspirado. Quando paramos no posto para abastecer, queria ele agora recitar todo *O Guesa* de Sousândrade para os frentistas e em latim ainda por cima, vê se pode? Foi aí quando lancei aquele meu olhar pra ele, dei o basta, ele se tocou e ficou mais quieto. Minha filha só eu sei dos constrangimentos que passei com seu pai. Seu nome é constrangimento. Há, há, há!!!

— Sim e aí? O que é que a gente faz para demover essa ideia doida da cabeça dele? A senhora sabe que quando ele mete uma coisa na cabeça, sai de baixo. O que a gente vai fazer mamãe?

— Vamos fazer o que ele pede, ora. Afinal é seu último pedido. Até aqueles condenados moribundos norteamericanos tem seus últimos pedidos, quando escolhem o último prato de comida antes de seres executados nos corredores da morte, não é assim?

— Ham?! Você enlouqueceu por tabela também mamãe?

— Se nós não fizermos o que ele pede, sozinho ele assim o fará, simples assim, como sempre o fez. Seu pai sempre foi indomável em todos os sentidos. É um direito que lhe cabe, ora.

— Pois não há outro jeito mesmo mamãe, temos de interditar ele. Interditar imediatamente, ouviu bem? Antes que ele manche o nome de nossa família para todo sempre.

— Eu não teria tamanha coragem, não me atreveria a semelhante coisa - disse a mãe, sem ânimo nenhum para ao menos tentar o que a filha estava sugerindo.

— São esses livros loucos que ele lê mamãe. Jogue-os todos fora! De Schelling a Dostoievski. Jogue-os todos fora!!!

— Tá louca? Tu não sabes que são esses livros os únicos sentidos da vida dele. E olha que ele tá começando a ler Paulo Coelho, Aleister Crowley, além de Conscienciologia de Waldo Vieira. Aliás, num desses dias conversando de forma mais acalorada com ele, perdi a paciência e caí na besteira de insinuar que ele era esquizofrênico. Jamais deveria ter tocado nessa palavra. Minha filha nunca vi seu pai se dirigir a mim daquele jeito. Ele disse: *"Quem ou qual de vocês tem a audácia de tentar me convencer de que sou louco? São vocês seu bando de idiotas? Infelizes quem pensam que são? Mal são dados a leituras*

e nada sabem de Artes. Na psiquiatria e Psicologia então sou mestre! Sei tudo de Lancan, Jung e Freud. No dia que quiserem se igualar a mim, comecem a ler somente, num ritmo de oito horas por dia no mínimo. Aí sim, poderei ou não considerar o que vocês têm a dizer a meu respeito. Ao contrário disso, vocês nada mais são do corpos sem almas, mentes em conteúdo e espíritos vadios perambulando pela terra; ou seja, os seres mais desprezíveis do qual Deus se arrependeu amargamente de ter criado." Ele disse tudo isso minha filha, com todas essas palavras, com um olhar colérico que jamais tinha visto. Foi o único momento da minha vida que senti medo do seu pai. Parecia que não era ele ali falando, mas uma entidade ou uma legião de espíritos de todos os pensadores que já habitaram essas terras e que ele havia lido.

— Então, mamãe, lavo minhas mãos. Tenho mil coisas pra resolver na minha vida. A batata vai assar em suas mãos, então. Tentei ajudar. Se precisar de mim é só me chamar, viu?

— Tudo bem minha filha Jeová-Pai, o Senhor dos Exércitos me dará discernimento para lidar com ele em mais essa empreitada. Ele nunca me desamparou.

— Tchau mamãe fica com Deus. Te amo tá?

— Tchau minha filha fique com Ele também.

Passaram-se os dias o casal seguia sua rotina como se nada tivesse acontecido. Seu Eduardo, de quando em quando, seguia sua enfadonha rotina de aposentado, saindo pelas ruas interagindo muito pouco com as pessoas e se compadecendo ardorosamente das injustiças que via nelas; para somente, logo depois, poder retornar a sua casa para ler, ler, ler, comer e descansar.

Por outro lado, sua esposa, revigorada pela estonteante viagem cuidava dos afazeres da casa e aqui e acolá se distraía assistindo novelas pela TV ou batendo um bom papo com as vizinhas. Por precaução dele e dela, o assunto do "último pedido" nunca mais havia sido tocado naquela casa, bem como a nenhum outro de seus parentes, sejam eles mais distantes ou mais íntimos.

Inclusive a esposa e a filha imaginavam que aquela louca ideia já teria se dissipado da mente do seu Eduardo, pois ele sempre punha uma ideia mais louca sobre a outra, sendo assim toda a trajetória da sua vida. Mas ledo engano, guardava toda essa ideia na sua mente, não fazendo isso anotando em papéis, pois se assim o fizesse poderia levantar inúmeras suspeitas.

A ideia de alimentar os animais abandonados com seu

corpo estava cada vez mais fixa. Queria por que queria alimentar os animais abandonados com seus músculos, ainda que bastante atrofiados, com o passar da idade. Mas como faria isso, já que não tinha o apoio da sua família? *"Terei eu de fazer tudo sozinho",* pensava.

Belo dia, tendo em mente tudo que havia planejado, tratou de meticulosamente de pôr em prática as primeiras ações de seu mirabolante plano. Seu maior obstáculo, logicamente se concentrava no de convencer alguém a fazer picadinhos seu, para depois levá-los em direção aos bichos famintos das ruas, como de fato seu Eduardo preferiria, com vistas a concretizar seu último sonho.

Sabia que, em meio a toda uma infinidade de possibilidades, muita pouca gente seria capaz de comprar sua estranha ideia. Por outro lado, sabia que existia gente para tudo no mundo. Havia juntado, às escondidas, uma considerável soma de dinheiro para convencer o executor a realizar tal ato. Esse fator era crucial para dá sequência ao seu plano.

Afinal, o dinheiro a tudo compra. Foi quando pensou que poderia contatar alguns açougueiros para pôr em frente à sua ideia. Afinal, esses profissionais, ao lado dos legistas, eram aquelas categorias de pessoas que estavam mais próximas daquilo que ele pretendia.

E então, certo dia, repuxando na sua memória, veio à mente então, como num clarão fugaz, a imagem viva de um sujeito que poderia muito bem fazer tal serviço, sem grandes percalços. Este sujeito que havia tomado de assalto seu pensamento, tinha um abatedouro próximo a um antigo rancho, que por um tempo, seu Eduardo preservou para lazer e descanso seu, de sua família e de alguns poucos amigos. Porém, os filhos foram crescendo e o interesse dos jovens pela vida bucólica foi se perdendo, sem falar que a esposa vivia reclamando, de forma contumaz, das despesas extras e dos mosquitos indesejáveis que bombardeavam sua pele, sempre tão bem tratada. Assim sendo, com todos esses fatores conspirando contrário, decidiu ele então, por último, se desfazer da casa de campo. E assim foi feito.

Enfim, próximo desse rancho havia um sujeito que fornecia carne para a família de seu Eduardo, quando este e sua família lá estavam. Aliás, era um açougueiro bastante requisitado, praticamente o único na região. Era mais conhecido como

"Raimundão da Carne" ou "Raimundo do Punhal". Ele criava ali mesmo, na sua pequena e modesta propriedade, uma infinidade de animais.

Eram porcos, carneiros, bois, galinhas, marrecos, além de algumas caças confinadas como pacas, cutias e pebas. Fazia praticamente tudo sozinho, da criação ao abate. Negociava venda e compra de animais, além de oferecer seus serviços de corte e curtume de couros. Era um local bastante improvisado, muito longe de ser um abatedouro legalizado e fiscalizado com todas as recomendações adotadas pela Vigilância Sanitária do Município.

Muitas vezes, seu Eduardo se deslocava para lá, no intuito de buscar carne, aproveitando sempre também, para trocar um dedinho de prosa com ele; mas, depois que vendeu seu sítio, esse elo se dissolveu integralmente. Sua mulher exigia que tivesse carne todo dia na mesa da família, seja na cidade ou no campo.

Afinal, carne é rica em proteína e esta faz bem ao cérebro. Fazendo bem ao cérebro de suas crianças estas se tornariam mais inteligentes. Mais inteligentes "venceriam na vida" (leia-se tornar-se-iam ricos). E "vencer na vida" é tudo, absolutamente tudo, que um pai e uma mãe possa querer para um filho, não é verdade?

Pois bem, esse açougueiro - de "ocasião" - já havia trabalhado muito no ramo. Abateu seu primeiro animal ainda menino a mando da avó. Era um pato. Certa feita, a avó o chamou colocando de forma coercitiva uma bem amolada faca numa de suas mãozinhas dizendo: *"Tá vendo aquele pato preto com o rabo branco. Vá lá matá-lo! Faça igual como fiz ontem com aquela galinha."*

E assim foi feito, meio desajeitado, o garoto realizava assim, o seu primeiro estágio de abatedor, dessa que virar a ser, futuramente, a sua profissão por toda a vida. O abatedouro funcionava nos fundos, pelo lado de fora de sua residência, sendo que pelo lado interior, lógico, abrigava seus pertences, mulher e filhos. Era uma casa um tanto quanto isolada, mais já para dentro dos matos.

Seu nome civil era Raimundo da Silva. Era um homem corpulento, barriga protuberante e com forte fisionomia de descendentes de escravos africanos. Tinha uma pequena bala alojada no seu antebraço e as suas costas eram abarrotadas de cicatrizes, tais como aquelas feitas pelos romanos e que acometeram o Nosso Senhor Jesus Cristo.

Geralmente andava com uma calça jeans por demais surrada e com alguns rasgos na altura das coxas. Suas camisas geralmente eram brancas, onde se reparava com grande facilidade, imensas manchas escurecidas e nódoas de sangue. Fumava um cigarro de palha que fazia mais fumaça do que fogo, por assim dizer.

De quando em quando, fazia uso também, de um chapéu, de palha, com as pontas assanhadas. Tinha facas para vários tipos de corte de carnes, mas seu maior xodó era um punhal herdado de seus antepassados de cabo madrepérola, que o mesmo fazia questão de usar a tira colo. Afinal, era através desse apetrecho, que ele sustentava toda a sua família.

Nas suas poucas aparições sociais, num boteco ou numa quitanda qualquer, fazia questão de mostrar seu instrumento de trabalho, que também era o seu único símbolo de poder, sendo que se tratava aqui de um sujeito de pouquíssimas posses, assim como qualquer outro que esteja categorizado como campesino.

Apesar de tudo, a dieta da carne nunca havia faltado na mesa da casa desse pobre homem, apesar de reiteradas vezes, escassear algum ou outro alimento essencial para suprimento nutricional diário da família, como o arroz ou o feijão, por exemplo. Tinha dias até que ele e sua esposa abdicavam de alimentar para sobrar mais alimentos para seus tenros filhos, que comumente se alimentavam somente carne, o que ajudava muito a aplacar a fome.

Sua personalidade era misteriosa. Conjecturavam que ele tinha chegado por aquelas bandas depois de uma longa estadia nos garimpos da Amazônia. Diziam as más línguas que havia chegado aqui, pois lá, estaria jurado de morte.

Outras línguas mais ferinas ainda, diziam que o forasteiro, durante sua conflituosa estadia na Amazônia, havia entrado em luta corporal com vários outros desafetos, sendo que vários deles haviam sucumbido a sua força, perecendo portanto, quando este resolveu encerrar a peleja desferindo em seus adversários algumas estocadas fatais por intermédio de seu inseparável punhal. Enfim, mas é sempre muito prudente da nossa parte não nos apegarmos com o que dizem as vozes das ruas com relação a outras pessoas.

É sempre muito perigoso precipitar julgamento um ou outro só pelo ouvir, sem embasamento no que de fato realmente aconteceu, no que se viu. A fofoca é definitivamente, um dos piores indícios que atesta que a humanidade não é digna de ser chamada

de boa.

Seu local de trabalho era improvisado e por esses dias estava bastante sujo. Aliás, ficava pouco menos sujo somente na época do inverno, que era quando a água tratava de diminuir o acumulado das manchas de sangue e de rejeitos. O chão era todo revestido de cimento bruto, por onde havia, bem no meio dele, uma caneleta por onde escorria o sangue dos animais imolados.

Mais à frente, um grande tanque mais uma bancada de pedra onde era feita a limpeza dos órgãos comestíveis e dos mais variados pedaços de carnes dos animais. Há poucos metros de distância, havia, também, um grande caldeirão onde se punha água fervente, para muitas das vezes, serem colocados animais vivos para morrerem afogados e ao mesmo tempo, terem suas peles ou penas amolecidas; para serem logo depois, melhores tiradas quando estes tivessem seus corpos tratados e preparados para sobrar somente a carne - aquilo que sempre fora unicamente a única coisa que se necessitava daqueles bichos pelos humanos - somente as suas carnes, nada mais.

Fala-se aqui, sobretudo, das aves e dos porcos. As aves quando eram tiradas do caldeirão - ainda fumaçando e com os olhos ainda bastante arregalados embora suas pálpebras inferiores avançassem a metade das pupilas -, logo tinham suas penas arrancadas de forma abrupta uma por uma, sejam elas da calda, das asas, do pescoço... Quanto aos porcos, quando se tratava daqueles de cútis preta (sua epiderme talvez), eles tinham sua pele raspada com uma bem afiada lâmina de faca, que era passada por todo seu corpo, em movimentos repetitivos, até que sobrasse somente, talvez a sua derme esbranquiçada ou até mesmo a primeira camada de seu farto tecido adiposo, haja vista ser natural da compleição física dos porcos serem bastante gordurosos.

Ainda quanto ao local de abate, havia uma parte coberta de forma retangular de não mais que 5 metros por 6 de largura. Essa cobertura servia somente para fazer sombra e proteção de chuva ao seu local de trabalho, que, diga-se de passagem, era um lugar muitíssimo quente. A banqueta de madeira e couro de gado era colocada bem no centro onde ele se sentava para realizar seu trabalho com maior conforto. Ganchos eram espalhados pelos alpendres onde eram expostos algumas peças de carnes já cortadas; além de algumas correntes para suportar o peso dos animais

maiores.

Todo processo era feito ali mesmo. Havia animais que praticamente completavam todos os seus ciclos de vida ali; ou seja, nasciam na propriedade, uns se reproduziam outros não, e depois enceravam suas vidas, jamais de velhice, mas sim sendo abatidos.

Era mais ou menos como se Raimundo, seu criador, fosse um deus e aquele espaço onde os animais viviam a sua terra, cujo esse deus permitiu que eles ali vivessem, até que essa mesma entidade, dotado de uma força soberana de regular a vida ou a morte, decida pela pior opção para os bichos e melhor alternativa para que ele, que é o de dá cabo a vida dos bichos.

Partindo desse fantasioso ponto de vista, a relação de Raimundão para com seus animais, poderíamos muito bem compará-lo a um deus criador, pois ele consentia a vida, conduzia ela e depois tirava-a a seu bel prazer, nada mais. Afinal, o deus Raimundão dá, deus Raimundão tira!

E eis que, então, seu Eduardo, sabendo dessa possibilidade - a de encontrar seu Raimundão pessoa mais indicada para ser feita a proposta - tomou seu carro e foi ter com ele. Sem dizer para mulher aonde ia, seguiu em direção ao açougue esse mesmo, muito próximo de onde ele tinha, por um tempo tinha de fato e de direito à propriedade de seu antigo rancho.

Quando lá chegou com seu carro, à porta da casa de Raimundão, ele logo reparara que na entrada, havia um enorme pedaço da fronte do crânio esbranquiçado de um touro com um belo par de chifres arqueados a mostra. Segundo, sabedoria dos anciãos da região, aquela carranca improvisada servia pra espantar os maus espíritos e os olhos gordos.

Um pouco mais a frente, seu Eduardo se depara com a esposa do açougueiro debulhando feijão no terreiro de sua casa, tendo como companhia, uma ou outra criança descabelada, além de vários outros bichos, de toda sorte, à espreita. Quando avistou a senhora perguntou: *"Oi dona menina, lembra de mim? Como vai? Seu Raimundão tá por aí?"* Como reposta ela foi logo dizendo: *"Oi seu moço, ele tá aqui sim. O senhor pode ir lá atrás que ele tá lá",* respondeu ela, sem deixar de se concentrar no que estava fazendo e sem esboçar absolutamente nenhum tipo de reação que denotasse júbilo por parte dela diante da visita inesperada. Desse modo, sabendo onde poderia encontrar o sujeito, seu Eduardo se dirige aos fundos

da casa.

Antes de chegar ao local, ainda pouco longe, o visitante percebe que seu Raimundão estava, provavelmente, prestes a abater um bode. Visto isso, preferiu ficar de longe, à espreita, somente observando o que ele iria fazer, com todo cuidado para que o dono da casa não percebesse que ele ali estava. E assim ficou observando cada passo do "carrasco" com sua "presa".

Então, viu ele trazendo o bode amarrado por uma apertada corda envolta ao seu pescoço, que antes estava preso junto a uma tora próxima ao local do abate. O bode berrava, berrava muito alto parecendo pressentir a morte, sobretudo, por conta do incontrolável cheiro de sangue que empestava aquele local e que invadiam as narinas de qualquer ser que tivesse pulmões e que ousasse respirar naquele lugar. O seu berro incontinente e desafinado parecia atiçar ainda mais a sanha de seu algoz.

Na cabeça do observador foi feita logo a correlação bíblica do antigo sacrifício de uma oferta - um holocausto, por assim dizer -, oferecido às divindades no altar. Sem maiores rituais, vendo que animal estava bem amarrado junto à viga central de seu local de trabalho, Raimundão tomou uma enxada pelas mãos, virou-a parte avessa e desferiu um golpe primeiro bem no centro da cabeça do bicho. Apesar da pancada já bastante incisiva, essa investida não havia sida certeira, não calculara direito nem a intensidade do golpe nem o local da batida; e o bode ainda continuava ali em pé ainda que meio cambaleante e tonto por ter levado uma solapada, que estonteado, já pressentia a chegada da morte impiedosa, entrando em profundo desespero, pois, a partir dali já era bastante pequeno e impotente diante da condução de sua própria vida.

No seu íntimo, jamais poderia entender porque aquilo estava passando, já que da sua parte, não foi dado motivo algum para que o mesmo daquilo lá sofresse. Infelizmente estava provando daquilo que comumente chamamos de "fatalidade", mas não é o caso, pois esse termo que nada mais significa, quando o mundo imprime sua força superior a nós, decidindo nos eliminar, sem que haja nenhum motivo plausível para isso.

Talvez seja essa a sucumbência natural dos fracos, sendo que os fortes são aqueles que têm o dom de matar de eliminar o outro, com ou sem motivo algum. Mas o gesto - digo quando da primeira investida ante a sua cabeça - foi deveras suficiente para que

ele sentisse que naqueles segundos adiantes ele que teria de lutar pela vida, ou recorrer aos seus deuses para pedir clemência pela sua vida, ainda que, sabendo ele, que todo e qualquer esse esforço naquele momento seria em vão.

"Esse bode tem uma moleira dura", pensava o executor falando de si para si, tornando a desferir outro potente golpe, só que agora com os braços ainda bem mais levantados e a pancada dada bem entre os olhos do inocente bicho. E assim foi dada, sem piedade, uma outra contundente saraivada, que viria a ser fatal. Não deu outra, quando da segunda solapada, o bode cai ao chão com o crânio aberto, sendo que seus miolos e massa cinzenta respigavam em grande monta, por toda a extensão da roupa do açougueiro.

O pobre bicho se estrebuchava freneticamente soltando um grunhido assustador, som esse que não mais reverberava porque estava ele também estava se afogando em seu próprio sangue. Seu Eduardo ficara estupefato com a cena. Aquilo chocara seu íntimo como nunca. Ora, se o mesmo se compadecia de animais abandonados na cidade, mesmo que ainda vivos, o que dirá desses outros abatidos sem dó nem piedade, que se apresentavam a sua frente.

Diante da cena, chegava a mais uma conclusiva posição, que se dava na elaboração de mais uma máxima mental na sua cabeça: *"Seja na cidade ou no campo, o homem é mal de qualquer jeito"*. Quando tentou se deslocar a outro ponto para olhar o restante da cena, seu Eduardo pisa num graveto seco, o que faz um sonoro estalo. Raimundão logo vira para ver quem era, e meio surpreso, pergunta:

— Quem está aí?

— Olá Raimundão! Lembra de mim?

— Mas é claro! O que o senhor faz aí?

— Quero falar com você.

— Então se aproxime mais homem. Estou terminando um servicinho aqui e depois o senhor me fala - disse ele dispondo seu tamborete para que seu visitante sentasse e assistisse mais de perto o restante dos trabalhos.

Devidamente cumprimentados, seu Eduardo se senta e fica quieto; ao passo que seu Raimundão torna a fazer o restante de seu trabalho. Agora com o bode morto com o crânio entreaberto, língua por fora da boca e sangue escorrendo pelos olhos e ouvidos, ele

suspende o corpo inerme do mesmo, amarando uma ponta da corda numa de suas patas trazeiras, e a outra ponta, amarrada numa viga alta onde passaria este agora a ficar com a cabeça para baixo.

Estando o bicho devidamente amarrado, Raimundão puxa um punhal de dois palmos da cintura e desfere uma violenta facada no pescoço do caprino chegando a ponta da adaga até o centro de seu coração. Quando retirou a faca o sangue denso e vermelho saiu espirrando para todos os lados. Uma rajada de sangue respinga nos sapatos novos de seu Eduardo.

É quando, Raimundão trata de pegar um vasilhame de alumínio para aparar o sangue derramado daquela criatura, que àquela altura, já estava, apesar das súplicas de ainda querer viver, residindo de forma definitiva nos revigorantes noves céus, a destra do Senhor. Quando o sangue quente e espesso enchia o recipiente, Raimundão toma uma caneca, que estava próxima dependurada num toco, e a enche com sangue até a borda.

Enquanto que seu Eduardo tentava limpar os pés, seus olhos perseguiam meticulosamente todos os gestos de Raimundão, mas jamais podendo prever ele o que estava prestes a acontecer agora. É quando Raimundão, depois de ter enchido sua caneca até a borda de sangue quente, segue com ela em direção aos lábios, tomando o tal líquido num só gole.

Enquanto deglutia o líquido, gotas de sangue escorriam pelos dois cantos da boca, uma mais rápida a outra mais lenta, seguindo a mais rápida pelo pescoço até repousar finalmente na gola de sua camisa. Não havia mais espaço nas emoções de seu Eduardo para conter esse sentimento de forma tão sucessiva e em tão pouco tempo que era o de ficar chocado. Assim que terminou a golada, Raimundão então se mantém um pouco parado, e com a vista fita aos horizontes rumo à floresta.

Daí a pouco seus olhos começam a revirar. Por um instante parecia ele estar em transe. Com o copo ainda numa das mãos e o punhal na outra, saturado de sangue, ele ergue os dois instrumentos aos céus como se quisesse mostrar algo a uma divindade superior; logo em seguida fechando os olhos, de forma repentina e deixando os ombros e braços descaídos enquanto começava a girar em torno de si, pronunciando de forma inaudível aquilo que parecia ser um cântico religioso, pronunciado, talvez, num dialeto africanês do qual não podia se entender absolutamente nada, nem ao menos uma

palavra sequer.

Seu Eduardo via a cena e nada entendia. *"Que estava ele passando meu Deus? Teria ele recebido uma entidade através desse sangue?",* perguntava ele, de forma ingênua, em seus botões. Quando finalmente voltou de si, Raimundão tratou de perguntar ao visitante: *"Está servido? O senhor aceita um gole?"* Como resposta ouviu um enfático: *"não obrigado!",* disse seu Eduardo com os lábios demasiadamente trêmulos com o rosto contrito e maneando a cabeça para o lado, como se não quisesse ver o que se punha ali a sua frente.

Passada toda essa ocorrência, era hora agora de retirar tanto a pele como os órgãos do animal abatido, para restar somente aquilo que lhe tinha valor, a carne. Vendo que o visitante estava pouco desconcertado. O dono da casa pergunta: *"o senhor está com pressa? Ainda tenho de retirar as vísceras e pele desse bicho aqui."* Como reposta ouviu do educadíssimo visitante: *"Não, absolutamente, fique à vontade e termine seu serviço sossegado e depois conversamos."* E assim foi feito. Estando o corpo ainda dependurado e a última gota de sangue esvaída daquele corpo, Raimundão foi tratando de extirpar primeiramente a pele do animal.

Enfiou a faca um pouco abaixo da mandíbula dele e começou primeiramente a decepar a cabeça do bicho. Feito isso, pegou essa mesma cabeça e a colocou num local, como se o bicho agora passasse, a partir dali, testemunhar tudo que ocorreria com seu corpo. Depois, o açougueiro foi logo abrindo um imenso corte na barriga do mesmo até chegar à altura de seus órgãos genitais.

Logo após foi abrindo, primeiro de um lado e depois de outro, assim mesmo como uma pessoa abre as duas partes de um paletó ou de um roupão, por exemplo. Parecia haver ali, um tecido mui resistente, que grudava essa pele da parte gordurosa do bicho, o que dificultava muito a sua extração. Transposta essa fase e abstraída todo o couro do bicho, o animal tinha agora toda a sua estrutura muscular a mostra. Enfim, era a hora agora da retirada de todos os seus órgãos.

Se havia alguma coisa agora naquele instante que prendia a atenção e tomava de assalto o âmago de seu Eduardo eram aqueles olhos vívidos do bicho. Pereciam eles ainda estarem vendo tudo e sentido o que se passava, a cada corte que era dado, sem piedade, em desfavor de seu inocente corpo.

Chegava seu Eduardo a imaginar, que o bicho pudesse estar lhe indagando o porquê que ele não havia agido no sentido de impedir para que tal carniceiro viesse a fazer aquilo com ele. Diante desse desconforto, não sabia ele se olhava nos olhos do bicho ou no seu corpo que estava sendo esquartejado. Era como se ele ainda tivesse vivo, parado e observando atônito todo o seu próprio esquartejamento. É quando quase que do nada, sem motivo aparente nenhum, Raimundão, parecendo estar incomodado pelo mesmo sentimento, tasca a ponta da faca num dos olhos do bicho retirando-o do seu globo ocular, logo depois jogando-o dentro da boca e mastigando-o, até que se fez estourar um líquido viscoso, o que faz com ele cuspa fora somente o tal líquido, enquanto o mesmo engole todo o outro resto.

Feito isso, o mesmo torna a repetir seu ritual de trabalho como se nada tivesse acontecido. Após isso, faz ele, então, um profundo risco na barriga do animal. Teria de retirar agora intestinos, a bexiga, os pulmões, os rins, o bolo fecal... Fazia isso com tamanha naturalidade e destreza que chegava a assustar, sobretudo sob o olhar esbugalhado do visitante.

"Já estou acabando!" dizia ele ao visitante, prevendo que o mesmo pudesse estar impaciente com a demora. As vísceras inservíveis para comercialização ou consumo próprio, eram jogadas como um prêmio aos cães e aos gatos, que comiam tais rejeitos com brutal velocidade, sem mastigação ou deglutição, engolindo cada pedaço, pois não queriam eles correrem o risco de acumular alimentos, pois talvez outros bichos pudessem vir a pegá-los também.

Assim sobraria menos comida, imaginavam eles. Essa maneira atabalhoada em deglutir os alimentos peculiares aos cães, principalmente, faziam com que eles ficassem os cantos das bocas e os focinhos todos lambuzados de sangue quente e coalhado. Com toda essa carnificina a céu aberto, não fica estranho mencionar que todo esse "espetáculo sanguinolento", atraía diversos animais oportunistas, assim com uma única gotícula de sangue atrai o tubarão branco nas águas mornas do oceano azul sul-africano.

Urubus se ajuntavam em grande monta alvoroçados nos topos dos mourões sendo que outros perfilavam-se lado a lado uns dos outros nos arames à espreita e na esperança de bicar algum pedaço de carne ou de gordura. Já os lobos do mato, se valiam da

calada da madrugada para abocanhar alguma carcaça com alguns outros pedacinhos de carnes, ainda que ínfimos que talvez fosse esquecido através de um relapso do açougueiro, para depois levá-los, em grande pressa, para seu bando no interior frio e solitário das matas.

Depois de um bom alongado tempo, eis que finalmente o carneiro está tratado somente esperando serem cortados agora os pedaços de carne, o que poderia ser feito em outra hora.

Feito isso, Raimundão põe um banco em frente ao seu Eduardo e começou a falar:

— Pois bem doutor, já terminei podemos conversar dizia ele ao mesmo tempo que limpa com um de pano molhado as lâminas afiadas de seu inseparável punhal.

— Ok muito bem, obrigado. Antes de mais nada, queria lhe falar que o senhor fez muito bem o seu trabalho, que considero uma arte, por assim dizer. O senhor se lembra mesmo de mim seu Raimundão?

— Lógico que lembro uai! O senhor comprava carne aqui na minha mão não era mesmo? Lembro do senhor mas não lembro mesmo é do seu nome.

— É Eduardo.

— Ah, é mesmo seu Eduardo, o dono do "Rancho Paraíso Meu" isso mesmo.

— Naquele tempo era mais novo. Agora parece que envelheci bem rápido, percebe?

— E aí o que vai ser hoje doutor? Quer levar carne de gado, porco ou desse bode aqui?

— Não amigo não vim aqui para comprar carnes. Na verdade tenho uma proposta para fazer ao senhor.

— Hum...

— Vou logo lhe advertindo de antemão que não é uma coisa das mais simples Raimundão. Tanto que já falei pra alguns familiares e eles quiseram me internar, veja só, imagine você, me internar.

— Hum... sei...

— Raimundão tenho uma proposta a lhe fazer, e o senhor é o único em mente, que apresenta as condições mais favoráveis para viabilizar isso que almejo. Inclusive estou disposto a pagar muito bem, a quem se prestar a fazer tal tarefa. Acredito que o senhor, com esse valor, talvez teria um montante equivalente a três

anos de trabalho seu. Posso lhe falar o que quero?

— Pode uai!

— Como pode ver sou um homem velho e já estou bem próximo da morte. Recentemente fui diagnosticado com um nódulo maligno em minha próstata. Esse fato, definitivamente, tem tirado meu sono, consumido todas minhas energias e sugado meu lado bom. Tenho esse diagnóstico nada mais do que como uma mensagem de Deus simplesmente somente quer me informar de que irei eu morrer. Que bom não é mesmo saber de que irei morrer? Muitos não têm essa oportunidade, não sabem nem de quê nem muito menos porque morreram, não é verdade? Durante toda minha vida, Raimundão já tinha desconfiança, mas só com o passar do tempo é que constatei definitivamente que fui um cara inútil, egoísta... em outras palavras, que só pensei em mim e em fazer o que a sociedade esperava que eu fizesse enquanto estava nela. E hoje qual a recompensa que ganho dela? O desprezo, somente pelo fato de ser velho, somente. Percebi que eu, e muitos outros os quais fui obrigado a ser igual, somos os únicos responsáveis por essa desgraça que esse mundo vem passando hoje e ainda passará, pois nada mudou pra melhor, só piorou percebe? Queria ter a decência somente, nesses últimos dias de vida, que me restam, de fazer o meu derradeiro e único gesto de humanidade, uma última boa ação. Sei que isso não resolverá os problemas do mundo, muito pelo contrário. Mas com essa atitude penso eu que estaria com a consciência mais tranquila para partir de forma definitiva para o outro plano. Não só tentarei reparar o que o planeta perdeu comigo durante toda minha existência, bem como também, poder fazer o bem até depois que eu for para o além, percebe? Você não deve está entendendo nada não é mesmo?

— Não tô mesmo, mas tô achando até engraçado... Acho vocês da cidade muito esquisitos e meio doidos. Deus me livre ir morar num lugar daqueles.

— Enfim, então vou lhe poupar dessa minha baboseira vou dizer logo qual o motivo da minha vinda aqui. Quero simplesmente que você fique responsável por um desejo meu depois que eu morra, certo?

— Hunrrum...

— Gostaria que o senhor se apropriasse do meu corpo, depois que eu estivesse devidamente morto e cortasse todo ele em

pedaços para depois serem jogados para os animais das ruas lá da cidade, entendeu? Vou ser mais direto: depois que os médicos atestarem minha morte, quero que você se aposse do meu corpo, fazendo-os em picadinhos e depois lancem aos cachorros e gatos das ruas da cidade. Está claro?

— Está...

— Ora, e isso não é lá muito diferente do que fazes aqui no seu trabalho, tal como acabara de fazer com este bicho aqui, tirando a vida de um para alimentar outros. E estou disposto a pagar muito bem a quem fará isso. E aí entendeu o quero? Topas?

— Topo, porque não?

— Mas assim, logo de cara o senhor não vai nem contestar, me chamar de louco ou algo do tipo?

— Não, e porque o faria?

— Então o senhor topa mesmo?

— Ora mais isso não será problema. Sou um homem que venho do sertão, tenho sangue de cangaceiro correndo nas minhas veias. Não tive piedade nem de alguns vivos, teria eu clemência de um morto? Só me diga como faremos então e como será a forma do meu pagamento?

— Então ótimo! Que bom. Muito bom mesmo - dizia seu Eduardo empolgado. - Vou lhe contar tudo direitinho como o senhor vai fazer. Nada poderá sair errado. Vou pagar a primeira parte do seu serviço esses dias logo e a segunda parcela será empenhada num banco e só será autorizada a ser paga depois que o senhor terminar o serviço. Será um trato de cavalheiros, sem contrato e sem assinaturas. Afinal, o senhor é o último homem que estou confiando em vida. Você não pode falhar comigo. Estamos entendidos?

— Mas é claro!

— Obrigado meu amigo, muito obrigado. Não sei como lhe agradecer. Fique sabendo que estás fazendo um grande ato de humanidade. Este é o único desejo que tenho nesses meus derradeiros dias de vida. Seu gesto poderá salvar vidas inocentes, tão desprezadas por este mundo cruel e impiedoso. Você fará várias almas felizes pode ter certeza. Deus lhe pague em triplo o que o senhor fará por mim e por esses bichinhos.

Depois da anuência do açougueiro, o trato é selado com um forte e caloroso aperto de mão. Seu Eduardo estava com as

energias renovadas por conta da premente possibilidade de ver seu último sonho realizado. Segue para sua casa, sem compartilhar com ninguém mais esse importante passo dado para concretizar o seu macabro plano.

Os dias se passam, e como dito, seu Eduardo já havia tratado de cumprir sua primeira parte no trato, dando em espécie o primeiro montante da parcela além, lógico, de aproveitar para repassar as últimas instruções para seu Raimundão que teria a importante missão de fatiar seu corpo em pedacinhos.

Meses após isso, seu Eduardo estava sendo submetido a exames de rotinas para verificação de seu tumor na próstata. As notícias não são nada animadoras, pois o nódulo havia crescido alguns centímetros. A metástase parecia acontecer em grande velocidade, com grande risco de passar até para os outros órgãos, sendo, portanto irreversível a sua cura.

Diante do quadro, precisava ele fazer se submeter a um tratamento de choque. Aquela altura, ainda me casa, já sentia fortes dores no abdome e de quando em quando, urinava sangue. Quando num belo dia, saindo de seu gabinete de leitura, seu Eduardo sente um desmaio e cai ao chão; é amparado pela esposa que trata de levá-lo ao pronto-socorro.

Quando ele acorda, já está num belo leito de hospital, com soro nas veias e todo paramentado com roupa do hospital. Diante do seu quadro clínico, foi recomendado internação imediata para preparo para uma cirurgia com urgência. Estava, enfim seu Eduardo lutando pela vida, pois passaria agora por uma cirurgia de alto risco e não havia nada, absolutamente nada que ele pudesse fazer no sentido contrário. Por um momento esqueceu que existia uma salvação chamada FÉ.

Fez a cirurgia, mas parecia ter saído pior ainda dela. Suas forças estavam dissipadas. Estava com o corpo prostrado, a alma esvaída e as esperanças direcionadas rumo ao nada. Não havia em mente mais nada a fazer. A morte era agora, mais do que dantes muito diferente do que um pressentimento caprichoso de um bom saudável ou um motivo de autocomiseração que ensina os pensadores a sofrer.

O passamento iminente era, agora, algo concreto, um presente real. Seu Eduardo estava à beira de seus últimos dias, de seu apocalipse particular. Sua mente ainda bem lúcida mantia viva

na cabeça, alguns raros momentos bons com a mulher e a família, além de muitos versos de Fernando Pessoa, trechos dos romances de Albert Camus e de outros muitos outros.

Seu filete de alegria que ainda passavam vagamente por sobre sua cabeça, a essa altura, era ter agora somente a esperança de poder encontrar com esses que foram seus companheiros a vida toda - os literatos e os filósofos - para poder quem sabe passear com eles por sobre as nuvens enquanto discutem os assuntos dos mais leves aos mais escabrosos que afligem o planeta lá embaixo.

Se alegrava, também, pois com sua a não existência - que na sua visão, contribuiria menos para com a destruição do mundo - as suas carnes estavam, prestes a fazer parte de animais da alimentação de que tanto precisavam.

Estava mal muito mal, mas seu plano teria de continuar. Mesmo no leito frio e estagnante do seu quarto de hospital, tratou de informar a enfermeira para que ela contatasse um taxista qualquer, para que este pudesse ir até onde Raimundão para entregá-lo um bilhete com o seguinte dizer:

Raimundão, meu caro,

Finalmente meu fim se aproxima...
É hora de cumprirmos nosso trato! Fique aqui na cidade à espreita, que mais dias ou menos dias estarei partindo dessa pra melhor; e você já sabe muito bem o que tem de fazer. Venha para cá! Só morrerei sossegado quando estiveres aqui.

Atenciosamente,

Eduardo

p.s.: Não esqueça de trazer roupas limpas, seu punhal bem amolado e as sacolas pretas.

E assim foi feito, diante dessas palavras escritas, Raimundão larga tudo, se abastece do que precisava e sai em direção com intuito de cumprir a sua promessa, chegando até o hospital e logo após, ao leito do seu contratante. Parecia somente ele ver seu Raimundão para seu quadro do paciente do leito 103 que era seu Eduardo piorar mais ainda.

Seu Raimundão chega próximo ao leito e seu Eduardo irreconhecível percebe a sua chegada. Não estava magro, mas seco como a múmia *Grauballe* da Dinamarca. Não estava pálido mas anêmico, sem sangue e abatido, ensaiando movimentos lentos com os braços para comemorar sua mais nova doce vida vegetativa.

Mais do que a esposa, filhos e netos próximos junto ao seu leito de morte, Raimundão parecia ser agora o sujeito mais importante para ele naquele recinto, até mais que os médicos ou padres, pois afinal fora o único que concordou em escutá-lo e ajudá-lo em seu plano. Os familiares, apesar de lhe conhecerem, não poderiam imaginar o que aquele homem fazia lá, mas consentiam sua permanência.

E então quando a família se revezava para passar a noite com o paciente, eis que seu Eduardo determina para que Raimundão o fizesse companhia numa dessas noites, pois simplesmente era a noite que iria morrer. Quando no decorrer desse dia, seu Eduardo fazia questão que cada um dos membros de sua família se dirigisse cada um para suas respectivas casas, para que restassem somente os dois amigos juntos já ao escurecer da noite.

É quando, seu Eduardo, reúne as últimas forças, se dirigindo ao seu algoz e diz:

— Raimundão sinto que é hoje que vou morrer. Fecharei meus olhos e não abrirei mais. Está vendo aquele aparelho ali? - disse ele retirando o respirador e apontando para o medidor de frequência cardíaca. - Quando ele ficar com um sinal contínuo e estável significa, tecnicamente, que parti para o outro lado do mundo amigo, e aí a batata estará contigo meu amigo, faças o que tem de fazer, da qual arte já és mestre. Seja rápido, bastante rápido. Você não terá muito tempo. Quando finalmente meu coração parar, retire minhas roupas e faça comigo tal como você sempre fizera com aqueles animais lá daquele seu abatedouro. Extraia cada parte do meu corpo e coloque-os nesses sacos como já combinamos. Feito isso, ainda antes do amanhecer, se dirija a um taxi e circule pelas ruas e avenidas em direção ao centro da cidade. Ao ver cada animal, pare e ofereças pedaços de mim para eles, e se possível dizendo: *"Tomai meu sangue e comei minhas carnes; este é o meu corpo que será entregue a vós, meus queridos animaizinhos."* Feito isso, como todo o meu corpo devidamente alimentado os animais famintos, poderás tu com este documento aqui, ao ir banco pegar a sua segunda

parcela que lhe cabe, seguindo, você logo depois a sua rotina normal de vida. Estamos entendidos?

— Sim doutor pode ficar tranquilo - disse ele retirando o punhal. - Minha palavra de sertanejo será cumprida, pode ter certeza disso - dizia ele com uma frieza estarrecedora.

— Pois assim sendo, deixe-me dormir, preciso acordar para a morte. Boa noite Raimundão e adeus meu amigo! Confio em você! Eis-me aqui Senhor é hora de partir, me ampara em teus braços oh Jesus!

— Boa noite doutor... ou melhor dizendo boa morte!

E assim foi feito, seu Eduardo fecha os olhos e Raimundão se senta esperando tais aparelhos sinalizarem a morte do paciente. Não parava de pregar a um só momento, os olhos rumo ao tal aparelho. Às exatas 2h17 seu Eduardo parecia estar acordando, mas estava mesmo era tendo um ataque súbito.

Raimundão não sabe o que fazer, se levanta da cadeira olha para ele e depois para o aparelho. A enfermeira plantonista não podia chamar. Seu Eduardo nada diz e fica bastante arroxeado, agonizando e dizendo bem baixinho em seus lábios. *"Ai me...meu Deus. Me le...leva logo meu Je..Jesus! Está consumado!"* Dito ele isso desfalece cabalmente, ou melhor, morre.

Raimundão olha novamente para o paciente na cama com a boca aberta e depois para o aparelho. A linha verde do aparelho estava mais que contínua e o sinal sonoro num só ritmo, presumindo ele então, que seu amigo havia realmente falecido. E estava. Segundo lhe havia instruído, seu Eduardo estava oficialmente morto. Era hora então de pôr em ação sua palavra.

Sem maiores delongas, Raimundão olha para o relógio e vê que teria tempo muito suficiente para realizar sua parte no trato qual seja: fazer pedaços de seu Eduardo. Espera somente mais um pouco para que o sangue dele coalhasse para que não fosse feita tanta sujeira naquele quarto. Dirige-se ao banheiro, retira a cortina e a põe por debaixo do corpo. E assim foi feito, a porta do quarto foi trancada por Raimundão pelas chaves além de um armário. As cortinas permaneceram fechadas, como sempre estavam. Ele olha no cesto de lixo e percebe um par de luvas cirúrgicas e as coloca nas mãos.

Depois disso, toma o punhal e amola-o na borda do leito, começado a realizar suas incisões iniciais no corpo do seu Eduardo.

Sabia muito bem cortar qualquer animal até de olhos fechados, mas o animal homem definitivamente era a primeira vez. *"Não deve ter muita diferença dos outros bichos. Somos a mesma coisa afinal!",* pensava ele com seus botões diante do corpo imóvel e inerte.

Raimundão começa a cortar o corpo do morto, absolutamente da mesma forma de como cortara os corpos dos infindáveis bichos que estava costumado a cortar, durante a vida toda. Abre, portanto, primeiro a barriga do seu Eduardo para retirar as entranhas e as põe em separadas em um saco próprio. Depois ele retira toda a pele, sobrando apenas os músculos dele.

Fazia tudo isso ali mesmo, de improviso, naquele singelo leito e na mais calma das madrugadas. Extraída a pele, então, começa ele a fatiar as carnes em pedaços pequenos como fora instruído pelo contratante, no intuito de que ele pudesse alimentar um maior número de bichos, tal como desejava seu Eduardo. Mas em meio a todo aquele trabalho havia um porém. Quanto a cabeça? O que faria ele faria com a cabeça do seu Eduardo? Não havia nem ele nem seu Eduardo se precavido do que fazer com ela. Por fim, sem saber ainda o que fazer com esta parte, ele trata de pôr também essa parte do corpo numa sacola em separado.

Depois de devidamente tudo bem cortadinho, era hora de dividir os pedaços nos sacos plásticos. Pôs uma parte das carnes em uma sacola, outras partes em outra e assim sucessivamente. Feito isso, com as sacolas devidamente divididas cada qual com seu pedaço de carne humana, Raimundão olha para si, demasiadamente sujo, decidindo portanto se assear e trocar de roupas.

O leito estava vazio não havia mais nada lá. Retira o plástico do banheiro que outrora estava debaixo do corpo banhado de sangue e põe dentro de outra sacola. Havia sido bastante meticuloso. O quarto estava bastante limpo. Era as 4h47 da manhã, ele teria logo de sair do hospital com as sacolas e se dirigir ao táxi para finalmente realizar os desejos do mandante. O taxista não entende bem o que eram tais sacolas e pede para que elas fossem postas no porta malas. Não se importando o que poderia ser tais conteúdos, vendo o semblante campesino de Raimundão, era a oportunidade que ele queria parta cobrar um preço exorbitante na viagem. E assim o faz. Seguem os dois de carro pelas avenidas e ruas sentindo o vento frio da madrugada em suas faces. Onde havia uma matilha por mínima e sofrível que fosse Raimundão pedia para

que o taxista parasse para deixar um desses sacos entreabertos próximo ao alcance deles.

Não demorava muito para os cachorrinhos famintos sentirem o cheiro forte da carne fresquinhas, vindo todos eles, em direção a ela para se deleitarem diante do banquete. Da mesma forma, os gatos. Finalmente o sonho de seu Eduardo estava sendo concretizado. Vários animais foram alimentados naquele dia, sendo que muitos deles até morreriam caso não se alimentassem com aquele providencial maná vindo dos céus.

E assim foi sendo feito por todas as ruas da cidade, até que restou, porém, a última sacola com a cabeça do seu Eduardo. *"O que farei eu com esta cabeça?",* pensava Raimundão. Pediu ele então, para o taxista passar por sobre uma ponte. Realizado seu desejo, o taxista assim o faz, parando no meio de uma delas, da qual cidade havia muitas. Raimundão, então, desce com a sacola nas mãos se dirigindo a borda dela, até que olha ao fundo uma imensidão de água do mar.

É quando, seu Raimundão trata de retirar a cabeça de dentro dela. Seu Eduardo parecia estar com os olhos meio entreabertos. E então Raimundão levanta-a em direção ao seu rosto e olhando no fundo dos olhos mortos de seu Eduardo diz: *"Ser ou não ser, eis a questão!"* O taxista percebe algo estranho pelo retrovisor, olha Raimundão com a cabeça humana e se desespera com a cena, cantando pneus e saindo em disparada com o carro. Seu Raimundão vê ele saindo de forma apressada e não entende nada.

Percebido isso, lança a cabeça rumo ao rio, dizendo: *"É hora de alimentar os peixes agora, seu Eduardo. Pronto, missão cumprida meu amigo!"* Assim, sua parte na missão já estava mais do que cumprida. Segue ele outro dia ao banco, retira seu dinheiro, voltando para os braços de sua família e depois ao seu ofício, como se nada estivesse acontecido.

Nos outros dias que se seguiram depois disso tudo, a família fica sabendo através do hospital o que havia ocorrido. Seu Eduardo havia "sumido". Mas sumiu deixando muitos rastros e vestígios. Ninguém poderia imaginar o que realmente poderia acontecido. A mulher podia imaginar somente que vindo do seu marido tudo poderia acontecer, até depois da morte.

Aliás, a bem da verdade, é que não quiseram mesmo dar muitos alardes ao fato, pois essa história poderia tomar proporções

inimagináveis tal fosse veiculado na imprensa. *"Se ele sumiu mesmo ótimo"* pensava ela, pois àquela altura da vida não queria mais ela era se preocupar com as desventuras do aloprado marido. *"Ruim com ele, melhor ainda sem ele"*. O hospital muito menos, a direção só queria mesmo era o valor da internação quitado e o nome da instituição preservado diante da opinião pública. Apesar da resistência de alguns dos filhos, seu Eduardo foi dado mesmo como desaparecido.

Àquela altura, para seu Eduardo, por mais que onde fosse que ele estivesse, não importava a ele mais nada do que saber, que ao amanhecer, logo após o outro dia da sua morte, muitos dos animaizinhos, outrora desprezados, estariam agora felizes, ainda que mui rapidamente, com seus belos pedaços de carnes nas bocas, e depois dentro de seus estômagos sendo digeridos e por conseguinte, servindo para suprimento de suas necessidades nutricionais por pelo menos, alguns dias.

Lá do além, seu Eduardo se regozijava com cães e felinos agarrando-se com o seus pedaços de fêmur, sendo que outros com sua a tíbia e outros mais se deliciando com as carnes das suas costas. Bichanos, outrora à beira da morte, dormiam agora em cima dos telhados fartos e felizes tendo sonhos maravilhosos, com as carnes do seu Eduardo dentro de suas barrigas, sonhando por dias melhores e mais fartos de comidas.

Suas carnes alimentaram, ainda que muito poucos, muitos daqueles animais famintos, sim. Sua vontade, que antes parecia impossível, enfim, foi feita e prevaleceu. Eis aí um sujeito que somente procurou fazer somente o bem, pois absolutamente, não fora obrigado a fazer nada disso, mas sua bondade cristã o fez pensar profundamente na condição daqueles órfãos irracionais... seu Eduardo fora bom somente, bom até a hora da morte.

São Luís/MA, 10 de julho de 2016

O OUTRO LADO

ERA UM IMENSO E NABABESCO BANQUETE, assim como aqueles promovidos por líderes políticos, tais como o assírio Assurbanípal, o romano Júlio César e o francês Luiz XVI, quando do auge de seus reinados como chefes de nação.

Dois mil convidados apostos, reuniam 40% do PIB da cidade naquele recinto. Suas funções sociais? Eram as mais diversas possíveis: senadores, deputados, agropecuaristas, industriais, empresários, artistas e atletas famosos, perfaziam uma pequena amostra de algumas dessas figuras cativas no evento. No pátio externo, um disputado heliporto, com um congestionamento de helicópteros jamais visto ao ar, posando com uma sagacidade brutal, com vistas a não perder nenhum segundo daquela concorridíssima noite.

Para servir e agradar os exigentes e seletivos paladares um centenário *buffet*, do mais alto gabarito, foi contratado somente para se dedicar exclusivamente, com uma semana de antecedência, para dar conta ao colossal trabalho. Essa recepção, se diferenciava no mercado por oferecer um diferencial por utilizarem o método oriental *Kaizen*, em sua administração.

A decoração do lugar, ficou sob a responsabilidade dos melhores *designers*, decoradores e arquitetos estrangeiros. Era uma festa estilo Vintage. Nas paredes cortinas *De Voile*. Para decorar o teto lustres adornados com cristais e ametista e, nas mesas arredondadas castiçais e velas ao centro. Os talheres eram banhados em ouro, em tons dourados, tendo a ponta do cabo uma pérola; a porcelana era toda inglesa.

Todo um esquema de vigilância e segurança foi montado com intuito de garantir a integridade física de todos os presentes ali. Todos eles eram formados junto com as guardas pessoais dos presidentes, tendo a disposição os melhores equipamentos de prevenção. Três Geradores de 500 kVA modelo DC1252A, mais um de reserva, funcionavam a todo vapor, com vistas a não sobrecarregar o sistema elétrico local, bem como também, por precaução, com vistas somente a se prevenir, caso viesse a ocorrer algum blecaute.

No palco montado para este fim, um cantor romântico de alto renome, um dos mais ovacionados do país; do qual também, era amigo pessoal do dono da festa. Ao longo de sua carreira havia acumulado vários discos de platina, ouro... Ah! Além de um Grammy Latino. Tratava de emocionar e embalar os presentes na frenética e eletrizante pista de dança de acrílico, tendo por sobre suas cabeças, potentes jogos de luz; e aos seus pés, fumaça de gelo seco.

Pessoas e casais da mais alta classe social, disputavam para ver quem se vestia melhor, as mulheres então, nem se fala. Concorriam igualmente, em saber quem tinham os melhores sorrisos, as melhores conversas, os melhores negócios, as melhores fortunas...

Comida e bebida, eram servidas às largas, sempre com muita fartura e de maneira copiosa. Comezaina igual a essa, atualmente igualada somente se comparadas àquelas recepções mais caras promovidas por chefes de estado, em seus respectivos palacetes, com recursos públicos, é claro. O jantar fazia inveja até mesmo os maiores marajás da Índia e Sheiks dos Emirados Árabes.

A maioria dos petiscos servidos era importada, da melhor qualidade, acompanhados com bebidas feitas com extratos de advindos da cidade de Damasco e de cidadelas campesinas da Índia e do Vietnam. Circulavam nas bandejas dos garçons camarão com palmito, camaféu de queijo com damasco, *foie gras* de ganso, queijo taleggio com trufa negra em crosta de gergelim, além de um farto cardápio de comida japonesa como *sushi, sashimi, niguiri, temaki*...

Como sobremesa os tofu com amêndoas, sorvete de *Wasabi* e panquecas de chocolate e queijo os famosos Martabak, indonésios. Bebidas dos mais variados gostos cerveja, uísque, vinhos com destaque para o champanhe *Cristal Brut* 1990.

É quando, em meio ao ápice da festa, com pessoas dançando, bebendo e comendo; o mais famoso colunista social Odacir Júnior, juntamente com sua equipe de cinegrafistas, tratava de dar *flashes* ao vivo da festança para a cidade, em seu programa noturno de televisão, transmitido em horário nobre e com reprodução em vários países.

Se dirige, então o repórter, ao anfitrião da festividade perguntando-lhe entusiasticamente, sob efeito claro do álcool:

— Olha quem encontro aqui! Meu amigo, o grande Júlio

César Cupertino, o dono dessa maravilhosa festa. Hic...hic...

Sorrindo, como quem fosse pego de surpresa, responde Júlio:

— Olá caro Odacir. É sempre muito bom contar com você aqui na nossa festa, mais essa sua infinidade de tão nobres telespectadores.

Sem perder o mote da conversa, o colunista babão emenda:

— Júlio César hoje sempre muito bem vestido com um *black tie* corte *slim fit* mais uma bela camisa rigor branca plissada da grife Brioni, assinado pelo meu queridíssimo amigo e alfaiate italiano Angelo Petrucci diretamente de Milão e sempre muito bem acompanhado, hoje com sua linda e estonteante Carol. Vejam que lindaaa!!! – ele não sabia quem era a moça, disse por que algum produtor seu passou logo o nome dela, enquanto ele os entrevistava.

Na verdade, o precipitado colunista, acometido já pelos sintomas manifestos da bebida, era pra ter perguntado, ao entrevistado, quem havia assinado as vestes de gala do anfitrião, para o próprio dizer.

Superado a gafe, percebendo o deslize, sob o olhar perscrutador do entrevistado, Odacir Jr., tentando se recompor, perpetrava agora, para se redimir de vez; logo a pergunta chave norteadora da entrevista, voltando a pôr em prática aquilo que ele mais sabia fazer, que era dar curso a fantástica arte do puxa-saquismo, do qual era mestre dos mestres.

— Mas me diga Júlio, es... estamos hoje comemorando o sucesso de vendas de seu mais último empreendimento, e já fiquei sabendo nos bastidores que você já está pensando em mais, é verdade? Hic, hic... Uma andorinha soprou no meu ouvido me dizendo que sua construtora lançará em breve, um mais novo lançamento com padrões internacionais jamais vistos na América Latina, nos moldes das novas residências norte-americanos. É verdade isso? Você poderia nos adiantar, em primeira mão, para nossos telespectadores. Fale para eles, hic, hic... – dizia o repórter bebum apontando o dedo indicador para a câmara e com as pálpebras já um pouco mais pesadas.

Com um sorriso meio forçado, responde o anfitrião:

— Isso mesmo Odacir, em primeira mão, em gratidão a nossa amizade e admiração aos seus telespectadores anuncio, para

ainda este ano, o início da obra que vai impactar o nosso maravilhoso estado. Inauguraremos uma nova forma de viver, nos moldes internacionais, tendência no mundo todo. Vai revolucionar o modo de como você e sua família encara a vida. Já temos a área, pendentes somente alguns ajustes jurídico-ambientais.

Mesmo assim, já demos início à terraplanagem do terreno, com a supervisão direta dos nossos melhores engenheiros. Pra você ter ideia, nossos imóveis serão todos inspirados nas residências dos artistas hollywoodianos, dos presidentes norte-americanos e dos mais importantes chefes de estado mundo afora...

Ainda tentando falar sobre a tal novidade, Júlio é interrompido, de forma abrupta, com o grito inconveniente do inconsequente repórter.

— EU QUERO O MEU! Hic...hic... – disse o entrevistador desferindo uma sonora e inconsistentemente gargalhada diante das câmeras e dos convidados.

O entrevistado Júlio, esbugalha os olhos e depois desse desvairo procura um meio de encerrar logo a entrevista ainda que de maneira discreta, dando um breve tchauzinho para as câmeras. Pois bem, dado o recado, ainda que insatisfatoriamente, aproveita ele agora para se descolocar de mesa em mesa com vistas a cumprimentar seus principais convidados, beber alguns goles de *whisky* Macallan 1946, mordiscar um canapé de ova de salmão, enfim, queria ele curtir um pouco da festa, a sua festa.

Enquanto isso, depois de desligada as câmeras e os cinegrafistas terem ido embora, com exceção do colunista, que continuava lá a beber, a comer e a falar bobagens com outros convidados.

Antes, porém, com intuito de esquecer as sucessivas gafes do colunista televisivo aloprado, Júlio é inadvertidamente chamado pelo cantor amigo para dá uma palhinha de sua voz no palco.

Ele, por muito breves minutos, com ajuda do amigo, cantam juntos *My Way* de Frank Sinatra. Feito o gracejo para com o seu "público", parte ele neste momento, com a intenção de pôr em prática a segunda ação do que havia planejado para aquela noite. Toma seu par pelas mãos e a leva para o lugar mais privado do imóvel.

Assim se dirigia à amada:

— Carol, minha flor com néctar de mel, tenho uma surpresa

para ti – disse ele calmamente.

Essa "flor", era moça que lhe acompanhava. Seu nome Caroline Santos. Estava no auge de seus 21 aninhos. Era de família humilde, mas muito trabalhadora, onde a todo custo ela, sendo a irmã mais velha e arrimo de família - pois seus pais já eram bastante idosos -, trabalhava e estudava bastante, com o sonho de garantir uma melhor educação para si e para sua irmãzinha mais nova.

Sobre como se conheceram? Bastante pertinente dizer. Tomou conhecimento da existência de Júlio, quando este comprava em seu quiosque, um sorvete de açaí com granola, justamente, num dos shoppings ao qual também havia construído, sendo igualmente ele um dos sócios, ainda que minoritário.

Ela não era daqueles mulherões de parar o trânsito, mas guardava em si os seus encantos. Sua beleza parecia com a de uma imperatriz oriental. Empreendia uma postura delicada, o que realçava ainda mais seu rostinho meigo, inocente, submisso e tinha sido justamente esse feitio angelical, que havia chamado atenção do poderoso empresário.

Ao encetar uma breve interlocução, já flagrantemente pretenciosa por parte dele, para com aquela vendedora, ele persuade-a a dar-lhe o telefone, depois daí, passando ele a impor seu jogo fatal de sedução, por meio basicamente do telefone, do qual mulher nenhuma ainda havia arrostado. Mandava-lhe flores, caixas de bombons, declarações amorosas, passava por lá só para tomar outro sorvete somente com o pretexto de avistá-la. Em pouco tempo, o Dom Juan havia seduzido cegamente aquela simples donzela.

Enfim, espantada a senhorita com o anúncio daquele imprevisto apelo, não imaginava, ver naquela noite, o que ela jamais conseguiria ver em toda sua vida, por bem ou por mal. Com a testa enrugada, trêmula e um pouco apreensiva ela decide de vez, se render ao prestigioso Casanova, deixando inocentemente, todo seu destino nas mãos do galanteador abastado.

Ao abrirem a porta do recinto, estavam ambos diante de uma luxuosa suíte presidencial, Carol se depara com um quarto jamais visto por ela em toda sua vida. Porém, olhando mais detalhadamente, a convidada percebe uma carreira de um pó branco por sobre uma mesa de vidro próxima a cama.

Júlio fecha a porta, como que apressadamente, tira o blazer

e se dirige até ao referido cômodo, cheirando, numa só aspirada, uma das carreiras apostas. Menos disposta a se aventurar naquela estranha substância, prefere ela somente bebericar um pouco do Vinho *Bordeaux*, que estava à disposição numa champanheira de prata escovada em detalhes florais amarrotada de gelo.

A moça, Carol mal teve tempo de terminar de beber sua taça e apreciar outros detalhes do luxuoso aposento quando Júlio, sem dizer mais nenhuma palavra, de forma autoritária e rude a toma forçosamente em seus braços, abocanhando-lhe o pescoço e rasgando seu lindo vestido, que ele mesmo próprio havia comprado.

Ela, desprevenida diante de todos aqueles atos sucessivos dos quais não mais tinha poder de controlar, tenta intervir em vão dizendo:

— Ca... calma amor, vamos com calma!

Mas aquele homem gentil, galanteador e fino apresentado entre os convidados e frente à televisão de outrora parecia não mais existir. Havia mudado repentinamente de fisionomia. Estava fora de si, bastante agitado, se dirigindo agora com repressão e vociferando em direção a já assustada moça:

— Cala a boca sua vadia e deita logo aí na porra dessa cama! Você não quer é foder? – dizia isso estando ele já com a feição transposta, enquanto tratava de arremessá-la de bruços na cama. Ela fica inerte e apavorada. É quando, sem as devidas preliminares, estando toda ela nua, ele decide somente abaixar as calças até as cochas, abrindo violentamente as pernas dela com os joelhos e penetrando seu órgão nela, enquanto agarrava fortemente as pontas de seus longos cabelos caramelados e um de seus braços, logo após, dando violentas estocadas na sua vulva, até que ele se satisfizesse por completo.

Durante o ato, estampado no rosto de Carol só pavor, dor, arrependimento, vergonha e uma leve lágrima fugidia escorrendo por sobre suas belas faces. Finda a conjunção, tendo já Júlio se satisfeito, sem se dá conta dos sentimentos dela, cego pela maldade e com intuito de destruir moralmente ainda mais a moça, ele joga um maço de dinheiro considerável ao seu lado, desfechando as seguintes palavras:

— Está aí, acho que está de bom tamanho. Nada mal para uma rapidinha. Agora preciso ir ter com o meu maior acionista, o Senador Cavalcanti. Pegue um taxi e pode ir embora. Vou ter agora

uma conversa reservada sobre negócios com o meu grande sócio, antes que ele decida pegar o jatinho e ir embora da festa – dizia ele se vestindo. – Praticamente financiei toda a campanha desse senador, agora é a hora dele me retribuir – Falava ele enquanto abotoava o ultimo botão da camisa e ajustava a sua bela gravata borboleta preta sem nó pronto de seda feita a mão, sem nem sequer se preocupar em olhar mais nos olhos de sua companhia. E assim ele o faz! Quanto a ela, tratou de se vestir do que ainda havia estado do seu vestido e saiu apressadamente com vistas a ir embora, o mais longe possível daquele lugar.

Júlio César Cupertino Galvão, esse era o seu nome, um tipo social cada vez mais raro. Um jovem solteiro de cútis branca, bonito, rico, feliz e muito bem relacionado. Nem precisa dizer que alguém com essas características, em pleno século XXI, se encontra cada vez mais incomum. Ele era mesmo um felizardo! E parecia muito bem saber disso. Reunia todas as qualidades que faziam dele um bom partido.

Júlio, usufruía intensamente, tudo aquilo que sua vida e suas características pessoais lhe habilitavam para viver. Era herdeiro de uma fortuna colossal, que vem sendo passada, de geração em geração. Sua família sempre controlou um Grupo de Empresas, que atuam nos mais variados ramos, sobretudo os de infraestrutura, tais como a de construção civil, aeroportuária, minas, energia, petróleo e mineração.

Desde pequeno sempre foi preparado, pelos mais velhos, para assumir o conglomerado familiar. Era executivo de formação, com vários MBA's, tendo estudado em *Harvard Business School*, nos Estados Unidos da América. Foi treinado para herdar tudo. Disputava anualmente, com os demais empresários, o título de homem mais rico de seu estado, alçando o topo da lista, na maioria das vezes.

Frequentava bons lugares como restaurantes de luxo e tinha o estranho hábito, de hospedar-se em hotéis 5 estrelas, mesmo possuindo inúmeras casas próprias em vários lugares. Era figura cativa nas colunas sociais de revistas e jornais, sempre bem acompanhado de gente da melhor estirpe. Avesso ao casamento, sempre costumava andar muito bem acompanhado, tendo praticamente todas aos seus pés, das santinhas as mais interesseiras. Apesar da boa vida, queria mais, queria ter poder.

Diante da fortuna inconteste e do prestígio social que ele e seus antepassados haviam acumulado, estava articulando a sua mais nova empreitada, qual seja: candidatar-se a uma vaga como legislador de seu estado. Estado esse, diga-se de passagem, historicamente assolado pela miséria, perfazendo, portanto, baixíssimos índices de "desenvolvimento" humano.

Já pensava ele, em sua campanha televisiva: *"Em meu programa de governo defenderei o fortalecimento da indústria voltada para a geração de empregos e distribuição de renda. Daremos incentivos para pequenos e médios empresários. Diminuiremos a carga tributária e a burocracia. Investiremos maciçamente em infraestrutura para as nossas cidades."*

Engraçado notar que em sua campanha, a qual almejava concorrer, seria para o Legislativo, mas falava como se estivesse disputando para o Executivo. Enfim, no popular, o mote de seu discurso, meticulosamente elaborado por marqueteiros políticos, tinha a intenção de passar a ideia de que com ele sendo político, seus planos e ações políticas girariam em torno de fazer o bolo crescer, para depois, estando rico o estado, refletir isso na tal qualidade de vida da população, passando a ideia de que estava sendo repartido, assim o pão.

Não obstante, seu estágio intelectual elevado, não raro ver Júlio padecer de orgulho, petulância e de uma soberba incontrolada. Afinal de contas, sempre teve tudo o que queria. Nada, até agora, tinha sido um obstáculo para ele. Se algo de seu interesse fosse impedido, logo o executivo contatava, num simples telefonema, com o apoio de suas sólidas redes de relacionamentos, iniciadas por seu avô e pai, e assim resolvia rápido todas as questões sejam elas de qual ordem fosse. Deus para ele, era o seu dinheiro; o lucro, a sua maior motivação; o capital, em primeiro lugar, a base da sua existência, personalidade e gerações.

Enfim, quanto do seu mais novo empreendimento, ficara ele sabendo através de assessores, que o andamento das obras tinham sido embargadas na Justiça por questões ambientais. Era que ele queria construir um bairro chamado Vale das Realezas de alto padrão, que levaria o nome de seu bisavô, fundador da empresa, no qual contava em suas diversas fases, a construção de bairros residenciais estilo americano, shoppings, universidades e parques tudo bem próximo ao mar.

Mas não contava ele com um peculiar problema, todo seu

empreendimento estavam como suas obras embargadas porque grande parte dele, em seu projeto original, atingiam terras remanescentes indígenas, do qual ainda viviam aproximadamente 15 famílias pertencentes ao mesmo clã e etnia de índios. Antes, porém, seus encarregados haviam oferecido o maior número de valor possível para que aquelas famílias dali se evacuassem e fossem morar nas cidades.

Mas nada feito! A negativa de toda a comunidade diante da proposta, com o aval do cacique, foi geral. Não sairiam de lá por motivo algum. A questão não era dinheiro, mas sim emocional, afetiva e tradicional. Toda uma geração de índios havia resistido aos combates com outras tribos, às invasões portuguesas e agora ao crescimento urbano e especulação imobiliária. Não seria o projeto de um empreendimento que agora iria expulsá-los de lá.

O Ministério Púbico, por intermédio de seu mais novo promotor ambiental, que estava na cidade há poucos meses, havia conseguido na justiça, com apoio de movimentos populares e respaldo da Ordem dos Advogados, uma ordem liminar de paralização das obras. No despacho, a juíza entendeu que as famílias que ali estavam não poderiam ser "enxotadas" - e esse, foi o termo mesmo empregado pela meritíssima -, de suas terras historicamente ocupadas pelos seus ancestrais desde os períodos pré-civilizatórios.

As secretarias municipais e estaduais já haviam, estranhamente, liberado a toque de caixa, todas as documentações e licenças para que as construções seguissem seu curso normal de efetivação. Uma dessas secretarias, inclusive era comanda por grandes amigos históricos da família Cupertino Galvão.

Mesmo assim não deu outra! Estava o guerreiro povo indígena disposto a defender suas terras, partindo inclusive para o combate, caso necessário fosse. Com o respaldo de uma pequena parte de juristas, pois Júlio, controlava muito bem, outra parte do Poder Judiciário, os índios se sentiam cada vez mais encorajados para lutar por esse pedaço de terras que ainda lhe faltavam.

Inclusive, o imbróglio já estava tendo repercussão em parte da mídia, sobretudo, as de esquerda. Um jornalzinho, de apelo popular, e de linha ideológica liberal e socialista, tinha dedicado uma grande matéria concernente ao tema, inclusive entrevistando a porta voz da comunidade atingida.

Sem falar que dias antes, ela tinha rapidamente denunciado

na TV, em um programa popular, o risco que estavam passando por conta do avanço daquela obra. Era ela dona Sônia, uma das esposas mais novas do cacique, que não mais tomava a frente dessas questões, por estar bastante debilitado.

No auge de todo esse contexto desfavorável aos seus interesses, Júlio ciente de tudo que vinha ocorrendo, já bastante contrariado, sobretudo, por conta de algumas notas na imprensa, ainda que com pouca repercussão; decide ele então tomar seu helicóptero, acompanhado de dois seguranças armados, com intuito de dirigir-se até o local daquela comunidade, que um dia ousou afrontá-lo. Foi observar *in loco* o que estava acontecendo.

Seu helicóptero era um daqueles modelo preto AS350 B3 Esquilo com velocidade de cruzeiro em 222 Km/h tendo na calda as suas iniciais "J.C.". Antes de posar onde queria, deu imponentes rasantes por sobre os tetos daquelas frágeis ocas, com o escopo de amedrontar aqueles mais indefesos como crianças e idosos. Feito isso e percebendo que muitos da tribo já haviam saídos de suas choupanas para olhar que barulheira era aquela vinda dos céus, ele decide sinalizar ao piloto para aterrissar.

Ao pousar no pátio, que também era o campo de futebol da tribo, as potentes hélices superiores, ainda em giro, levantavam uma enorme quantidade de poeira jogando areia nos olhos de quem ali observava, fazendo os idosos tossirem e as crianças esfregarem as mãozinhas nos olhinhos, com a intenção de limparem a vista, com o fito de melhor observarem quem ali poderia estar e que trambolho barulhento era aquele.

Ao descer no pátio, Júlio se apresenta com uma calça jeans *Pierre Cardin*, mais uma bota de couro e uma jaqueta estilo piloto norte americano. Nas faces um *ray-ban*, tendo ao lado dois seguranças igualmente de óculos escuros ambos.

Ao se distanciar do aparelho e avistando o primeiro adulto pergunta ele por dona Sônia, sem os devidos cumprimentos.

Dona Sônia que não havia dado muita trela para o furdunço aéreo, aquele momento estava pilando a mandioca na casa de farinha. É quando fica sabendo que a visita era para ela. Então trata a mesma de se dirigir até o local onde se achava o inesperado visitante. Ele, claro, não tinha conhecimento da existência dela, nem fazia questão de conhecê-la; já ela, ao contrário, muito já tinha ouvido falar do tal empresário, além de visto muito seu rostinho em

revistas e jornais da cidade.

Assim que avistou Sônia, Júlio disparou:

— É você que anda falando besteiras a meu respeito na televisão? – pergunta com a palermice lhe era peculiar, quando ele não fazia questão de escondê-la.

Diante da pergunta pretensiosa, a índia retruca firmemente:

— Não estou falando besteira seu Júlio. Estou somente dizendo a verdade. Só quero o melhor para essa gente, que dependem de suas terras para viver, ao contrário do senhor, que até onde sei costuma ter tudo e todos aos seus pés, sempre com a maior facilidade e a mais absoluta certeza.

Vendo a insubordinação da índia, Júlio retruca:

— Ora, mas quem é você sua aborígine insolente! Ponha-se em seu lugar! Acha mesmo que meia dúzia de selvagens irá conseguir atravancar o desenvolvimento e progresso da nossa região?

— Ah tá. Quer dizer que o progresso então é passar por cima da vida dos outros, custe o que custar. Aqui nesse pedaço de chão, embora o senhor não perceba, tem vida, sentimentos, sonhos e pessoas. Não sairemos de nossas terras por nada senhor Júlio – dizia ela com as mãos ainda meladas com o pó da mandioca e orgulhosa por poder ser voz ativa na defesa dos interesses de seu povo.

Percebendo que a liderança indígena não recuaria no seu posicionamento, Júlio parte para a ameaça:

— Vocês já foram mais que avisados! Não falarei mais. Se não saírem por bem sairão por mal!

A índia triste, vendo a insensatez e falta de sensibilidade daquele jovem homem, sente até um certo remorso, pois no auge de sua sabedoria, tinha consciência que pessoas assim, geralmente não tem um fim muito digno. Diante disso, decide ela não mais replicar, face aquele tão duro coração, rígido como o de um faraó.

Júlio da mesma forma, vendo que não conseguiu seu intento ao impor sua artilharia psicológica vira as costas e sai, com seus dois seguranças mal encarados de volta para a aeronave. Seguindo em direção ao seu aparelho, vê ele aquilo que mais parecia um altar próximo a um totem com várias imagens, adereços e algumas tigelas cheias de líquido dentro.

A bem da verdade, tais apetrechos e estatuetas estavam ali

dispostos em comemoração a um ritual que acontece somente uma vez por década naquela etnia. Dentre vários outros artefatos sagrados, haviam algumas tigelas cheias de líquidos e óleos sagrados, que segundo os índios, peles e penas de alguns animais estavam ali preservados, para em momento oportuno, fosse prestado oferenda aos espíritos da natureza, dos antepassados e aos deuses, sobretudo, Tupã.

Ao comentar com um de seus capangas, digo, seguranças o que havia visto, Júlio não tardava em dizer que: *"mas que coisa ridícula é essa?!"*. Logo depois arrematando: *"Mas vejam, quanta bobagem. Os portugueses deviam eram ter matado todos."*

A cada palavra, ainda que depreciativas do patrão, seus paus mandados riam forçosamente, afinal, o salário deles também dependiam disso.

Foi quando já bem próximo ao altar, ele decide parar voltando a se dirigir a índia Sônia:

— O que acontecerá se eu destruir isso aqui – disse ele com olhar sarcástico, atemorizante e ameaçador.

A índia, mudando de semblante, reponde:

— Ora mas que tolice, não faça nada homem vá, embora. Já deu o seu recado. Disse o que tinha de dizer. Volte para o seu palácio e nos deixe em paz – dizia ela nunca imaginando que ele seria capaz de atentar algo contra os objetos sagrados daquela tribo.

Mas ele não seu por convencido. Como viu que não tinha logrado êxito no seu intento em amedrontar os índios, como vingança, ele decide deixar seu cartão de visita, sua marca qual seja: a de ser intolerante. Num último ato de intransigência, Júlio se dirige ao altar, pega um taco de *baseball* das mãos de um de seus guarda-costas se preparando para golpear as imagens e os tais cálices.

A índia vendo que ele partia para pôr em prática a ação, grita:

— NÃO FAÇA ISSO!!!

Mas já era tarde! Júlio César começa a deferir golpes e mais golpes destruindo todo o altar, dando pontapés nas peças que caiam ao chão, ao mesmo tempo em que ria diabolicamente de toda aquela cena. Alguns índios, presumindo o que estava ele prestes a fazer, tentavam-lhe, em vão, barrá-lo, mas já era tarde.

Os seguranças fizeram um movimento para tentar proteger

o patrão. Enfim, *"a Inês já estava morta"*. Um jovem índio ao ver o que aquele branco tinha feito, disse-lhe: *"Você acabou de realizar o maior erro de sua vida",* falou isso enquanto se afastava, como quem dissesse: *"Agora é tarde!"*. A tribo toda ficou em pavorosa.

Quando tudo estava destruído ao chão e os líquidos derramados, os índios começaram a entoar um canto fúnebre desesperadamente, lançando orações aos céus. Uns rolavam pelo chão, enquanto outros se abraçavam chorando copiosamente. Sônia de longe, pensava consigo: *"Oh deus Tupã, sê misericordioso para com este homem. Ele não sabe o que fez."*

Sem entender porque os índios haviam ficados tão atribulados, Júlio percebe por sobre sua cabeça estranhamente, que o tempo se fechava. O céu, dantes límpido, havia demudado, agora aparecia com nuvens negras, densas com alguns lampejos de relâmpagos.

Vendo que as previsões do tempo, haviam falhado nesse dia, rapidamente, o comandante sinaliza para a tripulação retornar de imediato a aeronave para levantar voo. Não entendeu o piloto porque o tempo havia mudado tão repentinamente. Era pleno verão, as previsões meteorológicas antes consultadas prognosticavam que não haveria risco de chuva algum para os próximos meses. *"Deve ter sido o El Nino",* pensou o aeronauta consigo mesmo.

Ao atender a sinalização do piloto, vendo que o tempo estava mesmo ficando ruim para sobrevoar, Júlio sai apressadamente com ânimo de retornar ao seu helicóptero. É quando ao tentar subir na aeronave Júlio sente uma leve tontura, uma vertigem, quase desfalecendo sendo amparado por seus dois seguranças, cada um de um lado.

— O que foi meu chefe? – perguntou um dos seguranças.

— Nada não. Só me senti um pouco mau. Estranho! Será se já peguei doença desse povo nojento – disse ele enquanto tratava de sair dali o mais rápido possível, sem olhar para trás, nem muito menos nutrir remorsos por tudo aquilo que havia feito.

Chegando a sua mansão, com uma leve cefaleia, por conta do estressante dia, toma banho, cheira um pouco e com seu copo de *whisky* a tira colo trata de realizar alguns contatos com praticamente seus amigos de todos os poderes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, além do quarto poder, a imprensa.

Decide, depois de consultar seus amigos retro mencionados, além de muitos outros conselheiros históricos, que ele, como estratégia para vencer a tal causa na justiça contratasse um laranja, com intuito de forjar documentações cartoriais como se aquelas terras suas fossem de direito. A ideia era, depois de estar ele munido de tal documento, ainda que falso, o Estado entraria com seu braço armado, com o devido respaldo judicial através de um mandado de um juiz comprado qualquer e despejariam de uma vez, a força, ferro e fogo toda aquela gente sem dó, nem piedade, ao relento. O governador e todo o alto escalão do governo, também, já estavam cientes da manobra e estavam dispostos a fazer o plano funcionar. Todos, inclusive, já tinham seus lotes, casas, apartamentos e imóveis comerciais garantidos assim que empreendimento fosse concretizado.

Depois de ter recebido essa "luz", o jovem empreendedor parece agora ter ficado mais tranquilo. Pensa em ligar para sua cafetina preferida com vistas a encomendar um programinha, mas já era tarde. No outro dia precisaria estar bem cedo no escritório, da sede da empresa, com vistas a realizar seus contatos mais urgentes na intenção de pôr em ação aquele seu mais novo planozinho.

Se dirige ele então, até a sua cama Simmons feita com tecido em malha belga, em meio ao seu confortável edredom seda pura cor *champagne queen* e lençóis de cetim branco mais travesseiros com penas e plumas de gansos embden. Seu quarto era todo refrigerado. Dormir ali era como repousar nas nuvens frias dos céus. Finalmente ele deita, boceja, fecha os olhos e dorme.

Ação e reação, atos e consequências, quem planta colhe, aqui se faz aqui se paga, já dizia o dito popular. O ser humano, hoje, tem como maior dos freios, pensar muito acerca dos atos que irá tomar. Uma pessoa, com a idade mediana, já guarda consigo uma boa noção do que é certo e do que é errado, do que é bom e do que é ruim.

Entretanto, diante de muitas situações que a vida nos apresenta, nós reles mortais, parece que esquecemos tudo que um dia aprendemos com nossas experiências pessoais, por vezes, falhando como se ainda criança fôssemos, diante de erros tão crassos. Essa é a peculiar diferença entre a teoria e a prática, meus caros e minhas caras.

Apesar de toda a comodidade disposta a Júlio, depois de algumas horas de sono, aquilo que era pra ser uma dormida reparadora e fomentadoras de bons sonhos parece ter se transformado num imenso pesadelo. É que Júlio, estranhamente incomodado e não sabe-se lá porque, passara a noite toda se revirando e se remexendo de um lado e para o outro, por conta de seu intranquilo sono. Mesmo sabendo que sua noite já estava praticamente perdida, com o mau sono, ele ainda decide persistir na dormida até o amanhecer do dia. E assim ele o fez até que o dia amanheceu.

Percebendo isso, ele não propriamente acorda, mas sim desiste em não mais tentar dormir, haja vista que seu desconforto só aumentava. Ao sentar-se na borda da cama, sente que algo diferente havia acontecido. O ambiente estava diferente, sentia seu corpo estranho como se estivesse encolhido. Tenta abrir os olhos e percebe que sua visão se encontra bastante embaçada.

Quando, pois, finalmente consegue abri-los por completo, percebe somente uma fresta, de uma pequena janela, toda vazada, da qual se percebia somente a entrada de alguns feixes finos de raios do sol matinal, haja vista que já havia percebido ele que estava em meio a um local muito escuro, minúsculo e fechado, quase claustrofóbico.

Sua testa suava as bicas por conta do forte calor. Nas costas sente um ardor infernal. Mosquitos ainda pairavam por sobre seus dois ouvidos, ofertando-lhe um zunido insuportável. Um cheiro forte vinha do chão e invadia suas narinas. Algo realmente havia mesmo acontecido, e não parecia ser nada bom. Disso não se tinha mais dúvidas, pensava ele. Ainda meio sonolento, trata de esfregar os olhos com os dedos indicadores e polegares, depois se dirigindo rumo à janelinha abrindo-a.

Ao se deparar com o lado de fora do recinto, ele se vê diante de um cenário estarrecedor. Estava em meio a um mangue, por sobre um casebre, popularmente conhecido como palafita. Sim, ele estava numa palafita! Quando olha para a casa vizinha, percebe restos de telha de brasilite carcomida pelo tempo cobrindo, ou melhor, tentando cobrir as pequenas casas. Seus assoalhos eram todos sustentados por finas estacas, todas elas empestadas por um lodo esverdeado, mexilhões e caramujos.

Pontes estreitíssimas davam conexão de uma casa para

outra, além de conectar seus moradores até a terra firme. Embaixo a maré subia, levando consigo entulhos das chuvas, somado a um esgoto *in natura* urbano abarrotado de fraudas, absorventes, seringas, gazes de hospitais, partes humanas decepadas, sem falar do cheiro constante de fezes humanas.

Júlio está meio atônito, atordoado e impotente diante dessas cenas que se apresentam a sua frente, e que das quais jamais imaginaria ver. Ao voltar-se para o lado de dentro, tendo a luz do sol já invadido instantaneamente o lado interno da casinha, Júlio, percebe que estava em um pequeníssimo cômodo por demais, apertado.

Suas paredes eram todas formadas por tábuas justapostas entre si fixadas por pregos, na maioria enferrujados. No teto, uma lâmpada antiga dava sinal de premente curto circuito. Ao lado, num dos cantos da casa, algumas panelas espalhadas, tendo próximo uma pequena despensa com flocos de milho, mais uma lata de sardinha. Não havia fogão, geladeira, nem outro cômodo a não ser a tal cama da qual havia dormido. Na parte dentro era um recinto insalubre, coberto de poeira e teias de aranhas. Ratos, baratas e outras pragas passeavam no chão do casebre e por sobre seus pés como se fossem bichos de estimação.

— Meu Deus é um sonho! - seu coração acelera. Torce para que tudo aquilo fosse um pesadelo ou mais uma brincadeira boba de seus amigos, mas não era. - Que será isto que está acontecendo comigo? Onde estou? - procura ele seu celular apalpando todos os seus bolsos e não acha – Ao diabo tudo isso! – exclamava ele. Vendo que se encontrava em uma situação, no mínimo espalhafatosa, decide então sair da tal palafita, que segundo sua concepção, não lhe pertencia, aliás, nunca lhe pertenceria.

É quando, ao botar os pés para fora da casa - num tablado próximo a porta de entrada que era a mesma de saída, haja vista que só existia essa porta -, ouve de uma moradora vizinha:

— Bons dias seu Nonatinho. Caiu da cama hoje foi? – pergunta uma senhora amistosamente.

Atônito, Júlio escuta, mas não retribui o cumprimento matutino.

Com o semblante bastante conturbado, aproveitando o ensejo proposto por aquela vizinha sem responder-lhe, pergunta-lhe:

— Senhora, por favor. Onde estou? – pergunta Júlio secamente.

— Onde você está? Ora, você está onde sempre esteve. Na sua casa homem! – enfática, ela responde.

— Senhora deve estar havendo algum engano, meu nome não é Nonatinho. Eu me chamo Júlio César sou o maior empresário deste estado.

— Há, há, há... Que brincadeira é essa homem? Tu bebeu foi?

Percebendo que a senhora não iria colaborar, e não imaginava porque não, ele retruca, buscando agora, seus próprios meios com o fito de fugir da situação:

— Não bebi nada senhora. Eu tenho é de sair daqui, desse lugar imundo e nojento. Já que não quer colaborar comigo – pois preferia a senhora dá curso a seu típico bom humor, diante da jocosa situação - então me diga, ao menos, que lugar é esse e como faço para chegar até o Jardins? – "Jardins" era o bairro onde fica a sede de sua empresa, além de ser também, já bem próximo da mansão onde morava.

A senhora, vendo que o sujeito estava mesmo bastante perturbado, fica agora estupefata, por conseguinte dizendo nada.

É quando ao longe, Júlio... ou seria Nonatinho? percebe, que distante havia uma movimentada avenida, já bem próxima a um viaduto. Não pensa ele duas vezes se deslocando até lá apressadamente, sem olhar para trás e com o casebre todo aberto, do qual considerava ele, definitivamente não ser seu, embora sua vizinha defendesse o contrário.

Vendo mesmo que se tratava de uma rua, estando ali, e agora já tendo ele condições de se situar donde se achava na cidade, decide então se colocar onde se via aposto um grupo de pessoas, que aguardavam um ônibus, debaixo de uma parada. Ao verem aquele homem se aproximar deles, algumas pessoas se afastam, disfarçadamente. Ele estranha, sente um choque ruim de desprezo, mas nada fala, nada poderia dizer.

Sem ligar para elas, começa ele a acenar freneticamente com as mãos para vários taxistas, mas nada de alguém parar. A cada carro que passa, ele ia ficando mais revoltado. Assobiava para os taxistas que passavam pela mão oposta do outro lado da avenida, mas nada adiantava. Parecia invisível. Quando um táxi não parava

para ele, gritava: *"Para aí seu filho da puta!"*

Depois de muito tentar, quase perdendo as esperanças e tendo seu cérebro já se organizado com vistas a buscar outra alternativa para ir embora, um velho taxista, vendo seu desespero de longe, decide parar. Estava ele em um carro bem antigo e já bastante deteriorado. Apesar dos pesares, era a sua salvação!

Júlio, diante do carro estacionado a sua frente, pode finalmente, se regozijar. *"Ainda bem",* dizia ele, partindo, sem demora já para abrir a porta do carona ao lado do motorista. Assim que toma assento, logo o motorista com um olhar esbugalhado e já se arrependendo de ter aceitado transportar aquele passageiro, pega um lenço e põe por sobre o nariz, dizendo:

— Caro amigo, o senhor não se importa de ir no banco de trás – disse ele ao novo cliente.

— Por que não posso ir aqui na frente? – redarguiu Júlio.

— É que estou sem o cinto de segurança aqui na frente. Semana passada peguei uma multa altíssima por conta disso. Então, encarecidamente, eu lhe pediria, se não fosse muito incômodo, para que o senhor fosse mesmo no banco detrás do carro – dizia o motorista sem tirar o lenço das narinas e abrindo todas as janelas possíveis do veículo. Claro que era uma desculpa esparramada inventada somente para se livrar daquele tão forte odor que o novo passageiro exalava.

— Tudo bem, mas vamos logo, preciso chegar o quanto antes ao meu escritório lá no Jardins para trabalhar. Vamos mais rápido - dizia Júlio de forma confiante e recompondo lhe a empáfia que lhe era peculiar.

O taxista, enquanto se arrependia da viagem, estranhava também como um homem idoso, maltrapilho, sujo e fétido poderia ter um "escritório" para trabalhar, ainda mais num bairro tão exclusivo, logo desconfiando, portanto, ele até de sua sanidade mental. Igualmente, guardava consigo, sérias dúvidas se aquele sujeito teria mesmo dinheiro para pagar a viagem, logo tratando de lhe indagar indiscretamente:

— E qual é a melhor forma que o senhor deseja pagar a corrida? No dinheiro, no cartão?...

— Ora, pois não me torre mais a paciência! Isso não vem ao caso, tanto faz. Sou um homem rico! Comando a maior empresa desse estado.

Depois desse comentário, o taxista começou a se conformar que havia mesmo perdido mais uma corrida e que aquele homem definitivamente, não era normal.

Sem perceber o semblante, nem o que muito menos o que se podia passar na cabeça daquele motorista, Júlio segue sua viagem dizendo internamente de si para si, cada vez mais atribulado por dentro, embora por fora ainda não transparecesse, pois um turbilhão de perguntas sem respostas insistiam em passear pela abóboda da sua conturbada cabeça. *"Meu Deus! Que aconteceu comigo?",* pensava consigo. *"Será uma maldição. Será uma loucura? Será a morte? Oh meu Pai quero minha vida de volta. Fizeram alguma brincadeira de mau gosto comigo? Terei ficado eu realmente louco?",* arrematava.

Na verdade, tudo era mesmo verdade. Júlio ainda preservava, no seu interior, em seu cérebro, toda a estrutura mental de sempre, seu passado, suas memórias, suas experiências, todas tinham sido mesmo reais, mas só pra ele; ao contrário de sua nova condição, agora bem diferente daquela que ele pudesse imaginar ter algum dia; afinal agora não passava de um velho malcheiroso, feio, pobre e sem nenhuma colocação social.

Era mesmo muito difícil aceitar sua nova condição e se adaptar ao seu mais novo estilo de vida. Não preservava mais a identidade de outrora, amigos, vigor físico, felicidade. Parecia anêmico. Realmente muito difícil, muito difícil, não só para ele como para qualquer pessoa que se achasse na sua mesma situação.

Quando ambos, ele e o motorista, se aproximam do Bairro Jardins, mais precisamente, próximo ao prédio que funciona a sede das suas empresas, Júlio pede para parar.

Ao escutar o comando do viajante, diz o motorista:

— É aqui doutor?

— Sim pode parar, chegamos. É aqui mesmo a minha empresa – dizia isso enquanto olhava para o último andar do arranha-céu ainda dentro do carro.

Escutando as palavras do estranho passageiro, o chofer balança a cabeça para os lados pensando intimamente: *"Oh meu Deus, é um louco mesmo!"* Depois disso, Júlio desce do carro, dá a volta e vai até a janela do motorista perguntando ingenuamente quanto tinha sido a viagem enquanto metia as mãos por dentro dos bolsos, sem nada achar. Assim falou o motorista: *"A viagem foi uma cortesia meu caro. Só preciso que se afaste do meu carro. Passar bem!",* disse isso ao

mesmo tempo em que saiu arrancando seu táxi atabalhoadamente. Pronto, pelo menos tinha o taxista uma bela história para dividir com seus colegas de profissão.

Júlio não entende a atitude dele, ou melhor, não poderia entender.

Enfim, não era hora de entender nada. O que ele queria era trocar de roupas, usar seus perfumes importados, voltar ao comando de suas empresas, ou seja, queria sua vida de volta.

Quando ia se dirigindo até a entrada principal do prédio, o seu prédio, Júlio vê na fachada da porta principal um imenso vidro espelhado. Ao aproximar-se finalmente vê aquilo que todos estavam vendo. Era a imagem de um senhor maltrapilho com as vestes rasgadas e sujas, por demais surradas, sem a maioria dos dentes, cabelos grandes grisalhos e barba por fazer.

Tinha a altura de 1,50 m, por pouco menos seria considerado um anão. Estava metamorfoseado num esquálido velho, pele escurecida como a noite e ainda era coxo, puxando um pouco a perna para direita. No seu crachá, que porventura achara no bolso, havia o dizer catador de material reciclável, logo acima tendo seu nome "Raimundo Nonato da Silva", mais sua foto.

Mas, mesmo estando diante daquilo que refletiria mesmo concretamente a imagem de sua pessoa, não se condescendia. *"Devo estar com algum problema neurológico, vendo imagens que não correspondem com a verdade. Isso mesmo, um dia desses vi na TV de canais fechados uma series dessas doenças misteriosas que acometem na proporção de 1 em 1 milhão. É isso mesmo deve ser mais um desses problemas psíquicos talvez, raríssimos diga-se de passagem. Nada que um bom neurocirurgião ou psicanalista não resolva. Contratarei o melhor do mundo se for preciso",* receava ele, em voz baixa.

Embora não se conformasse, e a verdade era que ele não queria se convencer dessa eventual possiblidade, Júlio diante das sucessivas ocorrências malogradas, já vinha pensando, intimamente, também no pior, de forma paralela, apesar, tal como havia afirmado retro, ele ainda não queria se conformar inteiramente.

Em vista disso, pelo menos para uma coisa serviria toda essa balbúrdia. Estava em curso a transformação de um homem. Júlio, num lampejo de consciência, decide fazer um profundo reexame de tudo que vinha fazendo. Ainda que rapidamente, se mostra ele um tanto quanto "arrependido", por ter passado por

cima de tanta gente, tantas famílias destruídas por conta de sua ambição cega em busca de mais capital e poder, só e somente só. As pessoas que ele humilhou, menosprezou, tratou como reles objeto, tais como as inúmeras mulheres que ludibriara como a linda Carol, por exemplo.

Lembrou-se também, daquele fatídico dia, ao qual tinha ele se dirigido, de maneira nada cavalheiresca, àquela comunidade indígena tão carente e sofredora. Em peculiar, se lembrou ao fim, o que havia escutado de um daqueles índios, quando ele destruiu aqueles símbolos religiosos: *"você acabou de realizar o maior erro da sua vida."* Estaria ele vivenciando o que havia profetizado aquele indígena?

Agora ele podia entender as tantas advertências ouvidas, advindas sobretudo das vozes das ruas, sobre de como quais seriam os valores que deveriam nortear suas atitudes. Jamais ouviria palavras dessas nos ambientes luxuosos e pelas pessoas grã-finas aos quais costuma se relacionar. A Palavra de Deus, mais conhecida como Bíblia Sagrada é ainda mais cortante no livro de Provérbios 16 versículo 18 que diz: *"A soberba precede a queda."*

Neste instante até a destruição e os chutes naqueles apetrechos religiosos, faziam dele um homem muitíssimo compungido. Teria ele livrado algum espírito mau ou zombeteiro daqueles que troca a personalidade de uma pessoa e a coloca em outro corpo, só por conta daquela atitude insensata de ter dado pontapés naqueles paramentos ritualísticos tribais? Sua vida agora serviria para pagar tudo aquilo que suas gerações vinham fazendo de mau décadas e décadas a fio?

"Arrependimentos" à parte, ainda assim, para todos os efeitos e para os que estavam ao seu lado, ele não passava de um velho pobre, feio e imundo.

Mas ele não desistia. Estando já próximo da entrada daquele que ele ainda considerava o seu prédio, decide ele passar pela porta giratória, atravessando todo o saguão, indo diretamente a recepção. Funcionários, pessoas que trabalhavam no prédio, todos olhavam um tanto quanto desconfiado para aquele estranho sujeito, dissonante a todos que costumavam frequentar aquele recinto.

Ao estar frente a frente com a recepcionista, disse ele:

— Moça contate agora o setor financeiro, prepare e mande todos os relatórios para o meu gabinete. Ah, também marque uma

reunião para mais tarde aqui, como todos os acionistas e com a diretoria da empresa, ok? Rápido quero tudo isso muito rápido – dizia ele estalando os dedos, enquanto a recepcionista ficava atônita sem saber o que dizer. Vendo que ela ficara sem reação emenda Júlio: Vamos sua insolente. Faça logo o que estou mandando! Ou senão te ponho no olho da rua, entendeu? – dizia ele violentamente, chamando atenção de todos que estavam ali perto.

— Mas senhor... – respondia ela. – Não estou entendendo o que o senhor deseja. Pode repetir, por favor. O senhor deseja falar com algum parente seu aqui dos Serviços Gerais é isso? Ou veio só deixar seu Curriculum? – dizia ela agora pacientemente querendo entender a situação.

Júlio então é tomado por uma ira incontrolável diante do não acatamento imediato daquela funcionária face as suas expressas ordens. Suas sobrancelhas se aproximam uma da outra, em direção baixa e comprimindo os lábios, se enfurecendo impetuosamente:

— Olha aqui sua incompetente – dizia ele batendo fortemente uma das mãos no balcão e jogando alguns papéis para o alto, chamando atenção ainda mais de todos os presentes e claro, da atenta segurança também, dizendo mais: – Sabe quem é que manda nisso tudo aqui? Eu! Eu sou o dono de toda essa merda aqui que vocês estão vendo! Quanto a você pode arrumar suas coisas e ir embora você está demitida!

A atendente fica estupefata dizendo somente *"calma senhor, tenha calma senhor"*. Enquanto isso, sua colega do lado, trata de dá o sinal para que o segurança da porta principal se dirija até a recepção, com intuito de conter os ânimos daquele desequilibrado homem, além de interfonar para chamar reforço da segurança de todo o prédio.

É quando o segurança já estando bem próximo, tenta acalmá-lo com intuito de buscar um melhor desfecho para a situação, dizendo:

— Senhor estamos aqui para lhe ajudar. O senhor está um pouco exaltado. Fique calmo para que a gente possa entender o que o senhor realmente deseja – disse o segurança calmamente.

Ao ouvir essas recomendações, na cabeça dele um subordinado seu, Júlio fica ainda mais irritado.

— Ora só, mas que é você agora? Sou eu que pago seu salário rapaz! – dizia ele rispidamente e com o dedo em riste no

rosto do segurança de 2 metros de altura, sendo ele um homenzinho de estatura nanica. Percebendo que o segurança estava se aproximando ainda mais dele emendou: Fique longe de mim! Isso é uma ordem! – Vendo que o segurança não obedecera partiu para cima dele dizendo: Você agora está também demitido. Você e essa estouvada aqui da recepção. Podem passar nos Recursos Humanos para prestar contas e rua! Ouviram bem? Ruuua!!!

Vendo que Júlio partia para empurrá-lo o segurança de pronto, mestre em defesas pessoais, dá-lhe uma chave de braço naquele agitado senhor, ao mesmo tempo em que chega o reforço.

Assim que viu o grupo de vários seguranças, e vendo que estava imobilizado Júlio começou a gritar incessantemente:

— Me solta seu brutamontes. Eu me chamo Júlio César Cupertino Galvão. Sou dono dessa empresa e patrão de todos vocês aqui. - Aquele momento todos haviam parado para observar a vexatória cena. Dizia mais ele agora se referindo a cada um daqueles seguranças: Você está demitido! Você também! Você aí segurança careca, também está no olho da rua! Todos vocês ouviram bem! Todos vocês! – Assim que havia se dirigido a todos os seguranças, às recepcionistas, mais alguns funcionários que estavam ali perto, Júlio passa agora a se reportar aos objetos: "Ei você sofá! Está demitida. Há, há, há... Mezanino está demitido! Não preciso mais de seus serviços! Lata de lixo! Há, há... Está demitida, pode ir embora. Todos vocês, estão todos demitidos. Podem ir embora todos!... Há, há, há... – Júlio desferia essa ordem enquanto ria escandalosamente, parecendo estar cada vez mais perturbado e ensandecido. Não parava ele de exclamar gargalhando a tudo e todos que via a sua frente: *"Você está demitido! Você está demitida!..."*

Algumas pessoas que observavam a cena exclamavam veementemente: *"Esse homem é um louco!"* Já outros diziam: *"É maluco, deveria ir era para o hospício." "Internem ele, chamem uma ambulância"*, comentavam outros mais.

Diante de todo o entrevero, até a alta cúpula da empresa, lá no alto, já tinha ciência do que ocorria no andar térreo da recepção. As ordens superiores eram pra tirar imediatamente aquele sujeito do ambiente, o mais rápido possível e para bem longe de preferência.

Os funcionários ouvindo recomendações das pessoas que ali se encontravam, trataram de ligar para uma ambulância de

emergência, pois aquele caso se tratava mesmo de uma ocorrência de saúde pública. Depois de alguns minutos, eis que pelo lado de fora do prédio, ouve-se as sirenes frenéticas de uma ambulância, parando de forma brusca perante a entrada principal do edifício empresarial.

Júlio continua lá, sob o domínio dos seguranças, desferindo já rouco e com um tom mais baixo as únicas palavras que teimavam em sair da sua boca: *"Você está demitido!"* ou ainda *"Você está demitida!..."*

Quando os enfermeiros chegam, acompanhados de um paramédico, eles vão logo perguntando:

— Onde se encontra o paciente?

— Está aqui – dizia um dos seguranças. – Podem levá-lo!

Ao observar que aqueles 2 enfermeiros se aproximavam dele, Júlio não tardou em dizer: *"estão demitidos, vocês dois também"*. Mas falava isso quase que imperceptivelmente, afinal já estava ele sem forças musculares e mentais de outrora. Aquele dia tinha sido demais para ele.

Porém, quando a situação parecia está dominada, vendo que estavam desfraldando aquilo que parecia ser uma camisa de força, Júlio retoma suas forças e com uma energia vibrante, tenta se desvencilhar dizendo:

— Mas o que é isso? O que vocês pensam que são? O que vocês pensam que vão fazer com essa camisa de força – dizia ele agora bastante alterado e fora de si como jamais se tinha visto. Agora eram necessários mais homens para contê-lo. – Me soltem. Me larguem. Eu não estou louco! Não sou maluco! Denunciarei vocês a polícia! Todos vocês, ouviram bem? – dizia ele desesperadamente, vendo a situação já como que irreversível diante da desigual paridade de forças travada com todas aquelas pessoas.

Em meio a gritaria, ouve-se a voz do paramédico:

— Segurem-no forte. Vou medicá-lo com um *dormonid* – dizia ele abrindo sua maleta, tomando numa das mãos uma injeção com sua devida seringa e enfiando na ampola do tal remédio citado até esvaziar a substância por completo.

Finalmente conseguem injetar a tal droga no paciente. Em poucos segundos fica ele estatelado, sem prestar agora mais nenhum tipo de reação física, nem muito menos verbal para com seus mobilizadores. Assim, com ele dormindo, finalmente lhe

vestem com a tal camisa de força, logo após, levando-o numa cadeira de rodas para o interior da ambulância.

Enquanto o transportam, ele vai babando, por toda sua camisa de força, além de ver vagamente, com os olhos pouquíssimos entreabertos, clarões e vertigens do que se passava a sua frente, não tendo, portanto, mais o controle de absolutamente nada no desenrolar de sua vida, pelo menos naqueles instantes posteriores.

Estando deitado na maca da ambulância, só vê ele o teto dela e uma bolsa de soro, que, diga-se de passagem, estava sendo injetado na sua veia. De um de seu lado comentavam os enfermeiros: *"Mais um doido na nossa conta hein?",* dizia um deles. *"Verdade. Não vejo a hora de me livrar desse doido-lixo lá no hospício e ir pra casa tomar minha cervejinha e beijar minha patroa",* arrematava o outro. Ao escutar a resposta do colega, ria aquele primeiro: *"Doido-lixo, gostei dessa. Há, há, há!"*

Júlio que ali estava, embora deitadinho e entorpecido a tudo escutava, mas nada poderia dizer. Sua consciência estava perfeita, mas sua mente e seu corpo não correspondiam mais a nenhum estímulo externo, por mais insignificante e ínfimo que fosse. Assistia o teatro da vida, mas não podia participar dela, condição que outrora costumava ser o protagonista.

Finalmente, chegam eles aos seus destinos. Era uma imponente Casa de Saúde Mental. Mal a ambulância para e os dois enfermeiros tratam logo de desembarcar o paciente Júlio, para entregar-lhe rápido aos novos responsáveis por ele, do seu mais novo referido estabelecimento. Esse, ele não construiu.

Antes, porém, eles mais Júlio tem de passar por um imenso pátio espaçoso e florido. Lá havia uma quadra ao longe onde alguns internos jogavam basquete. Mais ao longe, ainda se via blocos de apartamentos, uns isolados do outros onde se viam minúsculos quartos individuais.

Era a hora do banho de sol. Mas pera lá. Não são os detentos que tem direito ao tal banho de sol? Enfim, alguns pacientes ou internos como queiram, estavam praticamente todos vestidos com uma bata azul clara, tendo ao lado esquerdo do peito, um pomposo brasão da referida Casa.

Passeavam distraidamente de um lado para outro; já outros, porém, faziam isso sob a supervisão de um cuidador. Outros

preferiam ficar sentados num banquinho de praça inertes, com o olhar fixo para o chão. Quando ousavam fitar os olhos para outro lugar, os faziam de maneira morosa e desmotivante. Essa era um pouco da rotina daqueles pacientes, lógico que numa descrição rasa e superficial. O que acontecia realmente ali desde a sua existência, só eles e Deus poderiam dizer.

Voltando a saga do nosso herói, o estado dele é por demais precaríssimo, estava ainda sob efeitos claros do tal "calmante", dopado, afinal a dosagem ministrada era a máxima. Isso é o de menos, está moralmente, emocionalmente, socialmente, mentalmente, fisicamente, economicamente destruído.

Até as enfermeiras mais experientes, ao avistarem o mais novo interno, sentem dó dele. E eram enfermeiras com bastante experiência. Um clima comiseração tomava conta do ar quando ouve-se uma voz cortante:

— Está aqui agora vocês tem como paciente o homem mais rico do estado. Está entregue! Façam bom proveito! – disse um dos enfermeiros em tom de galhofa.

Júlio estava entregue. Ainda de camisa de força, a enfermeira chefe trata de encaminhá-lo a recepção onde será feito, ou melhor, tentará ser feito o seu cadastro como mais novo internado. Nessa fase, era tudo para ocorrer muito bem. Mas havia um porém! Quem prestaria tais informações? Júlio? Impossível. Além de estar sedado, ele estava passando por uma pequena "crise de identidade" digamos assim, tal como já vimos a história toda. Para todos os efeitos, considerava-se ele ainda um homem poderoso, o tal Júlio César Cupertino, nome do qual ele pronunciava com tanta altanaria.

Entretanto, tinham em mãos, aquele seu crachá, dado por um dos enfermeiros, a equipe que o recebera. Estava lá escrito - tendo bem no centro uma foto 3 x 4 do mesmo - o nome "Raimundo Nonato da Silva" tendo logo abaixo, aquilo que parecia ser sua profissão "Catador de Material Reciclável", sob o timbre bem mais acima da identificação, o termo "União de Cooperativados de Materiais Reciclados".

Ao confrontarem a foto com o rosto daquele homem que haviam acabado de receber, não havia mais nenhuma sombra de dúvidas. O nome dele era Raimundo Nonato, sua profissão Catador de Material Reciclável. Pronto! Pelo menos dois dados importantes

para registrar no tal prontuário, e assim o fizeram à revelia do dono daquela ficha.

Feito isso, era hora agora de realizar a famosa triagem. Porém, isso só seria feito assim que ele acordasse do "coma induzido" ao qual estava coercitivamente submetido. Qual o grau de perturbação daquele paciente – leve, médio, grave ou gravíssimo -, para saber quais as medidas a serem adotadas. Primeiramente, sua cabeça seria raspada no zero, tal como os empolgados alunos aprovados no vestibular.

Após perder os cabelos, ele seria asseado com um bom banho, com uma espécie de sabão bactericida, sendo passado depois desodorante e perfume de lavanda ou talco de bebê, se fosse o caso. Suas unhas seriam cortadas e as possíveis feridas tratadas com um pouco de mertiolate. Ah, e os pelos seriam aparados também.

Seriam trocadas suas roupas, por outras mais novas, ainda que já usadas, objetos de doação promovido por ação social de algumas madames da sociedade, que doavam coisas, mas rechaçavam qualquer possibilidade de comparecer naquele local, ao menos para deixar tais donativos. Seus ouvidos seriam limpos, receberia uma nova escova de dentes e com auxílio de uma enfermeira ou estagiária sua boca seria devidamente escovada com pasta dental sabor hortelã. Depois seriam ministrados alguns poli vitamínicos e ele aguardaria, durante a semana, a avaliação clínica médica geral com a psiquiatra.

A par de todas essas fases pela qual teria de se submeter, Júlio vai acordando aos poucos. Seus músculos já respondem alguns comandos de seu cérebro ainda que vagarosamente. Ao se deparar onde estava, percebe que estava numa cadeira de cortar o cabelo, em frente a um espelho quebrado com vários pontos pretos parecendo fungos; uns maiores outros menores, mais um grande trinco vertical que atravessava todo o espelho ponta a ponta. Era uma barbearia improvisada. Um pano branco encobria seu pescoço se estendo até a ponta de seus pés.

Quando percebeu que Júlio estava voltando as faculdades normais, disse aquele que parecia ser o barbeiro:

— Já acordou amigo? Podemos começar? Seu nome é Nonato não é? Júlio, ainda meio grogue, prefere não confrontar a questão do nome, pois como já tinha conhecimento, sempre que se

prestava a fazer algo desse gênero, acabava por suscitar muitas confusões. E confusão era tudo que ele menos queria para aquele dia.

Vendo que o companheiro não estava animado para responder-lhe ele foi adiantando:

— Bom meu amigo. Meu nome é Manoel, mas o povo daqui gosta de me chamar de Vieira – dizia ele enquanto prepara para ligar uma máquina de cortar cabelos. – Estou aqui para lhe cortar os cabelos. Dessa vez, o corte vai ser no zero. Vou pelar a sua cuca! Não ficará um piolho ou lêndea por cima dessa sua cabecinha. Depois quando nascer cabelos mais limpos e sedosos, pois as meninas vão tratar muito bem você, aí poderás tentar outro tipo de corte militar, surfista ou social mesmo. Estamos entendidos? Podemos começar? – dizia ele esboçando fazer algum gracejo no intuito de tentar levantar um pouco o moral daquele novato tão pra baixo.

Manoel Vieira é um sujeito bastante extrovertido, conversador e brincalhão. Era um ex-interno dali que, depois de "curado", não tendo mais nenhuma recolocação social, preferiu ficar ainda no recinto prestando os seus mais variados serviços. Era uma espécie de faz tudo, cortava cabelos, aparava a grama dos jardins, servia de vigia, varia alguns cômodos, pintava as paredes, e ainda, tendo restaurado sua condição de independência e autonomia plena, saía para rua com vistas a comprar uma ou outra coisa que faltasse ali.

Sua história era bastante triste. Tinha tudo na vida, um bom emprego, uma casa, uma família, mas pôs tudo a perder por conta da bebida e do jogo, dois componentes explosivos, quando juntos então, podem ser fatal. E esse foi o caso em se tratando de Vieira. Bebendo muito, não percebia as artimanhas dos "amigos" em roubar-lhe seu dinheiro.

No auge do vício, penhorou até sua casa, perdendo-a facilmente. Sua esposa, vendo que o marido caminhava para um precipício e que não mais mudaria, recusando inclusive sua ajuda, decide abandoná-lo com seus dois filhos viajando para bem longe. Assim sendo, sem nada, ainda bebendo e com mais algumas dívidas de jogo pendentes, ele decidiu morar nas ruas, tendo como única companhia sua garrafa de cachaça. Nem precisa dizer que a próxima fase de sua vida seria se deparar com a "Senhora Loucura". E foi

assim que ele parar naquele lugar. Agora, recuperado de todos os vícios, ele tenta retomar a sua vida.

— Enfim, mas não estamos aqui para falar de Vieira, correto?

Júlio não deu nenhuma resposta ao amigo. Olhava ele fixamente para sua imagem refletida naquele espelho. Parecia estar se conformando com a situação. Fica ali observando cada movimento do barbeiro enquanto seus cabelos caem por sobre seus ombros, peito e coxas. *"Meu Deus, meu Deus porque me abandonastes,"* pensava ele, sentindo um profundo remorso que lhe levaria agora, caso não fosse imediatamente revertido, a uma incurável depressão. A primeira e a última, talvez.

Assim que vê, o barbeiro dá a última navalhada se dirige a ele quase que como um sopro:

— Obrigado amigo! – agradeceu ele logo depois perguntando: Para onde vou agora? - falava agora com um tom de voz delicado e uma submissão aterradora.

— Acho que você irá agora para o banho, uma deliciosa chuveirada amigo, daquelas que a gente nunca esquece. Já passei por tudo isso que estás passando e as melhores coisas que fazia nesse lugar, era sem dúvidas, esse abençoado banho com algumas das nossas delicadas enfermeiras. Ah, me dá saudades só em imaginar! – dizia Vieira com certa dose de nostalgia.

— Tá bom, então me leve para lá. Esse é o meu mais novo lar não é assim? Vocês são a minha nova família. Se quiserem se dirigir a mim como Nonato ou Nonatinho não tem problemas, me chamem como lhes apraz – dizia Júlio.

Então Júlio, ou seria mesmo Nonatinho, nome ao qual também ele agora não mais se importava em ser chamado, é conduzido por um monitor à contra vontade deste, com a cara bem amarrada, em direção ao banho com vistas a tomar a tal chuveirada, apresentada com tanta empolgação pelo barbeiro Vieira.

Ao chegarem ao local diz o monitor secamente:

— Sente aí e aguarde a estagiária chegar para dá o seu banho. Ela deve estar chegando.

Nonato, e agora era esse mesmo o nome dele para todos os efeitos, consente as recomendações do tal monitor mal encarado. Olha para o recinto, vê um chuveiro na sua frente mais uma cadeira embaixo dele, um grande balde, um esfregão a tira colo, uma

enorme barra de sabão e um galão de shampoo, lógico que para aqueles que estavam com os cabelos crescidos.

Ao se deparar com esses objetos, aproveitava ele pra ficar refletindo acerca, sobretudo, quanto da sua mais nova condição. Outrora caminhava pelos salões mais luxuosos, participava das reuniões empresariais e políticas mais disputadas, sabia de tudo e era conhecido por todos, e agora vejam o que restou dele, é um homem abatido, sem estatura física condizente aos padrões toleráveis pela sociedade, idade bastante avançada biologicamente falando, pois seu corpo envelhecera muito mais do que a ação natural do tempo seria capaz, em condições naturais, de lhe infligir.

Realmente muito triste, aterrorizante porque não dizer. E o pior de tudo, é que ele estava concordando com a situação. Não tinha ele mais forças para lutar contra a vontade da sociedade, do Estado, das leis e das circunstâncias que ora lhe apresentavam.

Estava do jeito que todos gostariam que ele estivesse, conformado, totalmente anulado. E assim ele se comportou, assim queria se comportar. Para ele nada mais poderia fazer, seria mais sensato até; pois ao que parecia, quanto mais ele tentava se voltava contra a situação mais contumaz era a contra resposta. Então, com base nisso, caso persistisse, tudo aquilo poderia redundar até na sua eliminação direta, pois a indireta, já tinha há muito sido dado curso.

Pensava uma coisa, refletia sobre outras coisas mais, mas nada de muita importância para nós quando ouve a porta sendo aberta - do qual está ele posto de costas - mais uma voz feminina dizendo: *"Já estou indo ter com o paciente. Vou asseá-lo"*. Era a estagiária. Uma aplicada estudante de enfermagem, diga-se de passagem. Era unanimidade na Santa Casa, todos gostavam dela, a não ser as invejosas, que não conseguiam conviver com sua flagrante desenvoltura.

Se destacava ela no tratamento de seus pacientes. Despendia especial, ainda mesmo não sendo profissional de direito e de fato. Costumava dar atenção a todos seus pacientes sejam eles qual fossem, aplicava um tratamento humanizado, não aprendido nos bancos das universidades, mas como um valor moral perpassado por gerações e gerações de sua família, sendo agora, apresentado a ela por intermédio de seus pais, desde a sua tenra criação.

Já estava algum tempo na instituição. Da primeira vez que

esteve lá, foi por conta de um estágio obrigatório exigido pela universidade. Todavia, tendo seu desempenho e aceitação sido tão satisfatório, decidiu a diretoria contratá-la para mais 6 meses de estágio, agora sendo remuneratório. Ora, se ela já se prestava a fazer um trabalho de excelência de forma voluntária, imagine agora mediante paga.

Ao adentrar no recinto, ainda vendo seu paciente de costas, sentado de maneira muitíssimo comportado falou:

— Olá seu Nonato. Tudo bem? Desculpe o atraso. É que houve um engarrafamento por conta de um pequeno acidente, e por esse motivo cheguei atrasada – dizia ela se referindo ao paciente.

— Não tem problema moça, fique à vontade – disse Júlio, que agora, como já pudemos perceber, não se importava mais de ser chamado Nonato.

Ao que a moça acrescentou:

— Tudo bem então. Deixa só eu ajeitar umas coisinhas e vamos já já dar seu banho. Me chamo Caroline qualquer coisa é só chamar.

— Está certo – concordou ele.

Enquanto isso ela abria sua maleta tirava suas luvas e colocava uma máscara cirúrgica descartável, passando para o lado da frente dele, ainda que de costas com intuito de ligar o chuveiro. Assim que ela abre a torneira e percebe que havia água suficiente e que esta se encontrava numa boa temperatura, ela torna a dirigir-se ao seu paciente agora bem na sua frente, abaixando um pouco e olhando no fundo de seus olhos:

— Pronto seu Nonato, tudo certo. Agora vamos iniciar seu banho ok?

Quando aquela moça mostrou-lhe as faces e fitou firmemente os olhos de Júlio, ele não se conteve. Não podia acreditar no que via. Era Carol, aquela mesma, que ele havia violentado naquela noite na festa. Depois daquela traumática noite, ao qual fora covardemente deflorada, para uma coisa tinha servido a lição. No outro dia ela havia aceitado Cristo como Senhor e Salvador de sua vida, tornando uma a fiel serva de Deus, logo depois casando com um homem de Deus sendo mãe de uma linda filinha.

Ela, percebendo os olhos esbugalhados e o franzir da testa dele, estampando assim, a surpresa repentina de seu paciente ela

pergunta:

— Tudo bem? Posso começar a banhar o senhor?

Estupefato ele dizia:

— Ma... mas seu nome é Caroline... Então seu apelido é Carol? Estou certo?

— Sim, algumas pessoas me chamam assim, as mais próximas por assim dizer – profere ela.

— Quer dizer mesmo que você é Carol? Aquela que vendia açaí lá no shopping?

— Sim isso mesmo! Como o senhor sabe? Passei um tempo trabalhando lá no quiosque do shopping sim.

Vendo a resposta positiva da estagiária, Júlio aproveita o ensejo para encadear agora outra pergunta, de forma já um pouco empolgada, o que assustou um pouco a moça.

— Então você deve se lembrar de mim. Sou eu Júlio lembra? Tivemos um relacionamento. Conheci você no quiosque e depois te convidei para irmos numa festa tá lembrada?

— Não sei do que o senhor está falando – respondia ela.

Claro que os fatos que estavam ali sendo narrados por aquele sujeito faziam certo sentido. Ela tinha mesmo, de fato, conhecido um jovem enquanto trabalhava no quiosque de um shopping e que depois também tinha ido a uma festa com ele; dias dos quais, diga-se de passagem, segundo a própria, tinham sido os piores momentos de sua vida e que do qual muito se arrependia em ter se aventurado.

Contudo, o paciente persistente, tenta insistir mais, agora esboçando se levantar, concomitantemente tenta segurar o braço da moça, falando obstinadamente:

— Mas Carol, sou eu Júlio. Tivemos dias maravilhosos não? – disse ele enquanto se dirige a já um pouco assustada enfermeira.

Diante da reação imprevisível do paciente ela ameaça:

— Seu Nonato ou Júlio, não sei como o senhor prefere ser chamado, tente se acalmar. Vamos primeiro tomar seu banho, depois prometo que posso ouvir um pouco de suas histórias – dizia ela tentando contornar a situação.

Ele insiste:

— Carol você tem de me ouvir. Sou eu o Júlio.

É quando, diante da insistência infrutífera, ela decide ser mais efusiva e enfática:

— Está bem seu Júlio ou coisa que o valha, se o senhor não se comportar vou ter de devolvê-lo para os monitores ouviu bem? – disse ela agora com o dedo em riste na cara do empolgado paciente.

Júlio, percebendo que a moça, estava irredutível em sua posição e que não a convenceria de que ele era mesmo o tal "Júlio" em pessoa, agravado pela ameaça da presença dos tais monitores "caras fechadas", decide ele melhor logo de autorizar o início de seu banho, se recompondo e sentando na sua cadeira ao mesmo tempo que diz:

— Tudo bem moça. Fique sossegada. Pode sim dar meu banho. Não lhe perturbarei mais – dizia ele já não mais querendo confrontar as ideias daquela tão prestativa moça.

— Melhor assim – respondeu ela.

E então torna ela a fazer seu trabalho. Tira ela toda roupa dele pacientemente, pondo-lhe cuidadosamente sentado debaixo do chuveiro. Ele, como num balé, vai seguindo todos os comandos corporais e verbais dela. Tudo que ela queria, ele fazia sem rezingar tal como um boneco de marionete. Estando ele nu e pelado, ela abre o chuveiro. A água cai aos montes em sua cabeça rapada, logo desaguando por seus ombros.

Em vista disso, ele sente um breve arrepio, dando um lacônico pasmo como que se assustasse. Ela percebe o pequeno desconforto do paciente perguntando: *"Está muito frio seu Nona... ops! Júlio?"* Depois ela, ensaboa todo o corpo do paciente, só não nas partes íntimas, pois dali era para o próprio mesmo se ensaboar. Com o esfregão nas mãos ela passa por sobre as costas, axilas e barriga do mesmo deixando a parte onde ficava a esponja escura de sujeira.

Pronto! O banho estava dado. Agora era hora de enxugá-lo e depois vesti-lo com uma cueca seminova, para depois a famosa bata azul, o definia cabalmente que ele oficialmente pertencia mesmo aquele lugar. Já estando com a tal vestimenta, um pouco folgada, haja vista que ele era muito pequeno; era o momento agora dela ajudá-lo a escovar os seus dentes, ou melhor, o que ainda restava deles. E assim foi feito. Estava o mais novo interno pronto para ser apresentado aos demais colegas.

Notando ele que a sua cuidadora estava pronta para ir embora, ela escuta o inesperado pedido:

— Dra. Carolina gostaria de pedir-lhe uma coisa – disse ele passivamente.

— Diga seu Nonato o senhor gostou do banho? – respondeu ela.

— Queria que você me liberasse o seu perdão – acrescentou.

— Não entendo. Mas por quê? O senhor nunca me fez mal algum – dizia ela com ar pasmo.

— Perdoe-me, por favor. Não quero ir embora sem ver você me perdoar.

Uma das regras de ouro que ela aprendeu, assim que chegou no lugar é que eles não poderiam, em nenhuma hipótese, contrariar seus pacientes. Eles estavam sempre certos e ponto final! Se falassem que eram famosos, tinham de acreditar. Se falassem que já tinham ido até a lua, tinham de acreditar. Se falassem que estavam ouvindo coisa, igualmente tinham de acreditar.

Com base nisso, não restou senão a estagiária Caroline dizer:

— Sim eu te perdoo amigo do fundo do meu coração – falou ela um tanto quanto já comovida, não pela sinceridade em ter liberado o tal perdão, do qual ela não via sentido algum; mas, por ver aquele homem tão submisso, prostrado, frágil e tão dependente do seu perdão, coisa que outrora, a maioria dos homens não gostam de fazer.

Diante das palavras da moça, ele solicita outro pedido:

— Dê-me um abraço – disse ele, com os olhos cheios de lágrimas, segurando um choro incontido que estava prestes a explodir.

— Sim – disse ela abraçando-o.

Ao sentir o seu afago sincero por meio dos braços quentes dela em seu corpo, aos prantos, chorando como uma criança emendou:

— Que Jesus te acompanhe sempre mo...moça. Desculpe mais uma vez! Ob...brigado por tudo! Obrigado pelo seu perdão! Agora sei que poderei morrer em paz. Vou orar todos os dias, dos que ainda restam da desgraçada minha vida, para que Deus afaste dos teus caminhos, os ho...homens maus.

Ubajara/CE, 13 de janeiro de 2017.

GENESIS BRASILLIS

I

"É que o perfume denuncia o espírito / Que sob as formas feminis palpita... / Pois como a salamandra em chamas vive, / Entre perfumes a mulher habita."

José de Alencar

AINDA NEM HAVIA AMANHECIDO na bela e inspiradora Vila de Santo Antônio de Alcântara; antiga aglomeração, encravada por sobre o continente sul-americano, em meio aos solos fecundos e inexplorados da próspera e centenária capitania do Maranhão colonial, pouco distante de ilha de Upaon Açu.

Era o século XVII, o Brasil se formava lentamente. Tempo frio e chuvoso; uma espessa neblina é soprada, saindo da mata em direção ao mar; eivando assim, um gélido e leve frescor zéfiro da floresta nativa por sobre aqueles torrões.

Distante quinze quilômetros do centro da metrópole - donde se concentravam igrejas, sobrados e casarões dos senhores - numa região litorânea, um sólido e bem organizado Quilombo então batizado de "Liberdade" se destacava em meio ao matagal virgem.

No coração dessa aglomeração de resistência, um dinâmico cotidiano se firmava no lugar. Antes, porém, do arvorecer do dia, percebe-se em destaque, a forte presença de um líder.

Era ele o Príncipe Negro Odé Dudú - a junção de nome que dá sentido ao nome composto, significando em suma, "Exímio Caçador Preto" em Yorubá – que acorda de sua choupana central, saindo à beira mar, com vistas a tomar nota das condições meteorológicas e oceânicas daquele dia. Afinal, os víveres da comunidade estavam se esgotando, e uma medida sua deveria ser tomada com urgência.

Sua intenção era pescar e caçar o dia todo, na companhia de mais cinco dos melhores combatentes de sua guarda pessoal.

Mesmo assim, percebendo que o tempo não estava tão muito propício, mas que talvez desse para "arriscar" uma tentativa, a jovem liderança decide conclamar os seus semelhantes, com voz ativa e empostada de comando:

"Avante bravos guerreiros! Lancemo-nos ao mar, para vida ou para a morte! Nosso povo; mulheres, idosos, doentes e crianças precisam da nossa força para se alimentarem. Por eles, daremos as nossas vidas!"

Os outros, diante da voz de comando, se ajuntam a ele, pondo as mãos umas por sobre as outras, fazendo ecoar, os valentes caçadores, um forte brado de guerra, que reverberava estridente por todo o interior da mata e do mar:

"Tudo pelo e para o nosso querido povo! Pela vida ou pela morte! Urraaa!!!", clamavam eles em uma só voz.

Isso feito, os seis caçadores preparam suas lanças, facas e forjo; não se esquecendo também de molharem as velas da jangada, arrastando-a em direção ao mar. Antes porém, de subirem na embarcação, ajoelham-se os quilombolas diante do oceano, em reverência aos deuses da água; sobretudo a rainha Iemanjá, pedindo permissão e proteção sua, para a imprevisível e afanosa jornada marítima, por entre as baías de São Marcos e Cumã.

Partiram então em direção a uma ilha próxima, chamada de Cajual, um importante sítio arqueológico, da qual se tinha a notícia de que frutas e caças eram por demais fartas. Na sua ida, como num passe de mágica, o nebuloso mau tempo dá lugar a um céu límpido, com nuvens ralas e mui cândidas, como um maço de algodão egípcio, tendo bem mais acima, lá distante, o sol refletindo seus raios como um laser de alta precisão.

O pélago estava calmo, laminado, tal como a grande lagoa fluvial do Titicaca, na qual mais parecia dar as boas-vindas aos viajantes. Somente pequenas marolas davam conta de sincronizar o sobe e desce da jangada. Guarás, estupidamente vermelhos, voam por sobre as cabeças do sexteto. O vento forte, quase que voluntariamente, impulsionava as velas da pequena embarcação cada vez mais rápida.

Por debaixo dela, um mar azul e transparente. Golfinhos acompanhavam, lado a lado, a viagem dos jangadeiros. A estrela de

fogo, a pino e causticante, acoimava sem piedade, as faces e os dorsos rudes dos navegantes.

As nuvens se abrem, como se reconhecessem a superioridade do astro maior, o sol; com seus raios vibrantes, aquecendo as camadas mais profundas da terra e fazendo evaporar, com acromática emanação, as águas salobras daquele infindo oceano.

O olhar altivo, sisudo e compenetrado do líder africano fitando o horizonte, contrastava com o estado de espírito dos cinco comandados, sempre alegres e brincalhões uns com os outros.

O Negro Dudú havia sido consagrado líder daquele Quilombo, depois de liderar uma insurreição da qual havia libertado centenas de escravos.

Sua revolta, contou com prévia estratégia de guerra, na qual neutralizou toda e qualquer reação imediata dos jagunços e da polícia imperial subordinados ao seu então senhor. Aconteceu, propositalmente, na época mais quente e seca do ano; e de madrugada. Ele, juntamente com os jovens e homens mais valentes, atearam fogo na sede da Casa Grande e nas plantações das fazendas, para que os capachos do senhor perdessem tempo tentando apagá-las e assim, não tendo como perseguir os "fugitivos".

Mataram, ainda, todas as reses e furtaram víveres dos estoques alimentícios do armazém dos senhores, incendiando igualmente, todo o resto. Nesse levante, libertaram centenas de escravos e escravas da clausura opressora e deletérias das senzalas. Aqueles, que até então, estavam fadados a perecerem como reles mercadorias, por serem rebaixados à categoria de produtos com prazo de validade; agora por conta da valente atitude do jovem guerreiro, tinham a chance de sonhar com uma nova oportunidade de vida. Dessa forma, foi que se formou o quilombo "Liberdade".

Em vista disso, é até compreensível que Dudú não tenha muitos motivos aparentes para viver integralmente risonho, perante sua sofrida história. Arrancado, ainda menino, de um clã angolano - do qual em pouco tempo, devido à linha sucessória, alcançaria o posto de rei sacerdote em sua amada terra mãe África -, foi obrigado a atravessar o Atlântico em um porão de um navio negreiro, vencendo a doença, a fome e a perversidade da tripulação.

Sua família era de uma nobreza elevada na região, oriundos de região da costa da Angola, da etnia dos bantos Contudo, seu pai,

que teve não teve a mesma sorte que a sua de ainda estar vivo. Tempos antes, não se acovardou perante a morte - suicidando-se ao lançar-se do navio negreiro do qual era transportado, no oceano Atlântico, mesmo acorrentado pelos pés e mãos - como forma de resistência, recusando-se a viver como escravo nas mãos dos brancos exploradores.

Sua mãe, gestante, após ter sido estuprada por seu senhor, teve seus olhos perfurados, dentes arrancados e bicos dos seios decepados, sendo chicoteada no pelourinho até a morte a mando de sua senhora. Sua acusação: ser nova, ter belas feições, sedução ao seu marido e por fim, ter engravidado deste.

Seus irmãos e irmãs, alguns mortos já outros separados nos portos escravistas sendo vendidas ainda crianças, mandados para outras capitanias como "peças" por míseros 4 contos de réis.

Com um histórico desses, poucas estruturas emocionais seriam capazes de suportar.

Essa, era a prova cabal de que sua existência tinha sido mesmo um milagre de Deus; um raro sobrevivente, alguém iluminado que havia nascido para fazer história. Tudo o que passou e seus passos tinham conexão direta com o Alto, algo especial; sobrenatural, graça indetectável aos olhos medianos humanos.

Tinha 1,82 de altura, cabelos rigidamente escuros e encaracolados. No rosto, uma cicatriz horizontal saia de sua testa seguindo em direção a maçã do rosto pelo lado esquerdo, por conta de uma luta mortal travada com um Capitão do Mato aos 13 anos de idade. Por milímetros, esse golpe não lhe levava a cegueira. Tinha pescoço do mesmo calibre de seus braços e antebraços; fortes e bem definidos, esculpidos nos moinhos de engenho, movendo arado ou carregando sacas e mais sacas de grãos nas costas, quando escravo.

Dorso largo como a de um atleta olímpico de natação; conservavam profundas cicatrizes ocasionados pelos inúmeros castigos submetido no famigerado pelourinho, tal como Jesus Cristo, quando fora covardemente açoitado em seu calvário pelos soldados romanos, a mando do povo e do rei Herodes, que preferiram libertar o larápio Barrabás em vez daquEle.

Suas vestes? Vários adornos tribais vestidos só por quem era pertencente sanguíneo àquele clã, com panos de tecidos brancos, denotando a pureza da paz dos seus deuses. Nos ombros,

uma espécie de pelerine banhado com fios de ouro mais um couro de uma onça pintada representando a força. Como gargantilha, um colar de búzios entrelaçados com dentes de jacaré, expressando proteção e intrepidez perante a vida.

Seus trejeitos e posturas eram demasiadamente másculos como a de um comandante militar comunista. Voz grossa e levemente rouca. Seus olhos castanhos entremeavam uns cílios um pouco proeminentes para cima. Sua cabeça um pouco alongada na parte detrás como um pequeno coco da ilha de Seram.

Ainda era mestre na arte marcial da capoeira. Aliás, a ginga da luta era a sua melhor terapia. Ali sentia-se conectado com suas raízes e habilitado para agir em qualquer necessidade. Tocava berimbau, compunha e entoava cânticos africanos como ninguém.

Na roda de capoeira, entrava em transe, não vendo o tempo passar; sendo que seu cérebro, ficava inundado de adrenalina e dopamina.

II

Assim que avistaram a praia de desembarque na tal Ilha do Cajual, e já saindo do mar, cortejados por uma suave onda, finalmente chegam à terra firme. Eles põe a jangada na areia fofa, admiram um pouco o lugar e seguem em direção ao centro dessa ilha.

Floresta desconhecida, por demais inexplorada e fechada, árvores com as copas altas e com galhos espessos, sendo que várias delas frutíferas. No chão, a areia fofa e alva com consistência de trigo, anunciava um manto maciço de folhas secas e úmidas, molhadas pela transpiração das plantas.

Animais selvagens passeavam vadios livremente em busca de seus nutrimentos. Garças brancas, abeirando as marolas do mar, bicavam a base de algumas pedras, que a maré baixa expôs, na esperança de pinçar algum crustáceo pequeno ilhado naquelas pequenas poças transitórias. Bandos de macacos-prego no cume das árvores, se dão ao luxo de desperdiçar frutas inteiras, derrubando enormes jacas e mangas carcomidas parcialmente. Na pouca estadia de permanência no lugar, os africanos, sem muitas dificuldades, já haviam capturado com suas lanças: 3 tatus, 2 pacas, 5 cutias e 1 caititu.

Os caçadores, satisfeitos com que haviam conseguido e já

quase na intenção de voltar à jangada - para irem em direção agora a pesca na foz do Rio Jucumã - ao se aproximarem de algumas rochas, escutam o som forte de uma cascata, mais alguns sons humanos, que mais pareciam sorrisos.

Assim, decidem eles se aproximar colocando-se, cuidadosamente, atrás de uma frondosa Ibomguiva para ver o que realmente se tratavam aqueles sons. Ao se posicionarem, avistam um grupo de jovens índias, acompanhadas de mais alguns curumins, se deliciando distraidamente nas águas reparadoras da perene corredeira de quase oito metros de altura.

Eles se divertiam naquelas transparentes e frias águas, como se fossem os únicos escolhidos pelo Altíssimo para habitarem naquele paraíso, donos da privilegiada alegria verdadeira e sem fim. Pareciam inocentes, como anjos nas nuvens, brincado, jogando água uns nos outros, nadando nus sem malícias, dando belos mergulhos sincronizados como golfinhos australianos. Outros, mais esfaimados, preferiam ficar à beira da cachoeira se lambuzando com mangas, caju e seriguelas.

Em dado momento, os nativos, ao perceberem o mover das folhas na mata e o som da quebra de um graveto, logo detectam a presença dos olheiros curiosos. Vendo que tinham sidos descobertos, os espiões decidem aparecer e mostram as caras. O ambiente fica pesado, um clima de tensão ronda pelo ar. Elas, por um momento, ficam apreensivas... Umas se retraem com medo; já outras, marotas, sorrindo, fazem comentários capciosos, diante da presença forte e vigorosa do príncipe guerreiro negro Dudú mais seus liderados.

Eles eram remanescentes da tribo de índios da etnia Tupinambá, mais precisamente da maior aldeia da outrora chamada Tapuitapera, que significa 'terra dos índios', cuja a qual compreendia grande parte da cidade de Santo Antônio antes da chegada dos invasores estrangeiros e da matança indígena perpetradas por eles.

Jamais as duas raças - africana e indígena - haviam se encontrado. Em meio a todo aquele inesperado entrevero, uma jovem indígena se destacava, por sua posição, atitude e beleza; chamando logo a atenção do líder africano. Ao avistá-la, um turbilhão de emoções involuntárias arrebatam o duro homenzarrão africano, amolecendo seu rígido coração, petrificado pelas agruras

e injustiças sofridas ao longo de toda a sua árdua e comovedora trajetória.

Mas a ocasião era tensa! A índia Diacyra Tupinambá - que em sua língua materna significa 'favo de mel' - bravamente, segurando nas mãos fortes a sua adaga, em tom de ameaça, aponta rigidamente em direção àqueles invasores repentinos.

E ela tinha amplos motivos para recear suas presenças.

Muitos de seus consanguíneos, também, tinham servidos de mão de obra escrava para os portugueses, isso sem mencionar o genocídio silencioso da epidemia das doenças trazidas pelos brancos, em especial, da tal mortal doença da bexiga (a varíola), que vitimou milhares de indígenas, parentes seus.

Nesse momento, Diacyra havia sido tomada por um forte extinto de proteção e autodefesa, que jamais aquele semblante exterior angelical explicitara.

Em plenos pulmões, a índia Diacyra pergunta àquele que parecia ser o líder do bando, o negro Dudú:

— O que fazem aqui? Essa é a nossa casa! Nossa sagrada terra. Voltem imediatamente da onde vieram, senão não viverão mais. Basta um sinal sonoro meu, para que um grupo de índios da minha tribo atravessem, impiedosamente, seus corpos com flechas e depois triturem o crânio de vocês como se esmaga formigas.

A valentia sanguínea da índia Diacyra, por um momento, tornou-a cega. Como se aquelas ninfas e crianças fossem páreas para os guerreiros quilombolas bem mais fortes, guarnecidos e treinados, ainda que em menor número e em terreno estranho.

A ameaça dos homens indígenas como escolta, não passava na verdade, de um ousado blefe. A bem da verdade é que elas estavam vulneráveis a tudo, já que se encontravam a léguas de distância de sua tribo. Dudú, com vistas a contornar a situação e ainda sem entender muito bem aquele sonoro dialeto, tenta retrucar em defesa sua e de seu grupo:

— Calma! Viemos aqui em santa paz. Estamos em busca somente de comida para o nosso sofrido povo. Nossos mantimentos de reserva acabaram e tivemos que procurar outras matas para conseguirmos nosso sustento. – Agora, percebendo que o local tinha dono, com um dos joelhos no chão e dando sinal para que todos os outros o seguissem no mesmo gesto, com as armas ao solo, as mãos postadas para trás e com o queixo levemente inclinado

para baixo em sinal de reconhecimento e respeito à autoridade da moça, humildemente, reforça: - Peço permissão para extrair caças, peixes e frutas de sua terra. Viemos de muito longe, se não levarmos mais comida hoje, muitos passarão fome – arrematou.

Aquela forma aguerrida da índia ao indagá-los, o jeito de proteger seu grupo, fez com que fosse nutrida uma admiração especial do guerreiro negro para com aquela temerária moça.

Diacyra, vendo que os visitantes reconheceram-na como condutora da situação, detectando a sinceridade e até se "compadecendo" do humilde pedido e do gesto cortês, decide responder ao rapaz, autorizando:

— Se é mesmo comida que querem para o seu povo, vieram para o lugar certo! Aqui há muita fartura! Podem levar o que encontrarem hoje dessa cachoeira para o leste. Este é o lado mais próspero da ilha. Lá, vocês vão encontrar mais animais e frutas, mas depois disso, vão embora e não voltem nunca mais. Entenderam?

Depois do aval da princesa tupinambá, o negro Dudú se levanta e aproxima dela lentamente, estendendo as mãos calejadas e ásperas, como se estivessem selando um pacto de confiança, olhando profundamente, sem pestanejar, nos olhos graúdos de cor graúna dela, agradecendo:

— Obrigado! Graças a sua solidariedade, meu povo terá o que comer hoje. Ao tocar sua mão na dele, a índia Diacyra, fora tomada de assalto, por um estranho e forte calor corporal advinda de seu interior e perpassando por toda a extensão da sua espinha. É como se no meio de seu cérebro, houvesse sido instalado um imã, detentor de uma atração irresistível, ficando pois paralisada diante daquele corpanzil, com músculos por demais estufados, talhados na lida diária da labuta braçal e nos movimentos plásticos da capoeira. Por um momento, sua mente imaculada fica hipnotizada, viajando em outro plano. Sente que sua buça - imperceptivelmente aos demais - fica delicadamente lubrificada, como nunca dantes havia acontecido. Franzido levemente as sobrancelhas, ela nem percebeu que havia ficado afônica sem palavras, pelo simples fato de haver colado a sua mão na mão do guerreiro. Coisa que lhe era muita rara, Dudú, vendo o embaraço dela, ri levemente, descortinando uma dentição perfeita, mais alva que a neve, bem alinhada como teclas de um piano *Steinway & Sons*, cuidados e limpos, rigorosamente, com cascas de Juá.

O astuto negro, percebendo a sacudida e a vermelhidão estampada nas bochechas da bela moça, aproveita o mote para galanteá-la:

— Amanhã, você virá aqui de novo, na cachoeira?

Pasma, meio acabrunhada com suas repentinas emoções que a dominavam e buscando se recompor diante do inebriante suspiro, responde ela gaguejando:

— Por que mo...motivos eu viria?

— Gostaria de dar-te algo, em nome da minha nação, como gratidão da sua bondade e de seu povo para com o meu - diz ele. Claro que era somente um pretexto bobo para vê-la de novo.

— Até que poderia sim, mas teria de ser bem rápido.

— Não importa quanto tempo teremos. Meu desejo é te ver de novo, somente.

— Combinado então. Amanhã, a essa hora e lugar.

Depois disso - a contra vontade de ambos - viram as costas um para o outro e retornam para suas casas. Na ida, os dois olham bruscamente para trás no mesmo momento, e a índia lhe dá um leve e delicado aceno mais um lindo sorriso explicitando uma ligeira covinha nas bochechas, denotando assim seu consentimento.

Desde aquele encontro, a figura daquela mulher jamais sairia da sua mente. Dudú regressou, ao quilombo, a viagem toda absorto, sendo atarantado, involuntariamente, com a imagem daquela bela nativa, invadindo em forma flashes os seus pensamentos; ao contrário de seus companheiros, que aproveitam para aplacar um pouco a fome, mordiscando deliciosos abacates colhidos, enquanto tratavam as caças em pleno alto mar, jogando as vísceras aos peixinhos famulentos que escoltavam a sua embarcação.

Da mesma forma Diacyra, voltara para tribo intrigada com aquela raça, tão bela e distinta da sua. Aquele varão com olhar penetrante, caráter, estatura e força corporal maior que todos os índios de sua tribo, mexeu fortemente com suas estruturas emocionais.

Enquanto pensava no príncipe africanês e caminhava em direção à tribo, roçando suas calibradas coxas uma na outra, mais alguns pingos translúcidos do doce néctar feminino, com consistência de mel, insistia em escorrer vagarosamente por entre as suas canelas, chegando até seu delicado calcanhar.

Estariam eles a um passo do contato carnal e do amor puro e genuíno inter-racial?!

III

Com a necessidade nutricional de seu povo devidamente suprida por alguns dias e cumpridor de suas obrigações como líder da comunidade; o que mais Dudú almejava naquelas próximas horas, era ver aquela obra de arte em forma de mulher novamente, ainda que por alguns minutos, conforme ela, previamente, lhe alertara.

Aquele despretensioso encontro ocasionado pelo destino, o fizera sentir que a vida não se resumia só a opressão, agonia, sofrimento, trabalho e a perversidade da exploração do homem pelo homem. Aprendia, que ainda havia espaço para o maior dos sentimentos; ao mesmo tempo mais importante, como também, o mais ultimamente renegado pelos habitantes da terra - o amor.

No outro dia, ansioso e passando instantes da noite em claro, já havia acordado cedo, preparando-se para velejar, rumo ao encontro, passando a responsabilidade provisória de guarda do quilombo para outro guerreiro de sua confiança.

Desta vez, agora fora sozinho, ao encontro de sua pretensa amada. Mesmo assim, sentia certa insegurança, temendo que ela, com medo, não aparecesse novamente; porém, não lhe faltavam coragem e espírito de aventura para arriscar.

Levou consigo, uma pequena pedra de diamante, extraída pelos seus antepassados, na Mina de Luó, na África, que vinha sendo passada de geração em geração, como amuleto nupcial de sorte. Tinha como ornato, pingos de pepita de ouro, acrescentada por ele mesmo, num tempo que passou extraindo o metal precioso nos garimpos das Guianas Francesas. Essa, fora a única lembrança familiar que conseguiu trazer consigo escondido na boca, quando foi sequestrado de seu lar, na África.

Chegando na bela e revigorante cachoeira - o lugar do encontro previamente compactuado entre ambos dia anterior -, depois de aguardar horas e horas, Dudú, já sem muita esperança, decide deitar-se numa rocha, a espera, um pouco mais de Diacyra, enquanto escutava o som relaxante das águas caindo parte nas pedras, parte no lago azul. Praticamente adormecendo de tanto

esperar, já quase sem mais esperanças e se conformado com a sua não aparição, vê-se ao longe, em meio a mata, aquilo que parecia ser as silhuetas de uma jovem moça. Era ela!

E vinha desfilando graciosamente, com passos lentos e bem articulados, com classe de uma imperatriz nipônica, por entre a selva fechada, descendo do cume das brutas rochas ornadas com planctos. Vinha com olhar apreensivo, separando com as delicadas mãos, as folhas molhadas pelo orvalho do dia.

Vaidosa como toda mulher, havia perdido um pouco a hora se enfeitando. Estava com o corpo pintado com urucum e adornos que denotavam a sua nobreza tribal, em especial, um colar com penas vermelhas de penas do topete de pica-pau que marcava sua posição na tribo como filha do cacique.

Olhos penetrantes, levemente puxados e escuros como duas jabuticabas graúdas e maduras, disputavam espaço no seu rosto, com sua peculiar franja, escondendo sua testa até o alto da sua sobrancelha.

Demasiadamente feminino, sua face afinada e simetricamente bem definida, harmonizava milimetricamente os lados direito e esquerdo. Suas medidas corporais lembravam a estátua da deusa Vênus de Milo. Seios firmes inclinados para o céu e consistentes doces como um pudim de leite mais seus salientes mamilos da cor de caramelo insistiam em aparecer por sobre o colar.

Pele da cor de jambo, levemente queimada pelo sol; corpo praticamente todo isento de pelos e cicatrizes. Sua derme e epiderme escondiam um razoável tecido adiposo, separando seus poucos músculos, da pele; o que deixava seu corpo caprichosamente macio e flexível a qualquer abraço ou contato corporal. Braços bem torneados e roliços encerravam-se em suas mãos finas e delicadas, como se vestissem luvas de veludo. Todas as partes do seu corpo, exalavam cheiro de Glicínia e Alisso-doce.

Beleza jamais vista, da qual nem mesmo as formosuras da Cleópatra e de Helena de Tróia juntas, rivalizariam com ela. As duas figuras históricas retro não passavam de apavorantes medusas diante de Diacyra.

Seus cabelos eram pretos, lisos e brilhosos, como uma cascata de petróleo; cessando num bumbum macio, côncavo, protuberante e avantajado como o da escultura helenística *Aphrodite*

Kallipygos.

As panturrilhas grossas quase do mesmo calibre das coxas mais vultosas ainda, o que favorecia para que quase não se visse nem a patela dos joelhos dela, completando-se toda aquela formosura em seus pezinhos pequenos. Sua barriga reta, umbigo fundo herdado tal como fora outorgado desde a sua adolescência.

Quadris largos, que comportaria, com folga, o abrigo de pentagêmeos. Segura de si, em seu estado mental, o que refletia isso na sua expressão corporal, com a coluna esguia e postura das bailarinas da Companhia Real de Balé Russo Bolshoi, vinha ela cada vez mais perto. Exalava sexualidade a flor da pele. Corpo incorruptível, cobiçado por todos, entretanto jamais explorado, nem se quer apalpado como objeto de um aproveitador qualquer de ocasião.

Tinha nascida sim, para ser desposada, por um único homem de verdade, que a fizesse mulher, e ao mesmo tempo, a tivesse como sua única e derradeira esposa. Foi feita para um homem só em toda sua vida. Tinha e exigia de seu pretendente fidelidade de papagaio. Afinal, ele teria a moça mais cobiçada da região; calma, avessa a brigas, carinhosa, delicada, compreensiva, boa companheira e mãe. O que mais quererá um homem?

Ao ver aquelas expressões que mais pareciam uma dança Niketche, agora era a vez dele ficar excitado, imbuído completamente pelo instinto natural de macho reprodutor, tenta, a todo custo se controlar, mas não consegue. Era tarde, todo seu corpo todo já havia bombeando milímetros de sangue para seu órgão copulador.

Para se refazer, se lança na água fria, rescaldando seu ímpeto procriador. Agora, era sua vez, de ficar desconcertado e se recompor. Todavia, não fora somente a compleição física da índia que havia chamado atenção do nobre guerreiro. Esse pormenor, somado a sua bravura, generosidade, coragem e personalidade forte ao confrontá-lo para defender seu grupo - ainda que em desvantagem flagrante - foi o que mais contribuiu para a admiração crescente do nobre guerreiro para com ela. Estávamos diante, na verdade, de um encontro real, de príncipe para princesa.

Ela não entendendo muito a iniciativa do africano em lançar-se na água sem aviso prévio, num convidativo dia quente, decide ela fazer o mesmo, em solidariedade. Mergulha, então ela, de

maneira graciosa, debaixo d'água e depois de 7 metros de nado abaixo d'água, até insurgir lentamente, em frente ao guerreiro.

Ao vê-la, finalmente, frente a frente, ambos somente com os rostos por sobre a lâmina da água, comenta ele:

— Pensei que não viria, linda flor de maracujá.

Ela brinca com o gracejo respondendo com voz de soprano e hálito de natural de hortelã.

— Pois é. Além de generosidade, meu povo também costuma honrar suas com suas palavras.

Bobificado, Dudú tenta louvaminha-la:

— Nossa! Como és bela!

Convencida de seu poder estético, ela ri, suavemente.

Depois de conversarem brevemente, Diacyra o interrompe dizendo:

— Como te disse não posso passar muito tempo aqui com você. Meus pais podem sentir a minha falta, e assim desconfiarão. Aliás, nem posso ter contato nenhum com homens esses dias.

Diacyra, na verdade, estava passando pelo ritual de passagem "menina-moça". Essa cerimônia acontece logo após a primeira menstruação das índias jovens. A mãe, com a ajuda das anciãs, constroem então, uma pequena maloca com a entrada voltada para o nascente, onde elas ficam confinadas dia e noite.

A menina fica reclusa no recinto por um período de uma lua ou mais (30 dias), só saindo de lá para dançar a noite. Durante essa passagem, ela é revestida com certa sacralidade, não podendo sequer olhar nem ser olhada por um homem; pois caso contrário, poderia ela contrair uma doença mortal por conta de um espírito mau podendo inclusive vir a óbito.

Quando a festa finalmente acabar, ela será posta de joelhos ao nascente e depois ao poente, com vistas a receber vida longa de seu deus, sendo que a partir daí estará ela apta também a casar-se, geralmente com um jovem escolhido pelos pais.

Sabendo disso e não querendo mais perder tempo, num súbito de intrepidez, Dudú se aproxima lentamente de Diacyra, contrariando a vontade dos deuses indígenas, pondo a mão no seu rosto e tascando-lhe um beijo. Ela, meio surpresa, meio espicaçada; tenta inclinar o rosto mas é novamente tocada pelo africano. Dessa vez ela decide corresponder na mesma intensidade, esquecendo as possíveis punições dos espíritos castigadores. Os dois de olhos

fechados, lábios carnudos línguas enrijecidas, passeiam por entre o céu da boca. Seus corpos alcançam mil graus.

Vendo, que não se controlaria mais, caso continuasse o ósculo, Diacyra com uma de suas delicadas e pequenas mãos acha por bem afastá-lo.

Contrariado, ele fala:

— Quero ficar contigo! Onde é a sua tribo? Queria falar com teus pais.

— Hoje não! É impossível. Quem sabe talvez amanhã que é quando acaba a minha suplicante clausura. Meu pai costuma fazer um concílio familiar, onde podemos fazer uma intervenção diante das decisões dele. Lá eu poderia apresentá-lo, e ver se ele aprovaria ou não o nosso romance, o que acho bastante improvável. Enquanto isso, falarei de ti para minha mãe, em segredo, que costuma ser mais compreensiva em certos casos a meu favor.

— Irei lá para pedir-te em casamento. Você quer ser minha rainha a vida inteira? – perguntou ele com olhar contrito.

— Sim. Quero sim meu amor! Mas infelizmente vou ter que ir embora...

Antes de sair, ele retira o diamante, com a intenção de dar a ela. Percebendo o nobre gesto do rapaz e externalizando, agora, mais uma virtude sua, ela diz:

— Fique com ele. Quem alimentou seu povo foi a mãe natureza, que serve a todos nós. Ela não cobra pela comida que nos dá. Ela só quer ser protegida e respeitada assim como a gente e qualquer animal. Guarde, quem sabe no futuro, talvez, precisaremos dele. Meu maior presente foi te ter aqui comigo hoje.

Dito isso, ele surpreso, torna a guardar o objeto.

Em meio a todo esse encontro, um empecilho poderia muito bem acabar com esse amor ainda na raiz, e ela sabia bem disso; pois como era de costume e tradição, os pais de Diacyra, já tinham em mente, logo após do ritual de passagem, em muito pouco tempo, cumprir o pacto com os futuros sogros dela ficando ela, portanto, (com)prometida a um jovem guerreiro da tribo coirmã dos Tapuias.

Seu casamento, numa ocasião rara, serviria para selar a união e fortalecimento desses dois povos indígenas, por conta da diminuição de seus contingentes; bem como para garantir o fortalecimento das duas raças em face das ameaças estrangeiras, em

déficit desde então. Esse jovem tapuia ela nem sequer imaginava quem poderia ser. Outros pretendentes da sua e de várias outras tribos distante também não faltavam como pretendentes. Dentre todos eles, Dudú era realmente o mais improvável de torna-se seu marido.

Se não houvesse o "fator" Dudú, em pouco tempo, estaria casada e constituindo uma numerosa família, vivendo tal como as regras impostas por sua tribo. Mas seu destino, agora, parece tomar outro norte e aquele que estava previamente traçado para ser seu companheiro parecia não estar tão mais fácil de ser.

Conhecendo ainda mais a essência daquela mulher, ele ficava cada dia mais apaixonado, não importando àquela altura, quais empecilhos poderiam barrar a concretização desse amor.

Antes de se despedirem a índia trata de dá-lo o dia, as coordenadas exatas dos arredores de sua tribo e do local onde iria encontrá-lo, para depois levá-lo até a presença de seu pai. Seria logo depois da cerimônia de encerramento do ritual da menina moça.

Tudo seria meticulosamente planejado por ela para que, quem sabe na esperança, fosse consentida uma improvável decisão do seu pai, e assim o velho cacique da tribo pudesse ceder de uma vez por todas a mão de sua filha para o guerreiro, perfazendo assim, um casamento nada convencional aos olhos dos outros, mas em consonância ao amor dos dois, que no entender deles, era o que mais valia.

O africano, sabendo dessa improbabilidade, só restava a ele pedir proteção aos seus ancestrais e orixás.

IV

"Sou índio, sou forte; se a lida me chama, / Sou raio, corisco, só temo a Tupá / No campo juncado de inimigos ferozes / Se movo o tacape, mil mortos são já! (...)"

O Canto do Cacique - José Coriolano

Enquanto isso, a par de toda essa situação, num imenso Sobrado do centro de Santo Antônio Alcântara, mais precisamente na ladeira do Jacaré, em frente à praça da imponente Igreja Matriz, se agitava um pujante comércio; onde se via um pouco mais adiante, um pelourinho, donde se via uma fila de escravos e escravas para serem açoitados. O então pelourinho e a Igreja haviam sido construídos em homenagem ao santo São Bartolomeu e a recém-instalada Câmara da Vila.

Todo o esplendor arquitetônico daquele lugar, havia alcançado seu apogeu, quando da promessa de visita de D. Pedro II, fato esse que, aliás, nunca se concretizou, deve-se dizer. Entretanto, essa expectativa gerou toda uma competição entre os "Barões" e "Baronesas" para ver quem construía, aquilo que eles chamavam de o "mais belo Palácio" somente com intuito de hospedar o tal rei do Brasil.

Um desses que entrou na disputa fora justamente Manoel, um senhor português, dono de muitas posses tais como fazendas e engenhos. Ele, juntamente com vários outros latifundiários, por ordens da corte portuguesa, estavam organizando uma expedição na orla de Alcântara, com a intenção de prospectar todas as possibilidades de riqueza; em suma, sondar o potencial de especiarias da capitania ainda não exploradas.

Manoel Pereira muito vem quisto pela corte portuguesa, cumulava o cargo militar de "capitão". Era um sujeito ruivo por volta dos 50 anos, barba grossa escondia sua papada flácida, tendo por volta dos quadris, uma circunferência abdominal por demais avantajada. Suas vestes eram de linho, gostava de ostentar no peito suas patentes através de insígnias, broches e condecorações, adornados com o ouro advindo das minas de Sabará, região central do Brasil.

Esse ínterim, coincidia justamente com o tempo em que recebia a visita de um jovem sobrinho seu vindo de Portugal. Era um rapaz muito novo por volta dos 25 anos de idade. Sonhador, pensava em fazer carreira política em seu país, afinal graças as navegações, tinham se tornado uma potência mundial, com várias colônias mundo afora. Seu nome era Pedro Vaz, em homenagem ao expedicionário Pedro Teixeira, havia lutado contra os franceses na Batalha de Guaxenduba, expulsando-os do Maranhão nos idos do ano de 1615. Ficou mais conhecido como o "Conquistador da

Amazônia".

Era necessário gente nova para administrar politicamente toda essa perspectiva de pujança e riqueza que sua nação amealhava em suas mãos por conta de suas inúmeras colônias mundo afora, sobretudo nas américas. Pouco tempo antes havia ingressado na carreira militar, onde tomou noções de combate, tiro e esgrima.

Todavia, logo viu que não tinha muito gosto pelo estilo de vida aventureiro imposta a um verdadeiro soldado, mas sim pela papelada e pelos discursos vazios de uma tribuna. A sua vocação, segundo ele, era mesmo se entreter com as leis e as causas do parlamento, quando não na calmaria e aconchego dos gabinetes.

No almoço de recepção do sobrinho, era posta a mesa por duas escravas, que serviam tudo de maneira bastante eficiente. Afinal, qualquer distração, poderia render, como pena, muitos açoites nas costas sem chance nenhuma de contraditório. Na mesa, vinho e leitão assado, sopas, carnes de recheio, arroz-doce, guisado, lombo de cordeiro assado, galinha gabidela, etc. E entre garfadas e goladas Manoel, na companhia de alguns amigos, do seu mesmo convívio, trata de se dirigir diretamente ao sobrinho Pedro:

— O padre Jorge está partindo amanhã com seus catequistas para a Ilha do Cajual. Ele já esteve lá uma vez, foi até bem recebido. Tornou amigo do cacique, vejam só. Inclusive, sou eu que banco essa e outras viagens que ainda estão por vir. Há tempos ele está tentando catequizar aqueles silvícolas selvagens. E a bem da verdade, não estou nem um pouco preocupado com relação a isso. Pra mim que iam todos para o inferno! Precisamos é de mais terras para explorar. É isso que a coroa e nós queremos. Assim sendo, você vai irá nessa viajem para me representar. Estou velho, aproveite que o padre vai amansar eles e depois de estarem bem adestrados, convença-os a trabalhar para você. Devo lhe dizer que alguns são arredios como animais, por isso levará algumas panelas nossas, penduricalhos, facas e espelhos para ganhar a confiança daquele povo bruto, ignorante e desalmado. Não se preocupe meu sobrinho, quando voltar serás bem recompensado.

Ao que recebeu a proposta, o viajante respondeu:

— Não sei se é boa ideia meu tio. Não vim com intuito de aventurar nessas matas selvagens. Estou aqui a passeio e ver como andam as coisas nas colônias. Em breve estarei retornando para Portugal para concluir meus estudos em Coimbra e depois ingressar

no Partido Conservador.

— Mas meu sobrinho insisto que vá. Faça um relatório para mim que eu possa enviar à metrópole. Além do mais estou velho para isso e ainda precisamos fazer uma média com esses sacerdotes católicos. Não se preocupe, irão dois capangas da fazenda para dá suporte a vocês e além disso serás muito bem recompensado. Eu prometo! É coisa rápida, você vai gostar. Aproveite e leve a arma para caçar, lá tem muito bicho. Está decidido você vai! Não se preocupe avisarei a sua mãe que estás seguro.

Diante da proposta quase que irrecusável, o sobrinho decide ceder:

— Assim sendo, tudo bem. Eu vou meu tio. O que tiver de ser será – disse ele meio contrariado.

Como brincadeira, e para com intuito de pregar peça no jovem sobrinho, diz o tio:

— Só tome cuidado que quando os índios não estão nos seus melhores dias, dizem por aí que eles comem até gente. Há, há, há – disse Manoel em sonora gargalhada, sendo acompanhado por um dos visitantes somente.

Sem entender o porquê de tal atitude e sem dá muita atenção ao comentário, o jovem se retira da mesa, se recolhe ao quarto decidindo dormir logo; pois no outro dia de manhã, como havia decidido o tio, teria de estar bem cedo no cais com vistas a dar curso ao que lhe ordenara na tal Ilha do Cajual.

Ao amanhecer, dia ensolarado, a expedição já estava quase toda formada.

O padre Jorge mais uma comitiva de dois seminaristas em posse de suas Bíblias, crucifixos, terços, breviários se animavam com a possibilidade de levar a palavra de Deus aquele povo, segundo eles, "sedentos" de espiritualidade. Afinal, diz as sagradas escrituras: *"Ide e pregai o evangelho a toda criatura."* Marcos (16:15).

O sobrinho, o último tripulante previsto, era o responsável por relatar o potencial econômico da região para o ambicioso tio; tendo à espreita seus cacundeiros apaisana, que eram na verdade da guarda imperial da cidade. Ia também um biologista francês, um estudioso que tinha o interesse de saber sobre o clima, a geologia, a botânica e os animais presentes naquelas terras tropicais.

Partiriam todos num barco mediano, numa viagem por demais tranquila, afinal, o local não era muito distante.

Desembarcando na ilha, diz o padre:

— Maravilha! Que bom estar nesta ilha abençoada novamente!

Ao contrário dele, a outra parte da tripulação, nenhum deles ainda haviam postos seus pés ali. Os capangas ajeitavam suas armas deixando-as bem escondidas por debaixo das roupas. "Aqui deve ter muita onça", dizia um deles. O misantropo franco naturalista pegava alguns de seus paramentos, dentre eles uma potente lente de aumento, saindo a procura do primeiro espécimen que via para catalogação, além de sair catando vários outros exemplares num recipiente de vidro. *"Car cet endroit est magnifique!",* exclamava deslumbrado enquanto fazia seu trabalho.

Em meio ao alvoroço, o jovem português decide falar, perguntando ao sacerdote:

— O senhor tem certeza que se lembra onde fica mesmo essa tribo?

— Sim! Não é muito distante, talvez um pouco de difícil acesso, acidentado, isso devo confirmar. Sei que fica depois de uma linda cachoeira, tenho como referência algumas rochas e umas árvores gigantes e calibrosas.

— Então vamos logo. Quero acabar com tudo isso o quanto antes – redarguiu Pedro.

E aconteceu que a expedição partiu mata adentro. Caminharam mais algumas léguas, embrenhando-se pelas trilhas do bosque tropical. O sobrinho que até então, não queria viajar, fica estupefato com a riqueza do lugar, os cantos das aves, clima agradável, animaizinhos felizes dando-lhes boas-vindas. Algumas frutas que não conhecia ia apanhando do chão e ia comendo, se degustando com o sabor agradável daqueles manjares naturais e doces como o mel.

É quando pois, depois de muito caminharem, ouve-se a voz:

— Ufa! Estamos perto. Me lembro desta mangueira aqui - dizia o sacerdote aventureiro animado.

V

Quando finalmente avistam a tribo, decidem parar para respirar um pouco. Depois, pensando melhor, o padre acha por bem se apresentar ao cacique antes que ele anunciasse a chegada de seus "amigos" para evitar um clima de tensão e desconfiança entre a tribo.

Mas o sobrinho não atende ao pedido, e mandam todos entrarem logo na aldeia. *"Que bobagem seu padre, sou português, sou bem-vindo em qualquer lugar do mundo.",* dizia Pedro com uma soberba insopitável. Quando um curumim pequeno, que brincava com um macaquinho perto da mata avista aqueles homens saindo da floresta e adentrado o terreiro sai gritando aos berros. A mãe dele vendo o desespero do filho começa a correr por meio do pátio berrando igualmente.

Toda a tribo fica em pavorosa, os jovens guerreiros se armam rapidamente saindo. O cacique dá a ordem para neutralizar os visitantes. Todos ficam apreensivos. Assim, os índios em maior número cercam-lhes. Vários homens e jovens guerreiros com suas lanças afiadas com veneno na ponta fazem um círculo de 360 graus em torno dos invasores, que ficaram acuados um de costas para o outro.

Acossados, um dos cacundeiros tenta pôr a mão na sua arma, mas logo é rechaçado por Pedro. O padre tenta contornar a situação, dizendo: *"Calma, calma, sou eu vim trazer a palavra de Deus"*. Fazia isso com os gestos atabalhoados se esforçando também para mostrar a Bíblia para os índios. Os outros dois seminaristas com malas nas mãos, mais o ambientalista se preocupavam intensamente. Pedro também fica irrequieto.

O padre, diante da situação toma a frente, dizendo:

— Olá viemos em paz! Não estão lembrados de mim? – indagava ele, mostrando agora um colar que tinha sido um presente do Cacique quando da última vez que esteve na tribo.

É quando decidem chamar o cacique para deliberar o que fazer com aqueles invasores. E se aproximando o velho cacique, lentamente escorado pelo seu cajado como Moisés, vendo que era mesmo o padre, que tempos atrás havia lhe apresentado a Bíblia, ordena de pronto, com um único gesto, para que todos os seus índios baixassem a guarda. Ao se dar conta de que era mesmo o sacerdote, o cacique pediu para que os guerreiros se afastarem,

dando um abraço caloroso no padre e dizendo:

— Ah é o senhor seu padre? Estes são seus amigos? Se estão com o senhor são bem-vindos também!

Resolvido o impasse, o grupo é direcionado para uma maloca que estava em construção, na qual ficaram alojados, durante a rápida estadia. O cacique, sem dá muita importância para os outros, leva o amigo religioso mais seus assessores para a sua sagrada oca. O velho indígena estava muito interessado em saber mais sobre os heróis da fé, sobretudo, quem era essa figura tão pura e injustiçada chamada Jesus Cristo.

Pedro, por seu turno, tomava nota de tudo, em especial das árvores que pareciam ter grande potencial econômico, bem como também do capital humano, contabilizando na mente uma média de número de índios que poderiam muito bem serem utilizado como mão de obra; enfim de tudo aquilo que podia ser explorado, enviando e revertido absolutamente tudo em prol de Portugal.

O botânico, por sua vez, só queria mesmo era anotar os novos seres e as novas espécies que via, tentando inclusive, fazer contato com alguns índios no sentido de extrair maiores informações sobre aqueles peculiares bichos da floresta.

Passado, pois, todo o dia e tendo todos já almoçado a comida farta e exótica oferecida pelo cacique; todo o grupo é convidado, antes de irem embora, já no entardecer, para assistir a fase final da festa da menina moça. Nessa rara ocasião elas encenariam uma dança, diante de toda a comunidade e que da qual também, serviria também como prenúncio do encerramento do confinamento.

Contudo, o horário da festa coincidia justamente com a hora de retorno dos viajantes para suas casas. Praticamente todos eram unânimes, queriam voltar para Santo Antônio; mas o sobrinho, sabe-se lá porque motivo, se opôs veementemente, dizendo: *"Amanhã nós vamos!"* A verdade era que ele queria ficar para ver a festa. *"Ma...mas...",* tentou redarguir um dos seminaristas. Mas logo foi incisivamente rechaçado pelo sobrinho: *"Já disse a todos nós só vamos amanhã!"*

Os que queriam voltar para Alcântara, como os seminaristas que acompanhavam o padre, acabaram tendo que atender a Pedro. Ele e o sacerdote, achavam mais prudente atender ao convite, mormente para não fazer uma desfeita ao cacique, que

até então tinha sido tão cortês e benevolente com eles, os visitantes. Assim, também, tinham a chance de firmar ainda mais os laços de amizade com os silvícolas, conseguindo assim seus obscuros intentos.

Chega pois, o momento. Todos - índios e visitantes -, ficam reunidos no terreiro central, com vistas a aguardar o ritual. Todos os convidados se posicionam sentados numa tora, bem ao lado do cacique e sua família. É quando as moças são conduzidas ao centro e a vista de todos. Estavam todas pintadas com tinta de jenipapo e urucum, cobrindo parcialmente os seus rostos. Ao comando das anciãs, elas começam a dançar.

Os seminaristas e o botânico não veem muita graça naquilo, mas uma em especial, começa a chamar atenção do jovem português, que até então, também, se mostrava indiferente à cerimônia. Era ela a Diacyra. Decide então ele fitar os olhos mais incisivamente somente nela, observando seus trejeitos além de outras partes de seu corpo desnudo, ao passo que ela mudava de posição conforme o ritmo da dança.

Boquiaberto, Pedro fica deveras encantado face aquela beleza inocente, jamais vista nos salões burgueses cujo o qual costumava frequentar em sua Portugal. Seu coração bate forte, o lóbulo central de seu cérebro só comportava agora um só comando, apreciar a imagem daquela peculiar moça. Tudo nela, contrastava se observado aquele que a visualizava, a começar pelo seu aspecto biofísico.

Ele era descarnado, muito alto, coluna encurvada, pele esbranquiçada como um osso, não sendo nem sequer capaz de encobrir as suas veias azuis e protuberantes. Seus cabelos eram aloirados quase brancos como de um broto de milho. Ela não! Ah! Seu corpo pequeno, macio pelas bordas, sobrolhos bem escuros, uma pele acobreada e cabelos escuros como a noite. Parecia ele querer mesmo era se apossar do que de mais lindo havia nela, tudo! Finda a cerimônia, elas finalmente estavam livres da provação. As índias anciãs preparam um banquete, na qual todos fazem questão de se entreter. Por um momento as moças são o centro das atenções. Familiares lhe abraçam, enquanto são servida comida às largas, para todos.

Diacyra fica ali conversando com alguns parentes e amigas já casadas sem imaginar que estava sendo observada copiosamente

por Pedro cujo o qual ela também pouco fazia questão de ter ciência. Somente, por vezes, era pega consigo própria absorta, por conta das lembranças que insistiam de invadi-la a mente em forma de *flashes* por conta da presença do rapaz africano encontrado dias antes na cachoeira.

É quando, pois, o sobrinho toma coragem decidindo ir ter com ela dizendo:

— Olá, estou na expedição. Me chamo Dr. Pedro Vaz.

— Sim percebi – disse ela sem maiores pretensões de entabular conversa.

— Gostei da apresentação.

— Que bom – respondeu ela.

— E como é seu nome?

— Diacyra – disse secamente.

— Olha Diacyra é estranho falar disto mas gostei de você.

— Mas como assim? Você nem me conhece!

— Por isso mesmo. Queria que viajasses comigo para Portugal. Que tal?

— Hã?! Como assim? – toma um susto, aliás fora essa a única sensação, emoção que sentira ao falar com aquele bizarro moço.

— Mas claro! Viver uma vida melhor. Olha, tudo terás lá, roupas, metrópole, comidas finas, aulas de etiqueta, de francês... Enfim, sair dessa mata atrasada e sem perspectivas.

— Mas aqui não sentimos falta de nada. Temos tudo isso, amor dos nossos familiares, nossa língua, fartura, cultura...

— Venha comigo, somente por uma temporada então. Não estou acostumado a escutar "nãos" – insistiu.

— Ora, mas isso é impossível...

Sem poderem mais encetar o diálogo, pois são interrompidos por uma das anciãs, responsáveis por conduzir as índias novamente a maloca, a índia Diacyra sai dizendo:

— Vou ter de ir.

— Ma...mas... – tentou dizer algo Pedro quando viu a anciã tomando a moça pelo braço e conduzindo ela e mais as outras em direção a maloca de confinamento, um pouco distante das outras, de moradia.

Não restando outra saída, cabe a ele somente persegui-las com os olhos, na intenção de saber onde as moças ficavam

instaladas.

Contrariado, não só por Diacyra, mas agora também pelas circunstâncias, sem poder contar agora com um raciocínio eficaz e nem tendo o que fazer no momento; decide ele então retornar ao seu recinto também, mas não conseguindo extrair da mente, os rápidos momentos e a imagem vívida que conseguiu abstrair diante daquela tão incomum moça.

Para ele, ela era como a Eva em meio a todo aquele paraíso, esperando ser atentada pela atroz serpente de Gênesis. Em poucos milésimos de segundos, a fixação se tornou uma sina. O tempo vai passando escurecendo e Pedro lá hipnotizado, pensando em Diacyra, ousando cogitar agora de si para si repetidamente: *"Essa mulher vai ser minha. Essa mulher vai ser minha"*.

Só havia um meio dele tê-la consigo, tal como ele imaginava. Sabendo disso, imbuído desse ânimo, decide ele arquitetar rápido um plano de rapto. Antes do amanhecer, ele trata de acordar seus dois capangas com vistas a repassar o seu mais novo e maquiavélico plano. Estava decidido! Iriam eles invadir a maloca, neutralizar as duas outras índias e raptar Diacyra, pouco antes do amanhecer. E estando eles já em posse dela, fugiriam de maneira furtiva. Enquanto traçavam os últimos detalhes do plano, não tardava em pensar fixamente: *"Ela vai ser minha de qualquer jeito!"*

A partir daí eles já não dormem mais esperando somente o momento mais propício para agir.

E é chegada a hora, o sobrinho dá o aval para os dois comparsas irem sob o comando dele até a maloca. O padre, os seminaristas e o biólogo nada percebem. Toda a tribo dormia. Era comum, de quando em quando, algum índio ficar como sentinela vigiando a movimentação de todas as malocas a noite. Mas como era época de paz, dessa vez, o Cacique determinou que já não havia mais tantos motivos para eles permanecerem ali, diuturnamente.

Eis o momento! E saem eles, pois, de maneira sorrateira, da sua maloca, em direção a das moças. O cuidado era extremo para que ninguém fosse acordado. Nada nessa fase poderia dar errado. Todos dormiam profundamente, com exceção de Diacyra, que demostrava, sabe-se lá por que certo desconforto, um leve mau pressentimento, naquela noite.

Levavam consigo as cordas mais um pano para servir de mordaça. Eram 3 índias e 3 homens. Cada um ficava responsável

em neutralizar a sua, de maneira concomitante, para que não fosse dada chance de reação ou pedido de socorro por parte de alguma delas. Claro, Pedro tomava de conta da Diacyra; os outros dois, das outras duas.

É quando, estando eles apostos e pronto para paralisá-las, a índia Diacyra, matreira, acorda de repente, tentando se levantar ao mesmo tempo em que tenta esboçar a liberação de um grito de socorro, mas logo Pedro põe a mão na boca dela, abafando assim a sua voz. Visto isso, ela, com uma força sobrenatural, consegue se desvencilhar dele, puxando a adaga que se achava em sua cintura partindo para ferir um dos capangas, que agarrava com força e com muita brutalidade a mais frágil de suas amigas.

Em desarrazoada contraofensiva, o capanga ferido trata de desferir um potente soco na ponta do queixo de Diacyra, que cai batendo a cabeça fortemente no chão, desmaiando. Estando a índia mais "agitada" inconsciente, as duas outras sob a mira agora de armas de fogo somente choramingavam baixinho, nada podendo dizer.

Depois as duas são amarradas na viga central da oca sendo posta duas mordaças em suas respectivas bocas, sendo que Diacyra é posta e levada agora nos ombros de um deles, tudo sob o olhar e supervisão do mentor daquilo tudo, o sobrinho. *"Vamos ter uma nova vida em Portugal meu amor. Finalmente você é minha!",* dizia o português.

Já estava amanhecendo o dia. Quando retornam eles alvoroçados para a sua maloca com a índia Diacyra amarrada, mordaça na boca e desacordada, o sobrinho acorda todos os outros viajantes, dizendo: *"Acordem todos, vamos partir agora!"*

O padre, vendo que eles estavam em poder da filha caçula do cacique fica estupefato perguntando a Pedro: *"Jesus de Nazaré! Mas o que você fez homem?"* Ao que ouviu a fala do padre, retrucou: *"Nada demais, ora! Vamos padre vamos embora, o mais rápido possível."*

E saem, então, todos em direção rápido a embarcação, que haviam deixado lá um dia anterior de entrarem na tribo, antes que toda a tribo acordasse e dessem de cara como o sequestro da inocente Diacyra.

E aconteceu que eles partiram céleres por entre as matas em direção ao barco, sendo que Diacyra era levada desconfortavelmente pelos indelicados capangas, que revezavam, em levá-la nos ombros.

VI

No outro dia, ao acordarem na tribo, sob um sol preguiçoso, como era de costume, umas das anciãs trata de se dirigir a maloca das índias moças logo percebendo que algo de muito grave havia ocorrido.

Quando viu as duas índias amarradas e sentiu a ausência de Diacyra entrou em desespero, logo depois chamando por ajuda para desamarra-las imediatamente. Assim que são libertadas e tirada a mordaça de suas bocas disse uma delas chorando: *"Levaram a Diacyra ela foi ra...raptada! Disseram que ia levar ela para Po...ortugal."* Depois, desconfiados, seguem em direção a maloca dos visitantes e veem que eles também haviam sumido.

Sabendo disso, a anciã não tarda em levar a notícia ao conhecimento do cacique, que ao saber do ocorrido, sofre de uma vertiginosa queda de pressão; pressentindo até o perder as pernas, quase indo ao chão, o que só não acontece porque é amparado por sua esposa mais outras pessoas. Afinal, sentia certa parcela de culpa, pois tinha sido decisão sua, permitir a permanência daqueles estrangeiros em meio até então a sagrada paz de sua aldeia. *"Tupã, o que eu fiz?",* dizia o velho tentando ser forte.

A tribo toda entra em sonora agitação. Familiares e amigos ficam muitíssimos comovidos. Uns choram, outros começam a clamar pelos deuses. Alguns jovens guerreiros, pegam suas armas e saem em disparada para ver se ainda dava tempo de alcançar os tais sequestradores, mas ao chegarem na praia, a embarcação já ia bem longe, desaparecendo por sobre o limite do oceano.

Quando resolvem retornar para a aldeia, para contar que tinham incorrido em insucesso quanto do resgate da moça, eles avistam uma jangada veloz ao longe vindo em direção a eles, só que do outro lado, tendo por sobre ela um só homem. Era Dudú, que vinha mais uma vez de encontro a sua amada índia, já que ela tinha a intenção naquele dia, de apresentar-lhe ao pai dela.

Ao que aportou na areia, percebendo os olhares contritos e julgadores dos jovens indígenas, teve ele logo a sua jangada cercada e apreendida, ao mesmo tempo em que começa a ser interrogado, veementemente pelos índios guerreiros:

— Quem é você? O que quer aqui? – perguntavam eles já desconfiados.

— Sou Dudú líder do quilombo, vim falar com o cacique a

respeito de sua filha Diacyra.

Vendo que o assunto era Diacyra, eles ficam mais melindrados ainda decidindo amarrar seus pulsos e levando-o como prisioneiro a vista do cacique, sem falar ainda o que tinha acontecido. *"Porque estão fazendo isso",* perguntava Dudú. Entretanto, vendo que estava em desvantagem, decide se render, fazendo tudo o que mandavam os índios.

Chegando lá Dudú é apresentado ao cacique.

— Quem é esse sujeito? – perguntou o velho líder indígena.

— Encontramos lá praia. Ele estava atrás da Diacyra – disse um dos índios.

— Sou Dudú – interrompeu o príncipe africano.

— Dudú? – exclamou trepidante a esposa do cacique e mãe de Diacyra. – Ah esse deve ser esse o rapaz que Diacyra me falou – pensou ela de si para si.

— Sim, isso mesmo – respondeu Dudú.

— Ela havia me falado de você. Minha menina está perdidamente apaixonada e queria casar contigo. Hoje mesmo ela lhe apresentaria para a aldeia conhecer-te - O velho cacique, cabisbaixo e triste nada fala, e a mãe então continua: - acontece que os brancos acabaram de levar Diacyra raptada, neste instante pela manhã...

— Hã? Mas como? – pergunta Dudú abismado interrompendo a senhora.

E contam-lhe tudo.

Ao saber dos pormenores de toda a trama, o negro é colhido por uma cólera nunca dantes sentida. Possesso por uma raiva, ira e ódio incontidos, que fervilhavam lhe o sangue, um filme passou por sua cabeça. Toda a opressão do passado, que aparentemente, havia acabado; retorna, ainda com mais força, voltando então, a assombrar a sua vida, turbando a sua pura alma.

Chegava a imaginar que toda essa opressão branca vivida, que ainda lhe perseguia, era prova de que estava ele sendo vítima de uma maldição inexpugnável. Assim, trata ele de canalizar todos esses maus sentimentos em forças, pois não deixaria jamais moça alguma, seja ela de qualquer povo, quanto mais aquela que ele amava, servir como um mero prêmio exótico para exposição aos olhos gordos da corte ou ainda quem sabe, somente para figurar de serviçal e/ou escrava sexual.

— Mas isso não há de acontecer! - bradou firme. - Trarei ela de volta - confirmou novamente, rompendo com uma força brutal as amarras que prendiam seus braços. - Me seda alguns de seus melhores homens que ajuntarei aos meus e de lá partiremos para o porto de onde sairá uma grande nau, em direção ao velho mundo. É lá que ela deve estar.

Não vendo outra saída, com o aval da esposa, o cacique libera os guerreiros indígenas, tocando no ombro do negro guerreiro e dizendo:

— Traga minha filha de volta, a vida dela está nas suas mãos – dizia o cacique submisso e já sem muita esperanças de rever a filha novamente.

— Sim trarei pode ficar tranquilo – dizia olhando no fundo dos olhos do velho silvícola sofredor.

E saem Dudú mais tantos quantos guerreiros indígenas comportavam em sua jangada, em torno de 5. Chegando ao quilombo, rapidamente arregimenta uma outra legião de guerreiros dos mais preparados, seus melhores homens quilombolas traçando todos, ao comando de Dudú, uma rápida estratégia para resgatar Diacyra.

Os índios tratavam de guarnecerem-se com seus arcos, flechas e lanças, sendo tomados pelo mesmo sentimento sob a liderança do africano. Era mais que uma questão de honra resgatá-la. Pela primeira vez, estavam unidos os povos africanos e indígenas, ambas vítimas, contra a perseguição histórica e covarde perpetradas pelos opressores brancos. A falange tinha dois objetivos principais: um, era salvar a índia primeiramente e depois; honrar as suas raças, dando um recado definitivo de basta para a tirania branca vinda além mar.

Os guerreiros ao partirem em direção ao cais, percebem a movimentação do imenso navio, já se preparando para zarpar. Ficam observando de longe, na espreita, até que conseguem a confirmação, de que em meio a tripulação havia uma moça que parecia ser Diacyra, sendo levada pelas mãos de um estrangeiro.

A informação é ratificada por um dos índios. Era mesmo ela! Dudú também teve certeza. Quando avistaram-na, parecia ela estar um pouco grogue, sob efeito talvez de algum tipo de calmante, pois jamais ela se deixaria ser dominada dessa maneira por qualquer homem que fosse.

O sobrinho, tendo passado o tal relatório ao tio e já estando de retorno a Portugal, conduzia ela a força um pouco dopada, sonolenta. Desse modo, eles decidem por bem somente subir assim que o navio se afastasse um pouco da terra, para que não houvesse chance de apoio por parte dos sequestradores. E assim foi feito!

VII

"(...) Amável indiana, eu te prometo / Que em breve a iníqua pátria envolta em chamas / Te sirva de urna, e que misture e leve / A tua e a sua cinza o irado vento. / Confusamente murmurava entanto / Do caso atroz a lastimada gente (...)"

O Uraguai - Basílio de Magalhães

Tendo, pois, a grande nau se afastado do cais, os índios ao comando de Dudú, tratavam de remar com bastante força, na intenção de alcançá-la. O momento era tenso, grandes ondas balançavam a pequena jangada jogando-a para o lado bem longe da portinhola. Mas, com muito esforço, conseguem alcançá-la.

Estando a jangada parelha com o imenso navio eles lançam cordas até firmar no castilho logo depois, sentido que ela estava realmente firme, escalam por ela. Quando todos estavam em cima, eles dão de cara com um marinheiro que decide, de pronto, atacá-los. Mas eles são mais rápidos e cortam a sua garganta lançando-o degolado ao mar, passando a ser um reles alimento para os cações.

A intenção era tomar toda a caravela de assalto.

Depois, matam mais outro tripulante facilmente, e outro e mais outro, todos aqueles que estavam na parte de cima do convés do navio. Feito isso, segue uma parte em direção à cabine de navegação com a intenção de neutralizar o capitão mais a sua equipe.

Na parte de baixo, nos seus gabinetes, os viajantes mais as suas malas iam comodamente sem, até então, nada perceberem. Dudú segue sozinho, de gabinete em gabinete, a procura de sua amada. Vendo que aquele rapaz "estranho" estava apreensivo a procura de alguém, começa a se formar um princípio de alvoroço.

Os viajantes percebem que algo estava errado e que algumas madames passageiras já começam a fazer escândalo. *"Oh, piratas invadiram o nosso navio!",* tentava dizer uma delas. Pedro percebendo, a agitação, sai de seu gabinete tomando Diacyra pelos braços e levando-a para a parte de cima da embarcação no tombadilho, para ver o que realmente acontecia. Dudú tudo vê e parte para segui-los.

Chegando em cima e percebendo alguns corpos dos marinheiros ao chão e vendo Dudú se aproximar Pedro decide então colocar Diacyra, ainda sonolenta, no chão atrás dele.

Foi quando ele ouviu do príncipe africano:

— Solte a minha rainha agora e deixo você viver.

Diacyra, atrás de Pedro, percebe a voz e a presença de seu amado se regozijando, ao mesmo tempo que tenta recobrar suas forças.

Mas o irredutível fidalgo europeu interrompe, respondendo debochadamente, gargalhando:

— Há há há. Quem é você para chamá-la de rainha? Por algum acaso és rei, negro insolente? Curve-se ao seu senhor, animal sem alma! Só há um rei nesse recinto e ele sou eu, e por isso mesmo estou levando minha mais nova princesa para o meu castelo.

Cada vez mais enfurecido e já cerrando os punhos, mas ao mesmo tempo querendo evitar mais derramamentos de sangue, Dudú torna a advertir:

— Solte minha rainha seu monstro branco e terei misericórdia de ti...

É quando antes de fechar os lábios, de forma covarde e flagrantemente fugindo da luta franca, Pedro saca da cintura um mosquete "*Brown Bess*", muito utilizado pelo Exército do Império Britânico, desferindo um tiro covarde a queima roupas em Dudú.

Vendo que ia ser atingido, ele tenta se esquivar se valendo uma técnica de capoeira e o tiro passa de raspão atingindo somente parte de seu ombro. Com o impacto, ele cai ferido. Quando se prepara para dar o tiro de misericórdia mirando agora a cabeça de

Dudú, Diacyra reúne um pouco de suas forças e consegue tomar a arma do português jogando-a no mar. Agora sem sua arma, ele dá um safanão nela que torna cair novamente dizendo: *"Fica quieta aí sua idiota!"*

Ele não desiste e saca agora seu espadim para tentar matar Dudú que estava ferido no chão. Quando parecia ser o seu fim, eis que surge uma imagem de Iemanjá irradiando raios de luz em direção somente ao seu rosto, cegando parcialmente as vistas do português ficando este de joelhos, enquanto dizia: *"Meus olhos, os meus olhos, não consigo enxergar!"*

É quando o negro aproveita o lapso toma a espada e mesmo ferido crava ela por entre a clavícula do português. Ao golpe é fatal. Já o português estando genuflexo, Dudú - tomado por um sentimento de vingança - começa a transpassar lentamente a lâmina do espadim agora pelo coração e pulmões até chegar na virilha do português de onde sai a ponta dela. Fez isso com toda as suas forças, como se vingasse naquele único instante, a morte do pai, o sofrimento da mãe, a humilhação dos seus irmãos e de todo o povo africano e indígena.

O português, em vão, ainda olha bem no fundo dos olhos de Dudú, prostrado, pedindo clemência para não morrer, mas não havia mais solução. Sua chance tinha sido desperdiçada. *"Não me ma...mate. Te...tenho esposa e fi...filhos"* - tentava em vão implorar já agonizando e vertendo baba de sangue pela boca.

Quando finalmente teve certeza de que os tecidos dos órgãos vitais de Pedro haviam se rompido, Dudú retira a espada, e uma hemorragia interna toma conta de todo o corpo do português, vindo este a desfalecer estertorando, por alguns instantes. Benevolente Dudú agora, como um samurai, decide decepar a cabeça do fracassado sequestrador num só golpe, acabando de vez com o seu sofrimento.

Com a cabeça do português nas mãos, ficava estampado nos olhos esbugalhados e verdes a descrição fidedigna do pavor e da morte, sendo trazida agora a peça anatômica nas mãos de Dudú como um prêmio. Vendo isso os outros índios, abrem rapidamente o corpo do português morto e arrancam o seu coração e fígado, mordendo cada um deles pedaços desses órgãos, ainda com sangue quente. Acreditavam eles, que com esse gesto, absorveriam a alma e as qualidades positivas do europeu, caso existisse.

Com a missão devidamente cumprida e tendo Diacyra sido resgatada com sucesso agora a mesma é posta rapidamente na jangada, onde dão-lhe água e cuidam dos seus ferimentos, não se importando cada um deles, com as suas próprias pisaduras. E seguem eles em direção à sua tribo.

VIII

Quando a aldeia vê ao longe o grupo de indígenas e quilombolas se achegando com a índia sequestrada, o cacique e toda tribo choram copiosamente entoando cânticos e ladainhas por demais melancólicos em alto e bom som, ao perceberem que suas preces foram ouvidas pelo deus Tupã, por conta de estar a filha devidamente resgatada sã e salva.

O negro Dudú a trazia nos braços como se ela fosse o maior tesouro da terra. A cabeça do sequestrador lusitano é jogada nos pés do morubixaba, e depois é fincada numa estaca e cravada bem no centro do terreiro, sob o olhar espantoso dos curumins.

Em meio a alegria, o velho índio dirige-se a Dudú, dizendo:

— Agradeço meu amigo! Agora o seu povo faz parte do meu povo. E se ela o ama e lhe quer pode sim se casar com minha filha. A partir de hoje você também faz parte dessa tribo.

Era tudo que ele mais queria ouvir. Ovacionado, negro Dudú é reconhecido por toda a tribo, pintam-lhe o corpo de guerreiro e põe um cocar na sua cabeça.

— Faça-a feliz – arrematou a mãe.

Ao escutar a notícia, Diacyra, se recompõe e abraça o seu futuro esposo, dizendo: *"Obrigada meu amor!"*.

Toda a tribo entra em festa. Todos, dançam e cantam agradecendo a Tupã, pela volta da filha. Todos os índios fazem a maior festa, quando depois de um algumas horas, ela vê que a pisadura do amado no ombro ainda sangrava tomando-o pela mão e dizendo:

— Venha aqui você ainda sangra. Vamos até uma praia que conheço aqui perto. Tem uma planta lá que vai ajudar a sarar essa sua ferida. Você cuidou de mim agora vou cuidar dos seus ferimentos. Vem aqui meu amor me deixa cuidar de você agora.

Chegando lá, Diacyra manda ele sentar numa pedra onde ela começa a mascar uma flor, que serviria como anti-inflamatório

natural. Ele fazia tudo que ela mandava, preservando a sua peculiar seriedade. Com a substância do vegetal extraída na sua boca somada a viscosidade de sua saliva, ela trata de passar o líquido no ferimento do amado que a salvou, ressaltando:

— Nunca imaginaria que fosse capaz de fazer isso, por mim. Depois dessa prova, tinha certeza que encontrei mesmo o homem certo para minha vida – declarava ela.

— Você comigo sou capaz até de morrer para salvar-te minha amada. Enquanto passava o soro natural, eles se entreolhavam cada vez mais fixamente. Estavam numa praia paradisíaca, em cima de uma rocha coberta com um manto de musgos, tendo ao fundo o mar enquanto o sol se põe. Os coqueirais faziam uma bela sombra. O clima estava morno agradável, mas seus corpos estavam cada vez mais quentes como brasa.

E quando eles decidem se beijar, lentamente, agora sem peso na consciência. O ósculo demora horas. Já era um beijo agressivo, carnal, labuzado. Ele invade a boca dela com a língua, e ela suga toda a babugem dele. Os lábios de um passeiam por sobre os lábios do outro, estupidamente lubrificados de saliva.

Agora é Dudú que encosta ela no rochedo. Depois de muito beijá-la, desce seus lábios em direção ao pescoço da moça, pondo de lado mechas dos cabelos escuros que estavam grudados por conta do suor no corpo dela. Beija seu queixo e segue em direção aos seus seios lambendo-lhes os mamilos duros de excitação como mármore.

Burila um, depois o outro, repetida vezes. Diacyra era levada a loucura, gemidos contidos, outros nem tanto, dizendo: *"Ai meu amor, assim, ah como te amo!"* E segue Dudú explorando todo o corpo dela em direção agora ao seu umbigo, beijando-o somente e seguindo em direção ao portal mor do amor.

Lá chegando, Dudú dá de cara com a fonte que dá a vida e sustenta mas, que também, pode aniquilar um homem. Descortinada por inteira, era como um broto de flor protegido por dois guardiões, nesse caso as suas grossas pernas, que insistiam de esconder aquele suculento Santo Graal do amor. Era uma forma mais bela, límpida e minando um mel doce com sabor de água de coco.

Dudú, então afasta uma, depois a outra perna de Diacyra, enquanto se põe diante de um manjar mais sucoso do que qualquer

item presente nos banquetes dos imperadores romanos. Ele passa a língua em toda a extensão da vulva dela, de um lado e de outro, sem invadir o interior dela. Passa ele horas e mais horas nisso. Sua boca fica toda lambrecada, bebe ele litros e mais litros do néctar da paixão. Diacyra nada diz, ela só goza, geme e se acaba em prazer.

IX

Estando ele agora já também bastante excitado, e sabendo da iniciação de sua amada, o bruto guerreiro se torna um verdadeiro *gentlement*, ao começar a invadir o corpo da índia.

Era um contraste incrível! Ele tinha um corpo bruto cheios de cicatrizes por sobre aquela incorruptível, lisa e macia pele como um tecido de seda chinesa. Apesar das disparidades físicas, pareciam anatomicamente um feito para o outro, como a chave a fechadura. Iniciava ela, finalmente, na arte das delícias da carne, o ápice das sensações naturais humanas.

Afinal de contas, essa deveria ser a melhor experiência pessoal da vida dela. E então vai ele devagarzinho, sempre perguntando baixinho no ouvido da amada: *"Dói, meu amor, dói?"*. Ela com as mãos nos braços dele dita o ritmo, dizendo: *"Não amor vem assim, isso, Ah..."* E seguem eles fazendo amor. Estando ela confortável, os dois corpos já se achavam completamente conectados. É quando percebe um pouco de desconforto dela e um leve filete de sangue por conta da ruptura do hímen da virgem Diacyra.

Dudú, dá um tempo, deixa a respiração estabilizar, retira o falo, limpa o órgão dela com a boca, beijando-lhe depois novamente seu pescoço, descendo e passando novamente a língua em seus seios com os mamilos enrijecidos, excitados e petrificados de prazer. Chega ao umbigo novamente, beija-o e com seus lábios e língua lambe, sem pressa, toda a extensão de sua vulva, sem pelos, levemente molhada de sangue e gozo, sem desprezar com a ponta dos dedos e da língua uma leve massageada no seu clitóris rosado e púrpuro como a de um boto fêmea amazônico.

Aquele líquido corporal, que a índia despejava, como dito não havia gosto de sangue, mas de água de coco com mel. As coxas que outrora costumam se roçar quando a índia caminhava, ajudando a esconder seu precioso tesouro carnal, agora se escancaram como um compasso aberto. Então Dudú torna a

penetrar aquela genitália tenra e morna que mais parecia uma maçã seccionada ao meio ou um broto de uma flor *Cyrthanthus elatus* desabrochando para a vida, exalando um perfume revigorante de amor. Incrivelmente bela, limpa e cheirosa como a essência da mulher, ativando ao máximo grau, a libido masculina. Um convite ao que há de mais prazeroso na terra, como dito o ápice do amor, um presente divino de Deus, para sua incitar a multiplicação de sua maior criação, a humanidade.

Mordendo o lábio inferior, Diacyra agora com força puxa o rapagão para cima de si com as mãozinhas pequenas na cintura de Dudú dizendo:

— Isso, isso... assim, vem... vem... pode vim. Vem com tudo!

No primeiro minuto a índia se embriaga em múltiplos orgasmos. O órgão agora desliza fácil por entre as pernas dela como uma estaca, intensificando gradualmente com o bombeamento de seu coração, vibrando todo o corpo da índia agitando para cima e para baixo seus rígidos e arrebitados seios.

O gozo da índia jorrava como uma fonte inesgotável com leve sangue do hímen escorrendo pelas pernas dele e dela, também pingando pelas fissuras das pedras. Seus sussurros de gozo ecoavam por entre a floresta fechada, incitando as outras espécies a copularem também. Casais de animais, pássaros e peixes se inspiram entregando-se todos ao amor, celebrando o fazer da vida, imitando o casal humano, transformando a floresta numa grande "orgia das espécies", a céu aberto.

Depois, embriagada de tesão pega no membro do negro e põe novamente no lugar de onde jamais deveria ter saído. Entorpecidos de prazer, alcançando o clímax da relação, houve lugar ainda para a selvageria mais primitiva com prolongados beijos de língua, mordidas, xingamentos, arranhões, tapas mútuos, puxões de cabelo, cuspes no rosto... O mistério do prazer havia sido desvendado. Violar aquele corpo puro e maduro sedento pelo deleite sexual era como ter passado pela experiência mais prazerosa do ser. *"Obrigado meus Orixás, já até poderia morrer",* pensava o africano.

Ainda não satisfeitos, Dudú, então decide virar Diacyra de costas para ele. Ele se depara com um bumbum roliço, arredondado e saliente para fora. Ele passa a mão nele, macio como uma fruta-pão ocasionada por uma pequena camada lipídica.

Com as mãos de jogador de basquete dá sucessivos tapinhas nas nádegas dela, até que elas ficassem marcadas com seus dedos, depois escancarando-as sem nenhum pudor ou respeito. Com a outra mão nas costas dela, ele inclina ela devagarinho, ficando Diacyra numa posição de "L", onde novamente é invadida. Ela vai e vem como uma gangorra batendo com os glúteos na cintura dele. Ele a tudo visualizava. Passam assim horas e horas. A partir daí, retoma ela a iniciativa na relação, aplicando praticamente todas as posições possíveis da Kama Sutra indiana, como se ele fosse um mero objeto seu. Já se passavam 5 horas de relação. Seus corpos se entrelaçavam demasiadamente suados como se estivessem sido feitos um para o outro pelo Criador. As temperaturas corporais também se estabilizam. Um transe orgástico sobrenatural toma conta das suas almas.

A dor de ambos outrora sentida é suprimida pelo anestesiante natural mas eficaz – a adrenalina. O sangue do ferimento dele se aglutina com o sangue do hímen da índia, caindo na areia da praia, fazendo que sobrenaturalmente começasse a se modelar um lindo casal de Arara Azul de Lear, com a envergadura de um falcão, que saem voando livres em direção à floresta. Extasiados, não escutam os sons das ondas do mar, só respiração ofegante do gozo.

Ao cair do dia e nascer da noite, Dudú já não aguentava mais e estava prestes a explodir. Ele ejacula cada mililitro do seu líquido escrotal nela, sendo que Diacyra sente o jato espermático batendo nas paredes de suas trompas e útero. Entretanto, o sêmen africano forte como a de um touro Belga Azul, antes mesmo dele emitir sêmen, já havia fecundado o óvulo indígena formando assim, o pequeno zigoto que deu origem a nação brasileira.

Não satisfeito seguem se amando agora mais romanticamente. Depois de seis ejaculações consecutivas dele e gozos multiformes dela, ambos permanecem unidos abraçados como jamais fossem se ver de novo. Eram uma só carne, literalmente. *"E serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne."* (Mc 10:8).

Do cosmos, já escurecendo a lua aparecia timidamente sair mais cedo por entre as nuvens para testemunhar aquele amor. Ali havia sido selada o himeneu do casal. Príncipe negro e a princesa indígena, corte legítima do Brasil. Relaxados, se emocionam ambos

declarando juras de amor um para com o outro:

— Te amo meu amor...

— Jamais quero te perder...

Haviam se tornado uma só entidade, uma só pessoa, a brutalidade e a delicadeza estavam unidas, o alfa e ômega se ajuntavam irreversivelmente.

Depois de descaçarem juntos abraçados e declarando juras de amor eterno mutualmente, viajam o casal para o quilombo donde Diacyra é apresentada e onde dali em diante passariam a vida toda. Depois é feita uma grande cerimônia nupcial, onde Diacyra é toda adornada com enfeites africanos, que agora era proclamada rainha daquilo tudo.

Com a presença do pai, finalmente é consentido seu casamento com o africano Dudú. Há uma grande festa jamais vista celebrando a união da tribo da nova rainha, como o quilombo do rei sendo servido um grande banquete. Estavam os quilombolas e indígenas irmanados celebrando a união, o amor, a liberdade e a vida. Festa de mais de 7 dias começada no quilombo e finalizada na tribo.

X

Meses depois, a surpresa já esperada, Diacyra estava grávida, nascendo meses depois o seu primogênito, o Dudúzinho Tupinambá sucessor do pai no clã e no quilombo. Ele mesmo havia feito o parto do primeiro filho sob a supervisão de uma senhora parteira.

Desse amor verdadeiro, conquistado e inter-racial foram nascendo, de forma consecutiva, 22 lindos cabloquinhos todos saudáveis, aprendendo com os pais a amar a terra em que nasceram, apesar do histórico de injustiças contra seus antepassados.

Treze belas cabloquinhas e nove lindos cabloquinhos, todos muito saudáveis e em pleno gozo de suas faculdades mentais e físicas. Muito? Acho que não! Afinal, em meio a um estilo de vida natural e sob influência de um clima inspirador e ameno da natureza, o velho guerreiro jamais falhara. Ela, na mesma linha, não tinha motivo nenhum para "negar fogo" ao seu único amado.

Viveram com fartura com a provisão da natureza generosa, sem ameaça branca, que hoje os ameaçam de outras formas, com suas fazendas de gados, plantações de monoculturas, indústrias

variadas e, sobretudo ocupando os postos de poder em Brasília. O carinho, amor e considerações mútuas, persistiram durante toda a vida dura de ambos. Ele viveu 91 anos, ela 102.

Netos, bisnetos, tataranetos do casal Dudú e Diacyra povoam hoje a vastidão desse país até hoje, muito com os sobrenomes de Santos, Silva, Conceição, Pereira... Infelizmente, como é sabido, muitos deles hoje, sofrendo as mazelas da segregação racial e social que assola o Brasil desde a sua formação até o início desse século XXI.

E assim gerações e gerações *ad aerternum* seguiram construindo o nosso país. Alcântara, onde tudo aconteceu, entra no ano 2000 permanecendo como centro das atenções, agora mundiais. Seu valor é astrofísico atrai interesses de todo o planeta. A perseguição, apesar da nova forma, ainda persiste.

Hoje, suas descendências, que lá permaneceram, lutam para não perderem suas terras para o famigerado Centro de Lançamentos de Foguetes, projeto ambicioso sustentado por conta da corrida aeroespacial, que conta com apoio de forças poderosíssimas, tanto internacional como brasileira.

Da resistência, da bravura e da coragem dos povos africanos e indígenas, é que foi talhado o nosso querido e fidedigno Brasil varonil!

Fim.

São Luís/MA, 07 de fevereiro de 2017

A ENTREVISTA

Revista X: Antes de iniciarmos a nossa entrevista, propriamente dita, gostaríamos de agradecer, em nome da Revista X, a oportunidade exclusiva que o senhor nos deu, quebrando o silêncio, no intuito de sabermos um pouco de sua tão fascinante história; daquele que é considerado como o detentor único da posição social mais cobiçada do planeta.

Dono do Mundo: Bom, primeiramente, sou eu quem agradeço a oportunidade de falar junto a esse estimado veículo de comunicação, tão apreciado no mundo todo, por intermédio dos seus mais bem informados leitores e leitoras. Obrigado pelas considerações e fiquem absolutamente à vontade, façam as perguntas que acharem pertinentes.

RX: Agora sim dando início a nossa entrevista em si, gostaríamos antes que o senhor nos falasse um pouco de sua trajetória vida para os nossos leitores. Conte-nos um pouco sobre a sua invulgar vida? Nos fale um pouco dela, de suas origens, do seu passado... Como foi que o senhor chegou até aqui?

DM: Bem, como você já pode imaginar, falar de como cheguei até aqui é uma parte um tanto quanto delicada, diria eu. O que posso lhe afirmar é que não foi nada fácil! Muitos tentaram, porém, só eu consegui. Se fôssemos falar de toda a minha história nos mínimos detalhes, teríamos de contar com milhares e milhares de horas de entrevista a fio; mas como você nem muito menos eu dispomos desse tempo, vou tentar ser bem breve na minha explanação. Nasci como qualquer um de vocês. Fui criança, jovem... e no decorrer do meu crescimento biológico logo percebi, assim como qualquer outro, que ninguém, nem mesmo os elementos da natureza, vem ao mundo a toa, concordas? Eles tem de ter uma função um propósito de vida. Isso é fato! Depois de muito raciocinar diante do que se apresentava aos meus olhos, digo a minha frente, ainda que de

maneira superficial, cheguei à conclusão que teria de fazer alguma coisa, senão...

RX: E que coisa seria essa?

DM: Ah, minha filha, você sabe, todo mundo sabe. A única diferença é que todos escondem.

RX: Teria algum problema o senhor nos contar?

DM: Por mim não! Afinal dentre as poucas qualidades que ainda me restam, uma delas é a de não ser hipócrita, compreende?

RX: Então sinta-se à vontade.

DM: Bom, depois que percebi, ainda menino em meio a minha família, que o dinheiro - para Marx, o capital -, é a coisa mais importante, e aqui faço questão de repetir com todas as letras em alto e bom som: é a coisa mais I-M-P-O-R-T-A-N-T-E e o digo sem medo de errar, foi que finalmente entendi a finalidade das pessoas e do mundo. Pois bem, constatei que ele era essencial em nossa vida assim como o próprio respirar, sem falar que de quebra, ele serve também como um dos mais eficazes meios de defesa, além de quê é ainda, um importante instrumento no intuito de garantir a minha reles sobrevivência, ainda que sem sentido algum, condição essa que da qual estou plenamente mais do que convencido. Digo isso, pois nesse caso, acredito que só Deus é que guarda consigo o privilégio de ter uma vida satisfatória e de viver para sempre, plenamente sem preocupações e sem se sujeitar ao dinheiro, afinal Ele é dono de todo ouro e toda prata, bronze também porque não? Assim, voltando ao nosso assunto, entendi desde tenra idade, que teria eu também de me adequar ao sistema, ou seja me abraçar a esse valor universal que é "amar o dinheiro"; e é justamente somente isso a única coisa que tenho feito em toda minha vida, sem pestanejar simples assim!

RX: Hum... Sim, realmente o dinheiro é muito importante, sobretudo em nossa sociedade capitalista, disso não se tem dúvidas, mas colocá-lo como princípio de todas as coisas me parece um tanto quanto radical, o senhor não acha?

DM: Realmente, mas não me olhe com essa cara por favor! Essa tese não é minha é de Marx! Você nunca leu aquela parte que ele fala de infraestrutura e superestrutura. Pois sim, leia e saberás que foi ele que esmiuçou toda essa teoria com maestria. Veja, quando nasci, esse sistema já estava implantado desde as épocas dos macacos, passando por praticamente todas as eras e hoje então, anda a galope a pleno vapor e a olhos vistos. Visto isso, então não fui eu que o criei, até porque não concordo que ele seja o mais adequado e justo dos sistemas. Pode até parecer deboche da minha parte mas não é! Por incrível que possa imaginar acho mais apropriado o socialismo e o comunismo pelos quais nutro imensa simpatia; esses sim, na essência, são mais justiçosos, muito embora, seja impraticável devido à nossa inexpugnável natureza adâmica humana, que é movida sempre pelo "mais", pelo "maior", pelo "melhor" custe o que custar; o que é, devo dizer, ao mesmo tempo, as maiores das nossas ilusões, pois quanto mais tentamos ter "mais", ser "maior" e "melhor" mais nos tornamos é menos humano, temos menor de caráter e nos tornamos piores como pessoas. Captou o paradoxo? Repito: passamos a vida todinha tentando, em vão, sermos bons, mas essa falsa aspiração acaba é no final, nos tornando demasiadamente maus. Até porque você nunca alcançará um nível satisfatório em todas as suas aspirações, e sempre agirá sendo mais mau, mais maus pois só assim poderá alcançar seus objetivos. Sou hoje o que sou, porque a vida me fez assim. Portanto, esse é o único meio de defesa, a excepcional forma de garantir a permanência da minha vida e de minhas gerações vindouras por sobre a terra.

RX: É realmente faz sentido. Mas em muitos pontos tenho de discordar do senhor, até porque existem outros valores.

DM: Valores? Ok, você é uma anjinha mesmo vai morar no céu. Parabéns! (Risos)

RX: Enfim, quer dizer que o senhor realmente acredita somente nisso então?

DM: Sim mas é claro, você é a primeira pessoa que eu conheço que defende que tem outros "valores". Ora, mas que tolice! E de antemão, vou logo lhe adiantando que não acredito em você, pois

sua vida demonstra o contrário. Quer ver como? Por que você nasceu? Pra ganhar dinheiro e fazer as engrenagens da roda do sistema continuar. Por que você passou a sua vida toda enfurnada numa universidade? Por causa de dinheiro! Por que está você aqui agora me fazendo esta entrevista? Por causa de dinheiro! D-I-N-H-E-I-R-O! Porque seu salário depende disso! Amanhã seu nome será impresso na revista, ficará mais conhecida, será mais valorizada como profissional, será chamada para os melhores empregos, enfim, e terá um bom S-A-L-Á-R-I-O, e no fim de tudo uma aposentaria, na qual essas duas palavras nada mais são do que sinônimo de dinheiro. Fui claro? Pois bem!

RX: Ok, senhor Dono do Mundo, não vamos insistir nessa conversa. Já que o senhor chegou até aqui com esse pensamento, conte-nos como foi viver com essa peculiar filosofia de vida? O que o senhor teve de fazer para alcançar esse patamar e ser o que é hoje qual seja: o maior detentor de poder do mundo, por conseguinte, o dono único dele?

DM: Ah, aí já é outra grande história minha filha. Quanto a isso, você quer que eu minta ou fale a verdade?

RX: A verdade ora. Inclusive é esse o lema de nossa revista: A verdade em 1º lugar.

DM: Pois bem, e falarei mesmo a verdade. E sabe por quê? Porque além de não ser hipócrita, eu posso! Posso falar tudo, fazer tudo e ninguém ousará dizer nada. Inclusive, é essa a maior vantagem hoje da minha posição. Todo meu esforço seria em vão, se não pudesse eu fazer tudo aquilo que faço hoje, que é mandar em tudo, a meu bel prazer. Mando em tudo e em todos e não há ninguém que possa me impedir, fui claro?

RX: Bem, isso é verdade! Nisso eu tenho de concordar com o senhor.

DM: Pois bem, como ia dizendo, chegar até aqui foi realmente deveras muito penoso, algo que arrisco a dizer que só eu e somente eu reuniria condições físicas, emocionais, psicológicas e espirituais de conseguir. Pois se fácil fosse, todos alcançariam o mesmo que

eu, não é assim? E assim sendo, isso tudo seria impossível, pois no topo só há lugar para um. Aliás, o pessoal, querendo destruir minha imagem e me responsabilizar por tudo de ruim que acontece no mundo, tem a mania de envolver meu sagrado nome em torno de uma mística. Já cogitaram até que eu era o Anticristo. Mas quanta honra, ser comparado com o cara que vai unificar e dá cabo ao mundo. Nunca participei de seitas, iluminatti, maçonaria, *opus dei* ou coisas que o valham. Participo somente da seita que tem mais adeptos desde os primórdios da humanidade até a sua destruição total, o capitalismo! Essa sim! Digo capitalismo no sentido amplo, no que tem valor, no que a sociedade convencionou de que deve ser buscado em forma de objeto, práticas, ideologia, ações. Tudo que é almejado é capital, é valor, seja por necessidade ou por imposição. Por vezes tive de me colocar em situação que iam de encontro a alguns princípios cristãos e humanísticos que ainda, como muita dificuldade devo dizer, nutria desde a minha infância... (Fica ele agora com um semblante contrito)

RX: E que situações eram essas?

DM: Muitas. Somente as pessoas que foram prejudicadas nesta história, se é que ainda permanecem vivas, é que poderiam dizer.

RX: Mas então o senhor se arrepende de tê-las prejudicadas?

DM: Sim e não!

RX: Como assim? Explique.

DM: Seria um absurdo e muita falsidade da minha parte dizer que me arrependi sobretudo, sobre algo que já foi feito. Mas o pior de tudo nem é isso. É que eu sempre tive a consciência de que tudo que estava fazendo, para alcançar onde queria chegar, não era nada convencional. Além do mais eu não era o único e isso de certa forma me conforta. Esse posto sempre foi, é e será o mais cobiçado patamar que alguém possa querer conquistar enquanto a humanidade existir. Desses que competiam comigo então não tive o mínimo de misericórdia. Deus que me perdoe! Mas para minha honra e glória todos tombaram, de uma ou de outra forma. Por outro lado, sei que tinha de fazer o que fiz senão não seria o que

sou hoje e por conseguinte estaria morto no lugar deles compreende? É a lei da natureza! Só os mais fortes sobrevivem, isso é Darwin!

RX: Mas Darwin diz que não são os mais fortes que sobrevivem mas sim os mais adaptados!

DM: Pois bem, então eu complemento ao meu amigo equivocado Darwin, concordando que além dos adaptados, são também os mais fortes que persistem. Pronto está consumado! A teoria da evolução está agora por demais completa! (Ele ri com o canto da boca).

RX: E pro senhor o que é ser forte?

DM: É ser exatamente como sou. Ninguém nasce forte. Ser forte é jogar na lata de lixo todo o nosso lado bom, aquele pietismo, puritanismo gandhiano, a ideia de sociedade pacificada, isso não existe nunca existirá, afinal *"Se queres paz prepara-te para guerra!",* afirmou Vegetius. Em outras palavras, para ficar mais claro, ser forte é o mesmo que ser mau! Ser cruel e não se sentir mal, com peso na consciência; até porque não é nossa culpa nascermos fracos, essa é que é a verdade. E não se engane, assim como você é mau, mas os outros tendem a ser mau contra você. Eis o "X" da questão. É a lei da ação e da reação. Por isso é que vejo que ser mau é uma arte! Em suma, já que ser fraco é o mesmo que ser bom, puro, benevolente; cabem a esses coitados nada conseguirem, além de terem de se acostumarem a sofrerem sob o domínio daqueles outros. Contudo, dependendo da oscilação na escala desses valores que elenquei é que moldamos nosso caráter e personalidade, pois uma dessas escolhas é incompatível com as outras. Muitas buscam viver tentando encontrar um meio termo, o que parece ser mais sensato. Esses são tidos como sábios. Já os extremistas, são vistos como uma bomba relógio podendo explodir a qualquer tempo. Quer um exemplo: não posso ser rico e ao mesmo tempo altruísta, percebe? Aos cristãos é que são incutidos esses valores pelas suas lideranças. Lideranças que são maus iguais a mim devo dizer, pois usam a palavra de Deus como negócio e instrumento de poder. São piores que os ateus, nesse caso. Irão para o inferno! Isso, anteriormente citado, nas palavras de Nietzsche, nada mais seria do que a tal chamada moral dos fracos. Nisso eu tenho de concordar com ele.

Aliás gosto muito do pensamento dele? Ele era demais! Você já leu *Assim falou Zaratustra?* Divino! E *Leviatã* de Hobbes? Leia eles. Leia! Todos!

RX: Ok. O senhor tem família?

DM: Sim e me são muito caros.

RX: Ah, mas que bom, temos aqui um pouquinho de humanidade. Que bom ver o senhor amar sua família!

DM: E quem disse que os amo?

RX: Mas...

DM: Deixe-me corrigir. Primeiro que eles não me amam, mas o que tenho e o que eu sou. Quando eu falei que são caros é porque foram caros mesmo no sentido etmológico da palavra entende? Caríssimos diga-se de passagem, caríssimos. Me custaram e ainda me valem uma fortuna todos os meses, por assim dizer. Tive de comprá-los por um preço muito alto para tê-los e para mantê-los ao meu lado então, nem se fala, muito mais ainda.

RX: Comprá-los? Mas como assim?

DM: Ora pois, você acha mesmo que minha mulher teria aceitado casar comigo se eu fosse um pobretão? Mesmo sendo novo, bonito, gente boa...pois em verdade te digo, senão tivesse dinheiro denada eu valeria. É como se meus outros valores ficassem prejudicados. Por outro lado, se um cara for velho, feio, chato mas se tiver dinheiro ainda assim tudo ele terás. Tudo, ouviu bem, T-U-D-O!

RX: Nossa! Agora o senhor se superou. Eu até poderia chamá-lo agora de "senhor Sinceridade", não?

DM: Taí gostei. Outra qualidade que ainda me resta, a sinceridade. Senhor Sinceridade, gostei. Ponto para você!

RX: Já que o senhor pensa assim, me explique então melhor como é que se dá esse seu "estranho" relacionamento com sua família já que o senhor os classifica nessa condição.

DM: Condição de tê-los comprados?

RX: Sim. Como eles lidam com isso?

DM: Lidam como eu como você. Como todo mundo ora!

RX: Explique-se.

DM: Mas com o maior prazer. Lhe disse anteriormente que havia descoberto de qual era o maior valor do mundo ainda menino, lá em casa no seio da minha saudosa família, que Deus os tenham. Amém! Pois bem, nós nascemos por uma imposição externa e subjetiva correto? Não somos frutos do amor como muitos insistem em apregoar. A única coisa que um pai e uma mãe mais quer na vida, é que seus filhos consumam o mínimo possível dos seus salários, entendeu? Se os filhos lhe derem dinheiro, o que é muitíssimo raro, melhor ainda. Você ouviria de todos coisas do tipo: *"Ele é um bom filho"*. Em outras palavras, os pais querem que os filhos sejam ricos. Por acaso você já ouviu a expressão: *"Só quero meu filho seja feliz"*. Pois bem, troque a expressão feliz por rico. Felicidade aqui, no linguajar paterno e materno é sinônimo de riqueza. Pois sim, eis o maior carma e motivos que causa dissenções e coesão entre as famílias. Se tem riqueza tudo vai bem. Se há pobreza, tudo vai mal. Um filho é que nem empresa, investimento, ações, empréstimo a juros. Kafka nos advertiu que nossos pais não passavam de agiotas. Ah, ah, ah! Genial, genial! Eu adoro Kafka! Então eles, os filhos, não podem dá prejuízo. Isso também é fato! Pois, em assim sendo, ou seja se um filho não injetar dinheiro em casa essa criatura padecerá dos piores pesadelos de sua vida e se arrependendo amargamente até de ter nascido coitado. O pobrezinho será humilhado de dia e de noite, não sendo levado em consideração nem a sua idade. Provará ele do fel amargo do que é viver num meio onde o único interesse que há em si é medido pela quantidade de volumes de capital que acumula nos seus bolsos. É duro, mas devemos dizer. Será travada uma guerra psicológica contra sua pessoa, até ele se adequar ao sistema e querer ser rico, ou senão será eliminado como uma reles mosca. Então minha relação com minha família descedente nada mais é do que uma versão moderna da minha família ascedente. O que foi? Tá com essa cara de assustada por que?

RX: Hã, não nada não pode continuar. Fique à vontade. Me fale então da sua esposa, o que ela diz sobre tudo isso?

DM: Pois bem, minha esposa sabe, assim como eu e todos os outros casais do mundo, que quem não é casado praticamente não consegue nada na vida, não participa de nada em sociedade. Não tem respeito, não participa de eventos sociais, não merece ter bons empregos, enfim. De certa forma, casar-se, é uma obrigação para maioria de nós, a não ser aqueles que realmente se amam, o que é muitíssimo raro. Bem aventurados aqueles que casam com a pessoas que amam, por mais que tornem escravos um do outro. Apesar de ter plena convicção disso, eu sou romântico ouviu? Digo que amo a minha mulher todos os dias, assim como ela me exigiu quando namorávamos. Quer ver uma prova do meu amor? Certa feita, levei ela pra Paris, fechei a Galeria Louvre e contratei um bufê para servir-nos um jantar a dois onde comemos sob o olhar da escultura calcárea egípcia *O Escriba Sentado* da IV ou V th dinastia achada lá em Saqqara. Depois levai-a para a torre Eiffel e de lá no topo dei-lhe vários anéis para ela de ouro e diamantes cada um com uma letra, um para cada dedinho dela. Nunca vi os olhinhos dela brilharem tanto! Isso é ser romântico ou não? Isso não é coisa de quem ama? (Risos)

RX: Sim, enfim, o senhor até agora tem divagado sobre diversas coisas, mas ainda não nos disse efetivamente como chegou até aqui. Quais eram essas artimanhas afinal que o senhor engendrou para chegar até aqui, sendo agora bem direta?

DM: Pois em verdade vos digo. Hoje sou o que sou porque domino e incorporo, praticamente, todos os valores desse tempo. Essa é a luz da lâmpada para os meus pés que ilumina a minha vida, ou seria a minha treva? Sou rico, bonito, faculdades físicas e mentais em dias... Pode parecer uma bobagem, mas há todo um quesito simbólico embutido nisso, pois a importância disso tudo se reside no fato de que com a junção deles, desses "feixes", por assim dizer, é que formam o molho que me faz sustentar no que sou hoje. Esses são os pilares que escoram as bases que amparam a minha relevante existência para o desenrolar das ações do mundo. Imagine você se agora, num grande pacto ideológico universal, decidem que os feios

são os que têm valor? O pobres? Os portadores de necessidades especiais? Estaria totalmente perdido! Mas para minha honra e glória, não o são! Isso, diga-se de passagem, por conta do meu esforço. Não sabe o trabalho que me dar ter de esmagar todas essas minorias. Trabalho diuturnamente para convencê-lo de que nada são, nada podem e nada terão. Para minha sorte muitos acreditam que nada são. A sociedade me ajuda muito nesse sentido, excluindo-os. Hoje são como cachorros mortos, não me oferecem perigo, com exceção de alguns grupos que logo as forças de segurança abafam. Mas a bem da verdade é que eu os deixei tão alienados, mas tão alienados, coitados, que por conta dessa minha ideologia dominante, se sentem eles tão pra baixo tão insignificantes que nada tentam ousar contra mim. Muito pelo contrário, ao verem aos seus lados uma pessoa como eu bela e bem sucedida logo sentem complexo de inferioridade, servindo naturalmente portanto, aquele que tem aquilo que ele não tem que é a beleza e o sucesso no caso. O que seria de mim que lutei a vida toda para ser bonito, rico e bonito? Entretanto, no fundo sabe o que é que tem valor mesmo minha nobre jornalista? É aquilo que você conquista por conta própria, fazer o que ninguém faz, ter o que ninguém tem, gostar daquilo que ninguém gosta! É espiritual isso! Comumente vemos os cristãos nos ensinando como fugir do pecado, e alimentar o espiritual, mas no fundo, isso é a mesma coisa que estou dizendo. Assim sendo, o discurso de Cristo encontra-se abarcado pelo meu.

RX: Não entendi.

DM: A lógica é simples! Para ser o que sou, só pode ser prerrogativa de um, pois caso contrário fosse não teria eu vantagem nenhuma em ter essa característica, percebe? Explico melhor. Suponha que exista uma única pedra preciosa rara cobiçada por todos, e que você... ou melhor eu detenha essa pedra. Logo em poder dessa pedra passei eu a ser o maioral, justamente por ter conseguido tal feito. Poderia até coloca-la na ponta de um cajado e evocar-me poderes fantásticos e me autoproclamar Senhor dos senhores que todos logo acreditariam, afinal sou eu que detenho a pedra. E o pior de tudo é que ela não tem valor nenhum a não ser aquele que o meio decidiu incutir nela. Lanço mão dessa metáfora somente para ilustrar bem o que vivo hoje. A pedra é a maior soma de capital acumulado que tenho hoje, e que do qual jamais posso me desfazer.

Não serve para comer, não serve para beber, para nada absolutamente nada. Mas só que o homem e sua criação a humanidade, com suas impressionantes criatividades, sempre arrumam meios de se hegemonizar como melhor perante os demais, e com as maiores bobagens possíveis, que no fundo não tem sentido, valor algum. Por isso aí é imprescindível o uso da ideologia e da alienação. Você pensa que eu dou valor ao dinheiro? Qual o quê qual nada! Quem dão valor são os outros, meu único trabalho foi o de tê-lo com o fito de me proteger, garantir a minha existência. Isso sem falar, claro, que além de tudo isso tenho de seguir à risca na mente, as minhas próprias regras de ouro.

RX: Regras de ouro?

DM: Sim. Ser falso, nutrir amizades só por interesse, levar a melhor em todas as ocasiões, jogar a ética e a honestidade na lata de lixo, falar mal dos outros destruindo reputações, ainda que gratuitamente, somente para aniquila-los socialmente e a última e mais importante delas: não deixar transparecer nenhuma, em hipótese alguma, até o último respiro de vida. A vista geral, saia sempre como um santo, até depois da morte. Vista uma carapuça de santarrão, de uma pessoa simpática, mansa, solidária, comunicativa, mas não deixe de pôr em prática aquilo que eu disse primeiramente. Me criticam muito por minha forma de pensar e pelo que digo, como se eu estivesse inovando. Leia *Arte da Guerra* de Sun Tsu, e ainda *O príncipe* de Maquiavel. Eles nada mais são do que manuais de perversidade, de dominação, de guerra, de autodefesa como queriam; são letais como o veneno puro das glândulas de uma naja.

RX: Ok, em determinado momento da entrevista percebi que o senhor falou em Deus. Você acredita nEle?

DM: Olha esse assunto é deveras complicado de se explicar. Esse nome é praticamente falado por todos os lábios humanos, não é verdade? Para falar desse tema, eu teria de elaborar um longíssimo tratado. Filósofos, sociólogos, psicólogos, conjecturam a seu respeito, mas ninguém chegou a um consenso como se Ele estivesse preocupado com todas essas confabulações. Em resumo posso te afirmar que eu sou Ele na terra, percebe? Represento-lhe aqui. Tudo

que faz no céu eu ponho em prática aqui embaixo. Em alguns momentos a gente se confunde, Ele trabalha pra mim, eu para Ele. Somos velhos aliados.

RX: O senhor é Deus!? Trabalha pra Ele!? Velhos aliados!? Como assim?

DM: Sim isso mesmo sou e não sou. O que faço aqui na terra, já foi previamente arquitetado por Ele. Eis outro motivo que me conforta. Se sou mau é porque Ele assim o desejou e não há nada que eu possa fazer. Sou eu lá doido de contrariar Deus! Veja o que aconteceu com os amalequitas, midianitas, moabitas, edomitas, amonitas, cananeus, filisteus e o que dizer do coitado do faraó que tentou escravizar o sofrível povo de Israel, ao qual se abateu as 7 pragas. Percebe como a questão é bastante complicada?

RX: E o que senhor espera pro futuro da humanidade?

DM: As piores possíveis minha cara. Você já deve ter percebido que sou um homem bastante pessimista. Isso é irremediável em mim. Se você se espantou com a minha insensibilidade até agora nos tempos de hoje, imagine no futuro, com um mundo não tão farto. Nascerão ainda sujeitos bem piores do que eu, inspirados em mim claro; isso eu lhe garanto pois tudo na natureza ficará escasso e os que sobreviverão terão de ser o pior dos piores em seu mais último grau para usufruir dessa riqueza.

RX: E a quê o senhor deve isso?

DM: Já disse ora! Veja as respostas anteriores. Não fujo das minhas responsabilidades, logicamente muito disso se deve a mim mesmo, em parte. Não costumo atribuir minhas vitórias ao Estado, as circunstâncias, ao meio, aos amigos, familiares, nem muito menos a Deus; esse mesmo que a maioria desses alienados, com o perdão da palavra, dizem ser Ele o detentor de todas as coisas e maestro mor da terra, pois na concretamente, quem conseguiu mesmo colocar tudo em prática na realidade foi eu.

RX: E o mundo, como o senhor tem controlado ele? Tem feito alguma coisa no sentido de melhorá-lo?

DM: Melhorá-lo? Ora não me fala rir. O mundo era bom antes de nascermos, a raça humana melhor dizendo. Desde que nós botamos os pés aqui ele só tem piorado drasticamente e irreversivelmente. Você é jornalista e sabe bem mais do que eu isso. Como eu o controlo? Ora, sou eu lá eu doido em revelar uma coisa que lutei a vida toda para descobrir. Isso é segredo de Estado ninguém sabe. Um dos meus maiores trabalhos hoje é metafísico, ideológico e alienante. Até eu as vezes sou enganado, por conta desse torpor de consciências que eu meto o mundo.

RX: Teria alguma chance de o senhor largar o seu posto, e viver uma vida mais humana, cristã voltada para o bem estar da população mundial.

DM: Ora, mas nenhuma. Só há uma hipótese de eu perder meu lugar: alguém tomá-lo. Aliás, neste instante muitos estão conspirando para isto. Ao longo dos séculos, muitos alcançaram meu posto os hebreus, egípcios, Alexandre, Napoleão, Hitler e hoje eu. Entretanto, caso isso viesse a ocorrer espero que seja ao menos um descendente meu que assuma. Isso é impossível de acontecer, pois eu e o que me tornei hoje são as mesmas coisas irmanadas, juntas e inseparáveis. O que sou morrerá comigo.

RX: O senhor sente uma frustração porque, mesmo dominando o mundo, morrerá como qualquer outra pessoa? Qual a sua visão sobre a morte?

DM: Morrer realmente no meu caso é uma grande injustiça. Deveria no mínimo viver que nem Matusalém 969 anos por conta do meu esforço de vida e do que fiz em prol do mundo, sobretudo, dos meus semelhantes. Frustrado sim, é uma grande injustiça. Se pudesse viveria eu até o último dia da terra, bebendo o último copo de água pois essa prerrogativa seria minha por direito. A morte é cruel. Se alguém reclama da vida é porque, claro, ainda não experimentou da morte. A vida humana é sofrer! Faz parte. Quando ela vier tudo estará acabado. Não haverá mais chances. Tudo que tiver de fazer faça-a em vida minha amiga, em vida, pois depois dela, só nada, escuridão e caos. Estamos caminhando cada vez mais rápido e irreversivelmente para o abismo minha filha e não há nada que possamos fazer.

RX: E para o senhor o que é a vida?
DM: Absolutamente um nada, uma ilusão, isso que estamos vivendo aqui. A coisa mais sem sentido tal como a própria morte.
RX: Está bem então, partimos então agora para as perguntas finais.

DM: Ufa! Até que fim já estou ficando abespinhado com todas essas perguntas.

RX: Qual era a pergunta que o senhor queria que eu tivesse feito que eu não fiz?

DM: (Risos) Minha filha foi eu quem elaborei todas essas perguntas, lembras? Essa revista é minha, e você é só mais uma de minhas empregadas ora!

RX: Verdade! Então, só para cumprir meu papel, fique à vontade para encerrar, pois como o senhor bem mesmo disse elaborou-as. Então, agora o senhor falará do recado que gostaria de deixar para a humanidade, não é isso?

DM: Sim. Boa menina! Bom, para encerrar eu diria... (Fica pensativo). Sejam o que vocês são, iguais ou mais intensos que os pais de vocês não importa. Sejam maus, embora externamente pareçam serem bons. Usem e abusem da dissimulação, do egoísmo, da ambição desacerbada e o resto que se danem. Sejam o que vocês são, pois jamais conseguirão ser o contrário. Não sintam remorsos, tudo já está consumado, vivam somente. Não há mais tempo! Esqueçam os fracos, os destinos deles já estavam traçados antes mesmo deles existirem. Estou falando agora como Deus, simplesmente como Deus! Pois bem, era isso o que tinha de dizer. Agora é hora agora de você me dizer obrigada, me desejando que eu permaneça dominando o mundo para todo sempre para minha honra e glória! Amém!

RX: Obrigada pela entrevista! E que permaneça dominando o mundo para todo sempre para sua honra e glória!

DM: Muito grato, não há de quê!

São Luís/MA, 11 de fevereiro de 2017

saulo barreto lima fernandes

S. Barreto é a assinatura literária desse autor nascido numa terça-feira - mais precisamente no dia 17 do mês de maio do ano de 1983 -, na capital Teresina no Estado do Piauí, terra do poeta Torquato Neto, o "Anjo Torto" da Tropicália. Há mais de dez anos encontra-se radicado na ilha de São Luís do Maranhão, onde bacharelou-se em Direito pela Universidade CEUMA, tendo sido aprovado no XXI Exame da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB. Tem como livro de cabeceira, o Livro dos livros, a sua inseparável Bíblia Sagrada. Já no pensamento universal, aprecia autores (as) como Homero, Sigmund Freud, William Shakespeare, Sócrates, Leon Tostói, Agatha Christie, Franz Kafka, Machado de Assis, Lima Barreto, Immanuel Kant, Clarice Lispector, José de Alencar, Ahtange Ferreira, Raquel de Queiroz, Thomas Hobbes, Domingos Olímpio, Agostinho de Hipona, Max Weber, Coelho Neto, Fiodor Dostoiévski, etc. Consanguíneo dos poetas José Coriolano (1829 - 1869), - autor da célebre obra *Impressões e Gemidos* (1870) e de Gerardo Mello Mourão (1917 - 2007), autor do livro *A Invenção do Mar,* que ganhou o Prêmio Jabuti de 1999 -, na vida literária participou e conquistou posições (dentre elas, uma em 1º Lugar) em diversos Concursos Literários, sendo publicado em inúmeras Antologias e Coletâneas. 2° Secretário da Sociedade de Cultura Latina do Maranhão e membro da Academia Norte-americana de Literatura Moderna/Capítulo Brasil, figurou como organizador, autor ou coautor das seguintes obras: *Artigo XVII: Um livro de quase crônicas* (2014); *Artiguelhos* (2014); *O Poeta do Becco: uma Viagem no Tempo* (2014); *O Contador de Histórias: Navegando nas Memórias* (2015); *108 Poesias de José Coriolano de Souza Lima* (2015); *José Coriolano: Poesias Selecionadas* (2015); *Pecados consolados* (2015); *O Circo* (2016); *Guarany de Sobral: o Glorioso Cacique do Vale* (2016) e *Pe. José Palhano de Sabóia: Anjo, Semideus ou Cavaleiro do Apocalipse?* (2017).